

BEATRIZ SALGADO CARDOSO DE OLIVEIRA

TRANSFORMAÇÕES DE PAISAGEM NO BAIXO AUGUSTA: SÃO PAULO



BEATRIZ SALGADO CARDOSO DE OLIVEIRA

TRANSFORMAÇÕES DE PAISAGEM NO BAIXO AUGUSTA: SÃO PAULO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Diversidade, Identidades e Direitos

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2023

O48t Oliveira, Beatriz Salgado Cardoso de
 Transformações de Paisagem no Baixo Augusta : São
 Paulo / Beatriz Salgado Cardoso de Oliveira. --
 Araraquara, 2023
 237 f. : tabs., fotos, mapas

 Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
 (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
 Orientadora: Ana Lúcia de Castro

 1. Antropologia urbana. 2. Sociologia urbana. 3.
 Espaço. 4. Diversidade cultural. 5. Gentrification. I.
 Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BEATRIZ SALGADO CARDOSO DE OLIVEIRA

TRANSFORMAÇÕES DE PAISAGEM NO BAIXO AUGUSTA: SÃO PAULO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Diversidade, Identidades e Direitos

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 26/05/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: **Dra. Ana Lúcia de Castro**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: **Dra. Maria Celeste Mira**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Membro Titular: **Dr. Michel Nicolau Netto**
Universidade Estadual de Campinas

Membro Titular: **Dra. Renata Paoliello**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: **Dra. Filomena Silvano**
Universidade Nova de Lisboa

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que me deram o suporte indispensável para a realização desta pesquisa: Mônica e Nelson.

AGRADECIMENTOS

Foram muitos(as) os envolvidos(as) nesta jornada.

Agradeço, primeiramente, à Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro, pela verdadeira parceria que construímos e que, espero, continue a ser frutífera.

Agradeço à Profa. Dra. Maria Celeste Mira que, além das contribuições valiosas que deu para este trabalho, sempre acreditou em mim e apoiou minha carreira.

Agradeço igualmente ao Prof. Dr. Michel Nicolau Netto, que tanto contribuiu para os rumos desta pesquisa.

Agradeço à minha mãe, Mônica, e à minha avó, Lucy, pelo interesse genuíno em meu trabalho, e pelo valoroso suporte que a ele e a mim deram.

Aos meus colegas da UNESP, em especial Aline, Rafael e Janaína, sou grata por poder compartilhar essa trajetória com vocês.

Finalmente, expresso minha gratidão às minhas amigas, Rayssa e Marcelli, que tanto me apoiaram, e a todos(as) os(as) interlocutores que construíram comigo esta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Aquilo que sabemos que, em breve, já não teremos diante de nós torna-se imagem.
Provavelmente isso ocorreu com as ruas de Paris daquele tempo.”

Walter Benjamin (2011, p. 85)

RESUMO

O Baixo Augusta é uma região que abarca a porção baixa da rua Augusta e arredores, na cidade de São Paulo, sendo caracterizada por sua proximidade com o centro da cidade. Em meados da década de 2000, essa região foi “ressignificada”: antes vista como “degradada”, passa a ser um espaço urbano “descolado” e “alternativo”, caracterizado por sua diversidade de público e de estabelecimentos voltados ao lazer jovem noturno. Na esteira deste processo, segue-se um *boom* imobiliário, que rasga verticalmente a paisagem do Baixo Augusta com uma série de novas e modernas torres residenciais ou comerciais. Tais transformações são interpretadas como um processo de *gentrification*, tanto pela mídia como pela literatura acadêmica, não obstante, uma análise mais aprofundada do caso de estudo faz com que ele resista a este enquadramento teórico. Dessa maneira, esta pesquisa objetiva analisar tais transformações urbanas a partir de um aparato teórico que tem em seu bojo o conceito de paisagem. Por sua polissemia e atuais usos nas Ciências Sociais, o conceito de “paisagem” revela um potencial que permite análises mais amplas e globais de eventos transformadores do espaço urbano, com ênfase tanto nas mudanças materiais como simbólicas. Argumenta-se que a paisagem da Rua Augusta é produzida por um rol de diferentes agentes, cujos interesses são, por vezes, antagônicos. Por essa razão, caracteriza-se como uma Paisagem de Poder, no sentido de Sharon Zukin (1993), e evidencia uma relação complexa entre cultura e capital, relação tanto de embate como, por vezes, de concordância. A investigação lançou mão de diversos aparatos metodológicos, como técnicas de mapeamento, levantamento de material midiático e trabalho de campo, com conversas informais, observação e registro de impressões.

Palavras – chave: Baixo Augusta; paisagem; *gentrification*, paisagem de poder; diversidade; discurso.

ABSTRACT

Baixo Augusta is a region located in São Paulo city that encompasses the lower portion of Rua Augusta and its surroundings, and that is characterized by its proximity to the city's downtown. In the mid-2000s, this region was "resignified": previously perceived as "degraded" area, it became a "cool" and "alternative" urban space, characterized by its diversity of public and establishments focused on young people and nightlife. This process is followed by a real estate boom follows, which vertically tears the landscape of Baixo Augusta with a series of new and modern residential or commercial skyscrapers. Such transformations are interpreted as gentrification, both by the media and by the academic literature. However, a deeper analysis of this case of study shows its resistant to this theoretical framework. Thus, this research aims to analyze such urban transformations from a theoretical apparatus that has the concept of landscape at its heart. Due to its polysemy and current uses in Social Sciences, the concept of "landscape" reveals a great potential that allows broader and global analyzes of urban space transformations, with emphasis on both material and symbolic changes. The argument is that the landscape of Rua Augusta is produced by a pool of different agents, whose interests are sometimes antagonistic. For this reason, it is characterized as a Landscape of Power, in the sense of Sharon Zukin (1993), and highlights a complex relationship between culture and capital, a relationship both of conflict and, at times, of agreement. The research relied on a variety of methodological devices, such as mapping techniques, media material survey and field work, with informal conversations, observation and impressions records.

Keywords: Baixo Augusta; landscape; *gentrification*, landscapes of power; diversity; discourse.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -Lista de códigos criados e utilizados no software de pesquisa qualitativa NVivo..	43
Tabela 2 - Lançamentos imobiliários residenciais na Rua Paim, desde 2010.	59
Tabela 3 - Lista de empreendimentos imobiliários construídos ou em construção no Baixo Augusta entre 2010 e 2022.....	72
Tabela 4 - Lista de interlocutores(as) entrevistados(as).	153
Tabela 5 - Diferenças entre rive droit e rive gauche.....	207

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Lançamentos Residenciais Verticais.....	74
Gráfico 2 - Estabelecimentos de lazer da região do Baixo Augusta.....	123

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Baixo Augusta e Jardins.....	19
Mapa 2 - Mapa dos empreendimentos imobiliários no Baixo Augusta 2010-2022..	73
Mapa 3 - Mapa Mancha de Lazer 1.....	120
Mapa 4 - Mapa Mancha de Lazer 2.....	121
Mapa 5 - Mapa Mancha de Lazer 3.....	122
Mapa 6 - Mapa Mancha de Lazer 4.....	123

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Edifício Serginho (Rua Augusta, 554).....	55
Figura 2 - Edifício Condomínio Vision Paulista.....	55
Figura 3 - Terreno (antigo estacionamento) do edifício VIP Augusta.....	76
Figura 4 - Edifício VIP Augusta em construção.	76
Figura 5 - Projeto do edifício VIP Augusta.....	77
Figura 6 - Terreno que seria ocupado pelo BelAugusta.	77
Figura 7 - BelAugusta em construção.	78
Figura 8 - BelAugusta e Cabelheiro Retrô.	78
Figura 9 - Fundos do Edifício Bela Cintra	80
Figura 10 - Imagem do Google Street View de janeiro de 2010.....	82
Figura 11 - Imagem do Google Street View de março de 2020.....	83
Figura 12 - Imagem do Google Street View de Janeiro de 2020	83
Figura 13 - Imagem do Google Street View de Janeiro de 2015	83
Figura 14 - Imagem do Google Street View de junho de 2017.....	84
Figura 15 - Imagem do Google Street View de março de 2020.....	84
Figura 16 - Mapa das Zonas da Subprefeitura da Sé.....	91
Figura 17 - Interior do clube A Lôca no início da década de 2000	105
Figura 18 - Fachada do clube A Lôca no início da década de 2000.....	105
Figura 19 - Fotografia do interior da casa noturna Funhouse..	106
Figura 20 - Fotografia do interior da casa noturna Funhouse	107
Figura 21 - Imagem da porta do primeiro Bar do Netão.	109
Figura 22 - Fachada do bar Caos, ao lado do american bar Say	110
Figura 23 - Entrada do Clube Vegas.	112
Figura 24 - Balcão em 's' do Vegas	112
Figura 25 - Bar da Funhouse	112
Figura 26 - Bar Z Carniceria na Augusta	112
Figura 27 - Fotografia do neon com o logo da balada Beatclub	112
Figura 28 - Arte de promoção da festa "cio" no Beatclub.....	112
Figura 29 - Letreiro neon do "Inferno Clube"	113
Figura 30 - Imagem do design da Balada Sonique,.....	113
Figura 31 - Imagem da fachada do bar Ibotirama	124
Figura 32 - Imagem da fachada do bar Ibotirama	125
Figura 33 - Flyer promocional da festa Grind.....	155
Figura 34 - Flyer promocional da Festa Tereza.....	155
Figura 35 - Flyer promocional da festa "Sunday Cruise" da casa noturna Eagle.....	160
Figura 36 - Público na 26ª edição da Parada do Orgulho LGBTQ+ em São Paulo	178
Figura 37 - Salão SubCult. Fotografia da autora, de 09/11/2022.....	181
Figura 38 - Fachada do supermercado Carrefour Express no Baixo Augusta..	181
Figura 39 - Imagem da fachada da loja C&A..	181
Figura 40 - Salão de beleza Retro Hair.	182
Figura 41 - Salão de Beleza Subcult	183
Figura 42 - Salão de Beleza Subcult	183
Figura 43 - Galeira Endossa Augusta.....	184
Figura 44 - Produtos expostos na galeria Endossa.	184
Figura 45 - Produtos da marca Wonderwall.....	185

Figura 46 - Produtos da marca Wonderwall.....	185
Figura 47 - Produtos da marca Wonderwall.....	186
Figura 48 - Galeria Endossa.	187
Figura 49 - Produtos da marca Zapastorre.	188
Figura 50 - Colmeia da marca "Dramas de Sapatão"	189
Figura 51 - Colmeia da marca "Santo Luxo Man"	189
Figura 52 - Colmeia da marca "Vou Como Sou".....	189
Figura 53 - Colmeia da marca "Devassos".....	189
Figura 54 - Colmeia da marca "Kimi Art"	190
Figura 55 - Imagem do estande promocional do edifício VN Consolação..	194
Figura 56 - Chez VN em construção.	195
Figura 57 - Max Haus Paulista ainda em construção.	195
Figura 58 - Divulgação do empreendimento Vision Paulista da Gafisa.	196

SUMÁRIO

Apresentação: um convite ao(à) leitor(a)	16
1. INTRODUÇÃO / BILHETE DE ENTRADA: vale visitação a três panoramas do Baixo Augusta (a rua gloriosa, degradada e descolada)	18
2. METODOLOGIA, TÉCNICAS DE PESQUISA E ARCABOUÇO TEÓRICO 25	
2.1 Preocupações metodológicas de uma frequentadora, observadora, e pesquisadora do Baixo Augusta	25
2.1.1 É possível gerar conhecimento antropológico sem fazer etnografia?	28
2.1.2 Técnicas de pesquisa.....	37
2.2 Reflexões conceituais em torno da paisagem	43
2.2.1 Natureza e paisagem na Filosofia e na Arte: conceitos e distinções.....	44
2.2.2 Paisagens e assimetrias de poder.....	48
3. PANORAMA 1 - CIMENTO, FERRO E VIDRO	56
3.1 A gentrificação como paisagem de poder	59
3.2 As disputas em torno do conceito de <i>gentrification</i>	62
3.3 Atores da <i>gentrification</i> ou atores da ressignificação da paisagem?	70
3.3.1 O Estado: Planos Diretores Estratégicos.....	85
3.3.2 Para o além da degradação.....	92
3.3.3 Miscelânea descolada – uma nova mancha de lazer e seus(suas) jovens alternativos(as).....	100
3.4 Transformações e Permanências.....	118
3.5 Conclusões preliminares	127
4. PANORAMA 2 – OS SENTIDOS DO BAIXO AUGUSTA EM DISPUTA: O DISCURSO DA DIVERSIDADE	132
4.1 Discursos.....	133
4.1.1 Noções primordiais sobre o “discurso” na obra de Foucault.....	134
4.1.2 O discurso como objeto do método arqueológico	137
4.2 A dominância do discurso da diversidade na produção da diferença	144
4.2.1 Abordagens do discurso da diversidade.....	148
4.3 Frequentadores(as) do Baixo Augusta e o léxico da diversidade	151
4.4 O Baixo Augusta na mídia e o léxico da diversidade	172
4.5 Diversidade à venda	180
4.5.1 O comércio da diferença	180
4.5.2 O mercado imobiliário: os privilégios da mobilidade e da não-mobilidade. 190	
4.5.3 O mercado imobiliário e a articulação de enunciados da diversidade	193
4.6 Conclusões preliminares	198

5. PANORAMA 3 – A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E CAPITAL NA PRODUÇÃO DA PAISAGEM.....	200
5.1 Espaços bourdianos: o “Baixo” do Baixo Augusta.....	203
6. CONCLUSÕES FINAIS: BAIXO AUGUSTA, UM PENTIMENTO DE CIMENTO E DE SENTIDOS	215
REFERÊNCIAS	220
APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DE BIBLIOGRAFIA SOBRE A RUA AUGUSTA.....	233
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	236

Apresentação: um convite ao(à) leitor(a)

Este livro convida o(a) leitor(a) a incursões a diferentes *panoramas*.

Invenção popular do século XIX, especialmente em Paris, o panorama era um dispositivo composto por grandes telas pintadas, dispostas em uma rotunda, que representavam paisagens rurais, urbanas, ou mesmo cenas de famosas batalhas históricas. Uma das invenções mais icônicas desta técnica foi o diorama de Louis- Jacques-Mandé Daguerre e Charles-Marie Bouton: em 1831, as cenas destes panoramas eram pintadas sobre telas transparentes, o que permitia a utilização de vários efeitos de luz. O resultado era uma experiência ainda mais “real” por parte do(a) espectador(a), que o(a) inseria de fato naquela paisagem (BENJAMIN, 2018, p. 865, nota 1 do tradutor).

Em seu trabalho das Passagens, Walter Benjamin (2018) detalha a experiência do espectador do panorama no seguinte fragmento [Q2a, 1]:

Principais representações panorâmicas de Prévost para os panoramas da passagem: “Paris, Toulon, Roma, Nápoles, Amsterdam, Tilsit, Wagram, Calais, Antuérpia, Londres, Florença, Jerusalém e Atenas. Todos eram concebidos da mesma maneira. *Seus espectadores, situados como no alto de um edifício central, sobre uma plataforma rodeada por uma balaustrada, dominavam o horizonte por todos os lados (...)*” Labédoillière, *Histoire du Nouveaus Paris*, Paris, p. 30

Apesar de Benjamin estar interessado nos panoramas por serem dispositivos que unem arte e técnica, sua aguda sensibilidade à estética do século XIX nota que os panoramas “são ao mesmo tempo expressão de um novo *sentimento de vida*. (...) Nos panoramas, a cidade amplia-se, transformando-se em paisagem” (BENJAMIN, 2018, p. pp. 57-58).

Por tanto tempo ligada à natureza e à técnica pictórica, pode-se dizer que uma das formas de consolidação da paisagem urbana como *sentimento e experiência* foram os panoramas. Assim como “Paris, Toulon, Roma, Nápoles, Amsterdam, Tilsit, Wagram, Calais, Antuérpia, Londres, Florença, Jerusalém e Atenas” abrem-se esteticamente como paisagens para espectadores(as) dos dispositivos de Prévost, um *sentimento de paisagem* abre-se também no espaço urbano, cotidiano, da cidade moderna do século XIX.

Inserido neste mecanismo técnico, o(a) espectador(a) do panorama *experimenta* a paisagem, numa espécie de confluência ou pertencimento. É este o sentido que procuro trazer à tona, e que ficará, espera-se, manifesto ao longo deste livro.

Numa espécie de analogia com um passeio nos panoramas de Paris, os capítulos conduzirão o(a) leitor(a), em primeiro lugar, a comprar seus bilhetes para, mais à frente, visitar

3 panoramas diferentes, nos quais poderá observar e experienciar a paisagem de uma importante região da cidade de São Paulo, o Baixo Augusta.

O bilhete que vale a visita a três panoramas vem acompanhado da história da famosa via paulistana, a Augusta (local e objeto de minha pesquisa empírica), apresentada por uma narrativa bastante popular, tanto em trabalhos acadêmicos, como na mídia. Tal narrativa divide a história dessa rua em diferentes – e muito herméticas – fases, e é retomada por duas razões: por um lado, contextualiza os atuais processos de transformação da paisagem do Baixo Augusta – região que abarca a parte baixa da rua, suas vias paralelas e adjacentes. Por outro lado, esta narrativa, que parte de uma perspectiva predominantemente temporal e linear (como se a história da rua pudesse ser, de fato, dividida em fases claras e evolutivas) é importante na medida em que pretendo, posteriormente, desconstruí-la.

Acoplada a essa história, segue uma apresentação das formas de edificação da pesquisa – sua metodologia, ferramentas e proposta teórica. Tais esclarecimentos são imprescindíveis, visto que para a construção desses panoramas lancei mão de uma variada gama de técnicas, muitas das quais desenvolvidas tendo em vista o objeto tratado.

1. INTRODUÇÃO / BILHETE DE ENTRADA: vale visitação a três panoramas do Baixo Augusta (a rua gloriosa, degradada e descolada)

Não há dúvidas de que a rua Augusta é umas das regiões mais ilustres da cidade de São Paulo. Inaugurada no século XIX, precisamente em 1897, sofreu muitas transformações ao longo de sua história.

Desde, aproximadamente, a década de 1990, esta rua passa a ser conhecida, especialmente, por comportar o “Baixo Augusta”, importante região de lazer jovem da cidade e que, de maneira geral, abarca a parte da rua Augusta entre a Avenida Paulista e o centro da cidade, além de ruas paralelas e adjacentes, como a Peixoto Gomide, a Frei Caneca, a Dona Maria Antônia de Queirós, a Fernando de Albuquerque, dentre outras.

A outra porção da rua, da avenida Paulista até a rua Estados Unidos, é popularmente chamada de “Jardins”, e compreende uma região mais voltada ao comércio, que engloba relevante referência do circuito¹ de compras de luxo da capital: a rua Oscar Freire (OLIVEIRA; CASTRO, 2020). A figura abaixo demonstra os pontos iniciais e finais de cada região, marcados, do lado “baixo”, pela rua Martinho Prado e pela Praça Roosevelt e, do lado dos “Jardins”, pela rua Estados Unidos e a rua Colômbia.

¹ Por “circuito” entendo “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo” (MAGNANI, 2014).



Mapa 1 - Baixo Augusta e Jardins. Mapa elaborado pela autora.

Essa divisão da Augusta em duas regiões distintas foi social e culturalmente construída, não constando no mapa geopolítico oficial da cidade. Os nomes “Baixo Augusta” e “Jardins” são usuais², mas não unânimes no vocabulário de seus(suas) frequentadores(as), como procurarei elucidar à frente³.

Felipe Melo Pissardo (2013) aponta uma crônica de 1994, de Caio Fernando de Abreu para o *Jornal Estado de São Paulo* (ABREU, 1994), como a primeira aparição do nome “baixa Augusta”, ainda no feminino, com letra minúscula, designando “a parte baixa” da rua:

(...) escolhi a mais modesta e refrescante das saídas – tomar uma cerveja num bar da rua Augusta. Esclareço: nem sequer da baixa Augusta, perto do centro, mas daquele pedaço razoavelmente civilizado, próximo à Paulista.

Com efeito, apesar do nome “baixa Augusta” já estar presente há algum tempo no vocabulário do(a) paulistano(a) e ter, mais tarde, se transformado em “Baixo Augusta”, muitos(as) dos(as) frequentadores(as) da região, especialmente aqueles(as) da década de 2000 e início da década de 2010, referem-se a ela simplesmente como “Augusta”.

² É possível notar a adoção dos termos “Baixo Augusta” e “Jardins” em reportagens e noticiários sobre a Rua Augusta, websites oficiais de turismo da cidade de São Paulo (Cidade de São Paulo: Turismo, 2018) e, inclusive, nos mapas da plataforma Google Maps.

³ Muitos(as) dos(as) entrevistados(as) para esta pesquisa não fazem uso da expressão “Baixo Augusta”, referindo-se a esta região apenas como “Augusta”.

Ressalte-se que há uma forte ligação do Baixo Augusta com o Centro da cidade, marcada, principalmente, pela Praça Franklin Roosevelt, espécie de região liminar. Essa é uma percepção compartilhada pelos(as) interlocutores(as) desta pesquisa, entrevistados(as) por mim entre os anos de 2019 e 2022, e que são apresentados(as) no segundo panorama. Por exemplo, Beatriz, cabeleireira que trabalhou no famoso salão *Retrô Hair*, na Augusta, e ainda frequenta a região, comenta: “A Roosevelt é o final mesmo da Augusta, né.” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021)⁴.

Mesmo que alguns(mas) considerem a Roosevelt como parte da região, principalmente pela proximidade geográfica, há uma fronteira de caráter sociocultural entre a praça e o Baixo Augusta. Por exemplo, Danilo⁵, que frequentou a Augusta assiduamente nas décadas de 2000 e 2010, contou que a Roosevelt é Baixo Augusta, mas que, ao mesmo tempo, é “diferente”:

(...) é um clima já diferente na Roosevelt né? Essa coisa de ficar mais na praça, ali, bebendo um negócio, é... tinha muita gente de teatro, o Parlapatões, aqueles teatros ali. Também não cheguei a frequentar pra ver peças, mas eu ia ali nos bares, ficava por ali também (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 14/07/2020, grifos meus).

É importante notar a impossibilidade de delimitar com exatidão a área geográfica do Baixo Augusta. Como coloca Bruno Puccinelli (2017) estilos musicais e decorativos de estabelecimentos de lazer de ruas próximas ou adjacentes podem ser indicativos do que compreende ou não o Baixo Augusta. De fato, o que chamarei neste livro de “mancha” de lazer, é importante característica da região e seus limites. Por “mancha” refiro-me à categoria de José Guilherme Cantor Magnani, que se refere a “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2002, p. 21).

Para além desta proposição, é possível também ter uma ideia dos contornos geográficos do Baixo Augusta por meio das narrativas recolhidas ao longo desta pesquisa. Os(as) quase 30 interlocutores (as) entrevistados(as) consideram a Rua Augusta como ponto central e emblemático do Baixo Augusta, mas acreditam ser igualmente parte da região ruas paralelas e adjacentes, desde que contem com estabelecimentos de lazer noturno e estejam dentro dos limites da Avenida Paulista e da Praça Franklin Roosevelt.

⁴ Todos os nomes utilizados para designar os(as) interlocutores(as) são fictícios.

⁵ Danilo se identifica como homem heterossexual. Na data da entrevista possuía 32 anos. É assessor de imprensa, formou-se em Relações Públicas e possui pós-graduação.

A história da Augusta já foi contada, narrada e esmiuçada por diversos(as) pesquisadores(as)⁶, agentes e produtores(as) culturais⁷, não sendo o foco recontá-la em sua integridade. Não obstante, no objetivo de tensionar certos conceitos que são articulados nesta pesquisa, alguns pontos importantes da história e, principalmente, dos enunciados que compõem esse discurso histórico da região, serão aqui retomados.

Começo pelas pesquisas *sobre e na* rua Augusta. Acadêmicos(as) de diversas áreas do saber, como Comunicação, Arquitetura e Urbanismo, Antropologia e Sociologia, organizam a trajetória sócio-histórica da rua e suas transformações, em geral, por meio de três “fases”. A primeira, denominada “gloriosa”, refere-se ao período entre 1900 e 1950, no qual a Rua Augusta comportava as “lojas e cafés mais elegantes da cidade” (RAGAZZO, 2005; ZIMMERMANN, 2011) e era frequentada, majoritariamente, pela elite paulistana. A segunda fase, que abarca aproximadamente o período entre 1960 e 1990, é denominada como “fase de degradação”, momento no qual ocorreu um processo de ascensão e decadência da Avenida Paulista como nova centralidade paulistana (FRÚGOLI JÚNIOR, 1995; SANDRONI, 2004), que impacta profundamente a rua Augusta, cujas paisagens, em especial as de sua porção baixa, passam a ser marcadas pela degradação de infraestrutura, precariedade dos serviços de transporte público e pelo estabelecimento de pontos de prostituição.

A partir da década de 2000, segundo alguns(mas) autores(as), se inicia na Rua Augusta um processo de “revitalização” (ARRUDA, 2016; DINES, 2011; MENDES, 2014; PISSARDO, 2013). Com efeito, alguns(as) estudiosos(as) da Rua Augusta se municiam deste termo a fim de explicar as transformações urbanas da região. Não obstante, o conceito de revitalização implica “uma prática projetual ou um processo socioespacial liderado estrategicamente por determinados grupos associados ao planejamento urbano contemporâneo” (SOTRATTI, 2015), o que não aconteceu no Baixo Augusta. A ideia implica igualmente a noção de que algo que *não possuía vida, é revitalizado*, porém, argumentarei, por meio da retomada da história da suposta fase de “degradação” da via, que tal asserção não possível. Finalmente, nenhum(a) dos(as) interlocutores(as) utiliza-se da palavra “revitalização” ao narrarem suas percepções sobre tais transformações urbanas. Assim, podemos dizer que a “revitalização” não faz parte do léxico nativo.

⁶ Destaque-se o minucioso trabalho de Felipe Pissardo (2013), certamente referência nos estudos da rua Augusta. No Apêndice A, o leitor poderá encontrar uma tabela com um levantamento bibliográfico de livros, artigos de periódicos científicos, trabalhos de anais, monografias de conclusão de curso, dissertações e teses sobre e na rua Augusta.

⁷ Ressalte-se o livro de Alê Youssef, “Baixo Augusta: A Cidade é Nossa” (YOUSSEF, 2019).

Sem sombra de dúvida, houve transformações, as quais tentarei categorizar ou conceituar ao longo deste livro. Os agentes desse processo são diversos. Por um lado, ressalte-se as políticas de requalificação voltadas ao centro da cidade, mais especificamente, aquelas voltadas aos bairros centrais da “Macroárea de Reestruturação e Requalificação”⁸ do Plano Diretor Estratégico da gestão de Marta Suplicy. No âmbito das políticas governamentais, a Augusta também é impactada pela revitalização da Praça Roosevelt, a partir de 1999, quando a Prefeitura dá concessão de uso da praça ao Grupo Pão de Açúcar (PISSARDO, 2013, p. 185). Por outro lado, há o impacto do investimento da iniciativa privada, marcado principalmente pela abertura de novos estabelecimentos de lazer na via, como casas noturnas, ou “baladas”, e bares.

Finalmente, há de se considerar também como agentes transformadores(as) os(as) novos(as) frequentadores(as) da rua que, de acordo com os(as) autores(as) aqui referenciados(as), têm papel crucial na “ressignificação” da Augusta como região “descolada” e de lazer “alternativo”. Este cenário é ilustrado de maneira acurada em uma matéria do Estado de São Paulo, de maio de 2008, na qual se lê: “Balada traz jovens de volta à Augusta: antes degradada, região recebe investimentos e atrai todas as tribos” (BRANCATELLI; BRANDALISE, 2008). Como se nota no próprio título da matéria, estes(as) novos(as) frequentadores(as) compõem um grupo majoritariamente jovem, muitos(as) deles(as) universitários(as), que buscavam “rolês”⁹ alternativos e a preços justos na cidade.

Como fruto da realização de um rol de diferentes agentes, a transformação da Rua Augusta não se constituiu em quadro estático. O processo, que antes parecia confluência entre poderes público, privado e novos frequentadores, começa a revelar certas tensões. Isso porque, em meados da década de 2000, ocorre um *boom* imobiliário, que fez - e ainda faz - subir na região grandes torres comerciais e residenciais de arquitetura moderna, rasgando verticalmente, em especial, as paisagens do Baixo Augusta. Sem dúvida, o impacto estético destas novas construções é a semente desta pesquisa.

Segundo o portal de notícias Estadão Online (TRINDADE, 2011), entre janeiro de 2006 e maio de 2011, a região da Rua Augusta teve 15 lançamentos residenciais, o que totaliza cerca

⁸ De acordo com o Plano Diretor Estratégico (PDE), da lei nº 13.430, de 13 de setembro de 2002, em seu artigo 155, parágrafo 1º, a Macroárea de Reestruturação e Requalificação Urbana era formada “pelos distritos da Barra Funda, Bela Vista, Bom Retiro, Brás, Cambuci, Liberdade, Mooca, Pari, República, Santa Cecília, Sé, Vila Leopoldina”. Para esta região, previa-se uma série de ações no objetivo de “alcançar transformações urbanísticas estruturais para obter melhor aproveitamento das privilegiadas condições locais e de acessibilidade”.

⁹ O termo “rolê” foi abundantemente utilizado pelos(as) interlocutores(as) da pesquisa, que frequentavam a Augusta neste suposto período de “revitalização”. O “rolê”, neste caso, pode ser caracterizado como a prática de encontrar amigos na região e andar pela rua até encontrar – ou não – uma balada para “curtir” a noite.

de 2.500 novos apartamentos. Neste contexto, é igualmente notável a valorização dos imóveis da região: de acordo com o portal de notícias VGV (2011), em 2010, estes foram valorizados em 35%, o que superou a média da cidade de São Paulo, de 22%.

Mais recentemente, o noticiário aponta que os bairros Cerqueira César e Consolação, onde estão localizadas a região dos Jardins e do Baixo Augusta, foram campeões de valorização do metro quadrado na cidade (YURI, 2016), cujo valor, entre 2006 e 2017, teria saltado de R\$ 3.300 para R\$ 10.000¹⁰.

Em face desta introdução de caráter histórico, objetivo investigar as transformações de paisagem especificamente na região do Baixo Augusta, considerando a paisagem não apenas em seus aspectos materiais, mas sim, como será explicado adiante, como uma espécie também de “envelope de sentidos”. O objetivo central é compreender a produção dessa paisagem por seus diferentes agentes a partir do momento em que lá se estabeleceu uma mancha de lazer jovem (seu suposto período de “revitalização”).

Deste objetivo central, estruturam-se alguns objetivos específicos. O primeiro deles é compreender qual o tipo de transformação urbana ocorre no Baixo Augusta. Uma das interpretações mais corriqueiras caracteriza o processo como um caso de *gentrification* ou “gentrificação”, na tradução mais usual para o português. Este é um dos propósitos do primeiro panorama a ser visitado, “Cimento, Ferro e Vidro”. Nele, introduzo as diferentes teorias da *gentrification* e, com base nos dados de minhas pesquisas empíricas, argumento que o caso do Baixo Augusta, por suas peculiaridades, foge aos modelos teóricos mais “tradicionais” desse tipo de transformação urbana.

Isso ocorre, especialmente, pelos atuais sentidos denotados à região. Em geral, as regiões gentrificadas, antes percebidas como degradadas, passam a ser vistas como lugares de “charme e sofisticação” (RUBINO, 2009). Em contraste, o Baixo Augusta, é ressignificado por meio da ideia de diversidade, expressa das mais diferentes formas. Ao contrário do que ocorre na *gentrification*, o sentido da degradação não é negado no Baixo Augusta (apesar de evidentemente ser ressignificado) e, inclusive, inspira profundamente as práticas e discursos da diversidade.

O segundo objetivo específico na compreensão da construção da paisagem do Baixo Augusta, no recorte temporal proposto, diz respeito aos sentidos atribuídos a essa região, que

¹⁰ A fonte não explicita se o novo valor corresponde a uma média ou ao valor do metro quadrado das novas construções. É possível que haja ainda grande diferença na valorização do solo de acordo com idade dos imóveis.

serão explorados no segundo panorama, “Os sentidos do Baixo Augusta em disputa e as enunciações da diversidade”. Sendo esta transformação urbana fruto da atuação de diversos agentes com diferentes interesses – grandes construtoras e incorporadoras, empresários do lazer noturno, mídia, Estado e os(as) jovens frequentadores(as) – tensões importantes emergem do processo, e o próprio sentido do Baixo Augusta entra em disputa.

O objeto sobre o qual se debruça a análise de tais tensões é o discurso da diversidade, construído no Baixo Augusta por meio dos enunciados de seus(suas) frequentadores(as), mercadorias, mídia e agentes do capital. Tais enunciados apresentam uma constante significativa: a ideia de que “Augusta” é um local de liberdade, de livre expressão, onde se pode ser quem se é; um lugar onde o padrão é, na verdade, a diferença. No limite, pode-se dizer que o lugar – Baixo Augusta – transforma-se em ideia – diversidade – e que ela não apenas é a amálgama da paisagem da Augusta, mas diferencia essa região entre outras regiões de lazer da cidade.

O Terceiro Panorama, “A relação entre cultura e capital na produção da paisagem”, coaduna os panoramas anteriores, e problematiza as propostas teóricas apresentadas em face da teoria de Pierre Bourdieu e de suas considerações sobre o conceito de espaço. O intuito é dar conta da realidade do trabalho empírico e atingir o objetivo central da pesquisa, qual seja, compreender a *produção* da paisagem do Baixo Augusta por um rol de diferentes agentes.

Finalmente, de maneira mais abrangente, esta investigação objetiva explorar propostas teórico-metodológicas para a pesquisa na e da cidade. Assim, no primeiro capítulo do livro, exponho questões de caráter metodológico e detalho minhas técnicas de pesquisa. Esta primeira seção desemboca na apresentação e problematização de meu arcabouço teórico, momento que passo em revista algumas das teorias da paisagem: se as noções de espaço e lugar ocupam vasto terreno analítico nas Ciências Sociais, a noção de paisagem entra em cena muito mais timidamente, sendo articulada por um pequeno rol de autores. Argumentarei, ao longo da pesquisa, que esse conceito, por sua polissemia, apresenta grandioso potencial analítico para a pesquisa urbana.

2. METODOLOGIA, TÉCNICAS DE PESQUISA E ARCABOUÇO TEÓRICO

2.1 Preocupações metodológicas de uma frequentadora, observadora, e pesquisadora do Baixo Augusta

Como já afirmei, o impacto estético do processo de verticalização da paisagem da rua Augusta foi a semente desta pesquisa. Tal “impacto estético” só me foi possível por minha condição de frequentadora dos estabelecimentos de lazer e comércio do Baixo Augusta em seu período comumente chamado de “revitalização”. Ao vivenciar a rua no início da década de 2010, passei por experiências semelhantes às de meus entrevistados: muitas vezes frequentei os mesmos locais, fiz amigos nas filas das “baladas”, “curti” o mesmo som, “dei os mesmos rolês”.

Uma imagem daquela região consolidou-se de maneira mais ou menos clara para mim: local de liberdade e de juventude. A carga positiva desta imagem é que foi comprometida pela verticalização da via, e a percepção que tive foi a de que aquelas experiências ocupariam agora apenas um local afetivo nos terrenos de minhas memórias. Todavia, sendo eu frequentadora, seriam *minhas* percepções parte de um imaginário *coletivo*? Poderia mesmo partir da subjetividade de meu impacto para a construção de um trabalho científico? Como criar a tão buscada “distância” necessária em relação a meus interlocutores? Seria mesmo necessário inverter a máxima malinowskiana, e transformar o familiar em estranho?

O compartilhamento de tal condição com meus interlocutores colocou-me em situação peculiar, porém evidentemente já enfrentada por outros tantos pesquisadores, em especial, antropólogos e sociólogos urbanos. Assim, a possibilidade de *fazer ciência* sempre esteve em meu horizonte. Restava-me refletir sobre uma pergunta também colocada por Marilyn Strathern (2014): como se conhece quando está em casa? Como gerar conhecimento antropológico quando o(a) pesquisador(a) participa da mesma cultura de seus(suas) interlocutores(as)?

Strathern dissolve a preocupação malinowskiana ao entender que “as bases sobre as quais a familiaridade e a distância se assentam são cambiantes” (2014, p. 133). Segundo a autora, “o que se deve saber é se investigador-investigado estão igualmente em casa (...) no que diz respeito aos *tipos de premissa sobre a vida social* que informam a investigação antropológica” (STRATHERN, 2014, p. 134, grifos meus).

Assim, as suposições de maior reflexividade do trabalho etnográfico realizado em terreno familiar tratam não de uma maior autoconsciência ou sensibilidade por parte do(a) pesquisador(a), mas de uma *reflexividade conceitual* – o relato antropológico “devolve ou não para as pessoas as concepções que elas têm de si mesmas”, a partir do “processamento

antropológico do “conhecimento””, que pode ou não ser informado “por conceitos que também pertencem à sociedade e cultura estudadas” (STRATHERN, 2014, p. 135-136).

Isso porque os(as) acadêmicos(as) criam e, argumento eu, desfrutam, de um “domínio exclusivo no interior do qual seus relatos têm valor”. A circulação e legitimação de determinados modelos teóricos, e do próprio discurso acadêmico em geral, fazem com que a disciplina antropológica domestique “um mundo exógeno, fabricando novos usos para materiais que se originam em circunstâncias bastante distintas” (STRATHERN, 2014, p. 139-140).

O(a) antropólogo(a) não está em uma relação apenas com seus(suas) investigados(as), mas também com seus(suas) leitores(as), em geral, seus pares. Deste modo, pode acontecer que a maneira pela qual “os(as) antropólogos(as) se distanciam dos enquadramentos nativos” acabe por aproximar em muito as suas atividades em terrenos familiar e exógeno, visto que este pesquisador “se enreda necessariamente em uma tríade de relações, não só com o público leitor no vernáculo, mas também com os ditos informantes, e não consegue dirigir-se a ambos como público” (STRATHERN, 2014, pp. 146-147).

Inspirada pelos argumentos do antropólogo Paul Rabinow, Strathern localiza e esclarece tais relações por meio das noções de *escritor(a)* e de *autor(a)*. O(a) escritor(a) seria aquele(a) “que se ausenta do texto e trata a linguagem como uma *ferramenta transparente* para fins de explicação e instrução”, já o(a) autor(a) é aquele(a) cujos textos “*incorporam sua relação com o mundo*, nos quais a linguagem é seu próprio fim, extremamente autorreflexiva” (STRATHERN, 2014, p. 146, grifos meus).

A atividade da pesquisa coloca o(a) antropólogo(a), ao mesmo tempo, nas posições de escritor(a) e autor(a). Por um lado, nos estudos em territórios não familiares, o(a) antropólogo(a) é *escritor(a)* em relação aos interlocutores, e sua “escrita é utilizada como veículo para a explicação por meio da comparação (...) entre ideias provenientes de fontes sociais distintas”.

Por outro lado, em relação ao seu público leitor, o(a) antropólogo(a) assume a posição de *autor(a)*, visto que apresenta seu relato por meio do “filtro da consciência do etnógrafo-que-esteve-presente”: por ter “estado-lá”, ele(a) possui “total controle sobre aqueles que estão em casa e lerão o relato” (STRATHERN, 2014, p. 147).

Já na antropologia feita “em casa”, os papéis se invertem:

O(a) etnógrafo(a) torna-se *autor(a)* em relação àqueles que estuda. A proposição reside na *existência de uma continuidade entre os construtos culturais deles e os seus, pois eles também analisam e explicam seu comportamento de forma semelhante à do(a) etnógrafo(a)*. Eles concordam

com o ponto de partida de que a “sociedade” ou “cultura” pode ser conceitualizada como objeto de estudo (STRATHERN, 2014, p. 148, grifos meus)¹¹.

Neste caso, em relação ao seu público leitor, o(a) antropólogo(a) é agora *escritor(a)*, visto que “a etnografia será sempre comparada e colocada em relação com um corpo de conhecimento compartilhado e com os estratagemas do método e da teoria” (STRATHERN, 2014, p. 149).

Em *O Gênero da Dádiva*, Strathern (2006) não apenas problematiza o papel dual do(a) antropólogo(a), mas *constrói* primorosamente seu trabalho localizando-se em todas as situações antropológicas que aventa serem possíveis. Partindo da afirmação de que “pode soar absurdo que uma antropóloga social sugira ser possível imaginar um povo que não tenha sociedade” (2006, p. 27), a autora deixa claro que investigador(a)-investigado(a) não estão “igualmente em casa (...) no que diz respeito aos tipos de premissa sobre a vida social que informam a investigação antropológica” (STRATHERN, 2014, p. 134).

A metodologia comparativa de Strathern foge aos meios tradicionais. Nestes, os construtos locais são geralmente descontextualizados, dando ao(à) antropólogo(a) a possibilidade de trabalhar com “construtos contextualizados *analiticamente*” (STRATHERN, 2006, p. 33, grifo meu), como a “sociedade”, “mercadoria”, “gênero” (todos conceitos exógenos à cultura estudada, neste caso, a melanésia). Na verdade, o “processamento antropológico do conhecimento” feito por Strathern em *O Gênero da Dádiva* objetiva “transmitir a complexidade dos conceitos nativos com referência ao contexto particular em que são produzidos” (2006, p. 38).

Evidentemente, a autora não ignora os construtos analíticos ocidentais, que aparecem em sua obra, ora em primeiro plano, ora como pano de fundo de suas análises, tornando explícita a própria prática da descrição antropológica. Todavia, sua intenção com tais construtos não é a de buscar equivalência entre dois universos culturais, ou ainda, por meio dos construtos ocidentais, “completar os termos faltantes nas conceitualizações nativas”. Ao contrário, a autora intenta justamente “criar espaços”, ou “negatividades”.

A reflexividade conceitual que aparece em *O Gênero da Dádiva* é uma inspiração para a reflexividade conceitual procurada nesta pesquisa. Apesar de se tratar de dois universos culturais totalmente diferentes, o trabalho realizado sobre eles é o mesmo – o de cunho antropológico. Mesmo que o Baixo Augusta me seja familiar, procurarei não descontextualizar os construtos locais e simplesmente trabalhar com construtos contextualizados analiticamente.

¹¹ Isso porque há um consenso de que “sociedade” e “cultura” são conceitos existentes e válidos em suas realidades.

Nesse sentido, as entrevistas e narrativas dos(as) interlocutores(as) são consideradas também enunciados de um discurso maior. Por exemplo, a ideia de “diversidade”, presente em todas as falas, não deverá simplesmente ser substituída pelo conceito de “diversidade” como é trabalhado, por exemplo, nas Ciências Humanas, ou na forma pela qual é apropriado institucionalmente, como se ideia e conceito fossem equivalentes. Meu anseio é o de contextualizar a produção e a articulação da “diversidade” no universo do Baixo Augusta.

Nesse sentido, procuro assumir meu papel de *autora* de maneira mais crítica, pois apesar de existir uma continuidade entre meus construtos culturais e os de meus investigados, não somos todos(as) antropólogos(as), como explicam os argumentos do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002):

Ainda quando antropólogo e nativo compartilham a mesma cultura, a relação de sentido entre os dois discursos diferencia tal comunidade: *a relação do antropólogo com sua cultura e a do nativo com a dele não é exatamente a mesma*. O que faz do nativo um nativo é a pressuposição, por parte do antropólogo, de que a relação do primeiro com sua cultura é natural, isto é, intrínseca e espontânea, e, se possível, não reflexiva; melhor ainda se for inconsciente. O nativo exprime sua cultura em seu discurso; o antropólogo também, mas, se ele pretende ser outra coisa que um nativo, deve poder exprimir sua cultura culturalmente, isto é, reflexiva, condicional e conscientemente (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 114, grifos meus).

A continuidade de certas premissas que informam investigador(a)-investigado(a) em meu caso de estudo, não implica uma “igualdade de direito – uma igualdade no plano do conhecimento” entre mim e os(as) interlocutores(as). Por este motivo, assumo tal posição mais crítica e cuidadosa no “processamento antropológico” dos discursos construídos e coletados ao longo da pesquisa, procurando sempre localizar as ideias e conceitos nos contextos particulares nos quais são enunciados.

Finalmente, a possibilidade de fazer antropologia não me foi apenas desafiadora por minha condição de familiaridade com o universo de estudo. Devido à pandemia da COVID-19, o trabalho etnográfico previsto para a condução desta pesquisa foi profundamente impactado, desafio que será discutido a seguir.

2.1.1 É possível gerar conhecimento antropológico sem fazer etnografia?

Por tanto tempo imiscuídas e confundidas, a Antropologia e a etnografia parecem inseparáveis. Nesta seção, indago a possibilidade de gerar conhecimento antropológico sem lançar mão da prática etnográfica e, para isso, passo em breve revista algumas das linhagens de pensamento da disciplina, a fim de adentrar a proposta do antropólogo Tim Ingold, que procura demonstrar que Antropologia não é etnografia, por meio da ideia de *observação participante*.

No carnaval de 2020, como em todos os anos desde 2009, a Rua Augusta foi palco da celebração de seu grandioso bloco, “Acadêmicos do Baixo Augusta”. Em *post* da página do Bloco na rede social *Facebook*, no dia 17 de fevereiro de 2020, publicou-se as seguintes palavras:

Um milhão de pessoas.
 Um milhão de pessoas, de vozes e de sorrisos.
 Um milhão de pessoas contra a homofobia, o machismo, o racismo, o obscurantismo, a intolerância e todos os tipos de preconceito.
 Um milhão de pessoas a favor da liberdade, da diversidade, da cidade e da igualdade.
 Um milhão de pessoas sem violência.
 Obrigadx a cada um de vocês que fizeram esse um milhão existir.
 Vocês são o nosso país Acadêmicos do Baixo Augusta.¹²

Infelizmente, decidi iniciar o trabalho de campo após o Carnaval, visto que o estudo visava mais uma imersão no *cotidiano* das apropriações do espaço no Baixo Augusta, e não tanto reflexões sobre um evento em especial (ao qual muitos dos frequentadores da Augusta não comparecem, como ficou patente em narrativas dos(as) interlocutores(as)). Porém, não fazia ideia de que vivenciariamos a tragédia pandêmica e de que não poderia mais me misturar, não necessariamente com o milhão de pessoas do bloco, mas ao menos com os(as) frequentadores(as) habituais do Baixo Augusta.

Dessa maneira, a vivência das dinâmicas culturais do Baixo Augusta *in loco* me foi impossibilitada. Houve momentos nos quais tivemos algum respiro – mesmo que abafados pelas máscaras – quando decidi me arriscar e realizar algumas incursões em campo, a pé, ou mesmo de carro. Não obstante, por um grande período, o maior problema dos desdobramentos da pandemia não era a minha ausência do campo, mas a ausência de meus(minhas) principais interlocutores(as).

Os aspectos materiais da paisagem do Baixo Augusta decerto se mantêm com certa constância, em épocas de normalidade e, mesmo que fragilizada, também em épocas pandêmicas. Falo aqui da paisagem no sentido de Milton Santos, como “um conjunto de objetos reais-concretos”, como “sistema material” e, portanto, “relativamente imutável” (SANTOS, 2006, p. 67) (conceito que, devo esclarecer desde já, não adoto para minhas reflexões teóricas).

Porém, ao tratarmos a paisagem como um conceito polissêmico, podemos afirmar sem dúvidas que a paisagem do Baixo Augusta muda constantemente. Em especial, antes da

¹² Post de 17 de fevereiro de 2020 da página do Facebook Acadêmicos do Baixo Augusta. Disponível em: <https://www.facebook.com/academicosdobaixoaugusta>. Acesso em 11/03/2021.

pandemia, era possível observar modificações significativas da paisagem da região entre os períodos diurno e noturno: as baladas e bares da noite da Augusta, de dia, têm portas fechadas, os pontos de encontro são apenas esquinas ordinárias, pedaços de rua como qualquer outro. Lembro-me de quando era eu a frequentadora da vida noturna da região – muitas vezes, nas tardes de domingo, quando visitava a antiga “feirinha” do Shopping Center 3¹³, passava em frente de algumas casas noturnas que costumava frequentar, sem notá-las.

Desde março de 2020 até pelo menos o final de 2021, com alguns intervalos, a paisagem do Baixo Augusta parecia ser sempre a diurna, quando não ainda a rua se apresentava nostalgicamente deserta. Como realizar uma “pesquisa de campo” nestas condições? Rejeitei, desde o início, a ideia de tornar este um estudo sobre a Augusta durante a pandemia – de *malade* já nos bastou a Paris pré-Hausmann. A memória desta rua, palco de manifestações e práticas culturais das mais variadas, e o valor deste quadro para trabalho antropológico, impulsionou-me a continuar buscando uma imagem que considerava, e ainda considero, ser aquela da “rua viva”, pois vivida, apropriada, percebida e significada por seus diferentes agentes.

Não obstante, uma questão crucial colocaria meus objetivos e a própria natureza de minha pesquisa em xeque: como fazer etnografia neste contexto? Seria possível “fazer” etnografia sem estar *in locu*, “em campo”? Seria possível criar um outro campo? No limite, a grande questão que me coloquei foi: é possível gerar conhecimento antropológico sem etnografia?

Com efeito, a figura do(a) antropólogo(a), como a conhecemos hoje, emerge de um processo de valorização da *experiência de campo* em seu trabalho, experiência que passa a legitimar seu conhecimento e a autorizar seu discurso. O(a) antropólogo(a), antes enclausurado(a) e protegido(a) em seu gabinete, ou sentado(a) em sua poltrona, vai a campo – como o faziam antes o missionário, o comerciante, enfim, o viajante – e se aventura entre os nativos para, posteriormente, se aventurar a escrever sua etnografia.

A partir da década de 1920, com o trabalho de Bronislaw Malinowski, pode-se dizer que há uma fusão da teoria geral antropológica com a pesquisa empírica; da análise cultural com a descrição etnográfica (CLIFFORD, 2011, p. 22). Assim, na própria trajetória de consolidação da Antropologia como disciplina, e da figura do(a) antropólogo(a) como autoridade no que diz

¹³ A “feirinha” do Center 3, que por vezes será referenciada na pesquisa, funcionou durante muito tempo como uma feira de artesanato dentro deste *shopping center*. Seus expositores comercializavam roupas, sapatos, acessórios de todos os tipos, joias e bijuterias, além de objetos de decoração. Os produtos da feira eram conhecidos por serem “transados” e “alternativos”, pois que não se tratava de produções massicadas.

respeito análise intercultural, a *experiência no campo* teve papel central. A viagem, o deslocamento físico, a estranheza perante uma nova cultura, o “estar lá”, tornaram-se, na Antropologia moderna, as principais fontes de legitimação da pesquisa e do conhecimento antropológicos.

Seguindo cronologicamente seu desenvolvimento, seria possível afirmar que, quando tocada pela hermenêutica, nossa disciplina volta a olhar novamente para o trabalho do(a) antropólogo(a) no “gabinete”. Clifford Geertz (1978) teve importante papel ao reconhecer a etnografia como uma “descrição densa”, que compreende, na verdade, uma interpretação de relatos de “segunda e terceira” mãos. Tal descrição densa seria apenas uma verdade possível entre tantas outras – “verdade” construída, ou mesmo criada, em um terreno *dialógico*, de interação. Dessa maneira, em relação à fonte de legitimidade do trabalho antropológico, o que antes repousava exclusivamente no “estar lá”, repousa, neste momento, *também* no “estar aqui”, entre os seus, e a linha que separa a experiência no campo e no gabinete torna-se muito mais porosa e flexível – se é que o próprio gabinete já não pode ser aqui considerado campo:

(...) embora a cultura exista no posto comercial, no forte da colina ou no pastoreio de carneiros, *a antropologia existe no livro, no artigo, na conferência* (...). Convencer-se disso é compreender que a linha entre o modo de representação e o conteúdo substantivo é tão intrajável na análise cultural como na pintura (GEERTZ, 1978, p. 26, grifo meu).

De fato, com Geertz, a importância da experiência antropológica no gabinete ganha novo fôlego. O autor procura demonstrar que a caracterização corrente do trabalho do etnógrafo – “ele observa, ele registra, ele analisa”, nesta ordem – cita operações que podem nem sequer existir de forma autônoma. O etnógrafo *escreve* (GEERTZ, 1978, p. 30), e o “estar lá” não pode ser a única fonte de legitimação da pesquisa antropológica, sequer pode definir a prática etnográfica: a etnografia ocorre em campo e também no gabinete, e o “estar lá” pode inclusive ocorrer concomitantemente ao “estar aqui”.

Não obstante, a teoria de Geertz ainda funde etnografia e antropologia. Ao caracterizar a primeira como um “esforço intelectual para uma descrição densa”, afirmará que a Antropologia é, por essa razão, capaz apenas de pequenos “voos teóricos” (GEERTZ, 1978)¹⁴.

Num período muito próximo ao de Geertz, o “campo” do trabalho da escrita etnográfica ganhou ainda mais centralidade com a “crise da representação”. A antropologia pós-moderna

¹⁴ Note-se aqui que a discussão, na verdade, tem amplitude muito maior do que aquela da história da disciplina antropológica, e remonta não só à problemática da natureza do conhecimento antropológico, mas à natureza do conhecimento em geral, e da relação entre o empírico e o teórico, o universal e o particular.

preocupou-se – quase que exclusivamente – com as formas de representação da escrita etnográfica. A crítica desenvolvida nos Estados Unidos na década de 1980, questionava tanto o *excesso* quanto a *insuficiência* da presença do antropólogo no texto (CALDEIRA, 1988). Por um lado, o pós-modernismo nota que a autoridade conferida ao(à) antropólogo(a) apagava as vozes daqueles sobre quem fala, emudecia os nativos; por outro lado, nota também um insuficiente questionamento sobre a inserção do(a) antropólogo(a) no campo e, especialmente, no texto etnográfico – em outras palavras, os pós-modernos apontavam para a falta de crítica da Antropologia sobre suas próprias práticas de escrita e representação.

O pós-modernismo toma o próprio *texto* etnográfico como objeto de estudo, numa espécie de meta-antropologia. É nesse sentido que caminha James Clifford (2011), ao analisar experimentações etnográficas e problematizar os modos de autoridade nelas contidos. Modelos de representação pós-modernos do texto etnográfico, como o polifônico ou o dialógico, almejavam conectar a experiência *em campo*, fragmentada, e sua apresentação no texto etnográfico. Em resumo, são experimentações etnográficas que buscam maneiras de escrever etnografia que incorporem no texto consciência sobre seus próprios procedimentos (CALDEIRA, 1988, p. 141).

Porém, a ênfase dada ao trabalho de escrita etnográfica foi tamanha que esta preocupação acabou por resultar em políticas exclusivamente *textuais*, como bem ressalta Teresa Caldeira:

A maioria das alternativas pós-modernas à antropologia não se refere a discussões sobre o contexto político em que ela ocorre, ou às possibilidades críticas da antropologia em relação às culturas das sociedades do antropólogo ou às culturas do Terceiro Mundo que ela continua a estudar. *As alternativas são basicamente textuais: referem-se a como encontrar uma nova maneira de escrever sobre cultura* (CALDEIRA, 1988, p. 141, grifos meus).

Assim, um cenário mais ou menos organizado pode finalmente ser estabelecido. Por um lado, a antropologia moderna trouxe ao centro do debate etnográfico o trabalho *de campo* do(a) antropólogo(a), determinando-o como fonte de legitimação do conhecimento produzido na Antropologia – o *estar lá*. Por outro lado, a antropologia pós-moderna deu demasiada ênfase ao trabalho do antropólogo *no gabinete* – a importância da escrita e da experimentação, da erupção de diferentes vozes na etnografia e da dispersão da autoridade etnográfica. Ambas as linhagens compõem uma parte da “teoria-e-história” (PEIRANO, 1995) da Antropologia que conhecemos hoje, e cada uma tem sua importância para os debates atuais.

É claro que este cenário é excessivamente simples para resumir toda a história de uma disciplina. Procurei apenas traçar o movimento de uma das problematizações da etnografia como prática central no trabalho do(a) antropólogo(a), e o fiz para adentrar a noção de que a etnografia não acontece apenas em campo, tampouco apenas no gabinete. Ela acontece em ambos os lugares, ou melhor, como propõe Strathern, “a escrita etnográfica cria um segundo campo” (STRATHERN, 2014b, p. 346). Nesse sentido, o que devemos perscrutar é precisamente a relação “complexa” entre os dois campos:

Certo tipo de complexidade reside, portanto, na relação entre os campos duplicados da etnografia: cada um deles cria o outro, mas tem também sua própria dinâmica ou trajetória (...). O(a) pesquisador(a) de campo tem de administrar, e portanto, habitar os dois campos ao mesmo tempo: recordar as condições teóricas sobre as quais a pesquisa foi proposta, e com isto a razão de estar ali, cedendo ao mesmo tempo ao fluxo de eventos e às ideias que se apresentam. “Voltar do campo” significa inverter essas orientações (STRATHERN, 2014b, pp. 346-347).

A aguda observação de Strathern já indica a existência de um caminho possível para a questão aqui proposta – é possível fazer Antropologia sem etnografia? Todavia, apresento ainda um último argumento. De uma outra, e vale dizer, completamente diferente perspectiva, Tim Ingold procura desacoplar etnografia e Antropologia, atualizando um descolamento proposto pelo antropólogo Radcliffe-Brown, no início do século XX. O autor advogou com veemência, e causando certo escândalo, contra identificação da disciplina antropológica com a etnografia tanto no capítulo final de sua obra *Estar Vivo* (2015), quanto no artigo *That's enough about ethnography* (2014).

Antes de adentrar os argumentos de Ingold, seria interessante realizar alguns apontamentos sobre sua própria proposta de Antropologia. Em primeiro lugar, o mundo social de Ingold não é um mundo particulado, de entidades e eventos individuais ligados por meios de contatos *externos*¹⁵. Tampouco, o uso da expressão “social” na obra de Ingold invoca um certo domínio de fenômenos. Trata-se de uma outra *ontologia*, “uma compreensão [diversa] da constituição do próprio mundo fenomenal”: temos como ponto de partida um entendimento da “interpenetrabilidade essencial ou fusão de espírito e mundo” (INGOLD, 2015, p. 337). Assim, o mundo social não (se) explica, mas *implica*.

Analisando o social como um mundo particulado, e focando nossa atenção em determinados elementos e entidades, isolando-os, fragmentando-os, estaríamos perdendo algo

¹⁵ Assim, sua teoria opõe-se tanto às propostas estruturalista e culturalista da Antropologia, como também, por exemplo, à própria ideia de “rede”, de Latour.

que seria irrecuperável: a própria *vida*. Esta, para Ingold, não é substância, mas *processo*. O(a) antropólogo(a), imerso neste processo, não deve buscar afastar-se dele – até porque não seria possível – mas nele *posicionar-se*. Nesse sentido, a Antropologia não pode ser um estudo “*de*”, mas um estudo *com*. Antropólogos trabalham e estudam *com* pessoas” (INGOLD, 2015, p. 338-340, grifos do autor).

Não se trata aqui de um postulado sobre *como* deve trabalhar um antropólogo, mas trata-se de evidenciar *sua única possibilidade de trabalho*. Nesse sentido, a ideia de um trabalho antropológico cindido entre campo e gabinete/poltrona não faz sentido, pois abordamos as questões *no* mundo – não é possível estar fora dele:

Mas é o fato de abordarmos estas questões no mundo e *não* da poltrona – de este mundo não ser apenas o que pensamos *sobre*, mas o que pensamos *com*, e de em seu pensamento a mente vagar ao longo de caminhos que se estendem muito além do invólucro da pele – que faz o empreendimento antropológico e, por isso mesmo, difere radicalmente da ciência positivista. Fazemos nossa filosofia do lado de fora. E nisso, o mundo e seus habitantes, humanos e não humanos, são nossos professores, mentores e interlocutores (INGOLD, 2015, p. 340).

Dito isso, retomo a questão etnográfica. Segundo Ingold, por muito tempo, confundiram-se Antropologia e etnografia, todavia, as duas não são a mesma coisa. Por um lado, a Antropologia tem como objetivo “buscar uma compreensão generosa, comparativa (...) crítica do ser e saber humanos no mundo que todos habitamos”. Já o objetivo da etnografia é “*descrever* a vida de outras pessoas além de nós mesmos”, por meio de “observação detalhada” e “prolongada experiência em primeira mão” (INGOLD, 2015, p. 327).

Ao realizar nossos trabalhos de campo, costumamos falar em “encontros etnográficos”. Ingold, porém, questiona no que difere este encontro de outros:

De forma simples: na condução de nossa pesquisa, nós encontramos pessoas. Nós falamos com ela, nós a fazemos perguntas, nós ouvimos suas histórias e nós observamos o que elas fazem. (...). *Não há nada de particularmente especial ou não usual em relação a isso*: é, afinal, o que pessoas fazem a todo tempo quando encontram umas as outras (INGOLD, 2014, p. 386, grifos meus)¹⁶.

Para o autor, o que confere o “etnográfico” ao encontro é uma diferença de caráter temporal (e não tanto de premissas sobre a vida social, como propõe Strathern). Volto à primeira

¹⁶ No original, para benefício do(a) leitor(a): “Simply put: in the conduct of our research, we meet people. We talk with them, we ask them questions, we listen to their stories and we watch what they do. (...). There is nothing particularly special or unusual about this: it is, after all, what people do all the time when they encounter one another” (INGOLD, 2014, p. 386).

e simples definição que Ingold dá à etnografia: “*descrever* a vida de outras pessoas além de nós mesmos”. Nesse sentido, o encontro etnográfico possui um objetivo *ulterior*, o de transformar os encontros em “material”, em “dados”, em um corpo empírico descritivo, que serviria de base ao conhecimento antropológico.

As noções ingoldianas já apresentadas (de processo, de abordagem das questões antropológicas *no mundo*, do conhecimento antropológico como um *fazer com*), implicam em um encontro etnográfico que apresenta uma distorção temporal. Utilizando uma expressão do antropólogo Johannes Fabian (2013), como o faz Ingold, esta seria uma “tendência esquizocrônica da antropologia emergente”¹⁷: “Com efeito, considerar os encontros como etnográficos é *consignar o incipiente* - o que está prestes a acontecer nas relações que se desdobram - ao passado temporal do que já acabou” (INGOLD, 2014. p. 386, grifos meus).

Aqui se encontra o cerne de minhas inquietações. O verdadeiro impasse nesta pesquisa, o que me foi de fato negado, foi o “trabalho de campo”, comumente é associado à “prática etnográfica”. Ingold ressalta que só experienciamos tal “campo” justamente quando o deixamos para trás, para escrever sobre ele. Enquanto estamos fisicamente “em campo”, no local geográfico onde realizamos nossa pesquisa, somos invadidos pelas “correntes do cotidiano” e não o pensamos como “campo”. Sua criação relaciona-se, assim, com a “tendência esquizocrônica” da Antropologia, pois é ulterior, e só ocorre quando há um reposicionamento do(a) próprio(a) pesquisador(a):

“O campo” é antes um termo pelo qual o etnógrafo imagina retrospectivamente um mundo o qual ele se afastou a fim de, muito especificamente, poder descrevê-lo por escrito. Sua prática literária não é tanto de correspondência não descritiva quanto de descrição não correspondente – ou seja, uma descrição que (ao contrário da pintura ou do desenho) rompeu com a observação. Assim, se alguém se retira da poltrona, não é o antropólogo, mas o etnógrafo. Ao passar da investigação à descrição ele tem necessidade de reposicionar-se do campo de ação para a margem (INGOLD, 2015, p. 345, grifos meus).

O autor argumenta que devemos deixar para trás o etnográfico e o campo etnográfico para pensar na *observação participante*, que é diferente de etnografia e se alinhará com o que o autor chama de *correspondência* (INGOLD, 2014. p. 386-387).

¹⁷ Na publicação em língua portuguesa de “O Tempo e Outro”, a expressão consta também como “uso esquizogênico do Tempo”. Por este termo, Fabian anseia problematizar como “a antropologia no campo com frequência emprega concepções de Tempo muito diferentes daquelas que informam os relatórios acerca de suas descobertas” (FABIAN, 2013, p. 57).

Não se trata de uma recuperação da proposta malinowskiana. Ressalte-se, em primeiro lugar, que na observação participante de Ingold não é possível separar a observação e participação. Tampouco, a observação constitui uma maneira de objetificar o que é observado: “[p]orque observar não é objetificar; é prestar atenção a pessoas e coisas, é aprender com elas, e segui-las em preceito e prática. Na verdade, não pode haver participação sem observação” (INGOLD, 2014, p. 387)¹⁸.

Aqui notamos o compromisso ontológico do autor: o(a) antropólogo(a) não consegue fugir ao fluxo da vida, a “este processo que equivale ao desdobramento de um campo de relações contínuo e em constante evolução dentro do qual seres de todos os tipos são gerados e mantidos no lugar” (INGOLD, 2015, p. 338). Ao observar tais processos, o(a) antropólogo(a), necessariamente, *participa*.

A observação participante proposta por Ingold relaciona-se com sua ideia de *correspondência*. Por ser um trabalho sincrônico, “a observação participante acopla o movimento por vir de sua própria percepção e ação com os movimentos de outros, da mesma forma que as linhas melódicas são acopladas em contraponto musical”. O movimento deste processo, no qual há contínuas respostas de um lado e de outro, é o que Ingold chama de correspondência. Não se trata de representação ou de descrição, mas sim, de “responder a estes acontecimentos com suas próprias intervenções, questões e respostas” (INGOLD, 2014, p. 389).

A correspondência não é algo dado, ou ainda, algo a ser atingido, mas está em constante formação – é inevitável –, indica sempre um movimento para adiante, e não tem finalização. A etnografia, por outro lado, tem objetivos descritivos e documentais que, por sua vez, acabam por impor finalidades (demonstrar resultados, em formas de artigos, monografias) e finitude (inscrever um fenômeno que não tem fim) ao processo que Ingold argumenta ser, na verdade, uma trajetória educacional.

É evidente que os argumentos de Ingold podem ser vítimas de inúmeras críticas e ficam ainda um pouco sombrios se retomarmos a série (exaustiva, segundo o autor) de reflexões sobre a etnografia e a Antropologia. Porém, comparar tais problematizações e propostas etnográficas

¹⁸ No original, para benefício do(a) leitor(a): “For to observe is not to objectify; it is to attend to persons and things, to learn from them, and to follow in precept and practice. Indeed *there can be no observation without participation*” (INGOLD, 2014, p. 387).

com as proposições de Ingold seria um trabalho em vão, pois que se trataria de ontologias diferentes.

Argumento que a reflexão aqui apresentada pode contribuir para meu problema inicial em dois principais pontos. Primeiramente, na medida em que demonstra que o conhecimento antropológico não é intrinsecamente ligado à etnografia – tal junção, ou tal maneira de construção do saber, é *histórica*. Não se pode considerar discursos e paradigmas disciplinares sem inseri-los em seu próprio tempo.

Em segundo lugar, a reflexão aponta para diversas definições de *campo*, ponto de tensão e inquietação desta pesquisa. O primeiro “campo” que temos é o distante e exótico – as Ilhas Baffin, as Ilhas Trobriand, a Melanésia. Posteriormente, o trabalho de gabinete torna-se ele mesmo um campo, na medida em que ganha maior atenção da disciplina. Ingold (2014, 2015), e até certo ponto Strathern (2014b), revelam uma certa artificialidade do tradicional campo etnográfico – ele é *criado* pelo etnógrafo quando escreve sua etnografia.

Apesar de ter realizado algumas incursões em campo¹⁹ – no sentido de ter estado, de fato, na região do Baixo Augusta, em alguns períodos do dia, conversando e interagindo com frequentadores(as), realizando algumas entrevistas rápidas e, sempre, observando meu entorno, com efeito, eu não pude ter uma experiência “clássica”, como aquela dos(as) antropólogos(as) modernos, pois, evidentemente, faltou-me frequência em minhas incursões. Mas, no sentido de Ingold, não deixei de “fazer antropologia”, nas minhas relações com meus(minhas) interlocutores(as), em nossas trocas, de afetos, de memórias e, certamente, de geração de conhecimento. O fiz, apenas, de uma maneira diferente e, para tal, lancei mão de algumas saídas técnicas, teóricas e metodológicas, que serão apresentadas a seguir.

2.1.2 Técnicas de pesquisa

Em face à adoção do conceito de paisagem para a investigação das transformações do Baixo Augusta, teria de me apropriar de uma variedade de informações, tanto sobre os aspectos materiais da região, quanto sobre seus aspectos que chamo aqui de simbólicos (não que todos não sejam simbólicos, mas alguns não são materiais). Ademais, a produção dessa paisagem

¹⁹ Realizei em torno de 20 incursões em campo, especialmente nos anos de 2021 e 2022, quando os estabelecimentos de lazer voltaram a funcionar, mesmo que em horários limitados. A maior parte delas ocorreu no período noturno, mas também frequentei o Baixo Augusta de dia, especialmente aos domingos, quando o comércio de rua é mais movimentado.

envolvia uma diversidade de agentes. Dar conta de todo este volume informacional, com efeito, não seria possível nem interessante, por isso procedi com certos recortes.

Em primeiro lugar, entre 2019 e 2020, realizei o que chamo de “sondagem de campo”. Por um lado, ela consistiu em um trabalho de mapeamento das transformações da região do Baixo Augusta por meio de uma investigação no noticiário *online*. Foi criado um documento com notícias e reportagens sobre a rua desde os anos 2010, momento de seu suposto processo de “revitalização”. O principal meio consultado foi o acervo do jornal Folha de São Paulo. A análise preliminar desse material confirmou minha percepção sobre o *boom* imobiliário e ainda indicou importantes aspectos socio-históricos para a contextualização das transformações urbanas.

Por outro lado, nesse momento da “sondagem de campo”, me apropriei da literatura acadêmica sobre a rua Augusta, procurando entender como essa região paulistana foi trabalhada como tema de pesquisas científicas nas Ciências Humanas²⁰.

A partir desse momento, procedi com o mapeamento das transformações que chamo de “materiais” da região, como disse, não por não serem também simbólicas, mas por se tratar de um mapeamento que teve como objetivo pontuar os novos edifícios da região e a transformação de seus estabelecimentos de lazer. Ambos os mapeamentos foram realizados, majoritariamente, pelo uso da ferramenta *Google Street View* e, quando se fez necessário, por meio de visitas a campo e de consultas a sites de construtoras e incorporadoras.

Por meio do *Google Street View*, pude deambular pelo Baixo Augusta e recolher informações importantes sobre seu crescimento vertical e sobre a dinâmica de seus estabelecimentos de lazer: restaurantes, bares, cafês, baladas, teatros, cinemas e *shopping centers*. Esta ferramenta revelou-se ainda mais útil na medida em que fornece imagens das ruas em série histórica. Sendo assim, pude inclusive ter acesso a imagens dos terrenos nos quais foram construídos alguns dos empreendimentos, e quais tipos de comércio e serviços ocupavam antes estas áreas²¹.

Em relação aos novos edifícios, foi construída uma base de dados com as seguintes informações:

1. Nome do empreendimento (“nome”);

²⁰ Os resultados do levantamento bibliográfico constam no “Apêndice A” do livro.

²¹ Vale notar que a série histórica de imagens disponível nesta ferramenta é do período de 2010 a 2021.

2. Ano de lançamento (“ano” ou status – “em construção”);
3. Tipo 1 (“comercial” ou “residencial”);
4. Tipo 2 (para “Tipo 1 residenciais” - torre com “apartamentos”; torre com “studios”; torre com “apartamentos e studios”);
5. Endereço (“nome da rua” e “número”);
6. Construtora ou Incorporadora (“nome”);
7. Terreno (tipo de edificação que ocupava o terreno antes da construção do empreendimento – “terreno vazio”; “estacionamento”; “edificação comercial”; “edificação residencial”; “edificação mista”);
8. Observações (foram notados os casos de empreendimentos que ocuparam imóveis comerciais classificados como “estabelecimento de lazer”).

Foram mapeados 44 novos empreendimentos na região, já lançados ou em construção, desde os anos 2000 até o ano de 2022. Os dados coletados deram origem a alguns mapas e a análises apresentadas no primeiro panorama, “Cimento, Ferro e Vidro”.

Além de provar o *boom* imobiliário, era preciso entender igualmente se ocorreram de fato transformações na mancha de lazer do Baixo Augusta – ela diminuiu? Ampliou? Mudou de natureza? Mais uma vez, utilizei-me, majoritariamente, da ferramenta *Google Street View* para esta investigação, contando também com consultas a *websites*, perfis de *Instagram* e *Facebook* dos estabelecimentos, além de informações coletadas ao longo do mapeamento do noticiário.

Muitos estabelecimentos que marcaram a ascensão do Baixo Augusta como local de lazer jovem já haviam sido pontuados por outros trabalhos acadêmicos, como é o caso da dissertação de Pissardo (2013), o que facilitou o mapeamento. Não obstante, a grande parte desses estabelecimentos foi cuidadosamente mapeada pela deambulação via *Google Street View*, e pelo acesso à sua série histórica de imagens.

A pesquisa deu origem a uma base de dados e a uma série de cartas, apresentadas também no primeiro panorama. No total, foram identificados e classificados 250 estabelecimentos²² em uma planilha com as seguintes informações:

1. Nome do estabelecimento (“nome”);
2. Endereço (“nome da rua” e “número”);

²² Como se trata de uma base de dados histórica, muito endereços constam como referência geográfica de mais de 1 estabelecimento.

3. Ano de inauguração do estabelecimento (“ano”);
4. Ano de fechamento do estabelecimento (“ano”);
5. Tipo (“restaurante”; “bar”; “bar e restaurante”; balada”; “lanchonete”; “*american bar*”; “café”; “cinema”; “teatro”; “*shopping center*”);
6. Status/transformação 1 (o estabelecimento “permanece”? Se não, no que se tornou?);
7. Status/transformação 2 (o que ocupava o imóvel antes de sua inauguração - para estabelecimentos de lazer inaugurados a partir de 2010)

Em seguida, procedi com a condução de entrevistas, em geral, por videoconferência. Evidentemente, elas não se prestaram a “substituir” a prática etnográfica, porém, ao menos, me permitiram uma maior aproximação e interação com os(as) frequentadores(as) da região, que chamo aqui de interlocutores(as). Importantes agentes da produção da paisagem do Baixo Augusta, suas relações e percepções sobre ela certamente mereciam investigação.

A seleção de interlocutores(as) teve início com indivíduos já conhecidos por mim e a amostragem, em geral, ampliou-se em bola de neve²³. Foram realizadas mais de 30 entrevistas, gravadas a maior parte das vezes não apenas em áudio, mas também em vídeo (com o devido consentimento dos(as) entrevistados(as)). As entrevistas foram semi-estruturadas, e tiveram duração de 30 a 40 minutos. Em geral, as interações não ocorreram apenas no modelo “perguntas e respostas”, e aproximaram-se mais de um diálogo entre as partes, no qual trocaram-se memórias e experiências sobre Baixo Augusta.

A maior parte dos(as) interlocutores(as) foi frequentadora assídua do Baixo Augusta em seu suposto período de “revitalização”, ou, como colocam outros autores já citados, em sua “fase descolada”, mas há aqueles(as) que ainda frequentam a região. Esta seleção de interlocutores(as) se justifica na medida em que é justamente a partir deste período que se observam as transformações de paisagem na via que aqui me interessam, relacionadas ao *boom* imobiliário.

O objetivo central das entrevistas foi instigar os(as) interlocutores(as) a narrarem suas experiências no Baixo Augusta à época, como que mapeando a paisagem desta rua “descolada” e “alternativa”. A partir deste cenário, muitos(as) dos(as) entrevistados(as) já apontaram o

²³ Algumas entrevistas foram fruto de contato via Instagram, com pessoas que postavam conteúdos sobre o Baixo Augusta. Outras entrevistas, mais breves, foram realizadas ao longo de minhas incursões em campo. Porém, a grande maioria, foi realizada via videoconferência com interlocutores(as) selecionados(as) pela técnica bola de neve.

impacto estético e sociocultural do *boom* imobiliário na via e, nos casos em que não se tocou neste ponto, ele foi mencionado por mim, para uma reflexão conjunta.

No panorama 2, apresento uma tabela que elenca e qualifica os(as) interlocutores(as) entrevistados(as) em termos de sua idade, identidade de gênero, orientação sexual e escolaridade. Todos os nomes utilizados são fictícios. Por ter empregado a técnica de bola de neve, há certa homogeneidade entre os(as) interlocutores em termos de classe (frações das classes médias brasileiras), de escolaridade (a maioria cursou Ensino Superior e optou por cursos das áreas das Ciências Humanas), e de idade (a maioria de 30 a 39 anos).

Todas as entrevistas foram transcritas e passaram por uma análise preliminar, na qual se notou a forte presença de termos relacionados, pelos(as) próprios(as) interlocutores(as), à ideia de diversidade, temática que permeará segundo panorama, “Os sentidos do Baixo Augusta”.

Ainda em relação à análise do *boom* imobiliário, após o mapeamento de todos os edifícios construídos ou em construção na região a partir de, aproximadamente, o início da década de 2010, foi realizado um levantamento do material midiático de lançamento de cada um destes edifícios, por meio de pesquisa nos *websites* das construtoras e/ou incorporadoras, e também em *websites* de corretoras de imóveis. Este material constitui igualmente parte do *corpus* do segundo panorama do livro, que terá por objetivo evidenciar as regularidades do discurso (FOUCAULT, 1999) sobre o Baixo Augusta na produção de sua paisagem.

Devido ao grande volume de material, utilizei-me do software de pesquisa de análise qualitativa NVivo. Todo o conteúdo levantado, inclusive as transcrições de entrevistas, foi codificado no programa. Os códigos foram criados ao longo do próprio processo, no intuito de identificar regularidades. A lista e suas descrições estão na tabela a seguir:

NOME	DESCRIÇÃO
Afetividade	Narrativas afetivas sobre o Baixo Augusta.
Arte e Vanguarda	Narrativas e notícias que relacionam as práticas culturais do Baixo Augusta com arte e vanguarda.
Augusta vs. outras regiões	Narrativas e notícias que opõem o Baixo Augusta a outras regiões de lazer jovem da cidade de São Paulo.
Carnaval	Narrativas e notícias que mencionam o bloco de carnaval Acadêmicos do Baixo Augusta.
Degradação	Narrativas e notícias que relacionam o Baixo Augusta à degradação
<i>Prostituição</i>	<i>Narrativas e notícias que relacionam o Baixo Augusta à degradação com foco na prostituição.</i>

NOME	DESCRIÇÃO
<i>Violência</i>	<i>Narrativas e notícias que relacionam o Baixo Augusta à degradação com foco na violência.</i>
Dia e noite	Narrativas e notícias sobre as diferenças entre dia e noite no Baixo Augusta.
Diversidade	Narrativas e notícias que enaltecem a diversidade como valor no Baixo Augusta
Divisão da Augusta	Narrativas e notícias que dividem a rua Augusta em Baixo Augusta e Jardins
Estética	Narrativas sobre a estética do Baixo Augusta.
Fase de vida	Narrativas que relacionam a experiência n Baixo Augusta com fases da vida.
Frases marcantes	Frases marcantes sobre o Baixo Augusta, de notícias ou interlocutores(as).
Impressões de trabalho de campo	Anotações feitas ao longo do trabalho de campo.
Lazer	Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de lazer no Baixo Augusta.
<i>Apropriação da rua</i>	<i>Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de lazer no Baixo Augusta e têm foco na apropriação da rua como local de lazer.</i>
<i>Baladas</i>	<i>Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de lazer no Baixo Augusta e têm foco em suas diferentes casas noturnas.</i>
<i>Cinema</i>	<i>Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de lazer no Baixo Augusta e tem foco em suas salas de cinema.</i>
<i>Comércio</i>	<i>Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de lazer no Baixo Augusta e têm foco em seus diferentes comércios.</i>
<i>Público</i>	<i>Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de lazer no Baixo Augusta e têm foco em seus diferentes públicos.</i>
<i>Restaurante</i>	<i>Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de lazer no Baixo Augusta e têm foco em seus diferentes restaurantes.</i>
<i>Teatro</i>	<i>Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de lazer no Baixo Augusta e têm foco em seus diferentes teatros.</i>
Morar	Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de morar no Baixo Augusta.
<i>Jeito novo de morar</i>	<i>Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de morar no Baixo Augusta e focam em novos tipos de moradias.</i>
Muda a frequência pois envelhece	Narrativas e notícias que versam sobre a experiência de envelhecer e de deixar de frequentar o Baixo Augusta.
Música	Narrativas e notícias que versam sobre os diferentes estilos musicais das casas noturnas do Baixo Augusta.
Pandemia	Narrativas e notícias sobre o Baixo Augusta durante a pandemia de COVID-19.
Parque Augusta	Narrativas e notícias sobre o Parque Augusta.

NOME	DESCRIÇÃO
Preconceito	Narrativas que relacionam preconceito e Baixo Augusta.
Sociabilidade	Narrativas e notícias sobre a sociabilidade e interação de jovens nas ruas do Baixo Augusta
Tendência de descer pro centro	Narrativas e notícias que indicam a tendência de jovens frequentadores(as) do Baixo Augusta em começar a frequentar mais o Centro de São Paulo para lazer.
Transformação	Narrativas e notícias sobre transformações no Baixo Augusta
<i>Especulação Imobiliária</i>	<i>Narrativas e notícias sobre a transformação no Baixo Augusta que a relacionam com o boom imobiliário</i>
<i>Gentrificação</i>	<i>Narrativas e notícias sobre transformações no Baixo Augusta relacionadas à gentrificação</i>
<i>Novo Público</i>	<i>Narrativas e notícias sobre transformações no Baixo Augusta relacionadas a novos públicos</i>
Turismo	Narrativas e Notícias sobre turismo no Baixo Augusta.

Tabela 1 -Lista de códigos criados e utilizados no software de pesquisa qualitativa NVivo. Tabela desenvolvida pela autora. Os textos em itálico referem-se a subcódigos e estão aninhados no código superior a eles.

Finalmente, nas ocasiões que pude estar em campo, apesar de muitas casas noturnas e bares estarem fechados, muitos comércios estavam abertos. Certamente inspirada pela obra benjaminiana, dei atenção especial às novas e antigas galerias da porção baixa da Augusta. Me foi possível notar que o imaginário compartilhado e reproduzido da rua, incrustado nas ideias de liberdade e diversidade, está presente também nas mercadorias comercializadas na região.

2.2 Reflexões conceituais em torno da paisagem

A semente desta pesquisa, como já afirmei, foi uma experiência visual em relação às transformações do Baixo Augusta – prédios modernos que subiam em seu horizonte e contrastavam com a paisagem horizontal que me era tão usual. O caráter estético desta experiência conduziu-me a refletir sobre o conceito de paisagem, que então adoto como base teórica de meu estudo. Assim, aqui apresento algumas reflexões em torno deste conceito, trazendo à tona seu potencial teórico e empírico para a pesquisa em Ciências Sociais.

Visto que a literatura de diversas áreas do saber já apresenta abundantes e, por muitas vezes, contraditórias definições, seria imprudente delimitar de maneira definitiva o conceito de paisagem. Procuro então cercar a paisagem de modo a poder dela me servir como categoria analítica ou mesmo como ponto de partida para uma discussão de fundo epistemológico.

Como objeto de estudo, a paisagem demanda ao(à) pesquisador(a) um tratamento multidisciplinar. Apesar da temática nos oferecer um amplo terreno para reflexão, ela também implica uma série de dicotomias e contradições que não podem, em grande parte, serem resolvidas. Tendo isso em vista, articulo noções e proposições advindas de três eixos de pensamento: a Filosofia, a História da Arte e as Ciências Sociais. O objetivo é demonstrar justamente a polissemia do conceito, trazendo à tona sua densidade, para apenas então articulá-lo nos estudos urbanos atuais.

2.2.1 Natureza e paisagem na Filosofia e na Arte: conceitos e distinções

Esta seção apresenta uma digressão histórica considerável, que, de maneira alguma, se trata um capricho teórico. Afinal, ao tratar neste livro de uma *paisagem urbana*, faz-se necessário evidenciar a oposição entre paisagem e natureza, e fixar a primeira no domínio humano e simbólico. Ademais, a fim de desembocar na problematização do conceito nas Ciências Sociais, tendo em vista a obra de Sharon Zukin (1993), principal referência desta investigação, é preciso passar, mesmo que *à vol d'oiseau*, pelo que se pode chamar de “grau zero da paisagem” (CAUQUELIN, 2003).

Pode-se dizer que um dos princípios fundantes do conceito de paisagem se dá em sua relação com a natureza. Isso aparece no âmbito da Filosofia (SIMMEL, 2009) como no âmbito da Arte e da História da Arte (CAUQUELIN, 2003). Em ambas estas áreas do saber, a paisagem, apesar de ligar-se intimamente à natureza, é, na verdade, fixada como construção humana.

No ensaio *A Filosofia da Paisagem*, Georg Simmel (2009) intenta revelar a própria *origem da arte* com base na ideia de que “a arte vem da vida” (ROBERTO, 2007, pp. 72-74), argumento central de seu pensamento estético. A definição de paisagem é apresentada pelo autor através de dois pares de oposição: natureza e unidade / paisagem e demarcação. Por um lado, a natureza é vista como “o *nexo* infindo das coisas (...) a *unidade* ondeante do acontecer, que se expressa na *continuidade* da existência espacial e temporal” (SIMMEL, 2009, p. 5, grifos meus). Visto que é inerentemente *una*, logo a natureza não é fração e, assim, “no momento em que dela algo se aparta deixará inteiramente de ser natureza” (SIMMEL, 2009, p. 6). Em contraponto, a paisagem seria justamente algo *demarcado, fracionado*, podendo conter apenas *elementos* da natureza. A apresentação de algo como “paisagem” exige, para o autor, um certo afastamento, “um ser-para-si talvez óptico, talvez estético, talvez impressionista, um esquivar-se singular e característico a essa unidade impartível da natureza” (SIMMEL, 2009, p. 6).

Há também um outro desacordo entre os termos, tão significativo quanto esta primeira oposição, e reside no fato da paisagem ser criação humana, ou, nas palavras do autor, um *ato espiritual do homem*, pelo qual ele “modela um âmbito de fenômenos” (SIMMEL, 2009, p. 6):

A natureza, que no seu ser e no seu sentido profundos nada sabe da individualidade, graças ao olhar humano que a divide e das partes constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respectiva que apelidamos de “paisagem” (SIMMEL, 2009, p. 7, grifos meus).

Este “remanejamento” da natureza pelo olhar humano é parte de um processo de caráter espiritual, condensado no que Simmel chama de *Stimmung* da paisagem, uma espécie de “disposição”, ou “estado de ânimo” (ROBERTO, 2007, p. 75). A respeito disso, Filomena Silvano cita uma definição esclarecedora de “paisagem” da Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira: “Um dado recorte espacial transforma-se em paisagem quando o olhamos e *sentimos uma emoção* que definimos como estética” (SILVANO, 1995, p. 140, grifos meus). Esta disposição anímica é que faz a ponte entre a paisagem e a arte, ou melhor, a paisagem e a obra de arte *in statu nascendi*.

É extremamente relevante mencionar que tal *Stimmung* é aquilo que *funde o sujeito e o objeto*, estando presente em ambos (ROBERTO, 2007, p. 76). A singularidade desta experiência estética²⁴ dá-se, justamente, por ela ser vivida presencialmente, e estar ligada a um *momento* e um *espaço*, como ressalta Roberto (2007, p. 80), acabamos por experimentar, nessa experiência estética, “um sentimento vital de pertença” à paisagem. Se tratando de uma *experiência*, não podemos excluir da equação o indivíduo que recorta a paisagem, que a constrói e, assim, não apenas a contempla, mas a vivencia

Apesar de não se resumir em uma evidência estética, o caráter visual da paisagem não pode ser ignorado. No caso do Baixo Augusta, a contradição arquitetônica, fruto das transformações urbanas que lá ocorreram, é uma das evidências estéticas que chamou a atenção dos(as) interlocutores(as). Leandro²⁵, fotógrafo que frequenta a Augusta, contou-me sobre seu interesse especial em fotografar essa região:

Eu acho que também tem um ressentimento de discrepâncias muito grandes na Augusta que me atraem, também. Então, tem o Dia [franquia da rede de supermercados] todo mequetrefe como sempre foi, todo cagado, e do lado tem

²⁴ Ressalte-se que a *Stimmung* não se constitui em uma espécie de conceito universal, abstrato (ROBERTO, 2007, p. 79). Ao contrário: “A disposição anímica aqui referida, de uma paisagem, é tão só a disposição justamente desta paisagem e nunca pode ser a de qualquer outra (...) a disposição psicológica que lhe é imediatamente própria, e que se tornaria outra com a modificação de cada linha, essa é-lhe inata, está indissolúvelmente ligada ao despontar da sua unidade formal” (SIMMEL, 2009, p. 16).

²⁵ Leandro se identifica como homem gay. Na data da entrevista possuía aproximadamente 20 anos. Sua ocupação como fotógrafo é um hobby e, à época, não trabalhava. Possui Ensino Médio completo.

um prédio novo, super bem cuidado, de vidro, com umas varandas gourmet, cheias de varal, mas tudo bem, é gourmet ainda. Então, eu acho interessante, sabe? Ai, por exemplo, a calçada desse prédio está belíssima, aí logo depois tem uma agência do Itaú e aquele *lab* que eu nunca lembro qual o nome daquele *lab* que fica na frente do Desmache, aí a calçada é linda e depois umas calçadas toda cagada, tem gente dormindo. Eu gosto desse ambiente agora para tirar foto justamente porque eu acho ele bem caótico, bem caótico. Eu gosto, assim (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 15/01/2021).

Voltando a Simmel, sua filosofia não foge, porém, à história, e inclusive data a “sensibilidade pela configuração particular ‘paisagem’”, que teria surgido tardiamente, apenas no mundo pós-medieval (SIMMEL, 2009, p. 7). Com efeito, à procura do “grau zero” da paisagem, Anne Cauquelin (2003) nos revela igualmente uma “surpresa grega”: tanto o termo como a coisa “paisagem” em si são ausentes na Antiguidade²⁶. O mesmo não se dá com a noção de natureza, *physis*, que “é objeto de inúmeras definições”.

Para que a paisagem surgisse, foi necessária uma “transformação do conceito de pura ideia da natureza em visibilidade” (CAUQUELIN, 2003, p. 25). Dito de outro modo, a aparência, a imagem, teve de ser aceita como caminho para a contemplação da essência – uma transformação epistemológica que se dará no Renascimento (CAUQUELIN, 2003, p. 25).

Com efeito, historiadores(as) datam “a aparição da palavra e da coisa “paisagem”” apenas entre 1300 e 1450, quando a pintura com a paisagem se diferenciará dos esquemas icônicos. Alain Roger (2000) aponta um aspecto importante deste contexto: para o surgimento da paisagem, foi preciso, por um lado, a laicização da natureza e, por outro, um ganho de autonomia por parte do conjunto de elementos naturais – nas representações de cenas religiosas, os elementos naturais não eram mais que signos, por essa razão, na Idade Média, a representação da natureza não oferece qualquer interesse, visto que servia apenas para a composição ou edificação obra. Foi preciso que a natureza se desprendesse deste papel, se afastasse da cena religiosa, e que o conjunto de elementos naturais se tornasse uma unidade autônoma.²⁷

²⁶ A concepção de tal “grau zero” da paisagem proposta por Cauquelin não é, no entanto, unânime. Alain Roger (2000) propõe que na Roma Antiga, no início da era imperial, já existia a noção e a coisa paisagem. Seguindo uma espécie de “receita” proposta por Augustin Berque, na qual existem quatro condições para a existência da paisagem (representações linguísticas; representações literárias; representações pictóricas; jardins), Roger demonstra que a Roma Antiga já possuía os jardins; as representações pictóricas (das quais os Afrescos de Pompéia são um exemplo); as representações literárias (nas Bucólicas e Geórgicas de Virgílio); e, finalmente, as palavras (Na História Natural, Plínio, o Velho utiliza-se da expressão *topiaria opera* para designar murais que representavam paisagens urbanas ou rurais).

²⁷ Como propõe Roger (2000, p. 35, tradução livre): “É necessário, então, que seus signos se destaquem da cena, recuem, afastem-se, e esse será o papel, evidentemente decisivo, da perspectiva. Ao instituir um aprofundamento

Mais tarde, propõe Anne Cauquelin, a invenção da perspectiva será um momento central para a constituição do que hoje chamamos de paisagem. Segundo a autora, há uma “reviravolta na ordem de presenças”: a natureza, que ocupava lugares mais marginais nas primeiras obras da perspectiva, passará para o primeiro plano (CAUQUELIN, 2003, p. 26). Instaurada pela pintura do *Quattrocento*, a perspectiva propõe suas leis que, porém, não ficariam restritas à prática da pintura:

Que essas leis não fiquem restritas a essa prática, *mas se tornem leis gerais da percepção do nosso entorno*, e podemos ver, então, o estabelecimento da forma da paisagem como uma necessidade, ou seja, como *forma simbólica que envolve toda tentativa de apresentar a natureza à sensibilidade. A partir de então, nós veremos todo objeto através de uma perspectiva inventada e dita legítima*. Mais exatamente: nós não mais veremos objetos isolados num espaço neutro que lhes servia de fundo, mas perceberemos a ligação desses objetos à distância (o prospecto), segundo a lei de sua criação (CAUQUELIN, 2003, p. 26, grifos meus).

Estes pontos são cruciais. A paisagem continua, de certa maneira, ligada à natureza, pois a imita segundo as leis da pintura. Ao mesmo tempo, tal representação contém, em si, o caráter subjetivo do artista, ou como aponta Cauquelin, “a ordem da natureza triunfa sobre a ordem humana, da qual ela é, no entanto, um produto” (CAUQUELIN, 2003, p. 26). No mesmo sentido, Umberto Eco argumenta que o uso da perspectiva na pintura “implica de fato a coincidência entre *invenção* e *imitação*: a realidade é reproduzida com precisão, mas, ao mesmo tempo, obedecendo um ponto de vista subjetivo do observador” (ECO, 2015, p. 180, grifos do original).

Esta descrição entra em grande harmonia com o sentimento de paisagem simmeliano – uma fusão entre o sujeito e o objeto, e não simplesmente a visão do primeiro sobre o segundo. Mais ainda, nesse sentido, a paisagem pode ser articulada neste livro como potente ferramenta epistemológica. Pensar o Baixo Augusta em termos de sua paisagem é pensá-lo como construto e experiência humanos: não seria possível tomar a paisagem da região por objeto de estudo sem considerar os agentes que a criam e que a experienciam.

Importante também ressaltar a ideia de que o que chamamos por perspectiva, ao extrapolar os limites da pintura, gestará uma *forma* por meio da qual percebemos qualquer paisagem sem, porém, nos dar conta disso. Como produto humano, tal forma não pode ser senão

crível, ela coloca à distância esses elementos da futura paisagem e, ao mesmo tempo, os seculariza. Eles não são mais satélites fixos, dispostos ao redor de ícones centrais, eles formam o plano de fundo da cena (em lugar do fundo dourado na arte bizantina), e é tudo diferente; porque lá se encontram à distância, e como que protegidos do sagrado. Mas assim eles estão condenados a forjar sua unidade. Esta é a segunda condição: agora é necessário que os elementos naturais se organizem em um grupo autônomo, sob o risco de prejudicar a homogeneidade do todo”.

uma *forma simbólica*. Constituída por um conjunto de propostas gramaticais, apresenta-se como uma carcaça a ser preenchida, um *envelope de sentidos*. Há, então, uma espécie de naturalização da *forma* paisagem: “pois não estamos conscientes de seguir uma regra. Se existe, de fato, uma forma simbólica, é sob a condição de que ela seja implícita: ‘natural’” (CAUQUELIN, 2003, p. 26)

É evidente que as preocupações da filosofia e da história da arte em relação à paisagem não são as mesmas. Simmel não deseja em seu ensaio pensar nas *normas* da obra de arte “paisagem”, mas sim na experiência estética imanente à contemplação em presença de uma paisagem natural (ROBERTO, 2007, p. 65), enquanto Cauquelin, e outros(as) historiadores(as) da arte, dão maior destaque à presença da paisagem na pintura, apesar de não divorciarem suas análises da história do conhecimento humano.

Levando em conta que minhas inquietações iniciais em relação ao meu objeto de estudo surgiram de uma experiência estética muito parecida com aquela de Leandro, o interlocutor fotógrafo mencionado, desejei contextualizar a paisagem, em um primeiro momento, sem divorciar-me desta experiência. Nesse sentido, a ideia de *Stimmung* de Simmel é bastante valiosa: uma paisagem não pode ser descolada do sujeito que a contempla.

Finalmente, a noção de Cauquelin, da paisagem como *envelope de sentidos*, é extremamente valiosa para a investigação que proponho. Se nas artes plásticas a paisagem exprime um conjunto de normas pelas quais podemos visualizá-la, mas as quais não percebemos, a paisagem pode ser tomada como *forma simbólica*. Pode-se dizer, assim, que as representações do Baixo Augusta nas narrativas dos(as) interlocutores(as) desenham a paisagem da região, que não é só determinada por suas estruturas físicas – seus prédios, novos ou antigos, suas vias e seu asfalto, suas cores e seus sons – mas também, e principalmente, pelos sentidos a ela denotados.

2.2.2 Paisagens e assimetrias de poder

Se o conceito de paisagem, na Filosofia e na História da Arte, nos fornece uma trajetória de cunho epistemológico - *como pensar por meio* da paisagem – ainda há certa distância a ser percorrida em relação ao presente objeto de estudo: uma paisagem contemporânea e urbana, inscrita e vivenciada em uma metrópole global, que envolve disputas e assimetrias de poder.

O alcance do conceito para os estudos urbanos, não obstante, já foi explorado no âmbito das Ciências Sociais, no qual se pode dar destaque ao trabalho da socióloga Sharon Zukin. Em

Landscapes of Power (1993), a autora apresenta a paisagem como conceito de grande potencial explicativo e crítico para as análises das transformações espaciais das cidades contemporâneas.

Zukin argumentará que é este o conceito capaz de evidenciar as assimetrias urbanas de poder, acarretadas pelo que o economista Joseph Alois Schumpeter (1984) chamou de “destruição criativa”²⁸, que diz respeito, nas palavras da autora, ao “novo produto, à nova organização, ao novo link entre desejo e demanda” que “revoluciona incessantemente a estrutura econômica de dentro, incessantemente destruindo o velho, incessantemente criando o novo” (Schumpeter apud ZUKIN, 1993, p. 4, tradução livre)²⁹.

Assim, a preocupação de Zukin é com a análise de processos que lhes são coetâneos. Em face às profundas transformações do mundo – note-se que à época da publicação do livro, na década de 1990, as discussões sobre a globalização e seus efeitos eram latentes – a autora busca um aparato teórico que desse conta da nova realidade. Seu argumento é o de que os termos “desindustrialização” ou ainda “sociedade pós-industrial”, comumente utilizados para caracterizar as mudanças da “destruição criativa”, não estariam aptos a captar este “simultâneo avanço e declínio de forças econômicas”. Tampouco muitas das propostas pós-modernas, como aquelas de Frederic Jameson e Edward Soja, e mesmo David Harvey, teriam sido capazes de engendrar conceitos que capturassem as dinâmicas do novo cenário, visto que

Quando pressionados para darem exemplos, *todos eles sugerem as mesmas imagens*: eles entendem a paisagem urbana pós-moderna, por um lado, em termos de torres altas e polidas que voltam suas costas para a rua (...) Por outro lado, porém, uma paisagem urbana pós-moderna também diz respeito à reestruturação e à renovação de antigos lugares, à sua abstração da lógica do capitalismo industrial ou mercantil, e à sua renovação como espaços de consumo na última moda (ZUKIN, 2000, p. 82, grifo meu).

É nesse sentido que Zukin sugere a “paisagem” como “uma potente ferramenta de *análise cultural*” (ZUKIN, 1993, p. 16, grifo meu). Aproveitando-se da própria diversidade de teorias sobre a paisagem e denotando ao conceito uma amplitude semântica considerável, na

²⁸ Em sua obra, Schumpeter se propõe a investigar mudanças que emergem dentro do aparelho produtivo do sistema capitalista, opondo-se a abordagens estáticas da economia. Para o autor, estas mudanças não são ocasionadas pela ação dos consumidores (novas demandas), tampouco pelos produtores. De acordo com Schumpeter, “(...) o desenvolvimento consiste primariamente em empregar recursos diferentes de uma maneira diferente, em fazer coisas novas com eles, independentemente de que aqueles recursos cresçam ou não” (SCHUMPETER, 1984, p. 50). Esta seria a imagem da destruição criativa, na qual “o capitalismo nunca está, ou nunca poderá estar, num estado estacionário” (AUGUSTO DE OLIVEIRA, 2014, p. 109).

²⁹ No original, para benefício do(a) leitor(a): “He [Schumpeter] meant the new product, the new organization, the new link between desire and demand “that incessantly revolutionizes the economic structure from within, incessantly destroying the old one, incessantly creating a new one.”” (ZUKIN, 1993, p. 4).

obra da autora a ideia de “envelope de sentidos” de Cauquelin extrapolada os limites da História da Arte e da Estética, e acaba por penetrar os âmbitos da análise sociocultural:

Hoje, é mais provável que o conceito de paisagem faça referência a uma imagem sociológica do que a um gênero de pintura. Quando ouvimos pessoas falarem sobre “o urbano”, ou sobre a “paisagem suburbana”, nós imaginamos ou a densidade da produção e do transporte da vida na cidade – a sociedade humana engolida por arranha-céus, pontes, e autoestradas – ou afloramentos de pequena escala no interior de shoppings, casas ao estilo rancho e parques de escritórios. De maneira similar, as chaminés de tijolo vermelho de uma “paisagem industrial” anterior *evocam um modo de vida, seus ritmos, e – tal é o poder do ambiente construído – seus controles sociais mais abstratos* (ZUKIN, 1993, p. 17, tradução livre, grifos meus)³⁰.

Zukin não se utiliza do conceito de paisagem simplesmente para *retratar*, ou *fixar uma imagem* da sociedade e da cultura da “destruição criativa” nas cidades. A paisagem desdobra-se em sua obra como conceito crítico, que aponta agudas desigualdades estruturais e dá forma material (ou melhor, espacial) a uma assimetria entre o poder econômico e o cultural.

Para explicar essa ideia, a autora se utiliza de um par de oposição. Inspirada na obra do geógrafo J.B. Jackson, Zukin expõe a diferença entre o que ele chama de “paisagem política” – “ordem imponente e majestosa” – e a “paisagem habitada” ou “vernacular” – “criações mais despretensiosas, ‘autoconstruídas’, da sociedade local”. A grande diferença entre elas é a de que “os criadores da paisagem política desfrutam de um poder maior: seus recursos fornecem a estabilidade que a paisagem habitada requer” (ZUKIN, 2000, p. 84). O conceito de paisagem de Zukin, por sua vez, perfaz esses polos opostos, sendo:

(...) todo o panorama que vemos: *tanto a paisagem dos poderosos* – catedrais, fábricas e arranha-céus – *e do subordinado*, resistente ou expressivo *vernacular dos impotentes* – capelas de vilas, favelas e cortiços. Uma paisagem realiza a mediação, simbólica e material, entre a diferenciação socioespacial do capital implícita no mercado, e a homogeneidade socioespacial do trabalho sugerida pelo lugar (ZUKIN, 1993, p. 16, grifos meus).³¹

³⁰ No original, para benefício do(a) leitor(a): “Today the concept landscape is almost less likely to refer to a genre of painting than to a sociological image. When we hear people speak about ‘the urban’ or ‘the suburban landscape’, we picture either the density of production and transportation in city life—human society swallowed up by skyscrapers, bridges, and freeways— or smallscale outcroppings in the hinterland of shopping malls, ranch houses, and office parks. Similarly, the smokestacks and redbrick chimneys of an earlier ‘industrial landscape’ evoke a way of life, its rhythms, and—such is the power of this built environment—its abstract social controls” (ZUKIN, 1993, p. 17).

³¹ No original, para benefício do(a) leitor(a): “(...) the entire panorama that we see: both the landscape of the powerful—cathedrals, factories, and skyscrapers—and the subordinate, resistant, or expressive vernacular of the powerless—village chapels, shantytowns, and tenements. A landscape mediates, both symbolically and materially, between the sociospatial differentiation of capital implied by market and the sociospatial homogeneity of labor suggested by place” (ZUKIN, 1993, p. 16).

Assim, trata-se de uma mediação entre polos que trazem consigo uma inerente assimetria entre poder econômico e cultural, e que denotam à paisagem um sentido necessariamente dual, que “combina esses impulsos antitéticos em uma visão única e coerente no conjunto (ZUKIN, 2000, p. 84).

De fato, como foi possível observar na narrativa de Leandro, citada anteriormente, a paisagem evoca a relação entre o vernacular, ligado ao lugar, e a paisagem dos poderosos, ligada ao mercado ou, de forma mais genérica, ao capital. Esta espécie de contraste possui regularidade nas narrativas dos(as) interlocutores(as). Por exemplo, Leonardo³² vivenciou as transformações no Baixo Augusta pela primeira vez quando observou que um velho e familiar bar deu lugar a uma moderna loja de *cupcakes*:

E... eu comecei a perceber assim... Apareceram, apareceu tipo bem na frente assim, era uma, era um bar bem zoadado que tinha em frente de onde eu morava assim, bem tosco, e aí o bar fechou e abriu o... tipo um lugar assim que era, vendia uns *cupcakes* assim, uns bolos assim... super, meu, *era muito caro*. Eu falei, caralho... Nossa mano, isso daqui, tipo, como é que o cara vai quere abrir um negócio desse aqui, cara. Né? Eu lembro que, a minha namorada na época, assim, ela falou, “*puta, isso aqui é... os caras tão apostando. Isso aqui daqui a pouco vai mudar Leonardo. Os caras vão tudo fechando*” e foi o que aconteceu, né? Tipo as coisas foram fechando (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 12/02/2021, grifos meus).

Para Zukin, o estudo da paisagem deve compreender um mapeamento de como o “lugar” – “as formas espaciais que as ancoram no mundo social, proporcionando a base para uma identidade estável” – relaciona-se com “as forças econômicas que desvinculam as pessoas de instituições sociais estabelecidas”, ou seja, o “mercado” (ZUKIN, 2000, p. 83).

Cabe ressaltar, o “lugar”, para Zukin, possui diferentes sentidos. Por um lado, refere-se a uma localização geográfica, um ponto no mapa. Por outro, nos remete a uma concentração de pessoas e de atividades econômicas – espécie de sociedade local, que se difere por sua demografia e economia, e que *conjura imagens específicas*. Finalmente, em um sentido mais amplo, que é o principal articulado pela autora, o lugar “é um artefato cultural de conflito e coesão social” que “expressa como um grupo de pessoas espacialmente conectado media suas

³² Leonardo se identifica como homem heterossexual. Na data da entrevista possuía 42 anos. Formou-se em Publicidade e Propaganda e trabalha na área. Foi assíduo frequentados do Baixo Augusta na década de 2000, além de lá ter morado por longo período.

demandas de identidade cultural, poder estatal e acumulação de capital” (ZUKIN, 1993, p. 12, tradução livre)³³.

Zukin nos lembra que, historicamente, o mercado e o lugar estiveram intimamente ligados. Antes do século XIX, o mercado e suas transações não criavam uma “cultura divorciada daquela de seus lugares específicos” (ZUKIN, 1993, p. 6). “O mercado” era um *lugar literal* e, ao mesmo tempo, um *limiar simbólico*, pois, intimamente ligado a comunidades locais, era *locus* da reprodução social. Podia-se falar, então, de um “sentimento de lugar”: por exemplo, na Europa do século XVIII, eram os mercados que “definiam ruas e bairros, além do ritmo da vida cotidiana” (ZUKIN, 1993, p. 6).

Mais tarde, a Europa assistiria a uma divisão, ou melhor, uma inversão entre lugar e mercado, iniciada com uma separação entre empreendedores e trabalhadores, no mercado de trabalho pós-Revolução Francesa. Os últimos, imersos ainda em uma cultura na qual eram seus próprios chefes, trabalhando em suas próprias casas, com suas próprias ferramentas, agora não mais poderiam pensar em termos de produto, mas de *produção*. A partir deste momento, o mercado não mais internalizava o lugar. *O lugar passa a internalizar a cultura de mercado* (ZUKIN, 1993, p. 7), estruturando-se, então, de acordo com as normas mercadológicas: o trabalhador viverá em lugares sujeitados ao controle fabril.

Tributárias deste processo de internalização da cultura de mercado, “a maioria das culturas modernas ou trivializam ou ignoram a ideia de lugar. A linguagem do modernismo expressa uma *experiência universal de movimento para fora do lugar*, e aspira submergi-la ou incorporá-la em um todo “maior””. Ou seja, com a globalização dos mercados, o papel do lugar tem sido diminuído (ZUKIN, 1993, pp. 11-12)³⁴. Como procurarei mostrar ao longo da pesquisa, serão os sentidos da paisagem do Baixo Augusta que lhe denotam o papel de lugar.

Desse modo, se as forças abstratas do mercado agora dominam forças específicas que ligavam, no passado, pessoas a lugares, por consequência, os lugares que hoje prosperam são aqueles onde há desenvolvimento do mercado imobiliário, financeiro e de entretenimento

³³ No original, para benefício do(a) leitor(a): “A useful concept in social theory, place expresses how a spatially connected group of people mediate the demands of cultural identity, state power, and capital accumulation” (ZUKIN, 1993, p. 12).

³⁴ No original, para benefício do(a) leitor(a): “In contrast to the preeminence of markets, most modern cultures either trivialize or ignore the idea of place. The language of modernism expresses a universal experience of movement away from place, and aspires to submerge or incorporate it into a “larger” whole.” (pp. 11-12)

(ZUKIN, 1993, p. 5). Na obra da autora, cabe então à “paisagem”, como ferramenta teórica, conciliar estes elementos:

Eu busquei para o meu próprio trabalho um conceito abrangente que transmitisse um senso tanto de ruptura como de integração na economia mundial. *Tal conceito deveria englobar tanto práticas materiais como formas estéticas, ressaltando a convergência entre estrutura econômica e projeto cultural*, representando a experiência de todas as classes culturais sem deixar passar a assimetria básica do poder econômico. Finalmente, então, este tornou-se um livro sobre a paisagem (ZUKIN, 1993, p. 22, tradução livre, grifos meus)³⁵.

Assim, para a autora, o processo de mapeamento da paisagem é necessariamente estrutural, e ressoa “tanto no ambiente construído como em sua representação coletiva”. Nessa perspectiva, a leitura da dinâmica das estruturas espaciais “requer uma inscrição do capital nas formas espaciais, uma inscrição que admita, contudo, a influência reduzida da lógica de produção” (ZUKIN, 2000, p. 83). Dessa maneira, tal mapeamento procura não dar proeminência às forças do capital ou àquelas socioculturais, mas sim investiga a ligação entre ambas, como conclui a autora: “De fato, as regras de uma economia de mercado são representadas e desafiadas pela cultura de mercado” (ZUKIN, 1993, p. 23).

Cabe já notar aqui que a autora realiza uma crítica direta à teoria de Pierre Bourdieu, que será articulada especialmente no último panorama do livro. Zukin afirmará que o mapeamento da paisagem “exige uma leitura mais dinâmica das estruturas espaciais do que aquela proposta pelo conceito de *habitus* (...) [e] requer um modelo que transcenda o individual, que realize uma orquestração de formas espaciais e práticas culturais” (ZUKIN, 2000, p. 83).

Não obstante, procurarei evidenciar como as noções de espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado de Bourdieu (2008) realizam justamente esta orquestração entre formas espaciais e práticas culturais. Essa análise é importante na medida em que evidencia a relevância do papel de dois grupos de agentes – e de seu *habitus* – na produção da paisagem do Baixo Augusta: os médios e grandes empresários que criam a mancha de lazer na década de 2000 e os(as) jovens que passam a frequentá-la.

³⁵ No original, para benefício do(a) leitor(a): “I sought for my own work an overarching concept that conveys a sense of both disruption and integration in the world economy. Such a concept must embrace material practices as well as aesthetic forms, underlining the convergence between economic structure and cultural project, representing the experience of all social classes without mistaking the basic asymmetry of economic power. Finally, then, this became a book about landscape” (ZUKIN, 1993, p. 22).

As duas primeiras noções de paisagem foram apresentadas a fim de denotar ao conceito sua devida densidade, separá-lo da natureza e colocá-lo no âmbito da criação humana. Ademais, tais noções nos ensinam como pensar *por meio* da paisagem – deve-se levar em conta a experiência e a cultura.

A proposta de Zukin já nos fornece um aparato teórico-metodológico mais desenvolvido para trabalharmos processos urbanos contemporâneos e tem o mérito de trazer para a análise sociocultural o espaço construído como importante elemento de investigação, determinado pelo capital e pelas práticas culturais, mas também determinante em relação aos mesmos.

Isto posto, nos panoramas deste livro, investigo a produção da paisagem no Baixo Augusta tendo em vista as concepções apresentadas neste capítulo: a paisagem como experiência (produto da *stimmung* simmeliana); a paisagem como envelope de sentidos ou forma simbólica; e, especialmente, a paisagem como paisagem de poder.

As transformações ocorridas na rua Augusta ao longo de sua história têm impacto relevante em sua paisagem. Os próprios termos utilizados por diferentes autores para denominar as “fases” da via indicam os possíveis sentidos de sua paisagem: a rua “*gloriosa*”, frequentada pela *elite* paulistana; a rua “*degradada*”, e a *prostituição*; a rua “*descolada*” e a forte presença de *jovens modernos*. O destaque para estas expressões não é arbitrário – a paisagem é produto humano, e, portanto, cultural. Mais ainda, como procurarei mostrar, comporta um *ponto de vista* e *exerce uma função*.

Há um contraste bastante expressivo, estética, econômica e culturalmente, entre as paisagens do capital – os novos e modernos edifícios, frutos das ações de grandes construtoras e incorporadoras e, em parte, das políticas municipais de dois planos diretores, como veremos – e a paisagem vernacular, que de acordo com Zukin, seria a paisagem dos “sem poder” (ZUKIN, 2000, p. 84).



Figura 1 - foto capturada pela autora em 24/01/2021. Mostra o Edifício Serginho (Rua Augusta, 554), um exemplo do modelo arquitetônico mais antigo e presente na rua Augusta, o modelo misto, no qual o térreo dos prédios residenciais é ocupado por estabelecimentos comerciais.



Figura 2 - Imagem do edifício Condomínio Vision Paulista, construído ao longo do boom imobiliário. Mostra o modelo arquitetônico moderno das novas e altas torres do baixo Augusta, que contrastam com a arquitetura antiga da região. O condomínio é fechado, e não se apresenta no modelo misto. Imagem de março de 2021, capturada do Google Street View em 25/06/2021.

Tais assimetrias serão escrutinadas ao longo do livro, com ênfase no papel dos diferentes agentes envolvidos nos processos de transformação do Baixo Augusta que, a seguir, será analisado, historicizado e conceituado.

3. PANORAMA 1 - CIMENTO, FERRO E VIDRO

Se, no século XIX, parisienses puderam experimentar paisagens inéditas através da inovação tecnológica que foi o panorama, também vivenciaram profundas transformações fora dessas instalações. Refiro-me aqui às reformas do “artista demolidor”, Georges-Eugène Haussmann.

A história é comumente recontada por estudiosos da cidade, afinal, tornou-se icônica por suas intenções e magnitude. Em 1853, início do Segundo Império francês, Napoleão III concede a Haussmann, então prefeito de Paris, uma espécie de guia para uma transformação urbanística da cidade, um rascunho elaborado pelo próprio Imperador, em um mapa, que indicava por uma legenda de cores a urgência dos projetos a serem realizados (OLIVEIRA, 2016; SENNETT, 2003).

Juntamente a uma equipe de “geômetras urbanos”, como costumavam ser chamados, Haussmann pôs abaixo grande parte das malhas medieval e renascentista de Paris, que “asfixiavam” a cidade (SENNETT, 2003, p. 269). Adotando os princípios lineares romanos e o uso do ferro, do vidro e do cimento, novas tecnologias da arquitetura e engenharia da época, foram abertas largas avenidas, criados amplos bulevares, jardins públicos, galerias, além de um novo sistema de saneamento, cuja tecnologia é utilizada até hoje.

Haussmann demoliu mais de 27 mil residências para abrir espaço para tais ambientes amplos e também para construção de casas para classes médias altas (SRAMEK, 2013). As fachadas de pedra, características dos prédios parisienses, foram criadas neste momento: quando se adquiria um terreno para construção de um imóvel, era necessário seguir certas orientações em relação a sua estética, e eram Haussmann e sua equipe que decidiam tanto pelo material a ser utilizado, quanto pelas linhas arquitetônicas a serem seguidas, em geral, buscando uniformidade (SENNETT, 2003).

Evidentemente, tantas e tão variadas reformas urbanas não eram devidas a meras inquietações estéticas de Bonaparte ou Haussmann. Havia problemas sociais, econômicos e políticos a serem resolvidos com estas profundas mudanças no espaço construído. O mais importante motor das reformas foi, sem dúvida, o receio em relação aos movimentos de massa e futuros levantes revolucionários – afinal, as ruelas medievais de paralelepípedos eram especialmente favoráveis às barricadas:

As amplas vias permitiam que tropas do governo se movimentassem livremente para manter a ordem em tempos revolucionários, de forma a evitar as barricadas e demais distúrbios. Os exércitos e a polícia podiam posicionar

suas artilharias de forma a conter as aglomerações que porventura pudessem ocorrer (ALBUQUERQUE, 2018).

Rogério Proença Leite argumenta serem as reformas haussmanianas uma espécie de “protogentrification” (LEITE, 2007, p. 62). Lembrando do caso da cidade de Baltimore, nos Estados Unidos, já explorado por David Harvey, este autor faz a Paris do século XIX comparecer à nossa atualidade:

David Harvey (1992) explica o papel dos distúrbios urbanos em Baltimore na emergência dos processos de *gentrification*. Segundo este autor, foi na trilha das manifestações públicas (passeatas, incêndios, saques), depois do assassinato de Martin Luter King, que políticos e empresários começaram a pensar sistematicamente em formas de renovação urbana. Baltimore repetia, pela primeira vez de forma mais metódica, o princípio haussmaniano de pulverizar manifestações públicas e higienizar a cidade, criando a sensação de um local limpo, seguro e vigiado (LEITE, 2015).

Com efeito, diante do *boom* imobiliário na região do Baixo Augusta, o noticiário mais recente faz amplo uso do termo “gentrificação” para caracterizar as transformações³⁶. Por exemplo, em matéria de 2016 no site da Folha de São Paulo, o Baixo Augusta é caracterizado como “‘Garoto-propaganda da transformação do centro’ que passa atualmente pelo fenômeno da gentrificação. É quando a mudança urbana é acompanhada da chegada de novos moradores, com maior poder aquisitivo” (YURI, 2016). Ou ainda, a matéria do website do jornal Nexo aponta: “Andar pela [região] (...) que ficou conhecida como o Baixo Augusta, revela uma sucessão de novos empreendimentos imobiliários (...). Esse processo (...) no qual residências e comércio são substituídos por novos ocupantes de renda e preços mais altos, é chamado gentrificação” (ROCHA, 2015).

O processo também ganhou evidência nas disputas em torno do que veio a ser hoje o Parque Augusta: um terreno de 24.750 m², entre as ruas Caio Prado e Marquês de Paranaguá, que pertencia às construtoras Cyrela e Setin. As empresas pretendiam erguer no terreno duas torres e, por isso, a partir de 2013, fecharam a área para a circulação da população. No mesmo ano, Fernando Haddad, então prefeito de São Paulo, sancionou a lei que aprovava a realização de um parque no local. Visto que o preço do terreno, valorizado ao longo dos últimos anos, era demasiado alto para os cofres públicos, as empresas propuseram a construção de torres com parque privado, mas aberto ao público.

Segundo matéria da Carta Capital, a medida “foi rejeitada pelos moradores da região e pelos coletivos ativistas”, que demandavam por um “parque sem prédios, público e sob

³⁶ Para exemplos de como as dinâmicas urbanas do Baixo Augusta são tratadas na mídia, ver FREIRE, 2019; A NOVA, 2014; ROCHA, 2015; YURI, 2016; ANGIOLILLO, 2019.

autogestão, com desapropriação não onerosa do terreno” (A LUTA, 2015). Essa disputa, na verdade, travou-se em contexto mais amplo, aquele do movimento pró-Parque Augusta contra um “mercado imobiliário predatório”:

(...) o impasse a respeito da implantação do Parque Augusta retomou a pauta política, expondo as contradições entre o atual momento de especulação imobiliária e a maior organização dos novos grupos ativistas que resistem a esse processo. Desde junho de 2013, os movimentos que lutam pela criação do Parque Augusta e pela preservação da Mata Atlântica no terreno intensificaram a mobilização contra o mercado imobiliário predatório (A LUTA, 2015).

Além de ganhar evidência na mídia, o processo e o termo “gentrificação” popularizaram-se também em estudos sobre a rua Augusta que sondam a natureza de suas transformações urbanas (MENDES, 2014; PISSARDO, 2013; PUCCINELLI, 2017; VEGA, 2008).

Por um lado, Pissardo (2013) argumenta que, de fato, ocorreu na região um processo de gentrificação, “mascarado” pelas atividades e equipamentos de lazer do Baixo Augusta. Seu argumento é corroborado por Mendes (MENDES, 2014, pp. 157-158), que aponta um processo de “homogeneização das intervenções na cidade, via padrões arquitetônicos e de segurança”. Já o estudo de Vega, anterior, flerta com a possibilidade de afirmar a ocorrência de tal processo, mas argumenta ser possível traçar um paralelo entre casos de estudo da *gentrification*, como o de Recife (LEITE, 2007), e o caso do Baixo Augusta (VEGA, 2008, p. 124), especialmente pela mudança estética e de frequência da região paulistana.

Pode-se dizer que o estudo de Puccineli (2017) é aquele a dar maior ênfase à gentrificação, porém de forma mais analítica e crítica. Em sua pesquisa nos distritos da República e Consolação, Puccinelli discute o conceito de gentrificação, sua fragilidade teórica e a ocorrência do processo também na região do Baixo Augusta, dando continuidade à sua pesquisa anterior na rua Paim, caso que pode ser considerado mais emblemático quando se fala de gentrificação, visto que o processo, conduzido especialmente por agentes do mercado imobiliário (construtoras e incorporadoras), teve por consequência o deslocamento dos moradores originais da rua, pela valorização do preço do solo e dos custos de vida.

Com efeito, segundo um levantamento conduzido por mim ao longo de 2020 e 2021, só nesta via, de apenas 400m de extensão (CHAPOLA, 2019), ocorreram 8 lançamentos imobiliários, de grandes edifícios residenciais de apartamentos e *studios*, a maioria já finalizada, restando, em 2021, apenas 1 edifício em construção:

NOME	ANO DE LANÇAMENTO	TIPO (apto/studio)	ENDEREÇO
Zoom Paulista	2014	ambos	Rua Paim, 326
MAX HAUS Paulista	2015	apartamento	Rua Paim, 420
NKSP Paulista	2014	ambos	Rua Paim, 363
Up Side Paulista	em construção	ambos	Rua Paim, 159
Residencial Jardim Paulista	2013	apartamento	Rua Paim, 296
Terraço Paulista Residencial	2013	apartamento	Rua Paim, 262
SOUL Paulista	2014	apartamento	Rua Paim, 273
URBE Paulista	2018	studio	Rua Paim, 189

Tabela 2 - Tabela desenvolvida pela autora entre 2020 e 2021. Mostra os lançamentos imobiliários residenciais na Rua Paim, desde 2010.

No que se refere ao Baixo Augusta, chamo a análise do autor de “crítica” pelo tensionamento que faz de noções como “revitalização”, presentes nas narrativas midiáticas e das próprias construtoras. Como aponta acertadamente Puccinelli, a “revitalização” supõe uma “não-vida ou sub-vida antes das intervenções” (PUCCINELLI, 2017, p. 45). Não obstante, afirmo sem receios que qualquer trabalho crítico e/ou de bases etnográficas certamente poderia evidenciar a “vida” na região antes dos novos edifícios e equipamentos de lazer. A paisagem dita “revitalizada” coloca claramente em evidência a paisagem de poder no sentido de Zukin, mais ainda pelo sentido positivo que é denotado à revitalização nas narrativas de certos agentes, que não se questionam: “revitalização” – para quem?

Resta-nos entender o que é gentrificação e o que ela tem a ver com o objetivo da investigação da paisagem do Baixo Augusta.

3.1 A gentrificação como paisagem de poder

O tema da *gentrification*, cuja tradução usual para português é “gentrificação”, é de grande relevância para Sharon Zukin, que afirma que este processo urbano corrobora para a constituição de paisagens de poder (ZUKIN, 1993, 2000). A autora define a *gentrification* como uma dinâmica urbana na qual há a “conversão de áreas economicamente marginais e da classe trabalhadora do centro da cidade para uso residencial da classe média no início dos anos 1970”. O claro recorte temporal é devido à especificidade do estudo de Zukin, as cidades norte-americanas (ZUKIN, 1993, p. 180).

É notável que Zukin relaciona intimamente o processo às regiões centrais da cidade. O centro, nesse sentido, é espaço privilegiado do “embate paradoxal entre valores econômicos e culturais”, a “‘selva urbana’ que opõe a hegemonia cultural do poder econômico à sua imagem

alternativa de diversidade social” (ZUKIN, 1993, p. 180). Segundo a autora, “[m]ais do que outras paisagens, *o centro da cidade oferece um comentário explícito sobre a mudança estrutural e os ciclos de negócios* (ZUKIN, 1993, p. 179, tradução livre, grifos meus)³⁷.

Zukin comenta como, a partir do final da década de 1960, investidores têm se interessado pelas áreas centrais de cidades norte-americanas, como Filadélfia, Chicago e Boston, por meio do investimento em imóveis comerciais e em condomínios residenciais. Mais importante, a autora salienta como tais regiões centrais se tornaram “uma meca criativa”, menos pela presença de um estilo de vida “boêmio”, e mais pela “sua expansão em tamanho, sua consolidação em certas áreas do centro da cidade por meio da colaboração com grandes instituições culturais, e sua colonização pelo marketing de inovação cultural” (ZUKIN, 1993, p. 186, tradução livre). Assim, há a forte presença não apenas do mercado imobiliário, mas também de um “mercado cultural”. Nesse sentido, a “[g]entrification é um esforço pela apropriação da centralidade do centro da cidade – e também, por consumi-lo, um esforço para realçar seus valores econômico e cultural” (ZUKIN, 1993, p. 186, tradução livre).³⁸

O interesse do capital por determinada região urbana não é, porém, aleatório. Zukin bem nota que o processo de *gentrification* tem início quando os “pioneiros” (os primeiros gentrificadores), geralmente artistas e intelectuais, iniciam um movimento rumo a zonas centrais e históricas da cidade, habitando-as ou frequentando-as de forma a *reivindicar seu consumo cultural*. Tal processo de “apropriação cultural” começa, geralmente, com passeios a pé, organizados por indivíduos “fascinados pela combinação de arcaísmo e beleza, ou autenticidade e design, que por anos permaneceu oculta por trás dos usos da “classe baixa”” (ZUKIN, 2000, P. 89). Assim,

[n]ovos consumidores primários, como os artistas que ocupam galpões ou os primeiros espíritos obstinados que restauraram casas em Boerum Hill ou Islington, reivindicaram um direito alternativo a esta área – uma reivindicação

³⁷ No original, para benefício do(a) leitor(a): “More than other landscapes, the city center offers an explicit commentary on structural change and business cycles” (ZUKIN, 1993, p. 180).

³⁸ No original, para benefício do(a) leitor(a), segue o excerto completo: “Since the late 1960s and early 1970s, there has been a noticeable shift of investors' interest into this inferno. Not only Manhattan, but also the downtowns of Philadelphia, Chicago, Boston, and many smaller cities have been restructured by both commercial property development and new homeownership in townhouses, condos, and lofts. Furthermore, downtown has become a creative mecca. This refers less to the survival of the old bohemian fringe than to its expansion in size, its consolidation in certain downtown areas by collaboration with major cultural institutions, and its colonization by the marketing of cultural innovation. Gentrification is part of this socio-spatial reorganization. The movement of people and investment downtown by gentrification is simultaneously a distancing from the traditional middle class and an aspiration to power. Gentrification is an effort to appropriate downtown's centrality—and also, by consuming it, to enhance its economic and cultural value” (ZUKIN, 1993, p. 186).

baseada não na ocupação ou em títulos, mas na apreciação do espaço (ou da forma construída) como produto para consumo cultural (ZUKIN, 2000, p. 89).

Nota-se, então, que Zukin identifica diferentes agentes no processo de *gentrification*: investidores, construtoras, instituições culturais, os moradores antigos da região gentrificada e a nova classe média que a “invade” e que deseja “se afastar”, ou melhor, se distinguir, de outros estratos das classes médias – agentes que ganham importância em perspectivas bourdieianas da *gentrification*, como veremos, e que são importantes também no caso das transformações urbanas do Baixo Augusta. A observância a esse rol de agentes é importante na medida em que demonstra que a concepção de Zukin não é economicista, e permanece fiel à ideia de paisagem de poder, como embate/relação entre mercado e lugar, capital e cultura. No excerto a seguir, o argumento é ainda mais claro:

A gentrification refere-se a uma profunda reestruturação espacial em vários sentidos. Refere-se, em primeiro lugar, a uma expansão da área física do centro da cidade, muitas vezes em detrimento de bolsões residenciais da população mais pobre³⁹. *Mais sutilmente, sugere uma difusão do poder cultural do centro da cidade para fora do centro geográfico*. Em última análise, a *gentrification* – um processo que parece reafirmar uma identidade puramente local – representa a *transformação social do centro da cidade em termos de uma cultura de mercado internacional* (ZUKIN, 1993, p. 187, tradução livre, grifos meus).⁴⁰

A *gentrification* constitui um processo exemplar para a compreensão das paisagens de poder visto que ela torna a desigualdade mais visível. Isto porque esta expansão é local, centralizada, e não modifica a tendência econômica geral de uma região mais ampla.

Silvana Rubino (RUBINO, 2009) afirma que a perspectiva de Zukin sobre o processo de *gentrification* possui um caráter mais “etnográfico”. Não acredito, porém, que antropólogos(as) concordariam com esta afirmação. A leitura de Zukin sobre este tipo de transformação urbana simplesmente leva em conta uma pluralidade de agentes, e não implica a presença frequente e prolongada em campo, a interação com interlocutores(as) e outros(as) personagens do cotidiano da cidade, ou ainda qualquer problematização sobre seu posicionamento ou situação de pesquisa. Não obstante, de fato as análises de Zukin se contrapõem a perspectivas mais economicistas, como a de Neil Smith (2006), por exemplo, que consideram como atores do processo de *gentrification* apenas os agentes do capital – Estado,

³⁹ O termo em inglês é *inner city*, e diz respeito a áreas residenciais do centro da cidade, em geral, pobres, enquanto o termo *downtown* refere-se à área de negócios, comércio e serviços.

⁴⁰ No original, para benefício do(a) leitor(a): “Gentrification refers to a profound spatial restructuring in several senses. It refers, first, to an expansion of the downtown's physical area, often at the expense of the inner city. More subtly, it suggests a diffusion outward from the geographical center of downtown's cultural power. Ultimately, gentrification—a process that seems to reassert a purely local identity—represents downtown's social transformation in terms of an international market culture” (ZUKIN, 1993, p. 187).

construtoras, parcerias público-privadas, etc. Com efeito, há um debate muito amplo e diverso sobre a *gentrification* e, a fim de analisar o caso do Baixo Augusta, faz-se necessário resgatá-lo.

3.2 As disputas em torno do conceito de *gentrification*

Como mencionado, “gentrificação” é a tradução mais usual do português para o termo inglês *gentrification*, usado pela primeira vez em 1964, por Ruth Glass, socióloga inglesa. Este neologismo da autora foi “criado de uma derivação do inglês *gentry* (termo possivelmente correspondente ao francês arcaico *genterie* e que nomeava a *nobreza* rural europeia)” (LEITE, 2015, grifo meu). Por meio dele, Glass fazia referência a transformações na cidade de Londres, especificamente aquelas nas quais distritos originalmente ocupados pelas classes trabalhadoras foram “invadidos” pelas classes médias, e os prédios históricos do bairro revitalizados, ocasionando uma inflação nos custos de vida e do solo da região:

Um por um, muitos dos bairros das classes trabalhadoras de Londres foram invadidos pelas classes médias – alta e baixa. Pobres, modestas construções e chalés – com dois cômodos na parte superior e dois na parte inferior – foram tomados, quando seus aluguéis expiraram, e se tornaram residências caras e elegantes. Casas vitorianas maiores, desvalorizadas anteriormente ou em período recente (...) foram renovadas mais uma vez. Hoje em dia, muitas destas casas são subdivididas em caros *flats* ou “*houselets*” [pequenas casas] (...). Os atuais status social e valor de tais construções são frequentemente inversos ao seu tamanho (...). Uma vez que este processo de “*gentrification*” têm início em um distrito, avança rapidamente até que a maioria ou a totalidade dos ocupantes originais da classe trabalhadora sejam de lá deslocados, e todo caráter social do distrito é transformado (GLASS, 1964, pp. xviii-xix, tradução livre, grifos meus)⁴¹.

Sublinho, desde já, que este processo abarca não apenas transformações materiais, concretas do distrito (no caso, a reapropriação e transformação dos prédios históricos), mas também transformações em seu “caráter social” – ou melhor, “simbólico”.

Como argumentei em outra ocasião com Castro (OLIVEIRA; CASTRO, 2020), o processo estudado por Glass representa uma espécie de “fórmula clássica” da *gentrification* – mantenho, por ora, a palavra no original. Entre 1980 e 1990, este termo, articulado de maneira

⁴¹ No original, para benefício do(a) leitor(a): “One by one, many of the working class’s quarters of London, have been invaded by the middle classes – upper and lower. Shabby, modest mews and cottages - two rooms up and two down – have been taken over, when their leases have expired, and have become elegant, expensive residences. Larger Victorian houses, downgraded in an earlier or recent period (...) have been upgraded once again. Nowadays, many of these houses are being sub-divided into costly flats or “houselets” (...). The current social status and value of such dwellings are frequently in inverse relation to their size (...). Once this process of “gentrification” starts in a district, it goes on rapidly until all or most of the original working class occupiers are displaced, and the whole social character of the district is changed” (GLASS, 1964, pp. xviii-xix).

mais descritiva por Glass, ganhou o caráter de conceito analítico e adentrou um debate de escala global (RUBINO, 2009, p. 26). Isso ocorreu, evidentemente, pela própria expansão do processo em cidades do mundo inteiro. Leite (2015, p. 31) comenta que houve, de fato, “uma generalização empiricamente observável no que se refere às políticas de valorização de áreas enobrecidas em muitas cidades”, tanto de países centrais como periféricos.

Os novos estudos da *gentrification* assim ampliam largamente a “fórmula clássica” de Glass. Isso porque, como conceito analítico, a *gentrification* é articulada para fins de análise das mais diversas realidades urbanas ao redor do globo, e não apenas as dinâmicas de cidades anglo-saxãs. Os debates teóricos em torno deste processo de transformação urbana já foram revisados e esmiuçados por diferentes autores(as) e aqui retomarei apenas alguns de seus aspectos.

Uma importante discussão em torno da *gentrification* é aquela sobre a natureza de seus agentes. Por um lado, há abordagens que poderíamos chamar de “economicistas”, pois argumentam que o processo está estritamente ligado ao retorno do capital a determinada região (em geral, o centro urbano). Este é o caso da perspectiva de Neil Smith (2006). Em artigo mais recente, o autor aponta que hoje a *gentrification* já não é mais o fruto de “um mero acaso”, como na dinâmica descrita por Glass, mas sim, das ações de atores específicos: o Estado, empresas e parcerias público-privadas:

Enquanto para a autora [Glass] o ator central era representado pelos novos moradores de classe média e média alta, um terço de século mais tarde os agentes do renascimento urbano estão ligados ao Estado e às empresas, ou participam de uma parceria público-privada. Esse processo localizado e não planejado, uma vez que estava relacionado com o mercado habitacional do pós-guerra, é agora objeto de programas ambiciosos. O que era fruto do acaso é agora sistemático (SMITH, 2006, pp. 61-62).

Nas abordagens economicistas, há um grande enfoque no que se chama de *rent-gap* como uma premissa da *gentrification*. Neil Smith argumenta que é preciso levar em consideração nas análises de tal dinâmica urbana “processos econômicos mais amplos (investimento e desinvestimento em locais e setores específicos do ambiente construído)” (SMITH, 1987, p. 463. tradução livre). Assim, a teoria do *rent-gap* deste autor afirma que a *gentrification* tende a ocorrer em áreas que experienciem um “gap” suficientemente amplo entre os valores reais e os valores *potenciais* do solo, ou, nas palavras de Rubino (2009, p. 28). “uma alternância de investimento e desinvestimento, na qual esse último produz, em valores de terra urbana e propriedades construídas, a possibilidade do reinvestimento”.

Essa, de fato, é uma característica observável ao longo da história do Baixo Augusta. Como demonstrado, a Augusta teve um momento de grande investimento, quando era frequentada pela elite paulistana e possuía as lojas mais elegantes da cidade. O desinvestimento ocorre quando se inicia uma separação clara entre os “Jardins” e a “baixa Augusta”, que viria a ser marcada pelos territórios da prostituição e pela precária infraestrutura. Finalmente, há o reinvestimento posterior, com a emergência da mancha de lazer jovem – a qual discutirei adiante – e o surgimento do “Baixo Augusta”.

Como comenta Rubino, em tais abordagens economicistas, as forças econômicas predominariam absolutamente sobre as culturais e aqueles que são vistos como “indivíduos gentrificadores” em outras perspectivas, seriam apenas “fantoques passivos das exigências do capital” (HAMNETT, 1991, p. 179, tradução de RUBINO, 2009, p. 28)⁴².

Em oposição, perspectivas como a de Sharon Zukin levam em conta uma variedade de agentes da *gentrification*. As paisagens de poder criadas por este tipo de dinâmica urbana podem ter como emblemas antigos prédios revitalizados ou altas torres espelhadas, mas não são fruto exclusivo do capital – novos(as) moradores(as), grupos ativistas, artistas e tantos outros(as) estão envolvidos, e é justamente as relações entre eles – entre o mercado e a cultura – que ganha foco analítico da autora. Segundo Rubino (2009, p. 29), este tipo de abordagem analisa a *produção* da cidade por um *pool* de atores, e não apenas sua *reprodução*.

Para uma pesquisa de cunho antropológico, é evidente que as abordagens economicistas apresentam sérios problemas. Um estudo de Heitor Frúgoli e Jessica Sklair (2009) sobre o centro de São Paulo aponta como as tentativas do poder público e da iniciativa privada de fazer da região da Praça da Luz⁴³ um bairro cultural não obtiveram êxito, na medida em que não atraíram novos(as) frequentadores(as) ou moradores(as) que de fato *vivenciassem* a região como um todo.

Os autores argumentam que a frequência à Luz acontece apenas pontualmente, em seus principais equipamentos culturais, como a Pinacoteca e a Sala São Paulo. Ademais, o acesso a esses equipamentos culturais se dá, no caso da Pinacoteca, pelo metrô, cuja saída está logo em

⁴² No original, para benefício do(a) leitor(a): “In Smith's thesis, individual gentrifiers are merely the passive handmaidens of capital's requirements” (HAMNETT, 1991, p. 179)

⁴³ A Luz é um bairro icônico do centro da cidade de São Paulo. Inserida no distrito do Bom Retiro, comporta a Estação da Luz, importante estação ferroviária brasileira. Também neste bairro estão importantes equipamentos culturais estão a Pinacoteca, o Museu da Língua Portuguesa e a Sala São Paulo, esta última, voltada para concertos musicais.

frente e, no caso da Sala São Paulo, que possui estacionamento, por automóvel particular. Assim, vê-se que houve alguma “mudança na população que frequenta *circunstancial ou pontualmente* o bairro (...), mas isso não configura, a princípio, uma mudança na vida pública do bairro em questão” (FRÚGOLI; SKLAIR, 2009, p. 129, grifos meus).

Perspectivas mais culturalistas da *gentrification*, como a de Frúgoli e Sklair, possuem também suas vertentes. Nesse sentido, vale notar abordagens relativamente novas que têm em seu bojo a teoria de Pierre Bourdieu. Nelas, os primeiros gentrificadores, os “pioneiros” sobre os quais comentou Zukin, são vistos como agentes de frações das classes médias com maior capital cultural, cujo estilo de vida valoriza a “preservação histórica do núcleo urbano e o consumo de mercadorias não padronizadas” (BRIDGE, 2001, p. 205, tradução livre). Nessa interpretação, o “capital cultural [de tais frações das classes médias] é implantado no lugar do capital econômico para alcançar a distinção” (BRIDGE, 2001, p. 206, tradução livre). Os valores deste capital cultural são “pró-urbanos” e os bairros enobrecidos são vistos como “a manifestação espacial do *habitus* da nova classe média” (BRIDGE, 2001, p. 206, tradução livre), assim, a *gentrification* pode ser assumida como uma estratégia de distinção.

Em nosso caso de estudo, como será discutido adiante, os médios e grandes empresários que inauguraram os primeiros estabelecimentos de lazer noturno na então “baixa Augusta” são portadores de grande capital cultural. Suas casas noturnas, por sua vez, atraíram um público que se assume “alternativo” e “diverso” – em geral, distinto do que consideram “padrão” – e é essa ideia que passa a dar o “tom”, um sentido à região. No terceiro panorama, o objetivo é compreender como a paisagem de poder que se forma no Baixo Augusta pode também ser vista por meio do que Bourdieu chama de “espaço social reificado” ou “espaço físico apropriado” (BOURDIEU, 2008, 2013): uma tradução, mais ou menos fiel, das posições dos agentes no espaço social para o espaço físico.

De fato, apesar de Zukin ter realizado críticas à Bourdieu, como já apontei, é possível argumentar que a autora concebe a sua teoria como uma visão muito passiva sobre a agência humana, ou extremamente socializada. No entanto, no panorama final, argumento como a teoria da ação bourdiana pode explicar os “pioneiros” como uma fração de classe autorreflexiva, cujos “membros têm consciência não apenas de suas diferenças em relação à classe trabalhadora, mas

também em relação às outras camadas das classes médias” (BRIDGE, 2001, p. 211, tradução livre).⁴⁴

Uma segunda discussão travada entre diferentes teorias da *gentrification* diz respeito ao estoque arquitetônico da região gentrificada. Como o excerto do livro de Ruth Glass citado bem apontou, a *gentrification* não constitui simplesmente uma alteração dos aspectos *materiais* de uma região urbana, todavia tais aspectos são importantes e podem assumir duas formas: a transformação do espaço urbano construído por meio da preservação, valorização e ressignificação de prédios históricos; ou a transformação por meio da construção de novos edifícios de arquitetura moderna – como usualmente se propõe, as torres espelhadas, transformação que, veremos, claramente ocorreu no caso do Baixo Augusta.

Nesse sentido, Leite argumenta que antes se fazia distinção entre *gentrification* – como reabilitação do estoque arquitetônico já existente – e *redesenvolvimento* – que diria respeito a novas construções. Hoje, porém, tal diferenciação não faria mais sentido e, em ambos os processos, pode-se falar em *gentrification* (LEITE, 2007, pp. 61-62).

Finalmente, há uma discussão que gira em torno da oposição “habitação *versus* usos do espaço”, e que é intimamente ligada ao debate entre abordagens economicistas e culturalistas. Segundo sua “fórmula clássica”, as regiões da *gentrification* recebem um novo contingente de *moradores(as)*, das classes médias e altas, e não apenas uma nova classe de *usuários(as)*, ou *frequentadores(as)*.

Mais uma vez, o exemplo da Nova Luz pode elucidar a problemática. Frúgoli e Sklair demonstram como este caso não pode ser caracterizado por alterações em termos residenciais (pelo menos até a época do estudo). Assim, flertaram com a possibilidade “de uma *gentrification* baseada em frequência e consumo”, porém esta implicaria a averiguação da “hipótese de que os espaços públicos do bairro vêm sendo *ocupados* por novos grupos, [hipótese] que se revela remota, dado que a afluência dos mesmos tem sido diretamente nas instituições culturais e não propriamente no entorno das mesmas” (FRÚGOLI; SKLAIR, 2009, p. 129, grifo meu).

Isso posto, de modo geral, pode-se dizer que o processo de *gentrification* é caracterizado pelo deslocamento de um novo público, de certos estratos das classes médias, à região urbana

⁴⁴ No original, para benefício do(a) leitor(a): “It is an emerging class fraction and so its members are likely to be conscious not only of their relationship to the working class but to other fractions of the middle class” (BRIDGE, 2001, p. 211).

em questão, seja para fins residenciais ou para “frequência e consumo”, como propõem os autores. Porém, para caracterizar de fato essa dinâmica urbana, tal frequência não poderia ser apenas pontual.

Samantha Gaspar (2010) faz referência a estudos de casos latino-americanos de *gentrification* similares ao da Luz, que demonstram como certos bairros de classes populares passam a ser revestidos de nova “aura” ao ganharem uma diversidade de novos equipamentos culturais, sendo, porém, frequentados muito pontualmente por um novo público advindo das classes médias. Trata-se, por exemplo, do cenário das transformações em áreas centrais da Cidade do México, estudadas por Hiernaux-Nicolas (2006). Neste caso, por meio do investimento público e privado, deu-se a “retomada do centro pelas atividades comerciais, de serviços e de lazer”. Todavia, apesar da frequência destes novos estabelecimentos pelas classes médias, não houve “real circulação e apropriação da área”. Como nota o autor, “as boates e restaurantes só são bem sucedidos se contarem com estacionamentos e manobristas, já que a classe média que os frequenta não se atreveria a andar por um ‘centro deserto após as oito da noite’” (HIERNAUX-NICOLAS, 2006).

Em nosso caso de estudo, este é um ponto intrincado e que não oferece respostas simples. Por um lado, há a vinda de novos(as) moradores(as) ao Baixo Augusta, mas estes(as) ainda não caracterizam o “povo da Augusta”, como afirmam diversos(as) dos(as) interlocutores(as). O “povo da Augusta” seria composto, na verdade, por um grupo específico de usuários(as) da região, que chamo de “frequentadores(as)”: os(as) jovens que frequentam as diferentes ruas que compõem o Baixo Augusta e, principalmente, os estabelecimentos da mancha de lazer noturna.

Mesmo em face de tantos debates, Rogério Proença Leite (2015) argumenta que são três os pontos principais que devem ser considerados para caracterizar uma transformação urbana como *gentrification*.

O primeiro deles diz respeito à higienização social do espaço urbano, dito de outro modo, a substituição dos(as) usuários(as) e/ou dos(as) moradores(as) “originais” da região. Vê-se que aqui o autor leva em conta o debate já apresentado, entre a vinda de moradores e os usos do espaço.

Se as teorias da *gentrification* levam em conta ambas as mudanças, o que é importante notar é que uma das características da “fórmula clássica” do processo se mantém: como ressalta Rubino, há uma alteração na *percepção* que se tem desta região, no que diz respeito a seu *novo status* – um ambiente antes *degradado* passa a ser revestido de charme e *distinção* (RUBINO,

2009, p. 26). Nesse sentido, Rubino optou por uma tradução do termo para o português que melhor capta os resultados desta dinâmica urbana: ao invés de “gentrificação”, a autora se utiliza do termo “enobrecimento urbano”. Nessa perspectiva, a *gentrification* seria não apenas “uma política de exclusão, mas uma faceta delicada das dinâmicas urbanas, uma vez que quanto mais afirma o valor e o papel da cidade, lembra que *o ar da cidade liberta apenas aqueles que sabem e podem nela viver*” (RUBINO, 2009, p. 37, grifos meus). Nesta acepção, o enobrecimento diz respeito aos novos “nobres” que não apenas ocupam a região enobrecida, porém, e mais importante, constroem no local uma nova *paisagem* e, a partir de *seu* ponto de vista, lhe denotam um novo *sentido*. A ideia de *enobrecimento* é o ponto central da *gentrification*, e será abordada por meio do apontamento de tensões que se dão em torno dos sentidos atribuídos ao Baixo Augusta, tensões que muitas vezes opõem, como na perspectiva de Zukin, capital e cultura.

O segundo ponto de Leite é aquele que trata da espetacularização da arquitetura, da cultura e da história da região, que não necessariamente consiste, como já argumentei, na reestruturação e ressignificação do estoque arquitetônico existente. Tais “intervenções arquitetônicas e urbanísticas têm alto impacto visual através da renovação pragmática da estética e funcionalidade do sítio” e criam “paisagens cenográficas consumíveis”, ajustando interesses econômicos a uma espécie de “de reordenação dos significados atribuídos aos lugares” (LEITE, 2015, p. 32).

Finalmente, o terceiro ponto do autor é a existência de uma “forte inflexão à prática do consumo” (LEITE, 2015, p. 32). Este é um aspecto importante do processo, não abordado pelos debates já apresentados. Segundo o autor, a *gentrification* “expressa a visão paradigmática do chamado *city marketing* ou urbanismo empreendedor”, que têm a função de “atrair capitais e pessoas” por meio da infraestrutura:

Inserida claramente numa perspectiva de negócios, os processos de *gentrification* transformam o patrimônio histórico e os espaços urbanos em mercadoria e são forçosamente encaixados à lógica do mercado, abrindo-se para ações da iniciativa privada. A crescente participação do setor privado no gerenciamento das políticas de patrimônio envolve a complexa alteração conceitual do patrimônio, de “bem simbólico” para “mercadoria cultural”. O processo implica no reconhecimento de formas de interação baseadas no consumo e pressupõe uma operacionalização das formas de preservação a partir das necessidades do mercado (LEITE, 2015, pp. 32-33).

Este aspecto mercadológico da *gentrification* é explorado por Leite em termos do *city marketing* e das políticas de patrimônio que o transformam em mercadoria cultural. Evidentemente, esse aspecto é mais facilmente observado em locais históricos dos centros

urbanos, porém, como será discutido ao longo dessa pesquisa, apesar do Baixo Augusta não comportar tais elementos históricos e patrimoniais, há um forte aspecto mercadológico em sua transformação urbana.

Zukin argumenta que “a experiência da *gentrification* de cada bairro tem sua própria história” (1993). Logo, é certo que há tipificações ou ramificações desse processo. Estas admitem como suficientes para sua caracterização o deslocamento de certos estratos das classes médias para uma região antes degradada, com fins apenas de frequência, consumo e vivência do bairro, e não necessariamente para habitação. Não obstante, estas diversas facetas e debates em torno do conceito de *gentrification* – e a necessidade de adaptações de suas características para modelos fora de seu universo de origem – podem evidenciar tanto sua plasticidade como sua fragilidade analítica. O caso da Luz, aqui citado, é um bom exemplo de como certas dinâmicas urbanas podem apresentar algumas das características da *gentrification*, mas não sua faceta principal: a real mudança de *status social* do bairro.

O caso Baixo Augusta possui uma série de especificidades. A transformação e a produção de sua nova paisagem de certo apresentam algumas das características da *gentrification*, todavia, ao mesmo tempo, há peculiaridades que fazem com que o caso de estudo não se enquadre perfeitamente nos modelos ou “fórmulas *mainstream*” desse processo.

A seguir, o tipo de transformação material que ocorreu no Baixo Augusta é explorado com maior detalhe. Procuo demonstrar que seu principal agente foi a iniciativa privada (em um primeiro momento, médios e grandes empresários do lazer noturno e, posteriormente, construtoras e incorporadoras), deixando evidente que nem Estado nem parcerias público-privadas previram qualquer projeto de “requalificação” ou de “revitalização” voltado especificamente para a região.

Mais tarde, discutirei a questão do consumo com base nas transformações da mancha de lazer da região – não apenas o número de estabelecimentos de lazer cresceu, mas também a natureza dos estabelecimentos se modificou.

Por fim, problematizo a própria forma de ressignificação do Baixo Augusta, que tem inspiração em sua “fase” degradada, e fez com que os “pioneiros” de sua transformação, em especial jovens frequentadores(as) da mancha de lazer e empresários(as) da noite, coexistissem dialogando com este imaginário, como que o citando em seus gostos musicais por gêneros não massivos; em suas preferências estéticas pelo que é “alternativo” ao padrão; e no próprio design e proposta das casas noturnas que, por vezes, tiveram inspiração nos *american bars* da região.

3.3 Atores da *gentrification* ou atores da ressignificação da paisagem?

Por meio do mapeamento dos novos edifícios construídos ou em construção no Baixo Augusta, ficou evidente que as transformações arquitetônicas da região são caracterizadas pelo que antes se chamava de *redesenvolvimento*, ou seja, pela construção de novas e modernas torres de apartamentos ou de escritórios.

Como já comentei, o mapeamento de tais prédios do Baixo Augusta⁴⁵ foi realizado tanto *in locu* como via ferramenta *Google Street View*, além de contar com pesquisas em sites de construtoras e incorporadoras na internet. A tabela e o mapa abaixo, desenvolvidos por mim, mostram 44 novos empreendimentos construídos ou em construção no Baixo Augusta de 2010, data marcante do *boom* imobiliário, a 2022:

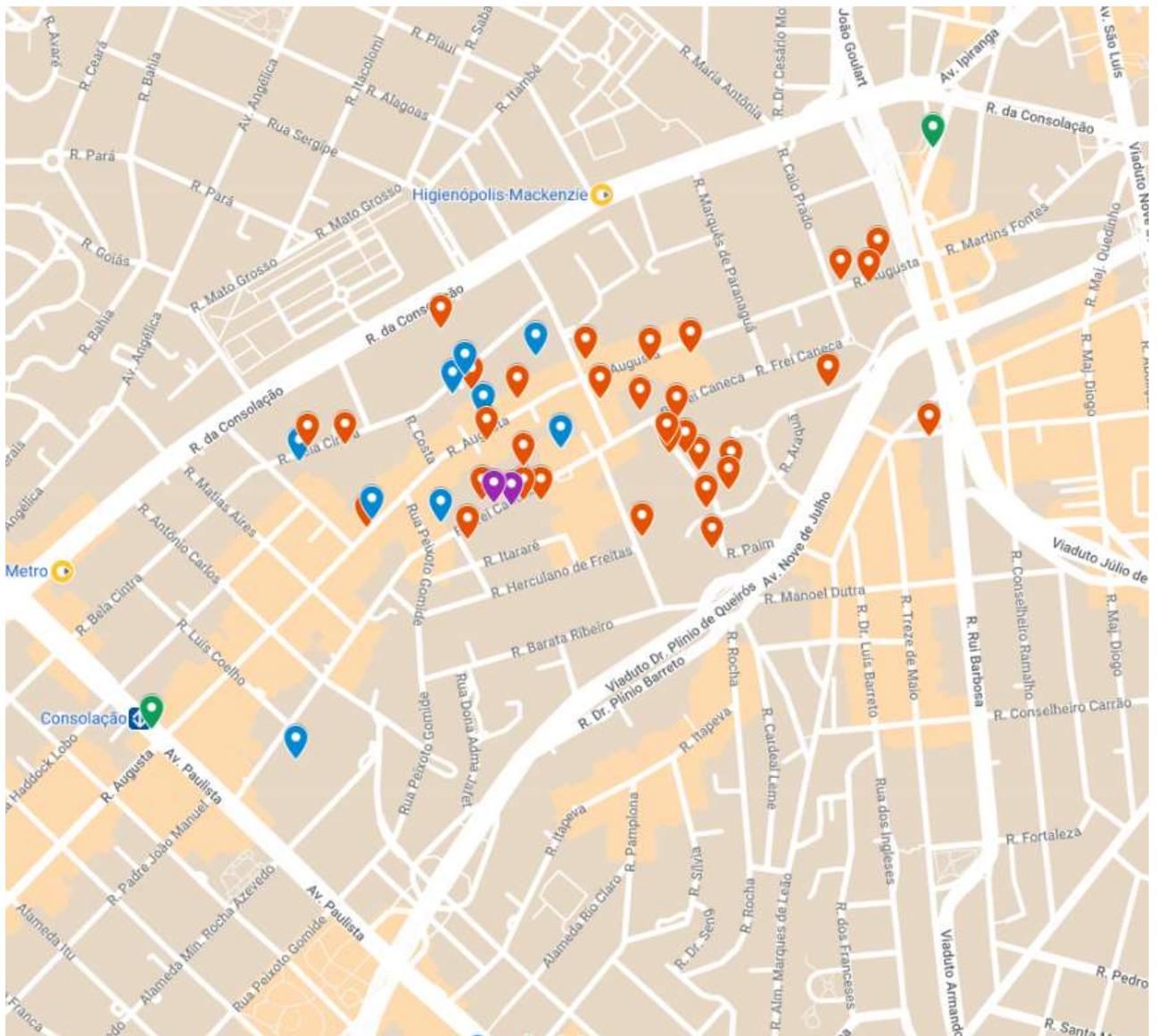
#	NOME DO EMPREENDIMENTO	ANO DE LANÇAMENTO	TIPO	ENDEREÇO
1	Link Home	2016	residencial	Rua Dona Antônia de Queirós, 88
2	CAPITAL AUGUSTA	2014	residencial	Rua Dona Antônia de Queirós, 180
3	VIP Augusta	em construção	residencial	Rua Augusta, 100
4	Cad'Oro Residencial	2014	residencial	Rua Augusta, 129
5	Olhar Augusta	em construção	residencial	Rua Augusta, 180
6	Universo Augusta	2017	residencial	Rua Augusta, 475
7	Augusta HypeLiving	2016	residencial	Rua Augusta, 569
8	I Quali Augusta	2017	residencial	Rua Augusta, 810
9	BelAugusta Boulevard Offices	2016	comercial	Rua Augusta, 890
10	Vision Paulista	2018	residencial	Rua Augusta, 901
11	New Office	2013	comercial	Rua Augusta, 1168
12	Atrium Augusta	2019	residencial	Rua Augusta, 1188
13	On Augusta	em construção	residencial	Rua Augusta, 2862
14	Bela Cintra	2013	residencial	Rua Bela Cintra, 201

⁴⁵ Como deixei claro na introdução da pesquisa, seria difícil delimitar com exatidão os contornos do Baixo Augusta. Assim, partindo das narrativas dos(as) interlocutores(as), considerei também como parte da região, além da porção da Rua Augusta após a Avenida Paulista, sentido centro, também ruas Frei Caneca, Paim, Dona Antônia de Queirós, Dr. Penaforte Mendes, Nestor Pestana, Consolação, Luis Porrio, Mathias Aires, Fernando de Albuquerque, Peixoto Gomide, São Carlos do Pinhal, Bela Cintra, dentre outras.

#	NOME DO EMPREENDIMENTO	ANO DE LANÇAMENTO	TIPO	ENDEREÇO
15	Bela Cintra Offices Style	2017	comercial	Rua Bela Cintra, 209
16	Belint	em construção	residencial	Rua Bela Cintra, 237
17	Prédio Comercial	2018	comercial	Rua Bela Cintra, 461
18	Prédio Comercial	2014	comercial	Rua Bela Cintra, 539
19	BC Bela Cintra	2016	residencial	Rua Bela Cintra, 561
20	Century Offices	2015	comercial	Rua Dona Antônia de Queirós, 209
21	London SP	2016	residencial	Rua da Consolação, 1515
22	FACTO Paulista	em construção	residencial	Rua Dr. Penaforte Mendes, 140
23	MOBI One	2020	residencial	Rua Frei Caneca, 95
24	Bem Viver Frei Caneca	2019	residencial	Rua Frei Caneca, 351
25	Brasília Urban Solutions	2010	residencial	Rua Frei Caneca, 420
26	The Office Frei Caneca	2012	comercial	Rua Frei Caneca, 558
27	Paulista Home Resort	2011	residencial	Rua Frei Caneca, 640
28	CHEZ VN	em construção	residencial	Rua Frei Caneca, 645
29	OY Frei Caneca	em construção	residencial	Rua Frei Caneca, 677
30	Do it Frei Caneca	em construção	residencial	Rua Frei Caneca, 703
31	Frei caneca	em construção	sem informação	Rua Frei Caneca, 720
32	Frei caneca	em construção	residencial	Rua Frei caneca, 740
33	Frei Caneca	em construção	residencial	Rua Frei Caneca, 803
34	Ibis Budget	2016	comercial	Rua Frei Caneca, 826
35	Torre Safra	2020	comercial	Rua Frei Caneca, 1355
36	Bem Viver Bela Vista	em construção	residencial	Rua Luis Porrio, 415
37	Up Side Paulista	em construção	residencial	Rua Paim, 159
38	URBE Paulista	2018	residencial	Rua Paim, 189
39	Terraço Paulista Residencial	2013	residencial	Rua Paim, 262
40	SOUL Paulista	2014	residencial	Rua Paim, 273

#	NOME DO EMPREENDIMENTO	ANO DE LANÇAMENTO	TIPO	ENDEREÇO
41	Residencial Jardim Paulista	2013	residencial	Rua Paim, 296
42	Zoom Paulista	2014	residencial	Rua Paim, 326
43	NKSP Paulista	2014	residencial	Rua Paim, 363
44	MAX HAUS Paulista	2015	residencial	Rua Paim, 420

Tabela 3 - Lista de empreendimentos imobiliários construídos ou em construção no Baixo Augusta entre 2010 e 2022. Desenvolvida pela autora.



Mapa 2 - Mapa dos empreendimentos imobiliários no Baixo Augusta 2010-2022. Desenvolvido pela autora. Pontos em laranja indicam empreendimentos residenciais. Pontos em azul indicam empreendimentos comerciais. Os pontos em verde indicam territórios liminares, a Av. Paulista e a Praça Franklin Roosevelt.

Pode-se falar em “boom” imobiliário pela relevância do número de lançamentos residenciais verticais na região. De acordo com uma análise da base de dados publicadas pela Embraesp⁴⁶ (Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio) (2018), em relação ao município de São Paulo, nota-se que, entre 2010 e 2018, a Unidade Territorial da Sé, onde se localiza o Baixo Augusta, teve uma quantidade expressiva de lançamentos residenciais verticais, ficando apenas atrás de Pinheiros e Vila Mariana:

⁴⁶ Refiro-me à base de dados da pesquisa “Número de Unidades Residenciais Verticais Lançadas” (EMBRAESP, 2018).

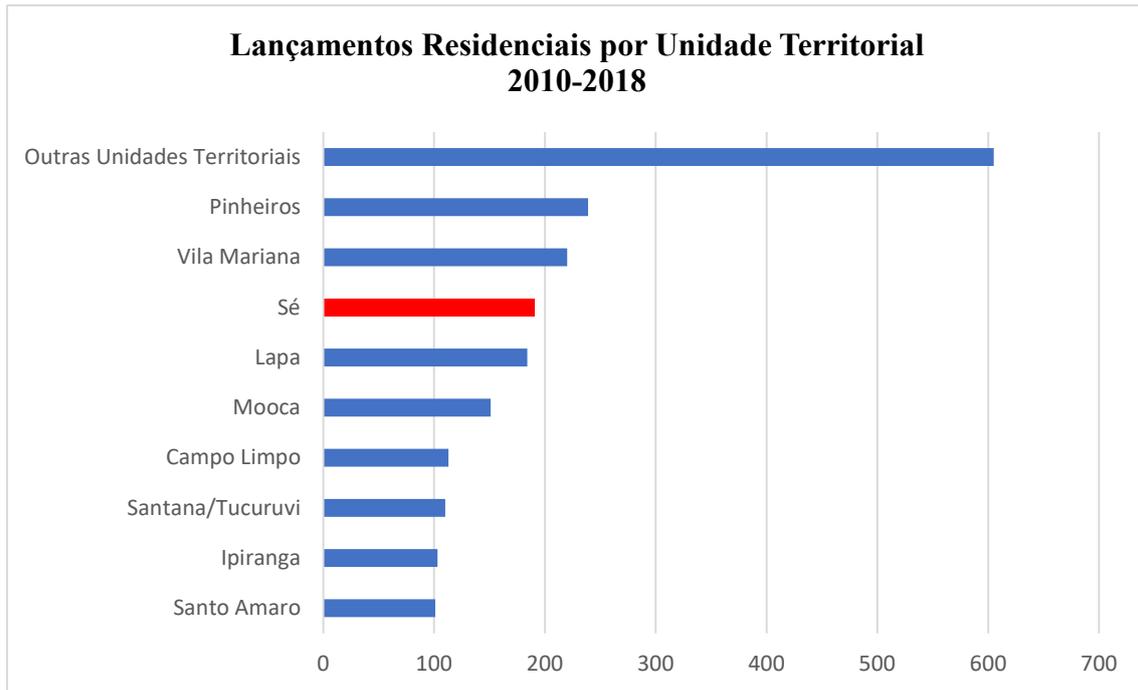


Gráfico 1 - Gráfico elaborado pela autora com referência à base de dados da Embraesp dos Lançamentos Residenciais Verticais.

De acordo com o mapeamento realizado, neste mesmo período, houve 19 lançamentos residenciais verticais apenas no Baixo Augusta, ou seja, praticamente 10% dos lançamentos se deram nesta região. Se levarmos em consideração que a área do Baixo Augusta é muito menor do que a da Unidade Territorial Sé⁴⁷, não representando nem um distrito ou bairro, a ideia de *boom* imobiliário é amplamente justificável.

Com efeito, 77% (34 unidades) dos empreendimentos mapeados são residenciais, o que indica a vinda de novos(as) moradores(as) para a região, uma característica importante da *gentrification*. Não obstante, como já analisado anteriormente, outros fatores devem ser levados em consideração para que o *boom* imobiliário do Baixo Augusta possa ser considerado nesses termos. Assim, vale ainda observar outras características do processo.

Como a ferramenta do *Google Street View* permite a visualização de imagens das ruas desde 2010, foi possível mapear o que antes ocupava os terrenos dos novos empreendimentos. A maioria deles (34%) foi ou está sendo construída em terrenos de edificações comerciais ou de serviços (pequenos comércios de bairro, uma concessionária e um posto de gasolina) e outra grande parte (30%) em terrenos antes destinados exclusivamente a antigos estacionamentos.

⁴⁷ A Unidade Territorial Sé compreende não apenas os distritos da Bela Vista e Consolação, mas também os distritos do Bom Retiro, Cambuci, Liberdade, República, Santa Cecília e Sé.

Em termos de estoque arquitetônico residencial, foram aproximadamente 7 as residências demolidas.

Finalmente, em termos materiais, não houve grande impacto do *boom* imobiliário na mancha de lazer da região⁴⁸ – dos 44 empreendimentos mapeados, apenas 5 ocuparam terrenos de baladas e/ou bares: o empreendimento I Quali (Rua Augusta 822), ocupou o terreno do antigo “Bar do Netão” que, mais tarde, reabriu em novo endereço (Rua Augusta, 584). O Bel’Augusta Boulevard Offices (Rua Augusta, 890), ocupou o terreno do antigo American Bar “Eclético’s”. O Link Home (Dona Antônia de Queiros, 88) ocupou o terreno da antiga balada “Beat Club” (Rua Augusta, 625). O edifício Capital Augusta (Dona Antônia de Queirós, 180) foi construído no terreno do antigo American Bar “Maison” (Rua Augusta, 650). Finalmente, a antiga balada “Sonique” (Rua Bela Cintra, 461) hoje dá lugar ao edifício comercial, cujo nome não foi identificado. Este é um dado muito relevante, e contesta falas de interlocutores(as), que acreditam que muitas casas noturnas foram demolidas no processo. Porém, como discutirei adiante, o número de estabelecimentos de lazer inclusive cresceu nesse mesmo período.

Edifícios como o VIP Augusta (rua Augusta, 100), e o BelAugusta Boulevard Offices (rua Augusta, 890), da construtora Esser, são dois exemplos de novas construções que se utilizaram de terrenos de antigos estacionamentos, como é possível observar nas imagens abaixo:

⁴⁸ Aqui considero apenas estabelecimentos de lazer noturnos: bares e baladas.

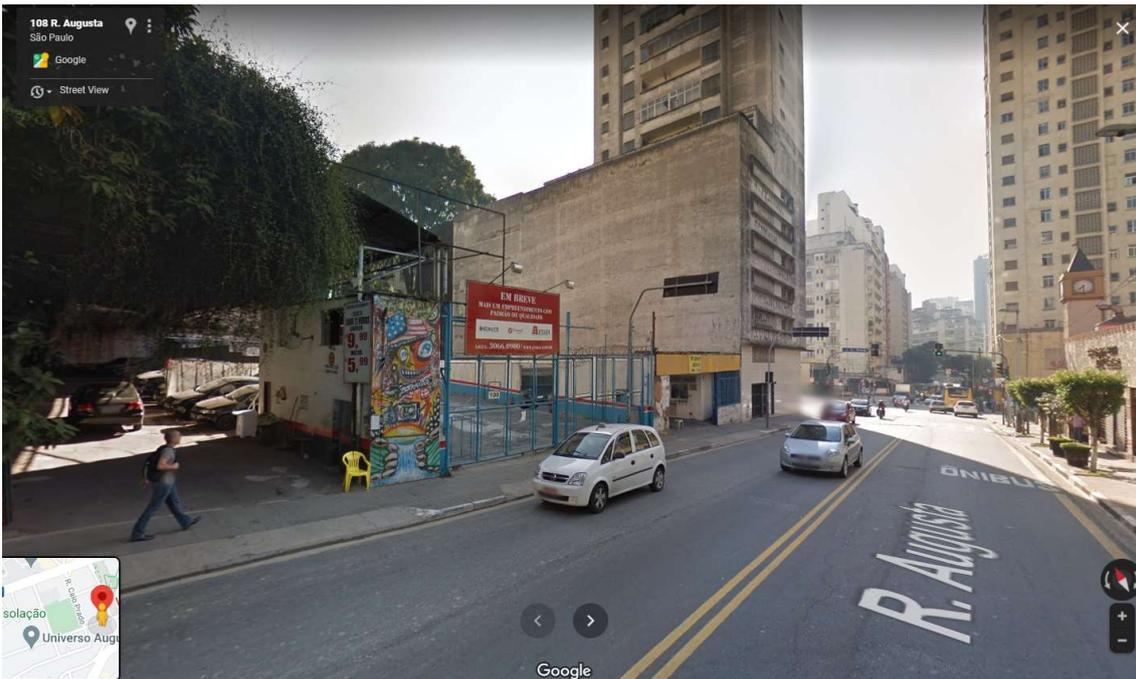


Figura 3 - Imagem de maio de 2014 capturada no Google Street View em 14/04/2021. Mostra o terreno (antigo estacionamento) do edifício VIP Augusta, da Esser, que entraria em breve em Construção.

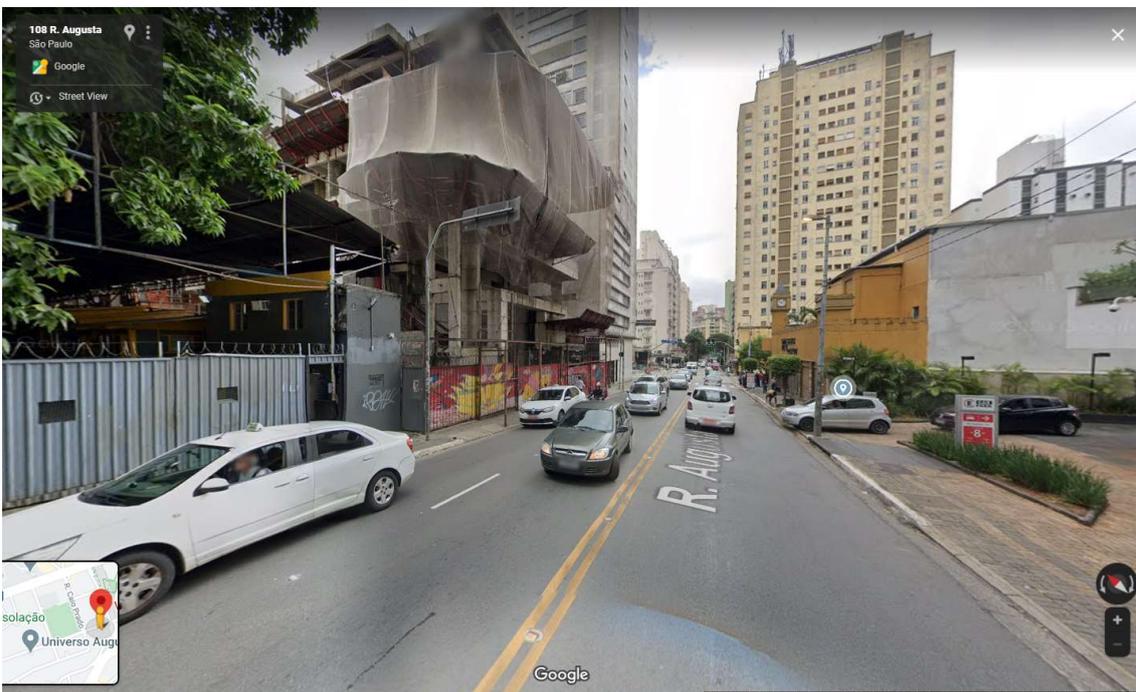


Figura 4 - Imagem de março de 2020 capturada no Google Street View em 14/04/2021. Mostra o edifício VIP Augusta, da Esser, em Construção.



Figura 5 - Imagem capturada da revista do Grupo Esser (GRUPO ESSER, 2014). Mostra o projeto do que virá a ser o edifício VIP Augusta, no n. 100 da rua Augusta.



Figura 6 - Imagem de janeiro de 2010 capturada do Google Street View, em 14/04/2021. Mostra o terreno que seria ocupado pelo BelAugusta.

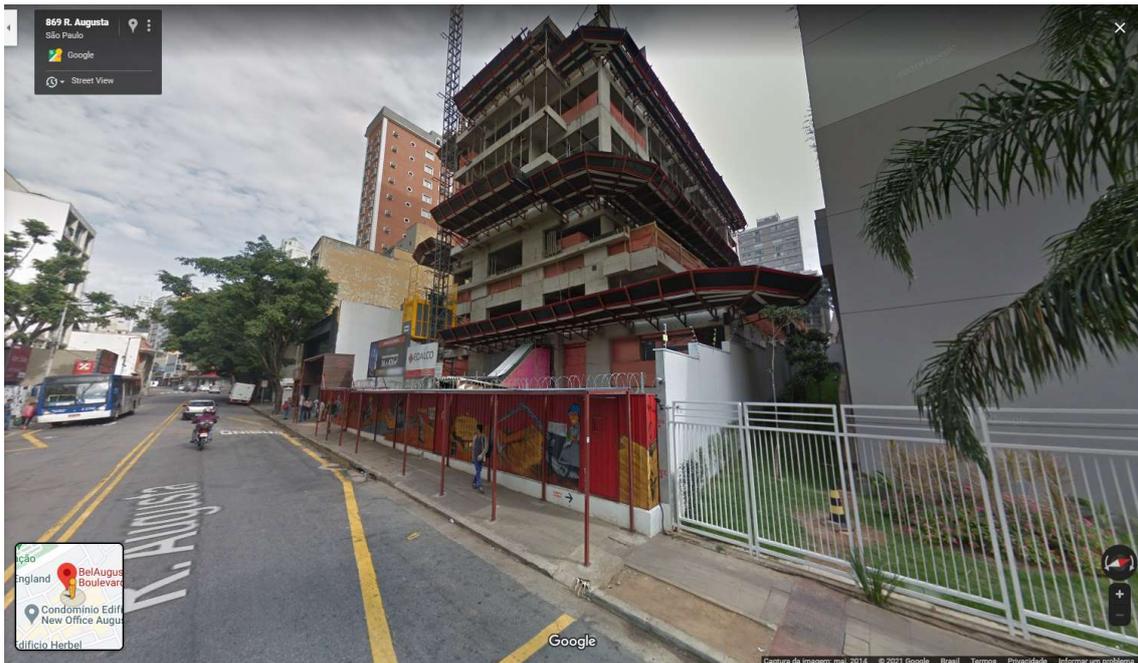


Figura 7 - Imagem de maio de 2014, capturada do Google Street View, em 14/04/2021. Mostra o BelAugusta em construção.



Figura 8 - Imagem de março de 2020 capturada do Google Street View, em 14/04/2021. Mostra o BelAugusta e, ao lado, o Cabeleireiro Retrô.

Evidentemente, os empreendimentos não precisam ocupar fisicamente o espaço do circuito de lazer do Baixo Augusta para transformá-lo, perturbá-lo ou mesmo deteriorá-lo. Estes novos empreendimentos podem simplesmente acarretar a valorização do preço do solo e do custo de vida, tornando impossível a manutenção do circuito de lazer em sua configuração das décadas de 2000 e 2010, pelos altos valores de aluguel.

Ademais, a vinda de novos(as) moradores(as) não parece ter enobrecido (pelo menos ainda) a paisagem da região. Se a imagem da degradação foi aos poucos sendo ressignificada, como veremos, isso se deu antes ou logo no início do *boom* imobiliário, com a abertura de novos estabelecimentos de lazer e o fechamento sistemático de *american bars* e saunas, o que naturalmente impactou os pontos de prostituição e de *trottoir* da Rua Augusta.

É interessante notar também que as narrativas de promoção e marketing destes novos empreendimentos enaltecem intensamente o aspecto cultural da região⁴⁹, principalmente seus equipamentos de lazer. Paradoxalmente, os novos edifícios contam, todos, com ampla e diversificada infraestrutura interna – desde saunas, *rooftop*, piscina, salão de jogos e de festas, lavanderia compartilhada, espaços de *coworking*, e até mesmo espaço “pet”, para animais de estimação. Conquanto essas sejam tendências do mercado imobiliário, facilitam uma espécie de enclausuramento dos(as) moradores(as) em seus próprios edifícios, separando-os com grandes muros dos arredores.

Com efeito, uma boa parte dos edifícios é projetada com a intenção de separação entre o condomínio e a rua Augusta, onde há a maior concentração de espaços voltados ao lazer noturno e maior movimento. Isso pode ser visto nos altos muros e gradis de edifícios como o Capital Augusta (rua Dona Antônia de Queirós, 180), que foi construído de forma que suas portarias estivessem localizadas na rua perpendicular, enquanto sua fronteira com a rua Augusta foi totalmente murada (PISSARDO, 2013, p.189).

Este também é o caso do Edifício Bela Cintra (rua Bela Cintra, 201), cujos fundos dão para a Rua Augusta e contam com altíssimo muro e gradis, como é possível observar na imagem a seguir. Por suas características arquitetônicas, pode-se inferir que os novos edifícios residenciais não foram projetados para incentivar a real vivência do bairro.

⁴⁹ Os discursos de promoção dos empreendimentos imobiliários serão detalhados e analisados no panorama 2, “Os sentidos do Baixo Augusta”.



Figura 9 - Fundos do Edifício Bela Cintra, na Rua Augusta, protegido por gradis e alto muro. Imagem de março de 2022 capturada do Google Street View em 26/01/2023.

A nova arquitetura que se desenvolve na via causa desconforto aos(as) frequentadores(as) – especialmente aqueles(as) mais assíduos na década de 2010, e que vivenciaram a transformação. Isso ficou claro em suas narrativas. O impacto estético das transformações arquitetônicas é inegável, e a horizontalidade e antiguidade da arquitetura anterior contrasta com verticalidade e modernidade da atual, o que nos remete imediatamente à ideia de um embate entre a paisagem vernacular e a paisagem de poder (ZUKIN, 1993).

Ademais, não são muitas as narrativas dos(as) entrevistados(as) que mencionem os(as) novos(as) moradores(as). Em contraponto, muito foi dito sobre as novas torres. De acordo com as poucas menções dos(as) entrevistados(as), os(as) novos(as) moradores(as) da Augusta muitas vezes não *vivenciam* a rua, como é possível notar em minha conversa com Jéferson⁵⁰, expositor da feira “Como Assim?” do shopping *Center 3* (a já mencionada “feirinha do Center 3”) há quase duas décadas:

Beatriz: É... em questão de prédio, de coisas físicas, concretas, materiais, você notou alguma mudança [na região do Baixo Augusta]?

Jéferson: Ó, assim. São Paulo, eles mudam muito. E essas ruas, cê vê assim, as pessoas tão fazendo mais estúdio, pras pessoas morarem, então algumas casas antigas, alguns estabelecimentos, foram destruídos pra novos empreendimentos que, que são esses novos studios, esses apartamentos que são menores né, mas com uma fachada mais moderna.

Beatriz: E você acha que vai trazer outras pessoas para cá? Que vai mudar a vida noturna, por exemplo?

⁵⁰ Jéferson se identifica como homem homossexual. Tem Ensino Médio completo e atua como estilista e vendedor.

J: Já mudou. Eu acho que, que esse público, que já tem um poder aquisitivo um pouco melhorado, tá estabilizado, às vezes *ele nem frequenta aqui, mas ele quer morar num... nessas ruas que tem acesso a outros bairros, em termos de trabalho, faculdade...* (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 07/02/2021).

Já em minha conversa com a cabeleireira Bianca⁵¹, tornou-se evidente que os(as) novos(as) moradores(as) se utilizam de alguns serviços da região, mas que não são o “povo da Augusta”. Indaguei-a se iam ao *Retrô Hair*, famoso salão de cabeleireiro onde trabalha. Ela respondeu positivamente, porém com um ar de pesar, pois não vê com bons olhos os novos edifícios, apesar da nova clientela ser economicamente boa para o estabelecimento. Quando lhe perguntei se eram o “pessoal da Augusta”, Bianca afirmou categoricamente que não, que o povo da Augusta é diferente dos(as) moradores(as), pelo estilo de vida, mas principalmente pela renda – pelo padrão dos edifícios, teriam, segundo ela, “renda média, alta”, enquanto os(as) frequentadores(as) da Augusta “não tinham dinheiro”, e justamente buscam a região para lazer por seus melhores preços.

Finalmente, Gabriel, arquiteto e jovem frequentador dos estabelecimentos de lazer da Frei Caneca e Peixoto Gomide⁵², acredita que o interesse dos(as) novos(as) moradores(as) pelo Baixo Augusta tem menos a ver com as “baladas” e “rolês”, e mais a ver com a mobilidade, pois que a região é um “ponto estratégico”:

Beatriz: Você conhece alguém que mora aqui?

Gabriel: Várias pessoas. Várias. *Meus amigos todos moram aqui na Augusta e eles odeiam esse lugar.* Compraram apartamento exatamente por causa disso, é barato, é gostoso de se viver, porque você está no centro de São Paulo, você está próximo da Paulista que você tem acesso a tudo, descendo aqui cê tá na praça da República, um pouco mais adiante você vai pro parque do Ibirapuera, mas pra lá você vai pro Vale do Anhangabaú. É um lugar... é um ponto estratégico, entendeu? *Mas é muito ruim pra você morar*, porque é extremamente barulhento, é consumido pelo Carnaval, festas de aniversário de São Paulo, assim, comemorações todas são feitas na avenida Augusta, na Frei Caneca, na Alameda Santos, uma avenida de restaurantes. *Então é muito complicado morar aqui, eu acho péssimo*

Beatriz: Cê não moraria aqui, então?

Gabriel: Jamais, jamais. (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/12/2020)

⁵¹ Bianca tinha em torno de 40 anos na data da entrevista. Trabalha como cabeleireira no salão Retrô Hair. Se identifica como mulher homossexual. Tem Ensino Médio completo.

⁵² Gabriel, à época da entrevista, possuía 28 anos. Se identifica como homem homossexual. Possui Ensino Superior completo em Arquitetura e Urbanismo. Ironicamente, apesar de ter rejeitado a ideia de morar na Augusta, após a entrevista me disse que alugou um apartamento na região.

Grande parte dos(as) interlocutores(as) vê com pesar as transformações causadas pelo mercado imobiliário, sentindo que a rua “perdeu um pouco de vida”, como comentou Marcela, assessora de imprensa de 31 anos e ex-moradora e frequentadora do Baixo Augusta.

Há também uma impressão generalizada dentre os(as) interlocutores(as) de que os novos edifícios foram construídos nos lugares de baladas, bares ou *american bars*, como se estes estabelecimentos tivessem fechado por terem sido demolidos em prol do *boom* imobiliário. Ao indagar a Fernando, mestrando de 31 anos e morador do Baixo Augusta, sobre as transformações da região, ele me deu exemplos concretos:

Tá então, eu posso dar alguns exemplos claros assim, na minha rua, na rua onde eu moro, quando eu me mudei pra lá. Tinha uma sauna gay que, logo depois, foi demolida e virou um prédio residencial, um condomínio de luxo com tudo o que tem direito, estacionamento, sauna, piscina, piscina interna, academia, blá, blá, blá. Esse é um exemplo ilustrativo. Se não me engano o Vegas também, virou o mesmo estilo (...). Aí, outras coisas assim... pequenos estabelecimentos que antes vendiam bebida alcoólica nas esquinas e pros jovens na rua, por exemplo hoje eu vi que 3 ou 4 foram demolidas e viraram uma farmácia. Então, tem uma proliferação de farmácias, ali agora. Mercados conhecidos, de redes grandes, se instalaram ali, então hoje tem um... não sei se é um Extra, um Carrefour, nessa linha, na Augusta, onde antes tinha pequenas lojas. E... acho que isso explica um pouco sabe (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 11/06/2020).

Ao investigar os casos citados por Fernando, constatei, por exemplo, que o Carrefour que abriu na Augusta, na altura da rua Mathias Aires, ao lado de um estacionamento ocupado por *Food Trucks*, na verdade, era um Banco do Brasil. Ou seja, não ocupou o lugar de pequenos estabelecimentos comerciais:



Figura 10 - Imagem do Google Street View de janeiro de 2010. Capturada em 27/03/2021.



Figura 11 - Imagem do Google Street View de março de 2020. Capturada em 27/03/2021.

No caso da farmácia referida pelo entrevistado, na Peixoto Gomide, o lugar ocupado hoje por uma franquia da rede “Drogasil” era também ocupado por uma farmácia que permaneceu, após 2010, com as portas fechadas por muito tempo.



Figura 12 - Imagem do Google Street View de Janeiro de 2020. Capturada em 27/03/2021.



Figura 13 - Imagem do Google Street View de Janeiro de 2015. Capturada em 27/03/2021.



Figura 14 -- Imagem do Google Street View de junho de 2017. Capturada em 27/03/2021.



Figura 15 - Imagem do Google Street View de março de 2020. Capturada em 27/03/2021.

No caso da casa noturna Vegas, o galpão ocupado por ela deu lugar a outra casa noturna e, finalmente, na rua Bela Cintra, onde Fernando mora, nenhum edifício parece ter sido construído no local de uma sauna. No geral, como já mencionei, a maioria das novas construções, residenciais ou comerciais, ocupou terrenos de antigos pequenos comércios e de estacionamentos.

Em face dos dados apresentados, conclui-se com facilidade que as dinâmicas de transformação do espaço físico do Baixo Augusta não mantêm qualquer relação com a ideia de preservação de patrimônio histórico, e são caracterizadas pelo *boom* imobiliário. Conquanto a vinda do capital para a região ter sido fruto da iniciativa privada, algumas ações do Estado no

entorno do Baixo Augusta, e não voltadas especificamente para a região, podem ter corroborado para este movimento.

3.3.1 O Estado: Planos Diretores Estratégicos

Por meio de uma análise de dois Planos Diretores Estratégicos (a partir daqui, simplesmente PDE) em vigência a partir da década de 2000, início das transformações urbanas aqui estudadas, procurei identificar possíveis ações do poder público voltadas para os distritos nos quais se localiza o Baixo Augusta⁵³: a Consolação (maior parte) e a Bela Vista (menor parte).

O primeiro PDE deste período é aquele da gestão da então prefeita de São Paulo Marta Suplicy, instituído pela lei 13.430, de 2002. Nele, a região do Baixo Augusta ficou contida em duas macroáreas⁵⁴: a *Macroárea de Reestruturação e Requalificação Urbana*, que contempla o distrito da Bela Vista⁵⁵, e a *Macroárea de Urbanização Consolidada*, que contempla o distrito da Consolação⁵⁶. A caracterização e os objetivos dispostos no PDE para cada uma delas são diversos, mas convergem em alguns pontos.

Em primeiro lugar, ambas macroáreas foram caracterizadas por sua boa infraestrutura e acessibilidade, ao mesmo tempo em que sofriam com o esvaziamento populacional⁵⁷. No caso da Macroárea de Reestruturação e Requalificação Urbana (bairro da Bela Vista), propôs-se a reversão do esvaziamento populacional “através do estímulo ao uso habitacional de interesse social e da intensificação da promoção imobiliária” (SÃO PAULO, 2002, art. 155, § 2º). Já na

⁵³ Note-se já que esta seção não se propõe a estudar detalhadamente ambos os planos diretores, mas apenas realizar alguns apontamentos em relação ao enquadramento do Baixo Augusta em ambos e as ações para ele previstas.

⁵⁴ Neste PDE o município de São Paulo ficou dividido em 2 macrozonas: a Macrozona de Proteção Ambiental e a Macrozona de Estruturação e Qualificação Urbana (SÃO PAULO, 2002, art. 147). Esta última, por sua vez, foi dividida em 4 macroáreas: I - Macroárea de Reestruturação e Requalificação Urbana; II - Macroárea de Urbanização Consolidada; III - Macroárea de Urbanização em Consolidação; IV - Macroárea de Urbanização e Qualificação (SÃO PAULO, 2002, art. 154).

⁵⁵ E também os distritos de Barra Funda, Bom Retiro, Brás, Cambuci, Liberdade, Mooca, Pari, República, Santa Cecília, Sé, Vila Leopoldina (SÃO PAULO, 2002, art. 155, § 1º).

⁵⁶ E também os distritos de Alto de Pinheiros, Butantã, Campo Belo, Itaim Bibi, Jardim Paulista, Lapa, Moema, Morumbi, Perdizes, Pinheiros, Santo Amaro, Tatuapé, Vila Andrade e Vila Mariana (SÃO PAULO, 2002, art. 153, § 1º).

⁵⁷ A Macroárea de Reestruturação e Requalificação Urbana é caracterizada como: “urbanizada e consolidada há mais de meio século, período em que desempenhou adequadamente atividades secundárias e terciárias, e *passa atualmente por processos de esvaziamento populacional e desocupação dos imóveis, embora seja bem dotada de infra-estrutura e acessibilidade e apresente alta taxa de emprego*” (SÃO PAULO, 2002, art. 155, grifos meus). Já a Macroárea de Urbanização Consolidada foi caracterizada como: “ocupada majoritariamente pela população de renda alta e média alta, é formada pelos bairros estritamente residenciais e pelas áreas que tem sofrido um *forte processo de verticalização e adensamento construtivo*, e, embora conte com excepcionais condições de urbanização e alta taxa de emprego, tem sofrido *esvaziamento populacional* e apresentado níveis elevados de saturação da malha viária” (SÃO PAULO, 2002, art. 156).

Macroárea de Urbanização Consolidada (distrito da Consolação), a que mais nos interessa, por esta já ter sofrido “forte processo de verticalização e adensamento construtivo” (SÃO PAULO, 2002, art. 156), o PDE estimulava seu “adensamento populacional *onde este ainda for viável* como forma de dar melhor aproveitamento à infraestrutura existente (...)” (SÃO PAULO, 2002, art. 156, § 2º, grifos meus). Neste caso, ao mesmo tempo que se objetivou a reversão do esvaziamento populacional, objetivou-se também “*controlar a expansão de novas edificações e a saturação da infraestrutura existente*” (SÃO PAULO, 2002, art. 156, § 2º, grifos meus).

A construção dos novos edifícios residenciais do Baixo Augusta deve ser, em parte, analisada neste contexto. Como evidenciei pelo mapeamento, a grande maioria destes novos empreendimentos foi lançada na década de 2010, e nem todos os projetos foram desenvolvidos e aprovados tendo em conta o PDE/2002. De qualquer maneira, este trouxe consigo uma inovação importante, que certamente contribuiu para o *boom* imobiliário: a cobrança de outorga onerosa do direito de construir⁵⁸ (FEOLA, 2021). Por meio dela, foi possível ultrapassar o aproveitamento básico dos lotes em até duas vezes, mediante pagamento de contrapartida financeira.

De acordo com o Plano Regional Estratégico da Subprefeitura da Sé (lei 13.885 de 2004), a região do Baixo Augusta é contida na *Zona Centralidade Polar (ZCP)* (SÃO PAULO, 2004, art. 21), na qual os imóveis particulares ficam especialmente sujeitos à outorga onerosa do direito de construir. Nesta região, o controle do processo de adensamento construtivo é feito pelo “fator de planejamento” (*fp*), valor utilizado no cálculo da contrapartida financeira da outorga: quanto mais alta a construção, maior a oneração. Assim, não é por acaso que os mais altos *fp* do município são aqueles dos distritos da Consolação e Bela Vista⁵⁹.

Não obstante, o coeficiente máximo de aproveitamento do lote para a ZCP da Consolação é também o mais alto previsto nos distritos da subprefeitura (4,0) (SÃO PAULO, 2004, QUADRO 04 do Livro IX - Anexo à Lei nº 13.885). Dito de modo mais simples, apesar da contrapartida financeira ser maior na região do Baixo Augusta, a outorga onerosa facilitou a

⁵⁸ De acordo com o artigo 146 do PDE/2002: “XVI - Outorga Onerosa é a concessão, pelo Poder Público, de potencial construtivo adicional acima do resultante da aplicação do Coeficiente de Aproveitamento Básico, até o limite estabelecido pelo Coeficiente de Aproveitamento Máximo, de alteração de uso e parâmetros urbanísticos, mediante pagamento de contrapartida financeira (SÃO PAULO, 2002, art. 146, item XVI).

⁵⁹ De acordo com o PDE/2002, “Na Macroárea de Urbanização Consolidada devem ser utilizados, prioritariamente, os seguintes instrumentos: I - outorga onerosa do direito de construir, utilizando-se o fator de planejamento para desestimular o adensamento construtivo” (SÃO PAULO, 2002, art. 156, § 3º)

ação de construtoras e incorporadoras na construção de altas torres com numerosos apartamentos.

De acordo com o PDE/2002 e com o Plano Regional da Subprefeitura da Sé de 2004, para além da outorga onerosa, não é possível observar qualquer ação estratégica ou especial prevista exclusivamente para o Baixo Augusta, com exceção do direito de preempção em relação ao terreno do atual Parque Augusta, já previsto nos documentos⁶⁰.

O mesmo não acontece em relação aos entornos da região: ressalte-se, principalmente, projetos estratégicos de intervenção urbana previstos para a Bela Vista, que possui lotes integrantes do perímetro da *Zonas Especiais de Preservação Cultural (ZEPEC)*, nos quais se prevê a requalificação de certas áreas e edificações, como a reurbanização da área do entorno do Viaduto Júlio de Mesquita e a requalificação da rua Treze de Maio, como Corredor Cultural Gastronômico⁶¹: ações cujos focos estão relativamente distantes do Baixo Augusta.

O segundo PDE vigente no recorte temporal desta pesquisa é o da gestão de Fernando Haddad, instituído pela lei nº 16.050, em julho de 2014. O PDE/2014 deve ser levado em consideração juntamente com a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo (LPUOS - lei nº 16.402 de março de 2016), uma revisão do Zoneamento que “normatiza as ações público e privada sobre o solo do município”. A LPUOS e o PDE passaram a “operar como diplomas coesos, potencializados por uma sinergia mútua” (FRANCO, 2016, p. 3). Neste contexto, temos uma série de definições e enquadramentos do Baixo Augusta, no PDE/2014, na LPUOS, e também no Plano Estratégico Regional da subprefeitura da Sé, de 2016.

Em relação ao PDE/2014, o Baixo Augusta localiza-se, novamente, em duas macroáreas⁶², a de *Estruturação Metropolitana* e a de *Urbanização Consolidada*, ambas caracterizadas, mais uma vez, pela alta concentração de empregos, serviços e infraestrutura. Mais detalhadamente, a Macroárea de Estruturação Metropolitana é caracterizada por:

(...) *processos de mudanças nos padrões de uso e ocupação e conversão econômica*, com concentração de oportunidades de trabalho e emprego geradas pela existência de legados industriais herdados do passado, novas

⁶⁰ Ver SÃO PAULO, 2004, QUADRO - 06A do Livro IX - Anexo à Lei nº 13.885.

⁶¹ De acordo com o Plano regional da Subprefeitura da Sé, ligado ao PDE/2002, as ZEPEC localizadas no distrito da Bela Vista foram foco destas duas ações estratégicas: “XI - PEIU – 05 – Bela Vista - tem por objetivo a reurbanização da área do entorno do Viaduto Júlio de Mesquita, ampliando os espaços destinados aos pedestres e requalificando os espaços públicos e incentivando a reabilitação dos edifícios do seu entorno, reforçando as características especiais do local enquanto zona especial de preservação cultural – ZEPEC, por meio de gestões compartilhadas com os proprietários, inclusive da lei de incentivos seletivos”; e “XII - PEIU – 06 – Bela Vista – Corredor Cultural e Gastronômico: - tem por finalidade a requalificação da rua Treze de Maio e adjacências e incentivar os proprietários a reabilitar as edificações para atividades culturais e de lazer” (SÃO PAULO, 2004, art. 44, itens XI e XII).

⁶² As Macrozonas estabelecidas pelo PDE/2014 são similares à do anterior, de 2002: Macrozona de Estruturação e Qualificação Urbana e Macrozona de Proteção e Recuperação Ambiental. As macroáreas da primeira, porém, diferem consideravelmente, sendo agora 8, e não mais 4.

atividades produtivas, polos de atividades terciárias, grandes vias estruturais e infraestruturas que fazem parte dos sistemas de transporte coletivo de massa (SÃO PAULO, 2014, art. 11, grifos meus).

Já a Macroárea de Urbanização Consolidada é caracterizada por

(...) um padrão elevado de *urbanização, forte saturação viária*, e elevada concentração de empregos e serviços e é formada pelas zonas exclusivamente residenciais e por bairros predominantemente residenciais que sofreram um forte processo de *transformação verticalização e atração de usos não residenciais, sobretudo serviços e comércio* (SÃO PAULO, 2014, art. 13, grifos meus).

Assim como no PDE/2002, na *Macroárea de Urbanização Consolidada*, devido ao seu “forte processo de transformação verticalização, e atração de usos não residenciais”, a densidade populacional é incentivada apenas onde for viável, ao contrário do caso do Setor Central da *Macroárea de Estruturação Metropolitana*, no qual procura-se aumentar “a densidade demográfica e a oferta habitacional” de modo geral (SÃO PAULO, 2014, art. 12, § 3º, item I). Dessa maneira, podemos concluir que as áreas do Baixo Augusta próximas ao centro contaram com maior estímulo ao adensamento populacional.

Vale notar também que, no PDE/2014, a região do Baixo Augusta é contida no Polo de Economia Criativa (PEC) – “Distrito Criativo Sé/República”, elemento do ordenamento territorial da Política de Desenvolvimento Econômico Sustentável (SÃO PAULO, 2014, art. 176). A criação desta PEC consolida a região como “polo criativo, cultural, gastronômico, de lazer, divertimento e entretenimento” (SÃO PAULO, 2014, art. 18)⁶³, para o qual se previa a valorização e o fomento da “diversidade cultural e suas formas de expressão material e imaterial”; o apoio a coletivos de arte e pequenos produtores culturais, pela promoção do acesso e da circulação dos produtos da economia criativa; e a simplificação de procedimentos “para instalação e funcionamento das atividades econômicas que compõem a economia criativa”, por meio de concessão de benefícios fiscais, isenção de IPTU e de taxas municipais para instalação e funcionamento de estabelecimentos que se enquadrem no âmbito da economia criativa (SÃO PAULO, 2014, p. 104). Não obstante, até 2021, o plano das PECs ainda não havia sido regulamentado ou implementado (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2019), mas se reconheceu ao menos, a importância cultural da região.

⁶³ O PEC é caracterizado no PDE/2014 da seguinte maneira: “Art. 182. Os Polos de Economia Criativa – PEC são territórios destinados ao *fomento e desenvolvimento de atividades econômicas que compõem a economia criativa*, entendida como o *ciclo de criação, produção e distribuição de bens e serviços tangíveis ou intangíveis que utilizam a criatividade, a habilidade e o talento de indivíduos ou grupos como insumos primários*, sendo composta por atividades econômicas baseadas no conhecimento e capazes de produzir riqueza, gerar emprego e distribuir renda” (SÃO PAULO, 2014).

Já em relação ao Plano Regional da Subprefeitura da Sé, o Baixo Augusta é parcialmente contido no perímetro de ação dos *Eixos Regionais*, por comportar a rua Augusta e a Consolação, que ligam o Centro Antigo com o restante da cidade, recebendo “grande fluxo de pessoas e veículos todos os dias” e assim necessitando de “manutenção constante” (SÃO PAULO, 2016, p. 20). Todavia, as diretrizes propostas para este perímetro que dizem respeito à região do Baixo Augusta foram apenas três: a) estudo da possibilidade de implantação de UPA (Unidade de Pronto Atendimento) nos arredores da Praça Franklin Roosevelt; b) estudo da “possibilidade de enterramento da fiação das principais vias, especialmente a R. Augusta”; c) estudo da “possibilidade de fechar avenidas para uso exclusivo de lazer aos domingos e feriados, especialmente a Rua Augusta (...)” (SÃO PAULO, 2016, p. 21).

Esta última medida não foi realizada na rua Augusta, mas sim na Avenida Paulista. Em junho de 2016, a gestão de Fernando Haddad decretou o fechamento da avenida para carros aos domingos e feriados, pelo programa “Ruas Abertas” (SAAD, 2016). Também na gestão de Haddad, foi criada uma ciclovia na mesma avenida, inaugurada em junho de 2015 (REIS, 2015).

Estas medidas impactaram diretamente a rua Augusta. Ao longo de minhas visitas a campo, foi possível observar que a circulação na rua e arredores aos domingos tornou-se bastante popular. A maior quantidade de frequentadores também incentivou o comércio de rua. Coletivos e indivíduos montaram seus brechós itinerantes nas calçadas da Paulista, do lado da Augusta, na direção centro. Vendedores de produtos artesanais ganharam um espaço de maior contato com o público, aumentando suas vendas. Esse foi o caso, por exemplo, da marca Wonderwall.

Em conversa com seu proprietário, Flávio⁶⁴, ele conta que a marca surgiu em 2015, e que seus produtos foram expostos pela primeira vez na Paulista. Hoje, a marca conta com uma diversidade de produtos, porém no início vendia apenas pequenos quadros, forrados de tecidos florais, com frases irreverentes e palavrões. Flávio me contou que:

(...) um dia me arrisquei a ir pra Paulista. Eu me arrisquei com um amigo venezuelano, que tava em viagem pelo Brasil. Ele falou “puta, mó legal isso. Leva pra Paulista que você vai vender bem, que num sei quê...”. Aí eu fui e levei, despretensiosamente assim, um dia que não tinha nada pra fazer, falei, “Ah, vou lá. Vou ver como é que vai ser”. E eu vendi tipo, acho que 8 quadros naquele dia, no primeiro dia né. Falei “nossa! Que legal” E aí eu comecei a fazer. E aí, assim que começou (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 12/05/2021).

⁶⁴ Flávio se identifica como homem heterossexual. À época da entrevista, tinha em torno de 40 anos. Possui Ensino Superior Completo.

Estes não foram os únicos benefícios da gestão Haddad para este tipo de comércio. Flávio contou-me igualmente que havia uma maior facilidade nesta gestão para a legalização destes vendedores: “Porque, com o Haddad, teve uma facilidade maior em você conseguir autorização pra vender na rua, teve a Paulista aberta, tipo, poderia todo mundo ir vender, que num sei quê” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 12/05/2021).

Porém, outros comerciantes não viram com bons olhos a medida, visto que o público da região se diversificou tanto aos domingos que teria acabado por afastar compradores mais assíduos. Este é o caso de Lúcia⁶⁵, proprietária de uma marca artesanal de cosméticos.

Lúcia vende seus produtos na feirinha *Como Assim?*, que ocorre tanto aos domingos, no Shopping Center 3, na Paulista, local no qual atua há mais de 17 anos, como na praça Benedito Calixto, em Pinheiros, aos sábados:

Beatriz: E, anteriormente, era melhor aqui ou em Pinheiros?

Lúcia: Era melhor aqui. Mas eu acredito que o fechamento da Paulista afastou muito o público daqui.

Beatriz: Ah! Afastou? Achei que ia aumentar o público.

Lúcia: Não. Mudou o público. Hoje é um público mais andarilho. Antes não. Antes era um público mais comprador, que vinha pra comprar os produtos. Hoje não. Hoje é um público que anda na Paulista, vem, utiliza o tolete e vai embora. Então não é o público mais comprador, como era antigamente. Então eu acho que isso prejudicou muito a venda dos expositores (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 24/01/2021).

Voltando à análise dos PDE, vale notar que no zoneamento da LPUOS, de 2016, a região do Baixo Augusta é contida na *Zona de Estruturação Urbana (ZEU)*⁶⁶, “onde deve se concentrar a transformação da cidade, necessária para enfrentar seu expressivo déficit habitacional e reorientar um processo de contínua urbanização”. Na ZEU, “um conjunto articulado de parâmetros urbanísticos reforça a diretriz de adensamento, de incentivo à qualificação do espaço público e de ampliação da oferta de bens e serviços urbanos (...)” (FRANCO, 2016, p. 3, grifos meus).

⁶⁵ Lúcia se identifica como mulher heterossexual. À época da entrevista tinha em torno de 40 anos. Não há informações sobre sua escolaridade.

⁶⁶ A LPUOS organizou as zonas da cidade do PDE em agrupamentos que respondem a três objetivos: qualificação, preservação e transformação.

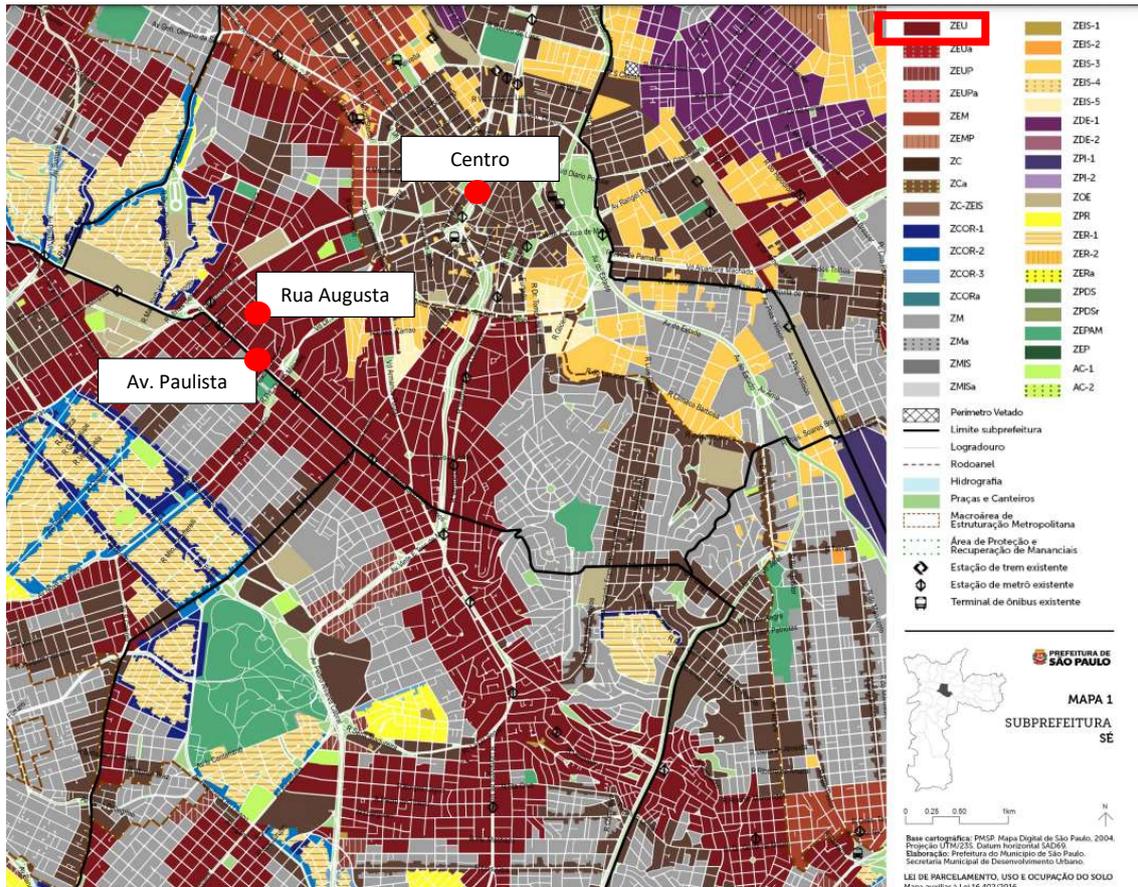


Figura 16 - Mapa das Zonas da Subprefeitura da Sé. 2016. Apontamentos da Augusta e Paulista realizados pela autora. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/S%3C%A9.pdf>. Acesso em 24/06/2021. Legendas elaboradas pela autora.

Sendo um dos principais objetivos para a ZEU o aumento da densidade demográfica e construtiva, o coeficiente de aproveitamento máximo das construções é de 4 (assim como no PDE/2002), não havendo não existência de gabarito de altura (MONTEIRO; CASTRO, 2020). Ainda vale ressaltar o incentivo a construções de usos mistos e com fachadas ativas⁶⁷, que igualmente contribuíram para a construção de novas torres, em especial, residenciais.

Em relação à revista realizada sobre os PDE/2002, PDE/2014 e a LPUOS/2016, podemos concluir que o *boom* imobiliário e possíveis alterações no padrão de frequência da Rua Augusta tiveram um impacto apenas parcial em termos de planejamento por parte do poder público. Para além da outorga onerosa do direito de construir, não há qualquer ação de “requalificação” ou “revitalização” voltada especialmente para a região do Baixo Augusta, não obstante haja ações previstas para seus entornos, como é o caso do distrito da Bela Vista. Já o

⁶⁷ O incentivo para a fachada ativa é a não computação de até 50% da área do lote destinada ao uso não residencial, sendo que para isso a construção deve estar no nível da rua e com acesso direto à calçada, e ter testada maior que 20m (SÃO PAULO, 2014, p. 68). Já o incentivo para o uso misto é que a “área destinada ao uso não residencial, até o limite de 20% da área construída computável total do empreendimento, não será considerada computável” (SÃO PAULO, 2014, p. 68).

fechamento da Paulista para pedestres, na gestão do prefeito Fernando Haddad, pode ter modificado o padrão de frequência da Augusta, mas isso ocorreu apenas aos domingos.

Como procurarei evidenciar de maneira mais detalhada nas seções a seguir, ações do poder público não contempladas nos PDEs tiveram maior impacto nas transformações de paisagem da Augusta. Dentre elas, podemos citar a inauguração da linha verde do metrô, em 1991; a revitalização da Praça Franklin Roosevelt, no início da década de 2010; e o combate mais ou menos sistemático à camelôs, pirataria e territórios da prostituição, ao longo da gestão da prefeita Marta Suplicy.

De qualquer maneira, em seu conjunto, é possível notar que as ações do poder público na região não foram tão sistemáticas a fim de serem caracterizadas como ações de “revitalização” ou “requalificação”, como preveem as teorias da *gentrification* descritas anteriormente.

3.3.2 Para o além da degradação

[Eu, acho que isso do gay e a prostituição é a primeira coisa que vem na cabeça de uma pessoa que ouve falar da Rua Augusta. Acho que essa é a coisa mais forte assim]
(Beatriz, em depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021)

De acordo com o desenvolvimento sócio-histórico da Augusta apresentado no início da pesquisa, entre aproximadamente 1960 e 1990, a rua teria passado por sua “segunda fase”, intimamente relacionada a uma imagem de “degradação” ou de “declínio” (ARRUDA, 2016; DINES, 2011; PISSARDO, 2013; PUCCINELLI, 2017; RAGAZZO, 2005). Neste capítulo, o objetivo é demonstrar que, neste período, ocorreram na via e seus entornos processos que preambulam e influenciam de maneira contundente o surgimento do “Baixo Augusta”, como região “descolada” e “alternativa”, e como importante referência no circuito mais amplo de lazer jovem da cidade. A construção de uma outra paisagem, “para além da degradação”, nos dará pistas para o entendimento das dinâmicas urbanas que efetivamente se desenrolaram nesta região, e corroborará para nossas análises sobre seu suposto enobrecimento ou *gentrification*. Faz-se necessário, antes, pontuar algumas importantes dinâmicas urbanas ocorridas nas proximidades da rua Augusta, e que acabaram por impactá-la profundamente.

A partir dos anos 1950 e 1960, radicalizaram-se na cidade de São Paulo “tanto o ritmo de transformações urbanas quanto as desigualdades sociais, num salto tão significativo como problemático de modernização urbana” (FRÚGOLI JÚNIOR, 1995, p. 32). Em face deste cenário, ao final da década de 1960, foi desenvolvido o primeiro “Plano Urbanístico Básico” para o município, que forneceu uma série de diretrizes para acabar com a “desordem” pela qual

crescia a cidade (HÁ 50, 2019). Este plano teve consequências diretas para a Avenida Paulista, e repercussões importantes para a porção “baixa” da Rua Augusta.

Uma das decorrências do plano de modernização da cidade foi a criação de novas centralidades urbanas, “cujo dinamismo começa a superar, em alguns aspectos, o centro tradicional”. Dessa maneira, além do Centro Principal, desponta com grande importância o “Centro Paulista”, que engloba, pela proximidade, também a região da rua Augusta (FRÚGOLI JÚNIOR, 1995, p. 33).

A emergência de novas centralidades se dá em especial entre 1960 e 1970 e suas razões são diversas. Em primeiro lugar, há uma “mudança na constituição do produto interno bruto (PIB) do Estado e da Capital, com o crescimento da participação dos chamados serviços” (SANDRONI, 2004, p. 364). Em segundo lugar, ocorre uma “especialização espacial” das indústrias, processo no qual suas plantas foram transferidas para o interior do Estado (principalmente devido ao preço do solo e/ou à sua superação tecnológica), permanecendo suas sedes administrativas na capital.

O Centro Principal, por sua vez, apresentava problemas para o estabelecimento das sedes administrativas de grandes empresas, pois era ocupado, majoritariamente, por edifícios antigos, que não atendiam às necessidades práticas dos escritórios e também impactavam negativamente o “status” das corporações (SANDRONI, 2004, p. 365). Além disso, apesar do fácil acesso ao centro pelo transporte público, ao mesmo tempo a região tornava-se cada vez mais distante via meios de transporte individuais, e quem se propunha a chegar ao centro de carro, tinha dificuldades para estacionar o veículo pela falta de garagens⁶⁸. Assim, a Avenida Paulista, local onde edifícios mais modernos coexistiam com antigos, tornou-se atrativa para tais sedes administrativas (SANDRONI, 2004, p. 365). Na década de 1970, ela passa então a sediar escritórios de grandes empresas, ganhando “centralidade comercial e financeira da cidade” (PISSARDO, 2013, p. 129).

A emergência da Paulista como nova centralidade impacta diretamente a Augusta. Terrenos da rua próximos a ela irão servir para a construção de prédios comerciais e, posteriormente, a parte central da então “baixa Augusta” passa a receber um grande contingente de hotéis, que não apenas abrigam executivos e funcionários dos escritórios, mas cujas

⁶⁸ Segundo Sandroni, “(...) os calçadões e a falta de garagens e de áreas de estacionamento tornavam a acessibilidade difícil para proprietários, donos e/ou administradores de empresas, a quem cabia a decisão de permanecer ou se transferir da região central para as novas centralidades” (SANDRONI, 2004).

estruturas de lazer tornam-se importantes referências na vida noturna da região. Hotéis de luxo, como o *Ceasar Park Hotel* e o *Hotel Ca'D'Oro*, contavam com bares, restaurantes e salões de eventos, frequentados pela elite paulistana e pelos executivos das cercanias (PISSARDO, 2013). Os escritórios da Paulista trazem um novo público para região, e práticas como o lazer após o trabalho, o famoso “*happy hour*”, começam a caracterizar sua vida noturna.

Dessa maneira, a Augusta que, em sua “fase gloriosa”, não contava com “estabelecimentos exclusivos voltados para o lazer noturno” (PISSARDO, 2013, p. 121), foi ganhando uma vida noturna mais ativa. Todavia, o centro Paulista não é o único fator de transformação, e o “fortalecimento da cultura juvenil na década de 50”, em especial da cultura musical, impactou essa transformação:

O advento do estilo musical “rock’n’roll” somado à descentralização do lazer, ajuda a incentivar que na década de 1960 surjam clubes noturnos e bares principalmente em duas regiões da Augusta: no lado dos jardins, principalmente entre a Alameda Lorena e a rua Estados Unidos, e no lado centro, nas proximidades da Praça Roosevelt (PISSARDO, 2013, p. 122).

Ao mesmo tempo em que se consolidava como uma região de lazer noturno, há um movimento de esvaziamento da via⁶⁹ em relação às atividades comerciais. A principal razão foi o intenso tráfego na Augusta, em especial na década de 1970 (PISSARDO, 2013, p. 122). Para evitar a evasão de consumidores, foram criados grandes centros comerciais, como *shopping centers* e galerias.

Por exemplo, o Conjunto Nacional, hoje uma das “portas de entrada” do Baixo Augusta, foi inaugurado em 1956. O *shopping Center 3*, na Paulista, com acesso também pela rua Augusta, é inaugurado em 1969. Especificamente na rua Augusta, são inauguradas as galerias Le Village (número 1942), em 1959; a Galeria Augusta Shopping (número 1524), em 1960; a Galeria Ouro Velho (número 1371), em 1960; e a Galeria Ouro Fino (número 2690), em 1961 (PISSARDO, 2013, pp. 106-108).

Além disso, e mais importante, inicia-se uma separação entre baixa Augusta e Jardins, incentivada pela iniciativa privada:

(...) a Associação dos Comerciantes da Rua Augusta empreendeu diversas ações comerciais e urbanas. Primeiramente, resolveu focar seus esforços na rua Augusta do lado Jardins, separando sua imagem do lado central da rua, com problemas mais graves de infraestrutura. *A medida em que foi investindo*

⁶⁹ Arruda (2016, p. 37) ressalta que a repressão e a violência do cenário ditatorial prejudicaram a percepção dos frequentadores de livre circulação na rua Augusta. Neste cenário, a rua teria perdido comércios e frequentadores, que agora se voltavam para os novos *shopping centers*. Não obstante, a colocação de Arruda não contou com fontes específicas, e indaga assim a razão da ocorrência deste esvaziamento da via no período.

em ações que “enobreceriam” a imagem do lado “jardins”, aumentariam o contraste com o “lado central”, visto como deteriorado e “pobre” (PISSARDO, 2013, p. 111, grifos meus).

Ao mesmo tempo em que ocorria esse processo de separação, a Paulista estava no auge de sua posição de centralidade. Tudo isso conflui para que, a partir da década de 1970, a parte “pobre” da Augusta, que hoje corresponde ao Baixo Augusta, atraísse “garotas de programa, travestis e cafetões” (ARRUDA, 2016, p. 38), ou o que Pissardo chama de “territórios da prostituição” (2013, p. 137).

Isso se deu devido ao fácil acesso à região, seu grande contingente de hotéis, e de hóspedes – potencial clientela – e influenciou também o surgimento de hotéis menores e de maior rotatividade. Estes “territórios da prostituição” são inicialmente ocupados por “casas de massagem” e “saunas para homens” e, mais tarde, também pelos famosos *american bars*. Em 1980, “observa-se que a rua Augusta tem um número significativo de casas relacionadas à prostituição, concentradas principalmente na região intermediária do lado central da rua” (PISSARDO, 2013, pp. 137-139).

Estas casas, camufladas ou não, vão definir um certo imaginário e originar um termo usual entre meus(minhas) interlocutores(as): a Augusta como “rua das putas”. Tal imaginário persiste mesmo ainda no início dos anos 2000, quando a literatura já fala de uma “revitalização” da via, como fica claro em minha conversa com Leonardo, publicitário já mencionado, que frequentou intensamente a Augusta nas décadas de 2000 e 2010. Ele conta sobre sua preocupação em descer a Augusta junto de sua namorada, e passar em frente aos *american bars*:

Isso anos 2000. É...Então assim, ali era só um lugar de passagem né, a gente passava ali e eu, com os meus amigos tal, e eu lembro assim também que era - quando eu comecei a ter os namoricos, e ficar com algumas garotas - quando eventualmente passava ali com elas à noite pra ir pra casa do B. [amigo de Leonardo], né, pra gente se encontrar... *Era tipo aquela situação: deixa eu pegar na mão aqui dela aqui...* e ficar tipo... porque era um ambiente que tinha - e até, isso ainda não era tão claro pra mim ainda na época - *mas pra C., que era a minha namorada na época, eu acho que era meio chato passar por ali, né tipo, só ela de mulher, aquele ambiente né, meio assim. Tinha um pouco disso, mas não era Baixo Augusta, não tinha...* o público ali era os carros que iam pra ir nos *American Bars* e ficar passando ali com as garotas. Um ou outro bar aberto, mas não era o... *é completamente diferente do ambiente de hoje.* (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 12/02/2021, grifos meus).

Outros(as) interlocutores(as), mesmo mais jovens, também comentam sobre esse momento. Rodolfo⁷⁰, assíduo frequentador da região nas décadas de 2000 e 2010, me contou que as transformações no Baixo Augusta foram rápidas e dinâmicas, mas notou que os territórios da prostituição ainda eram marcantes mesmo em 2008 e 2009:

Beatriz: E você acha que isso [as transformações no Baixo Augusta] começou a acontecer mais ou menos quando?

Rodolfo: Ah, acho que de 2008 para frente, 2009... Passou muito rápido, porque foi no tempo da minha faculdade, quatro anos. *No começo da faculdade era aquela fila de carro de homens indo atrás de prostituição e no final já estava até gentrificada* já (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 16/03/2021, grifos meus).

Todavia, a imagem de “degradação” e “declínio” da Augusta que começa a ser construída em 1980, não se deve apenas à prostituição, mas igualmente a problemas de infraestrutura, como constantes inundações e calçadas esburacadas⁷¹. Este cenário concorre para a desvalorização do preço do solo e do metro quadrado na porção baixa da Augusta, processo que se intensifica com o envelhecimento da Avenida Paulista como centralidade da cidade:

(...) a partir dos anos 90, a própria av. Paulista como centro empresarial começou a “envelhecer”. Tendo sido quase totalmente ocupada até os anos 80, restaram poucas áreas para a construção de espaços modernos de acordo com as exigências tecnológicas do final do século XX. Mas as construções mais antigas não puderam evitar uma desvalorização, ocasionada não apenas pela forma dos edifícios (lajes relativamente pequenas, elevadores lentos e insuficientes, ausência de terminais para novas tecnologias de comunicação e informação etc.), como também por deseconomias externas (por exemplo, o problema das telecomunicações em função da saturação de ondas de rádio na região) (SANDRONI, 2004, pp. 365-366).

Os escritórios de grandes empresas começam a deixar a Av. Paulista, rumo a novas centralidades, como a “av. Faria Lima e a região formada nas imediações da Marginal Pinheiros e da av. Luis Carlos Berrini” (SANDRONI, 2004, p. 366)⁷². Em relação a este ponto, Frúgoli comenta:

⁷⁰ Rodolfo se identifica como homem heterossexual. À época da entrevista, possuía 34 anos. Tem Ensino Superior completo, e realizou sua graduação em Relações Internacionais. Atua como professor de Inglês.

⁷¹ Com efeito, houve investimentos de infraestrutura na via neste período, porém, os mais expressivos se dão na sua porção dos Jardins (PISSARDO, 2013, p. 180), que, como mostrei, lutava pela manutenção de sua centralidade e prestígio comercial.

⁷² Apesar destas novas centralidades não apresentarem fácil acesso, em especial, por meio de transporte público, possuíam terrenos para novas construções de prédios modernos e com vagas de estacionamento. Ademais, note-se que houve um forte deslocamento das plantas de tais empresas para cidades do interior do estado e, assim, a proximidade destas regiões com as marginais facilitava a mobilidade (SANDRONI, 2004, p. 369).

É justamente durante esse período de “apogeu” da Paulista, na passagem dos anos 80 para os 90, que os primeiros sinais de deterioração tornaram-se mais visíveis, ligados em parte a um fenômeno semelhante ao havido no Centro, como a fuga de empresas e investimentos públicos em outras regiões, ainda que em tons menos acentuados (FRÚGOLI, 2000, p. 54).

Evidentemente, a evasão gera consequências imediatas no mercado hoteleiro da Augusta, prejudicando o fluxo econômico da via. Somam-se a isso a proliferação dos “inferninhos” (como passaram a ser chamados os *american bars*, casas de massagem e saunas), os problemas de infraestrutura e transporte da região, e a crise econômica e social que vivia o Brasil como um todo. Todos estes fatores corroboram para a imagem de “degradação” da rua, fortalecida pela mídia e apropriada em representações artísticas (PISSARDO, 2013, p. 142).

É imprescindível interrogar, porém, quem profere, ou não profere, esse discurso da degradação – qual a situação ou posicionamento destes agentes? Pissardo (2013) aponta uma série de matérias jornalísticas por meio das quais a ideia de declínio e degradação são propagadas. O autor também nota as ações da Associação dos Comerciantes da Rua Augusta, que é clara em seus anseios de separar-se do lado “pobre” da Augusta. A ideia é muito mais ligada à presença dos “inferninhos” e dos pontos de prostituição e, em uma pesquisa diacrônica, seria bastante difícil indagar frequentadores(as) e trabalhadores(as) destes locais a fim de saber se trariam em suas narrativas a mesma negatividade sobre a região e suas atividades.

Os(as) interlocutores(as) desta pesquisa que chegaram a vivenciar a rua Augusta quando nela ainda eram marcantes os territórios da prostituição, não comentam, porém, nada sobre degradação. Pietro⁷³ frequenta a Augusta desde os anos 1990. Hoje, assumidamente homossexual, conta que à época ainda “não tinha saído do armário”, então frequentava a rua com amigos, para “catar mulher”:

Eu conheci o Baixa Augusta nos anos 90 e ali o pessoal ia para catar mulher. Prostituta, né? *Então, ali era um lugar que tinham muitos prostíbulos.* Tem até hoje, tem um ou outro perdido. Tem um ou outro que sobrou e na época eu era, eu tive um passado heterossexual, digamos assim, vai. Eu frequentava lá, a gente saía com os caras. Era um prazer para os meninos descer a rua Augusta para ver mulher, para mexer com as prostitutas aquelas coisas, né? Coisas de moleque, de 18 anos, tal. Naquela época eu ainda não tinha saído do armário, eu fui sair só com quase 23 anos. Então, assim a rua Augusta para mim daquela época era uma rua só de prostituição. Da Paulista para baixo era isso (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/07/2020, grifos meus).

⁷³ Pietro se identifica como homem homossexual. À época da entrevista possuía 44 anos. É Pós-Graduado, formado em Psicologia, e atua como psicólogo.

A rua poderia ser “só de prostituição”, porém não há negatividade na narrativa de Pietro. No mesmo sentido vai o discurso de Bianca, cabeleireira já mencionada que frequenta desde meados de 2000 o Baixo Augusta: “É, esse lance da prostituição era bem forte, que tinha as meninas na rua, também, hoje não tem mais, quer dizer, faz um tempo que elas saíram das ruas e ficaram dentro das casas. Mas lá, 2007, 8, era muito, era tudo na rua” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021).

O que é certo e tangível, porém, é que o imaginário da degradação não é amplamente justificável. Em primeiro lugar, a porção baixa da rua Augusta continuou a comportar, mesmo neste período, importantes equipamentos culturais, como cinemas e teatros. Ao analisar o precioso histórico traçado por Pissardo (2013) é possível notar que, mesmo com a falência de estabelecimentos, entre as décadas de 1970 e 1990, os prédios voltados ao teatro e ao cinema mantêm constância de localização.

Por exemplo, o primeiro teatro inaugurado na parte central da Augusta, em 1950, o Cultura Artística, encerra suas atividades em 1955, porém é reinaugurado em 1977, no mesmo local. O Teatro Record (Rua Augusta, 973), inaugurado em 1969, já ocupava o local do antigo Cinema Regência. Após o encerramento de suas atividades, em 1983, torna-se, entre 1986 e 1988, o Teatro Acrópolis e, entre 1990 e 1994, o Cineclube Elétrico. O Auditório Augusta (Rua Augusta, 943), que funcionou entre 1973 e 1994, foi reinaugurado em 1998 como Teatro Augusta. Finalmente, A Casa Goethe (Rua Augusta, 1470), que funcionou entre 1963 e 1980, dá lugar, em 1986, ao Auditório ALS. Este, por sua vez, adquire em 1995 a propriedade que antes comportava o Espaço Nacional de Cinema (Rua Augusta, 1475). No mesmo ano, o auditório é expandido e adquirido pelo Unibanco, tornando-se Espaço Unibanco de Cinema (PISSARDO, 2013). Em 2012, com a Compra do Unibanco pelo Itaú, torna-se Espaço Itaú de Cinema.

Em segundo lugar, não é possível afirmar que houve, verdadeiramente, uma nova e homogênea ocupação da Augusta, ou que dela a elite da fase “gloriosa” evadiu completamente. Como comenta Arruda (2016, p. 38, grifos meus), que realizou estudo de narrativas memorialísticas sobre a Augusta, na fase de “degradação”

É interessante notar que, mesmo que o uso dado para a rua tenha se alterado, *membros da elite e do proletariado continuavam a ocupá-la e a dividir o mesmo espaço*. Só que, neste período, essa interação era proibida e escondida.

Pelos preços desvalorizados do metro quadrado, a região passou a atrair jovens estudantes que “viviam a Augusta da noite, faziam amizade com as prostitutas e bebiam até

mais tarde nos bares da região” (ARRUDA, 2016, pp. 42-43). Este novo grupo de moradores(as) e frequentadores(as) da via certamente influenciou e foi influenciado o surgimento de uma série de casas noturnas “*underground*”, que funcionavam nos porões de estabelecimentos comerciais ou em antigos sobrados⁷⁴. Consolida-se, neste momento, um novo circuito de música alternativa e *rock’n’roll*, que passa a caracterizar e dar contornos mais nítidos à região que viria a ser conhecida como Baixo Augusta (ARRUDA, 2016; PISSARDO, 2013).

Com efeito, nesse período, Pissardo ressalta que as casas noturnas da rua Augusta já possuíam perfis diferentes de acordo com o “lado” em que estavam. Na região dos Jardins, estes estabelecimentos eram, em geral, voltados para um público de maior poder aquisitivo, e tocavam música eletrônica. Já o lado baixo da Augusta comportava casas noturnas de preços mais acessíveis, nas quais predominava o *rock’n’roll* (PISSARDO, 2013, pp. 154-155).

Dessa maneira, pode-se dizer que, na década de 1990, a Rua Augusta já ganhara os ares de “diversidade” que hoje a caracterizam, como veremos no segundo panorama. Interessante notar que, ainda em 1993, Massimo Canevacci comenta sobre a via:

(...) tudo é conjunto, justaposição mistura. Passa-se de maneira absolutamente normal e contígua de famosos hotéis cinco estrelas, que têm as melhores cozinhas da cidade, a casas meio arruinadas, a pequenos palacetes nos quais se anunciam as aventuras e os tabus mais promíscuos (...). E ao seu lado (...) escolas elementares ou médicas que, quando fecham, à noite, fazem com que o inocente público de suas estudantes misturem-se na rua com o das mocinhas prostitutas também de sua idade (...) (CANEVACCI *apud* FRÚGOLI JÚNIOR, 1995, p. 35).

Os territórios da prostituição, apesar de profundamente impactados ao longo das posteriores transformações da rua, não desapareceram completamente. Segundo o mapeamento da mancha de lazer realizado para esta pesquisa, hoje ainda existem 6 *american bar* no Baixo Augusta⁷⁵ e, até 2014, existiam 14 estabelecimentos da mesma natureza. Por que então uma região que continuava comportando estas atividades e os estabelecimentos a ela ligadas passou rapidamente de “degradada” a “descolada”?

Argumento que, apesar dos trabalhos sobre a Rua Augusta serem marcados por uma periodização de sua história, em termos temporais, é possível notar que suas “fases” – a “gloriosa”, a de “declínio” e “degradação”, a “alternativa” e “descolada” – são extremamente dinâmicas e marcadas pela ação de um rol de agentes com diferentes interesses e práticas. Em

⁷⁴ A ideia de “*underground*” será discutida no Panorama 2.

⁷⁵ Segundo o mapeamento realizado, até 2022 funcionam no Baixo Augusta o Casarão American Bar (Rua Augusta, 787); o Balneário American Bar (Rua Augusta, 783); o Bar-Baré (Rua Augusta, 781); o Caribe Shows (Rua Dona Antônia de Queirós, 112); o Miami Club (Rua Augusta, 598); e o Big Shows (Rua Augusta, 83).

termos de políticas urbanas municipais, talvez seja possível falar de degradação, dada a precária infraestrutura da região e suas atividades ilegais. Não obstante, para frequentadores(as), jovens moradores(a), trabalhadores(a), garotas de programa, entre outros, o cenário da Augusta era mais ligado ao *lazer* ou ao trabalho noturno. A degradação, assim, pode ser vista como um discurso externo aos agentes de tais práticas culturais – o discurso sobre a rua Augusta começa a entrar em disputa.

Mais importante em relação a tais transformações, a seguir procurarei mostrar como o próprio imaginário de “degradação” é articulado de diversas maneiras para dar o ar “descolado” e “alternativo” do Baixo Augusta, a partir da década de 2000.

3.3.3 Miscelânea descolada – uma nova mancha de lazer e seus(suas) jovens alternativos(as)

A partir dos anos 1990, a questão da requalificação de áreas centrais da cidade em processo de deterioração adentra a pauta da prefeitura de São Paulo (PISSARDO, 2013, p. 179). Apesar de a Rua Augusta não ter sido o foco principal de tais políticas, certas ações em seu entorno e medidas mais tímidas na própria rua, acabaram por impactá-la.

Como já comentei anteriormente, em primeiro lugar, em 1991, tem-se a inauguração da linha verde do metrô, cujo um dos acessos se dá na esquina da avenida Paulista com a rua Augusta. O acesso à Augusta via metrô certamente facilitou suas transformações de paisagem, marcadas, principalmente, pela frequência da região por um público jovem, em busca de opções de lazer noturno. Inclusive, do início dos anos 2000 em diante, a porta do metrô Consolação seria ponto de encontro de tais agentes frequentadores da rua, juntamente com as escadarias do banco Safra, localizadas na Paulista, ao lado do *shopping* Center 3.

Outra impactante ação da prefeitura foi a “revitalização” da Praça Franklin Roosevelt (território liminar do Baixo Augusta) iniciada na década de 2000, quando a região se consolida como mancha de teatro alternativo da cidade. A discussão para a construção de uma nova Praça Roosevelt começa em 2005, motivada em grande parte pelos(as) moradores(as) e novos(as) frequentadores(as) do espaço, em função de sua deterioração física e, principalmente, da “frequência” de mendigos, prostitutas e usuários de entorpecentes (PISSARDO, 2013, p. 185). Alguns prédios na praça, antes abandonados, passam a ser reformados pela iniciativa privada e vendidos para a sociedade civil por um preço mais acessível que nos bairros mais ricos, trazendo mais moradores(as) das classes médias. O processo levou, evidentemente, à evasão de classes populares e grupos marginalizados que lá viviam.

Como mencionei anteriormente, apesar de muitos(as) interlocutores(as) não considerarem a Praça Roosevelt como território do Baixo Augusta, sua posição minimamente de liminaridade com essa região faz com que a revitalização a impacte de alguma maneira, em especial, com a vinda de novos(as) frequentadores(as) do lazer noturno para a praça.

Especificamente na Augusta, devemos levar em consideração duas principais ações. A primeira, no início dos anos 2000, foi o combate aos camelôs e à pirataria, que haviam se proliferado na rua com a crise econômica entre 1980 e 1990.

Em uma segunda ação, especialmente na gestão da então prefeita da cidade, Marta Suplicy (2000-2005), e especificamente na porção baixa da Augusta, assistiu-se ao “combate aos estabelecimentos de prostituição” (PISSARDO, 2013, p. 184). Em matéria da Folha de São Paulo, de 9 de junho de 2013, lia-se “O último que sair do Baixo Augusta apaga a luz vermelha”. De fato, o declínio da Rua Augusta como “território da prostituição” teve seu ápice em meados da década de 2010: “Há dez anos, a polícia contabilizava 22 casas, entre “*american bars*”, “*boites de nuit*” e “*relax clubs*”. Em uma década, a sacanagem caiu 73% e o número de estabelecimentos no logradouro chega hoje [2013] a seis” (LIBIDO, 2013).

A matéria ainda apresentou um mapa no qual apontava tanto a presença de tais estabelecimentos, como das novas torres de apartamentos e/ou escritórios que inauguravam à época, relacionando intimamente o declínio da prostituição ao *boom* imobiliário. Com efeito, a prostituição, suas práticas e os estabelecimentos a ela ligados foram amplamente prejudicados pelas novas construções.

A dinâmica poderia ser vista como um processo “higienização”, como referido por Leite (2015). De acordo com a pesquisa que conduzi, no período de 2010 a 2022, foram duas as novas construções que ocuparam terrenos de antigos *american bars*: o BelAugusta Boulevard Offices (Rua Augusta, 890), da construtora Esser, lançado em 2016, passou a ocupar o terreno do antigo *american bar* Ecletico’s; já o Edifício Capital Augusta (Rua Dona Antônia de Queirós, 180), passou a ocupar parte do terreno que antes pertencia ao *american bar* Maison. Ou seja, o fechamento de tais estabelecimentos não se deu tanto para abrir espaço, no sentido literal, para as novas torres. Na verdade, o processo ocorreu tanto pela especulação imobiliária e aumento do valor do solo, como pela própria presença de novos públicos – por um lado, os(as) novos(as) moradores(as) e, por outro, os(as) jovens que passam a frequentar assiduamente o agora Baixo Augusta, para fins de lazer.

São diversas as matérias que fazem referência a esse novo público. Em uma delas, cita-se a narrativa de um dos usuários do SP Guia, site de avaliação do desempenho de garotas de programa por seus clientes. Esse homem, com 45 anos em 2013, afirmou: “A Augusta não é mais lugar de sexo (...) só tem três coisas nessa rua hoje: *adolescente bebendo, família morando, e amiga da mulher na balada, pra você encontrar e se foder*” (LIBIDO, 2013, grifos meus). No mesmo jornal, lê-se em outra matéria:

Hoje, a *juventude tomou conta da rua*. O público é eclético: gays, héteros, roqueiros, indies, pobres, ricos e famosos circulam por lá. Os homens mais velhos, dizem os boêmios da Augusta, migraram para locais onde não correm o risco de encontrar filhos ou conhecidos (CIMINO, 2011, grifos meus).

Conquanto tal higienização tenha sido efetuada pelo poder público, certamente teve como força motriz ações do setor privado que passaram a reconfigurar a mancha de lazer da região, consolidando-a definitivamente como “Baixo Augusta”, e não mais *baixa* Augusta.

Com relação aos agentes de tal investimento privado, não me refiro ainda às construtoras e incorporadoras, mas a ações anteriores, de médios e grandes empresários, que abriram novos estabelecimentos de lazer na via e entornos, principalmente casas noturnas e bares. A seguir, traço um breve histórico de alguns dos icônicos estabelecimentos que marcaram o que hoje chamamos de Baixo Augusta. Nesse histórico, procuro notar também a trajetória de seus empresários, lembrando do papel dos “pioneiros” nas perspectivas bourdiesianas da *gentrification*.

Como já comentei, a maioria dos estudos na/sobre a rua Augusta aponta como símbolo da sua fase de “revitalização” a abertura, em 2005, da casa noturna *Clube Vegas*, dos empresários Facundo Guerra e José Tibiriça Martins⁷⁶. Facundo Guerra é natural da Argentina, e possuidor de uma extensa trajetória educacional e profissional, na qual

[f]requentou o colégio Bandeirantes, se formou em Engenharia de Alimentos no Instituto Mauá de Tecnologia, fez pós-graduação em Jornalismo Internacional e Político na PUC e mestrado e doutorado em Ciências Sociais também pela PUC. Então, trabalhou em grandes corporações, incluindo Tetrapac, American Express e AOL (SALEM, 2021).

⁷⁶ O papel dos empresários como agentes da transformação do Baixo Augusta é, sem dúvida, muito importante. Não obstante, já foi analisado por outros autores. O estudo de Puccinelli (2017) nos fornece um quadro bastante completo sobre as ações de empresários de bares e clubes noturnos, dando especial enfoque à discussão sobre o pioneirismo de Facundo Guerra que, segundo a mídia, é um dos principais responsáveis pela transformação do Baixo Augusta de lugar perigoso, degradado, marcado pela prostituição, “tornado centro da vida noturna e da boemia paulistana” (PUCCINELLI, 2017, p. 47). Aqui, serão então abordados apenas alguns dos aspectos desse grupo de agentes.

O Vegas foi apenas um de seus empreendimentos. Depois do sucesso do clube, abriu, ainda no Baixo Augusta, os bares Volt (Rua Haddock Lobo, 40) e Z-Carniceria (Rua Augusta, 934) e, em outras regiões de São Paulo, as baladas Lions Nightclub, Yacht e Cine Joia, além das casas Riviera, Mirante Nove de Julho, Bar dos Arcos e Blue Note (SALEM, 2021).

Já José Tibiriça, mais conhecido por “Tibira”, foi por bastante tempo parceiro de Facundo, participando como sócio em alguns de seus negócios. Nascido no Bixiga, conta em entrevista (FURTADO, 2017) que abriu o *Vegas* justamente para “revitalizar” a região:

Na verdade eu nasci no Bixiga e desde criança frequentei a região. Fiquei muito triste com a decadência e resolvi fazer algo para melhorar aquela área que era tomada pelo tráfico e prostituição! Com a abertura do Vegas começamos a revitalização da área, e muita gente começou a me procurar pra saber o porquê eu tinha escolhido aquela região (depoimento de Tibira concedido em entrevista, FURTADO, 2017).

Alguns dos(as) interlocutores(as) também tomam o clube como marco dessa transformação da Augusta e da própria criação do Baixo Augusta. Pietro, psicólogo já mencionado, por exemplo, me contou:

Porque o Vegas ali era como se fosse um peixe fora d’água, né? *Acho que a partir do Vegas que a rua Augusta foi tomando esse vulto.* Na minha opinião, tá? Eu não sou urbanista, arquiteto, nada, nem sociólogo. Eu sou psicólogo e observo, né? Eu acho que a partir daí eu acho que a rua Augusta foi tomando esse vulto grande, né? *Que daí começaram um monte de bar, os prostíbulos começaram a ser, entre aspas, convidados a se retirar, né?* Acho que foi fechando, né? Porque foi começando esse mercado de internet, então não fazia mais sentido as meninas ficarem em uma casa (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/07/2020, grifos meus).

Marcela, interlocutora já mencionada, ex-moradora da região, também comentou:

Eu acho que eu consegui pegar muitos momentos de transformação, porque cê tinha, essa época do Sarajevo [casa noturna], que era uma coisa muito mais, quase pé sujo, que era quando eu tinha meus 17/18 e aí depois, quando eu fui morar ali, ali na região, *em 2010 assim, 2009, por aí, já tava uma coisa mais... mais cool glamourosa assim acho. Acho que foram os tempos áureos do Vegas* (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/01/2021, grifos meus).

Com efeito, na esteira do Vegas, outros tantos novos bares e baladas são inaugurados. Não obstante, antes de sua abertura, já havia na região uma pequena mancha de lazer, por um lado, composta por salas de cinema e pequenos teatros (em especial o Espaço Unibanco inaugurado em 1995); por outro, composta de bares, baladas, lanchonetes e restaurantes, além do shopping Frei Caneca (rua Frei Caneca, 569), inaugurado em 2001.

Assim, antes da inauguração do Vegas, além das casas noturnas que serão citadas adiante, restaurantes e bares importantes também já estavam instalados na região, como é o caso do Frevo (Rua Augusta, 1463), inaugurado em 1967; do Athenas (rua Augusta, 1449), inaugurado em 1992; do Pedaco da Pizza (Rua Augusta, 1463), inaugurado em 1998; e do Ibotirama (rua Augusta 1236), inaugurado em 2004. Ademais, tradicionais estabelecimentos há décadas ocupavam a via e suas proximidades, como é o caso da Padaria Bologna (rua Augusta, 379), inaugurada em 1925; do BH Lanches (rua Augusta, 1533), inaugurado em 1956; do Violeta (rua Augusta, 1343), inaugurado em 1958; da Cantina e Pizzaria Piolin (rua Augusta, 311), inaugurada em 1969; do Pop's (Bar do Raul) (rua Augusta 514), inaugurado em 1982; da sorveteria Soroko (Rua Augusta, 305), inaugurada em 1994; e também do Bar O Pescador (Rua Augusta, 946); da padaria Charm da Augusta (rua Augusta, 1448); do restaurante Bovinus's (rua Augusta 1513); e do Bar & Lanches Bahia (rua Augusta 572), cujas datas de inauguração não são conhecidas, mas são bastante antigas.

Um dos estabelecimentos marcantes na história do surgimento do Baixo Augusta e anteriores ao Vegas foi a icônica balada A Lôca (rua Frei Caneca, 916), inaugurada em 1995, e voltada para o público à época chamado de GLS (sigla para "Gays, Lésbicas e Simpatizantes"). Próximo a ela, já também existia o Bar d'Alôca (rua Peixoto Gomide, 106), até hoje operante e voltado ao mesmo público.

O primeiro dono da balada foi Julio Baldermann. Com sua morte, em 2009, quem assumiu o clube foi então gerente do local e amigo de Julio, o argentino Anibal Aguirre. Formado em Relações Internacionais e doutor em História, Anibal era professor em sua terra natal. Ambos os proprietários prezaram por trazer ao clube as últimas tendências do mercado internacional, como a música *techno* e os DJs de selo (*label*), principalmente internacionais – com efeito, A Lôca inaugurou a casa com dois DJs ingleses. Ademais, um de seus DJs residentes era Mau Mau, para quem Julio Baldermann ofereceu uma viagem à Europa, no intuito de trazer à casa novidades da cena musical internacional (CURY, 2015; MEDEIROS, 2017). Vale ressaltar, outro gerente d'A Lôca, Edinei Oliveira, além de atuar como DJ residente nas noites de sexta-feira, mantinha uma loja de discos na Galeria Ouro Fino, na porção "Jardins" da rua Augusta (MEDEIROS, 2017).

O "ar underground" d'A Lôca – "ar" que caracterizou a resignificação da região e a consolidação do Baixo Augusta como procurei explicar no próximo panorama – estava na filosofia da casa. Em entrevista à Folha de São Paulo (ASSEF, 2015), Anibal comentou:

A gente sempre teve a filosofia de ser fiel ao underground. Nunca gostamos de divulgar coisas da casa. Aí, quando perguntavam: "É verdade que Tônia Carrero esteve na Lôca?", eu respondia: "Não sei, não vi". Eliana, Gianecchini, Luciana Gimenez, Maria Gadú... Na Lôca, não repassamos fotos de frequentadores, famosos ou não (depoimento de Anibal para entrevista, ASSEF, 2015).

Nessa mesma perspectiva, uma matéria do website VICE ressaltava a “diversidade” desta balada:

Além das festas dedicadas ao techno, Alôca não demorou a se tornar um *pico conhecido por acolher a todos sem preconceito*. Já nos primeiros meses de funcionamento, a casa havia se tornado reduto de gays, drags e transexuais da capital paulista. Luiz Careca, um carioca radicado em São Paulo desde 1994, conta que a casa também era um lugar diferente por *juntar tipos muito distintos entre si na sua pista*. "Alôca trouxe a *mistura de pessoas, travestis, bichas montadas, héteros, bichas boy e tudo mais que se possa imaginar*" (CURY, 2015, grifos meus).

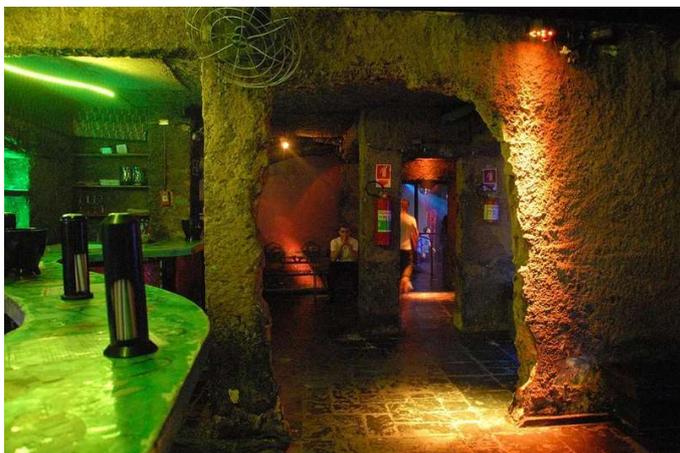


Figura 17 - Fotografia por Flickr, do clube A Lôca. Mostra o interior da casa no início da década de 2000. Disponível em CURY, 2015.



Figura 18 - Fotografia por Flickr, do clube A Lôca. Mostra a fachada da casa no início da década de 2000. Disponível em CURY, 2015.

Outro importante estabelecimento também anterior ao Clube Vegas foi a casa noturna Funhouse, inaugurada em 2002 em um pequeno sobrado no número 567 da rua Bela Cintra, e

que fechou as portas apenas em 2018. A balada era voltada para o público do *rock'n'roll* e do *indie*⁷⁷, e é citada em matérias como uma das precursoras do Baixo Augusta:

(...) quando o sobrado da Bela Cintra começou a redefinir a paisagem noturna da região da rua Augusta (mais tarde conhecida como Baixo Augusta) e da própria cidade de São Paulo. Foi a Funhouse que abriu o caminho percorrido depois pelo Vegas, Beco, Sarajevo, Astronete, Milo, Studio SP, Volt, Inferno e reestabeleceu a linguagem rock junto à fauna daquela região (MATIAS, 2017).

Os três sócios da Funhouse eram jovens formados em Jornalismo na USP. Segundo depoimento do promotor da casa (MATIAS, 2017), o ar “alternativo” da balada combinava mais com a região da Augusta:

(...) [os sócios] eram três jornalistas meio que recém-saídos da ECA-USP. Um deles tinha acabado de voltar de um período meio que longo de trabalho em NY, não queria mais ser jornalista e resolveu abrir um bar. Chamou uma amiga e um amigo de faculdade e na cara e coragem resolveram tocar o projeto. Se não me engano, a primeira ideia era que a Funhouse fosse no Itaim, que estava meio que na moda ter bar descolado lá. Ainda bem que a sócia alertou que o Itaim era ~ descolado demais ~ para um bar alternativo como queriam que fosse.

Tal caráter “alternativo” era expresso pela música e pela decoração do ambiente, inspirada em bares de Nova York:

(...) eles [os sócios] queriam montar uma casa que aliasse o espírito alternativo com um pouco mais de sofisticação do que se via em baladas da época. “A gente queria vender drinques diferentes, ter uma decoração legal”. Assim surgiu o lounge com sofás de onça e jukebox. O visual veio de referências pesquisadas na internet, em fotos de bares de Nova York, e os móveis foram comprados em bazares do tipo "família vende tudo" (FUNHOUSE, 2007).



Figura 19 - Fotografia do interior da casa noturna Funhouse. Sem data. Disponível em RIBEIRO, 2017.

⁷⁷ O *indie* é um estilo musical, vertente do *rock'n'roll*. Segundo o blog da Deezer: “Indie é um termo em inglês usado como abreviação de *independent*, que em português significa independente. O termo é bastante usado na arte para se referir a produções que não são produzidas ou não possuem vínculo com grandes empresas.” (DEEZER, 2021)



Figura 20 - Fotografia do interior da casa noturna Funhouse. Sem data. Disponível em: <https://www.baressp.com.br/baladas/funhouse>. Acesso em 06/02/2023.

Quando a Funhouse inaugurou, coloca acertadamente seu *promoter* que “Não existia nada ali naquela área do Baixo Augusta. Na verdade, nem o termo Baixo Augusta existia em 2002” (MATIAS, 2017). O único estabelecimento que tinha uma proposta mais similar à da casa, era o Club Outs (Rua Augusta, 486), inaugurado 1 ano depois, em 2003.

O Club Outs se caracteriza em seu próprio website como “[o] maior clube underground de São Paulo” e como “pioneiro na revitalização do centro da cidade” (OUTS, s/d). A casa teve como idealizadores⁷⁸ “frequentadores do circuito musical alternativo” (FIORI, 2007) e até hoje está em funcionamento, com o mesmo estilo musical, e atuando agora juntamente aos novos Outs Pub (rua Augusta, 498) e Outs Tattoo (rua Augusta, 494).

Finalmente, antes mesmo da abertura da Funhouse e do Club Outs, mais próximo à avenida Paulista, existia o Sarajevo (Rua Augusta, 1397), inaugurado em 1999, uma balada “alternativa” que funcionava em um sobrado antes ocupado por uma *lan house*. Apesar deste clube não ter tido a projeção dos anteriores, teve certo destaque na narrativa de alguns(mas) interlocutores(as) da pesquisa, que o caracterizaram como um “inferninho”, ou um local “pé sujo”, pois que mais improvisado do que os outros clubes da região. A casa, que funcionou até 2013, fez sucesso no Baixo Augusta mais pela acessibilidade em termos de preço de bebida e pela “boa música”. De fato, por lá passaram nomes importantes da “cena alternativa”⁷⁹.

Não é possível dizer, porém, que o Vegas não tenha impactado e ressignificado a vida noturna da Augusta, apesar de lá ter se estabelecido ainda depois d’A Lôca, da Fun House, do Outs e do Sarajevo. Entre 2005 e 2010, uma série de casas noturnas e bares “descolados” começaram a determinar os contornos da nova mancha de lazer.

⁷⁸ Não foi possível identificar na pesquisa os(as) sócios(as) do local.

⁷⁹ Na casa, já passaram artistas como Gigante Brasil, Paulo Moura, Projeto Nave, Criolo, entre outros (SARAJEVO, s/d.)

Apenas para citar os estabelecimentos icônicos⁸⁰, começo pelo Studio SP, dos sócios Alê Youssef, Guga Stroeter e Maurizio Longobardi, que morreu em 2020. Todos os sócios têm interessantes trajetórias. O primeiro, Alê Youssef, formou-se em direito pela Universidade Mackenzie e, mais tarde, tornou-se mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além de ter atuado como professor e gestor cultural, teve carreira política. Inclusive, concebeu o Studio SP⁸¹ com os outros sócios após sua atuação como Coordenador de Juventude da Prefeitura de São Paulo da gestão da então Prefeita Marta Suplicy, como comenta em entrevista concedida à revista Gama, da UOL (ALÊ, 2022):

O Studio SP nasceu nesse contexto e da parceria com meus amigos e sócios Maurizio Longobardi e Guga Stroeter. A ideia original que levei a eles era de uma espécie de centro cultural onde fosse possível fomentar artistas por meio de residências. Em menos de um mês ajeitamos tudo e, de forma bastante improvisada, nasceu o Studio SP na Vila Madalena, no segundo semestre de 2005. Os primeiros meses de funcionamento da casa foram a prova de que estávamos vivendo o tal momento especial na cidade (depoimento de Alê Youssef na entrevista disponível em ALÊ, 2022).

Já Guga Stroeter é um personagem bastante importante da cena musical brasileira. Além de músico, é produtor e diretor musical, tendo trabalhado com nomes como Caetano Veloso e Rita Lee. Em 2021, um de seus álbuns foi indicado ao Grammy Latino (GUGA, 2022).

Finalmente, Maurizio Longobardi era de naturalidade italiana. Atuou como fotógrafo e chegou ao Brasil em 1989, para gravar um documentário. Mais tarde, tornou-se empresário da noite, não tendo sido o Studio SP seu único projeto. Diz-se que a ideia de migrar o Studio SP da Vila Madalena para o Baixo Augusta tenha sido dele. Em matéria da Folha de São Paulo de 2020 (PASQUINI, 2020), Youssef afirmou em entrevista: “Ele [Longobardi] trouxe uma ideia de transformação urbana do centro a partir da cultura”.

Um pouco antes da abertura do Studio SP no seu endereço da Rua Augusta, os donos da Funhouse inauguraram também o Bar Exquisito! (rua Bela Cintra, 532), em 2005, com temática

⁸⁰ Entre 2005 e 2010, abriram na região, além das casas noturnas e bares que serão citados no corpo do texto, os seguintes estabelecimentos: No ano de 2007, o Espaço Cênico O Lugar (Rua Augusta, 325); no ano de 2008, o bar The Pub (Rua Augusta, 580), e as baladas Studio Roxy (Rua Augusta, 430) e Club Noir (Rua Augusta, 331); no ano de 2009, o Dex Bar (Rua Augusta, 520), o salão de cabeleireiro Retrô Hair (Rua Augusta, 902), e a balada Sonique (Rua Bela Cintra, 461); e, aproximadamente em 2010, o restaurante Tex Mex Tollocos (rua Augusta, 1524), o bar Tapas Club (Rua Augusta, 1246), o restaurante YOI! Rolls e Temaki (rua Augusta, 1292), o bar Santa 976 (rua Augusta, 976), a balada Beat Club (Rua Augusta, 625), o bar Comitê Club (Rua Augusta, 609), a balada Lab Club (Rua Augusta, 523), o restaurante Guta (rua Augusta, 498), o espaço cultural Ponto de Encontro Augusta (rua Augusta, 480), o Augusta 472 Rock Bar (rua Augusta, 472), os bares Dona Teresa (Rua Fernando de Albuquerque, 57) e Kebabel (Rua Fernando de Albuquerque, 22), a balada Container (Rua Bela Cintra, 483), e quase mais 30 outros estabelecimentos menores, como lanchonetes, pequenos restaurantes e cafés.

⁸¹ A casa foi instalada, em um primeiro momento, na Vila Madalena e que depois, em 2008, ocupou o famoso endereço na Rua Augusta, 591.

latino-americana, inovadora à época, e refletida no cardápio e decoração do bar (WRIGHT, 2016).

Em 2006, foi também inaugurado o Inferno Club (Rua Augusta, 501), com programação musical focada no *hard rock* dos anos 1970 e no *underground* britânico⁸² (MARTINS, 2018).

O Bar do Netão (hoje no número 822 da rua Augusta), é outra casa noturna que abriu as portas à época, mais precisamente em 2008, e deu muito o “tom” da região. Considerada “ícone do underground paulistano” (DESCENDO, s/d), a casa improvisada para virar balada e receber festas enchia as calçadas da Augusta com os mais diversos tipos de pessoas:

Foi do Bar do Netão que saiu o novo underground de São Paulo: o Thomas da Voodoo Hop [festa muito famosa à época] começou tocando por lá, depois veio a Capslock e todas essas outras festas que hoje acontecem em galpões. O Bar do Netão ajudou na gestação dessa nova geração de DJs, promoters e performers que hoje movimentam a atual cena (MUSIC, 2016).



Figura 21 - Imagem da porta do primeiro Bar do Netão. Capturada de MUSIC, 2016.

Em 2011, Tibira, juntamente com Netão, abriu também o bar Caos, onde funcionava seu antiquário. O local se tornou uma espécie de ponto turístico, e inclusive ganhou um programa no canal de televisão *History Channel*, que mostrava as negociações das antiguidades entre os donos e clientes (A NOVA, 2014).

⁸² Vertente do *rock'n'roll* britânico não massiva e mais “conceitual” (MARCON, 2020).



Figura 22 - Fotografia de outubro de 2012, de Tatiana H., postada na rede Foursquare. Mostra a fachada do bar Caos, ao lado do american bar Say. Disponível em: <https://pt.foursquare.com/v/caos/4de44fc1c65b7a3e2147d19b?openPhotoid=508491cfe4b0e24bb46d2223>. Acesso em: 23/06/2022.

Foram muitos os outros estabelecimentos que, após a abertura do Vegas, firmaram seus endereços no Baixo Augusta⁸³. Neste momento, a vida noturna da região passa a ser cada vez mais voltada a um público jovem e bastante variado, que compõe uma “cena noturna” única, “cujos personagens convivem no mesmo espaço com mulheres da noite, dançarinas de strip-tease e vendedores ambulantes” (DINES, 2011, p. 1). Em matéria de 2011 da revista *Veja*, lê-se:

Hoje, [a rua Augusta] é famosa pela faceta baladeira, iniciada em 2005, ano em que a casa noturna Vegas se instalou por lá. Depois dela, pipocaram várias outras, como Studio SP, Z Carniceria, Volt e Tapas, que fizeram da região apelidada de Baixo Augusta — delimitada pela Avenida Paulista, pela Praça Roosevelt e pela Rua da Consolação — uma concorrente poderosa para tradicionais bairros notívagos, como Vila Olímpia e Vila Madalena. Nos últimos seis meses, o sucesso foi potencializado com a inauguração de quatro clubes — e mais três estão programados para abrir as portas (GIOVANELLI, 2011).

Como nota Puccinelli, de fato, no momento de inauguração do Vegas, a rua Augusta e região “mantinham muito do que a caracterizou como um lugar perigoso e sujo, central”⁸⁴ (PUCCINELLI, 2017, p. 49). Pode-se dizer que a copresença destes universos foi caracterizada pelo diálogo e pela citação. Os novos estabelecimentos de lazer ressignificam, em seus designs e decorações, e até mesmo nos temas das festas promovidas, a imagem de “degradação” da Augusta — a atmosfera dos *american bars*, do improvisado, da mistura.

⁸³ Por exemplo, a balada de rock Astronete (Rua Augusta, 335), que possuía um clima “retrô” (BALADA, 2017), e funcionou entre 2012 e 2016, além das casas noturnas citadas na nota de rodapé 92.

⁸⁴ Neste período, a praça Roosevelt ainda não havia sido reformada; permaneciam na Augusta os territórios da prostituição; também, a rua Avanhadava, hoje point gastronômico controlado pela família Mancini, ainda não havia se consolidado (PUCCINELLI, 2017, p. 49).

Pissardo (2013, p. 143) argumenta que as novas casas noturnas tenderam “‘glamourizar’ o universo e a estética da prostituição”, “através de decoração exagerada, romantizada ou vulgar dos clubes, recorrendo a cores fortes, dourados, veludos, almofadas, lustres de cristal, etc.”, elementos que procuravam refletir o imaginário dos prostíbulo. Por exemplo, o Beat Club (rua Augusta, 625), contava com esse tipo de atmosfera, como narra a matéria da Veja (GIOVANELLI, 2011, grifos meus):

(...) a experiente hostess Adriana Recchi, a promoter Vivi Flaksbaum e o empresário Gigio usam de suas experiências baladeiras para montar o Beat Club (...): “*Escolhemos um antigo inferninho de três andares e demos um ar de cabaré*”, conta Adriana.

Puccinelli (2017, p. 50) também aponta para o uso dos letreiros de neon e dos aparatos do *pole dance* dentro dos estabelecimentos:

Essa decoração, inclusive, marca a forma como as casas se apresentavam, criando uma continuidade com o passado e com a vizinhança. Os neons traziam a paisagem da rua como espaço público e sua relação com o lazer noturno e com os prostíbulo para o interior da casa. Recurso parecido se dava pela manutenção do *pole dance* na pista do Vegas que sugeria a relação com a dinâmica interna dos espaços de prostituição ao lado, em que mulheres poderiam utilizar-se das estruturas de metal para shows e exibições.

As imagens abaixo mostram os detalhes dos interiores de alguns clubes e bares da Augusta:



Figura 23 - Entrada do Clube Vegas. Imagem capturada de SAKAI, 2007.



Figura 24 - o balcão em 's' do Vegas. Foto Ronaldo Franco. Imagem capturada de VICENTE, 2015.



Figura 25 - Bar da Funhouse. Imagem capturada de FUNHOUSE, 2020.



Figura 26 - Bar Z Carniceria na Augusta. Imagem capturada de Z CARNICERIA, 2013.



Figura 27 - Fotografia do neon com o logo da balada "Beatclub" da Augusta. 13/06/2011. Disponível em: <https://www.facebook.com/Beat-Club-223451811011755/photos/a.223452964344973/223452967678306>. Acesso em 10/08/2021.



Figura 28 - Arte de promoção da festa "cio" no Beatclub, de novembro de 2011. Disponível em: <https://www.facebook.com/Beat-Club-223451811011755/photos/296860457004223>. Acesso em 10/08/2021.



Figura 29 - Letreiro neon do "Inferno Clube". Imagem capturada da página de Facebook do estabelecimento. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=544155061080256&set=a.544155027746926&locale=pt_BR. Acesso em 09/03/2023.



Figura 30 - Imagem do design da Balada Sonique, com neons e pole dance. Fotografia de ed.l. de novembro de 2012 na plataforma Foursquare. Disponível em: <https://pt.foursquare.com/v/sonique-bar/4b0acd9df964a5201d2823e3?openPhotoId=50b00e7fe4b063e3422b2199>. Acesso em: 09/03/2023.

Neste momento, em lugar do termo “degradação”, passa-se a falar amplamente do *underground* - um novo adjetivo que *ressignifica* a rua e seus entornos, característica marcante da emergência do Baixo Augusta. É interessante notar que o nome “inferninho”, que antes designava as casas que compunham os territórios da prostituição, passa a ser usado para designar também algumas casas noturnas, especialmente as mais “improvisadas”, como o Sarajevo.

Como veremos no próximo panorama, a ideia de *underground* refere-se tanto à música como à estética e “filosofia” dos estabelecimentos que compunham a mancha de lazer. O público frequentador da Augusta de certo “abraçou” a justaposição e o diálogo entre a “degradação” e a suposta nova fase da via, e é possível notar que a convivência harmoniosa entre estas duas facetas do Baixo Augusta está no bojo das enunciações dos(as) interlocutores(as) entrevistados(as) ao longo da pesquisa.

Vale ressaltar que, ao falar de uma “suposta nova fase” da via, relacionada à própria formação do que se chama hoje por “Baixo Augusta”, não quero dizer que a região não se transformou. Todavia, a ideia de “fase” parece implicar em uma concepção linear da história

do Baixo Augusta, concepção que abafa narrativas e discursos periféricos. Ademais, se agentes do capital fazem ampla referência à tal organização cronológica da história da via e à ideia de sua “revitalização”, tais elementos não estão presentes nas narrativas dos(as) interlocutores(as) da pesquisa, em geral, frequentadores(as) assíduos(as) da rua neste período.

A própria expressão “Baixo Augusta”, além de não ter se mostrado popular em nossas conversas (em geral, nas narrativas, foi utilizado apenas o nome “Augusta”), parece ter se popularizado apenas na década de 2010. Nessa perspectiva, mais uma vez retomo as narrativas de Leonardo, que me conta que, no início dos anos 2000, ia encontrar os amigos na região:

A gente pegava o metrô (...) e descia ali a Consolação, tipo sexta-feira à noite, pra ir na casa do B. [seu amigo], e a gente passava o fim de semana todo lá. E... e era muito claro isso pra mim, *assim, descer a Augusta não tinha tanta gente à noite na sexta-feira, assim, era... poucos bares abertos tinha, só os american bars mesmo, e você só via homem na rua e as garotas que trabalhavam aí, só isso* [com ênfase] e homens mais velhos, grupo de homens, era um ambiente bem masculino mesmo e... *não tinha casa noturna, não tinha outros bares... os bares que tinham, aqueles botecão mesmo, botecão mesmo, e era isso, tá?* (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 12/02/2021).

À época, Leonardo argumentou que não existia o termo “Baixo Augusta”: “Não... Não, nem fodendo, essa expressão “Baixo Augusta” ainda não existia, isso veio muito depois, era a “Augusta” mesmo.” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 12/02/2021).

Também Bianca, a cabeleireira do *Retrô Hair*, argumentou que um pouco antes de 2006, quando começou a trabalhar na região, já frequentava a Augusta e “ia muito beber nos bares ali, em cima, ali nas quadras em cima”, mas, nessa época “não tinha aquele lance do Baixo Augusta mesmo, do Bar do Netão, do Vegas, que eram as baladas mais icônicas da região” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021).

De acordo com a cronologia traçada pelos(as) interlocutores(as), essa “Augusta descolada”, o “Baixo Augusta”, na verdade se consolida apenas na década de 2010 e, no início, possui uma afinidade muito maior com a atmosfera *underground* sobre a qual comentei. Marcela comentou que, logo que chegou em São Paulo⁸⁵, as pessoas lhe falavam que ela *tinha* de ir pra Augusta, e ela assim o fez, visitando pela primeira vez a casa noturna Sarajevo:

(...) tinha 17 pra 18 anos [entre 2008 e 2009], e eu lembro um dos primeiros lugares que eu fui, assim pra sair mesmo (...) eu fui pra, pro Sarajevo, que era lá no Baixo Augusta. Eu não sei se o Sarajevo ainda existe (*risos*), (...) e eu acho que ele, o Sarajevo, também dava muito tom do que era o cenário do Baixo Augusta naquela época, (...) que era essa coisa meio, esse climinha meio *underground*, e simples, tudo era meio improvisado, mas que passava esse ar do

⁸⁵ Marcela morava na cidade de Mogi das Cruzes antes de vir a São Paulo.

descolado, por conta desse improviso (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/01/2021).

É muito importante notar que, mesmo que a consolidação do Baixo Augusta como região de lazer jovem de São Paulo tenha sido marcada pela abertura de estabelecimentos específicos, a rua *em si* é que passou a interessar aos jovens. Minhas tentativas de fazer os(as) interlocutores(as) se lembrarem dos nomes dos estabelecimentos que frequentavam se mostrou desnecessária quando Fernando me falou:

(...) então era muito sobre, o... Tinha uma questão mesmo de bairro, não era sobre as casas noturnas em si, mas era porque elas estavam ali e toda aquela região era gostosa de sair, a gente se divertia na rua, a gente se divertia na fila das baladas, a gente se divertia, é... dava pra caminhar né (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 11/06/2020, grifos meus).

Também Danilo, interlocutor já mencionado, frequentava a Augusta nesta época. Apesar de sua ligação com o Baixo Augusta ser mais pautada por seu gosto musical – Danilo sempre “curtiu” *rock’n’roll* – ele conta que se apaixonou pela *atmosfera da rua*:

(...) aí foi meio que paixão à primeira vista, assim. Eu comecei a fazer os rolês lá, tinha mais bares de rock do que nas outras regiões, que era muito mais a minha praia, e tal, e aí foi assim, tipo, *andar na rua e aquela atmosfera à noite, um monte de gente, de tribos assim, aquilo, eu achava animal assim. E aí, me sentia mais em casa*, sei lá, me divertia muito mais. Então, sei lá, cê vê uma tribo do pessoal do rock, os góticos lá, que iam pra um lugar tipo o OUTS, aí você vê a galera mais... as minas trampando lá na rua, uns caras mais hippies e tal, *e todo mundo convivendo em harmonia, isso eu achava muito legal* (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 14/07/2020, grifos meus).

Argumento que tal miscelânea “descolada” de frequentadores e frequentadoras da rua Augusta e arredores é também um grupo de agentes muito relevante na ressignificação da região – de “degradada” a “descolada” e “*underground*” – e na própria criação do Baixo Augusta. É evidente que a inauguração de bares e baladas contribuíram muito para chamar este público a vivenciar rua. Porém, a simples abertura de estabelecimentos noturnos não teria este efeito sem os(as) jovens de todos os tipos que faziam seus *rolês* no, agora, Baixo Augusta – como Fernando propôs, não era tanto pelos estabelecimentos, mas pela rua em si.

É a própria ideia de “rolê” que permite afirmar que é a rua que interessa. Como já comentei, o “rolê” poderia começar em vários pontos da rua, mas a tendência era “descer a Augusta”, até a balada ou bar favorito. Assim, muitos(as) jovens se encontravam na porta do metrô Consolação ou nas escadarias do Banco Safra, compravam bebidas em algum bar, e iniciavam a descida.

No trajeto do rolê, os “coágulos humanos” – para utilizar a expressão de Richard Sennett (2003) – incentivavam a sociabilidade. As pequenas multidões que paravam na porta de algum estabelecimento, ou que esperavam nas filas das baladas, interagiam com os passantes e vice-versa: lembrando da narrativa de Fernando, “a gente se divertia na rua, a gente se divertia na fila das baladas, a gente se divertia, é... dava pra caminhar né”.

Tendo em conta os estudos sobre a juventude e suas práticas culturais e de lazer coordenados por José Guilherme Cantor Magnani (2005), é importante notar que “jovens”, nesta pesquisa, não denota uma categoria explicativa, mas “um ponto de partida, empírico, para os recortes” (MAGNANI, 2005, p. 174). Nessa perspectiva, intento apenas enfatizar que esta não é uma investigação sobre as práticas culturais e uso do tempo livre de jovens, mas uma estudo sobre a relação de certos agentes e grupos de agentes com o espaço, sendo que um destes grupos é caracterizado aqui como “jovem”.

Tal caracterização é suportada por dois elementos. O primeiro, diz respeito, evidentemente, à faixa etária. Em minhas incursões a campo, a simples observação ao público da mancha de lazer do Baixo Augusta deixou claro que se trata de um público jovem. A questão da faixa etária também é evidente no perfil dos(as) interlocutores(as): a grande maioria deles(as) frequentou mais assiduamente o Baixo Augusta nas idades entre 18 e 25 anos. Quando mais velhos(as), muitos(as) deixaram de frequentar a região e migraram para outras manchas de lazer de São Paulo, especialmente o Centro e os bairros da Barra Funda e Santa Cecília.

É certo, porém, que uma ciência social não pode levar em conta as “faixas etárias” como absolutas e universais. As diferentes abordagens sociológicas e antropológicas da juventude, apesar de se apoiarem ora na premissa da universalidade ora na premissa da negação da condição de jovem⁸⁶, apresentam um elemento mais ou menos comum, que toma a juventude como uma “fase da vida social que é caracterizada por um status social com independência relativa em relação ao núcleo familiar original e por menor autonomia diante das instituições sociais para além da familiar” (GROPPO, 2017, p. 13), ou seja, trata-se de um momento transacional na vida do indivíduo.

⁸⁶ O dilema da universalidade da juventude é um dos apontados por Groppo (2016, 2017), que argumenta haver “uma relação contraditória das ciências sociais com o tema juventude, oscilando entre dois extremos: a reificação e a negação” (GROPPO, 2017, p. 11). Por um lado, a reificação “toma a juventude como elemento “natural” e universal da vida humana, independente de qualquer construção social” (GROPPO, 2017, p. 11). Por outro lado, a negação diz respeito à possibilidade de se afirmar que é possível que haja sociedades nas quais a juventude não exista. Biologicamente, o corpo do indivíduo poderia passar pelas transformações esperadas, porém, socialmente, pode haver que não haja qualquer construto sociocultural que simbolize ou caracterize o indivíduo enquanto jovem.

A partir das teorias críticas, na segunda metade do século XX⁸⁷, a juventude não é mais vista simplesmente como uma fase transacional, mas igualmente como um momento de *experimentação*. Essa característica do indivíduo e de grupos de indivíduos jovens se mantém até os estudos mais atuais, que apresentam uma “concepção dialética” da juventude. Em poucas palavras, trata-se de mostrar que as primeiras e principais instâncias de socialização da juventude são criadas e organizadas pelo “mundo adulto”: “escolas, orfanatos, internatos, casas de correção, escotismo e juventudes de igrejas, partidos e Estados” (GROPPO, 2017, p. 15). Todavia, como argumenta acertadamente Groppo, “é justamente desta convivência forçada que nasce a possibilidade destes indivíduos criarem identidades, comportamentos e grupos próprios e alternativos às versões oficiais” (GROPPO, 2017, p. 15). Assim podemos ter uma visão dialética do processo: a juventude é engendrada entre sua institucionalização e a possibilidade de sua autonomia.

O perfil dos(as) jovens frequentadores(as) do Baixo Augusta será mais explorado ao longo da pesquisa. De qualquer maneira, já vale mencionar que o termo mais comumente utilizado para classificá-los(as) foi “galera alternativa”, de não tão fácil definição. Como comentou Danilo, tratava-se de “um monte de gente, de tribos”: pessoal do rock, góticos, hippies, gays, lésbicas, skatistas, em sua maioria, estudantes universitários⁸⁸. Nesta perspectiva, a ideia de uma relação experimental com a realidade acaba fazendo muito sentido e se relacionando a uma série de práticas desses(as) agentes. Como exemplo, podemos citar o gosto pela música “alternativa”: mesmo já preferindo gêneros musicais não massivos, como o *rock’n’roll*, os(as) jovens frequentadores(as) do Baixo Augusta ainda procuravam locais onde se tocava vertentes não tão populares desse gênero, como o *indie rock*, ou o *punk rock*. O gosto em conhecer e experimentar novos gêneros musicais também ficou claro nas entrevistas. Nesse sentido, Danilo comentou sobre a importância de um estabelecimento específico do Baixo Augusta, que teria expandido seus horizontes musicais, o Sarajevo:

(...) Puta era muito legal. E aí também tem essa coisa que ali não era exatamente um bar de *rock*, então, é, o meu horizonte musical ali, ampliou, porque eu comecei a ter contato com *soul music*, um pouquinho de *jazz*, então

⁸⁷ Procurando explicar movimentos radicais e contraculturais dos anos 1960, as teorias críticas se opõem em muitos pontos às abordagens estruturais funcionalistas da juventude, marcadas pela obra de Talcott Parsons. Dentre os autores das correntes críticas, destaca-se Karl Mannheim (1982), que enfatiza o potencial transformador da juventude. A geração, nesta corrente, não é um grupo social concreto “como a família, a tribo ou a seita. É, assim como a classe social, uma situação social”. Ou seja, “não é automático e necessário que indivíduos em dada situação social (...) formem grupos sociais concretos (...). Isto é apenas uma potencialidade” (GROPPO, 2017, p. 55).

⁸⁸ Por conta da utilização da técnica “bola de neve” para a realização das entrevistas, a grande maioria dos(as) interlocutores(as) eram de cursos de Humanas.

isso foi muito legal, assim um tipo de música que eu não ouvia então – ouvia assim o básico né, Michael Jackson – mas aí comecei a conhecer mais (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 14/07/2020).

Em minhas interações com os(as) interlocutores(as), tanto por meio das entrevistas quando *in loco*, me pareceu, em um primeiro momento, que a própria busca por uma *definição* de público seria uma espécie de contrariedade – o “alternativo” é justamente aquilo que não é padrão, que seria indefinido. Não obstante, como procurarei demonstrar adiante, apesar da recorrente menção ao termo “diversidade” e à ideia de “liberdade” (de ser quem se é) nas narrativas sobre o Baixo Augusta, a “galera alternativa” se distingue claramente de outros grupos de jovens, usuários de manchas de lazer de outras regiões de São Paulo, como Vila Madalena e, principalmente, Vila Olímpia. Identificar-se como “alternativo” não deixa de ser, então, uma estratégia de distinção.

3.4 Transformações e Permanências

Após o ano de 2010, a mancha de lazer do Baixo Augusta assumiu um grande dinamismo. Muitos novos estabelecimentos, em especial bares e/ou restaurantes, inauguraram seus endereços na região e, em termos numéricos (de unidades de estabelecimentos), a mancha de lazer se expandiu.

De acordo com o mapeamento realizado via a ferramenta *Google Street View*, foi possível desenvolver mapas da mancha entre 2010 e 2022. Foram levantados um total de 262 estabelecimentos, entre bares, baladas, restaurantes, cafês, padarias, lanchonetes, cinemas e teatros⁸⁹. Alguns estabelecimentos de outros tipos constam na base de dados, como salões de beleza e lojas colaborativas. Estes foram levados em consideração por trazerem projeção para o Baixo Augusta na mídia e marcarem sua história, como é o caso das lojas colaborativas *Endossa* e *De Tudo Um Pouco*, e dos salões de cabeleireiro *Circus Hair* e *Retrô Hair*, que também contam com bares em seu interior. Visto o caráter histórico do mapeamento, evidentemente os 262 estabelecimentos não existiram coetaneamente.

Antes de apresentar os mapas que apontam o crescimento da mancha de lazer no período, é importante ressaltar seu dinamismo. Como comentei, muitos dos novos estabelecimentos foram inaugurados nos mesmos endereços de antigos. Por exemplo, o número 765 da rua Augusta abrigou, de 2005 a 2012, o *Clube Vegas*; em 2014, a balada *Playground*;

⁸⁹ Outros tipos de comércio, como lojas de roupas ou de utilidades, não foram levados em consideração simplesmente pela quantidade – como são muitos e, por vezes, estão do interior de galerias, não haveria tempo hábil de pesquisa para mapeá-los. Ademais, foco maior foi dado a estabelecimentos de lazer *noturno*, que mais caracterizam a mancha do Baixo Augusta.

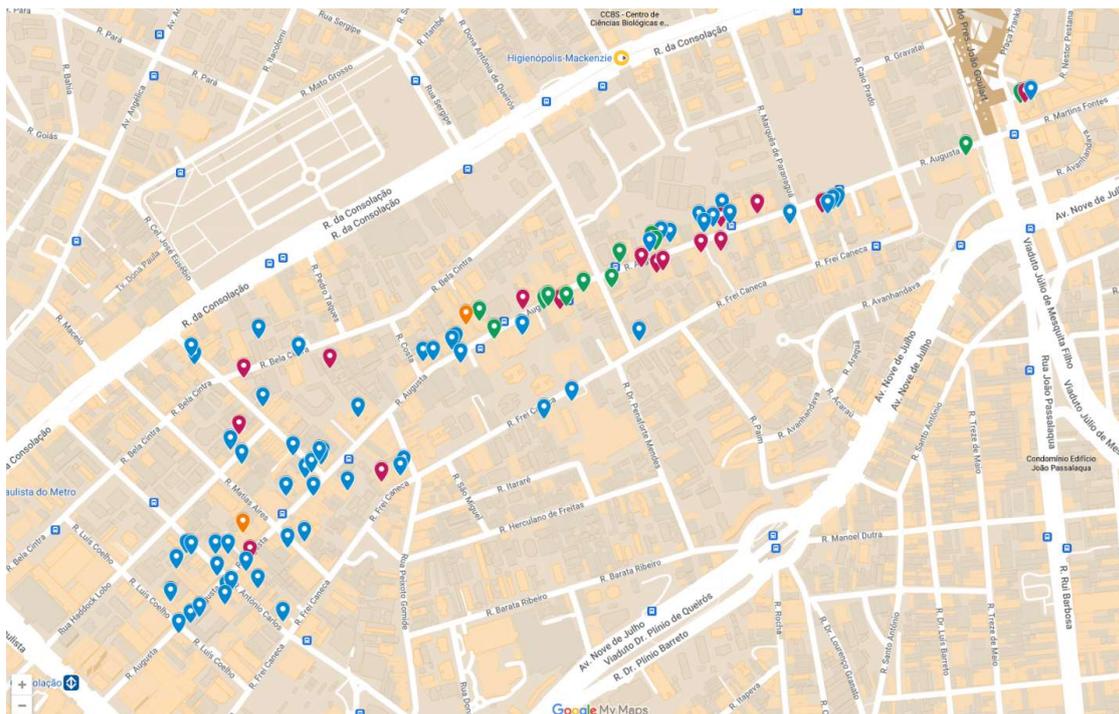
em 2015, o centro cultural do *Acadêmicos do Baixo Augusta*; de 2015 a 2021, a balada *Desmanche*; e, desde 2022, abriga a balada *Andrômeda Club*. Assim também o endereço do antigo *Inferno Club* (rua Augusta, 501) é hoje ocupado pela balada *Clube Selva*, como aconteceu com a antiga casa do *Bar Caos* (rua Augusta, 584), que hoje comporta o novo *Bar do Netão*⁹⁰.

A análise do mapeamento revela, então, não apenas o movimento de abertura e fechamento das casas, mas uma certa manutenção do tipo de estabelecimento que ocupa cada endereço: baladas, quando fecham, tendem a virar outras baladas, assim como no caso de restaurantes, bares e lanchonetes⁹¹. É claro que isso se dá, principalmente, pela estrutura dos imóveis, que já estavam de alguma forma “preparados” para receber negócios do mesmo tipo.

Ao mesmo tempo em que ocorreu esse processo dinâmico, a mancha de lazer crescia consideravelmente a partir de 2010. Nesse ano, entre restaurantes, lanchonetes, baladas, bares e *american bars*, contavam-se, aproximadamente, 94 estabelecimentos:

⁹⁰ Considerando apenas os estabelecimentos mapeados que já encerraram suas atividades, seu tempo médio de funcionamento é de 5 anos.

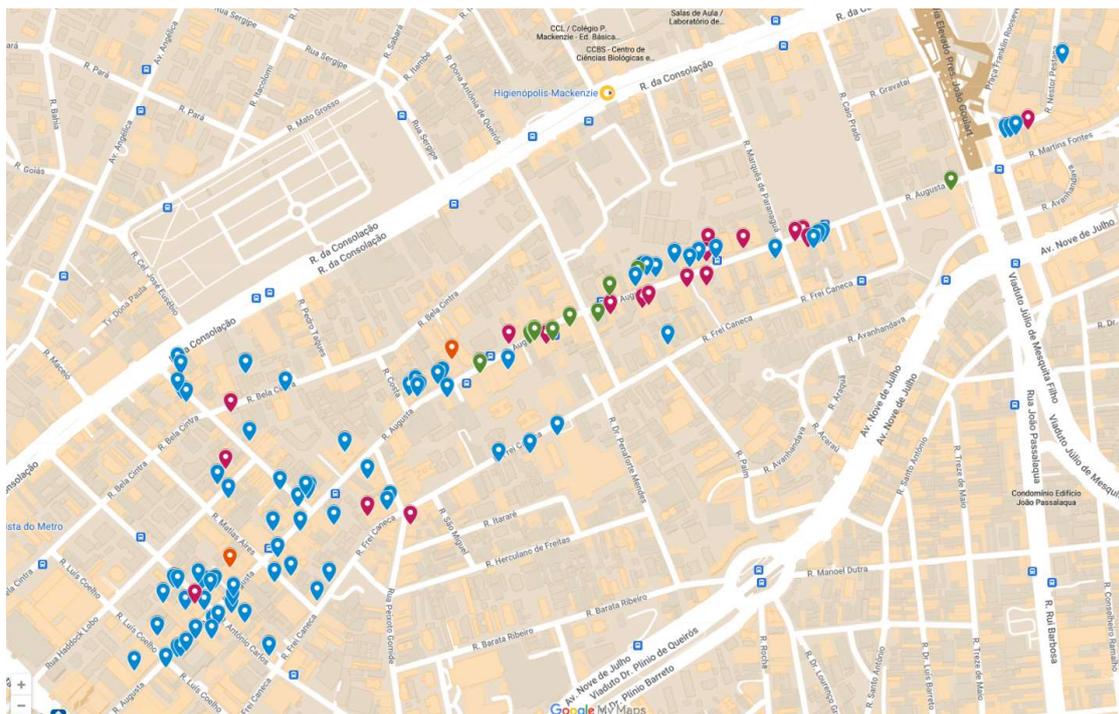
⁹¹ De todas as 24 baladas mapeadas que encerraram suas atividades no período de 2010 a 2022, quase metade (11) delas viraram outras baladas (4 imóveis estão vazios, 3 viraram bares e/ou restaurantes, 3 deram lugar a empreendimentos imobiliários, 2 delas são hoje imóveis vazios, e 3 viraram comércios). Já os 69 bares e/ou restaurantes mapeados que fecharam as portas no mesmo período deram lugar a 49 outros estabelecimentos da mesma natureza.



Mapa 3 - Mapa desenvolvido pela autora. Pontos em vermelho indicam casas noturnas, as "baladas". Pontos em verde indicam american bars. Pontos em laranja indicam o salão de cabeleireiro Retrô Hair e a loja colaborativa Endossa. Os pontos em azul indicam lanchonetes, bares e restaurantes.

Em 2010, assim como nos anos seguintes, a mancha de lazer foi mais caracterizada por três tipos de estabelecimentos, com a dominância de bares e/ou restaurantes (49), seguida pela presença de baladas (14) e de *american bars* (11).

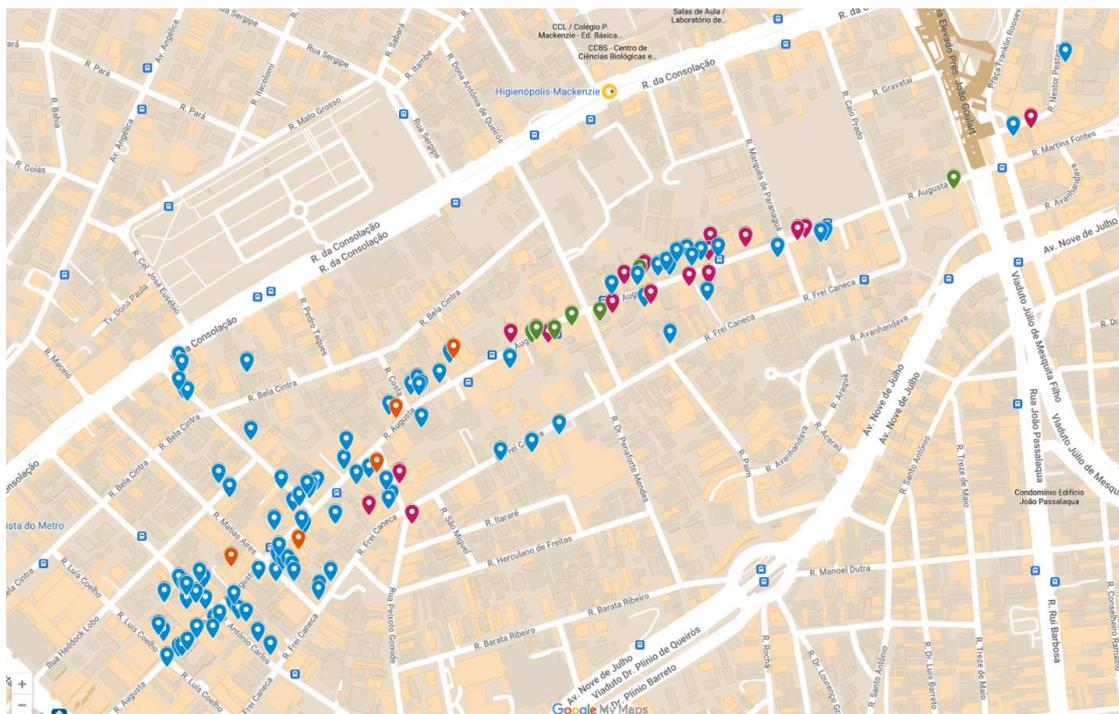
Em 2015, cinco anos mais tarde, a mancha de lazer já havia se expandido, e contava com, aproximadamente, 121 estabelecimentos:



Mapa 4 - Mapa desenvolvido pela autora. Pontos em vermelho indicam casas noturnas, as "baladas". Pontos em verde indicam american bars. Pontos em laranja indicam o salão de cabeleireiro Retrô Hair e a loja colaborativa Endossa. Os pontos em azul indicam lanchonetes, bares e restaurantes.

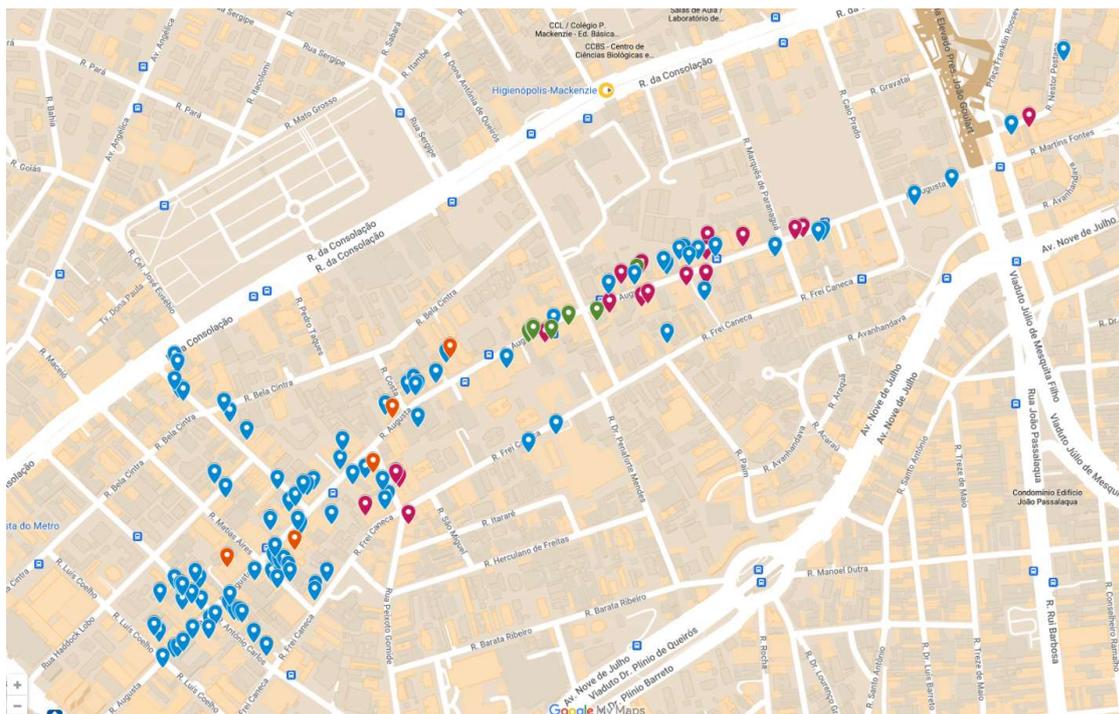
Em relação aos tipos de estabelecimentos da mancha de lazer, seu caráter permaneceu o mesmo, com a dominância de bares e/ou restaurantes (70), seguida pela presença de baladas (16) e de *american bars* (12).

Até antes da pandemia, em 2020, a mancha de lazer contava com aproximadamente 141 estabelecimentos, com aumento da categoria bares e/ou restaurantes (93), pequeno aumento no número de baladas (19), e diminuição dos *american bars* (8).



Mapa 5 - Mapa desenvolvido pela autora. Pontos em vermelho indicam casas noturnas, as "baladas". Pontos em verde indicam american bars. Pontos em laranja indicam o salão de cabeleireiro Retrô Hair, a Barbearia Retrô, o Salão Circus Hair, e as lojas colaborativas Endossa e Fábrica Augusta. Os pontos em azul indicam lanchonetes, bares e restaurantes.

Finalmente, mesmo após a pandemia, no ano de 2022, a mancha de lazer do Baixo Augusta apresenta praticamente o mesmo número de estabelecimentos, 140, e a mesma configuração: maior quantidade de bares e restaurantes (89), seguidos de baladas (22) e *american bars* (8)



Mapa 6 - Mapa desenvolvido pela autora. Pontos em vermelho indicam casas noturnas, as "baladas". Pontos em verde indicam american bars. Pontos em laranja indicam o salão de cabeleireiro Retrô Hair, a Barbearia Retrô, o Salão Circus Hair, e as lojas colaborativas Endossa, Fábrica Augusta e De Tudo Um Pouco. Pontos em azul indicam lanchonetes, bares e restaurantes.

O gráfico abaixo mostra a evolução da mancha de lazer nesses quase 10 anos:

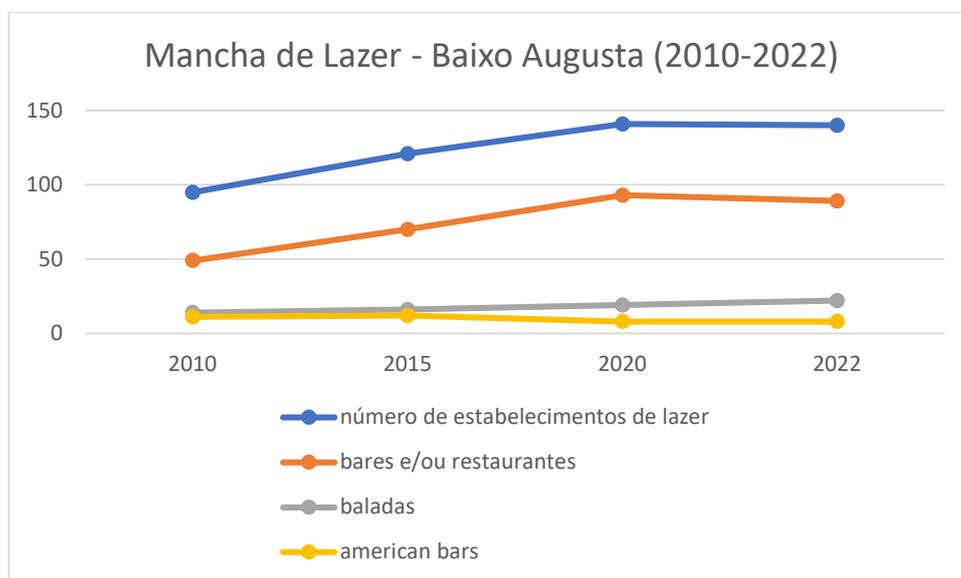


Gráfico 2 - Gráfico desenvolvido pela autora com base no mapeamento histórico dos estabelecimentos de lazer da região do Baixo Augusta.

Após o início do *boom* imobiliário, em 2010, grande parte dos(as) interlocutores(as), como veremos, afirmou que a região estaria perdendo seu "caráter". Como acabamos de notar pelo mapeamento histórico realizado, isso não pode ser devido a uma *diminuição* na mancha de lazer, como se os empreendimentos tivessem tomado *literalmente* os terrenos dos

estabelecimentos. Ao contrário, observou-se um *crescimento* da mancha de lazer, concomitante a esse processo.

Não obstante, há de fato certas mudanças no que diz respeito à natureza de tais estabelecimentos. A presença de bares “pé-sujo”, de baladas improvisadas, de “botecões”, como foram o Sarajevo ou o primeiro Bar do Netão é, hoje, reduzida. Atualmente, os novos bares e/ou restaurantes inaugurados na via compartilham muitas características – servem os drinks e “petiscos” da moda e investem em uma estética moderna, ou seja, possuem um cuidado com seus *designs*. Diferente dos anteriores, poucos apresentam a “aura” *underground*, caracterizada principalmente por estéticas “improvisadas” ou inspiradas pelo imaginário de degradação da Augusta⁹².

Surgiram na região hamburguerias (hoje são no mínimo 6), franquias de *fast-food* (hoje, são 3, o Burger King, a Pizza Hutt e o Ragazzo), restaurantes veganos (são pelo menos 4), e restaurantes de culinária internacionais, como coreana, latina e japonesa.

Estabelecimentos bastante antigos permanecem na via, porém, muitos deles foram “repaginados”. Esse é o caso do *Ibotirama* (rua Augusta, 1236). Antes, um bar de jovens universitários que consumiam cerveja barata, hoje o *Ibotirama* possui um novo design, cardápio com pratos e petiscos da moda, além de servir drinks e cervejas artesanais. As imagens a seguir deixam mais evidentes a transformação do estabelecimento:



Figura 31 - Imagem da fachada do bar Ibotirama em 2022. Capturada do Google Street View em 07/02/2023.

⁹² A relação entre a ideia de *underground* e a estética do improvisado ou inspirada no imaginário da “degradação” será discutida no Panorama 2.



Figura 32 - Imagem da fachada do bar Ibotirama em 2010. Capturada do Google Street View em 07/02/2023.

O *Bar do Vital*, negócio familiar que há mais de 30 anos ocupa o endereço da rua Fernando de Albuquerque, 26, também foi repaginado. A filha do Sr. Vital, que hoje “toca” o bar junto ao pai, relatou que foi imprescindível realizar tais mudanças, que passaram tanto pelas instalações e iluminação, quanto pelo próprio cardápio:

O bar evoluiu, né? Antes a Augusta era o *baixo* Augusta, conhecido pelo puteiro, pelo bar barato, pelos botecos, e aqui também já foi um pouco isso um dia (...). O público também mudou (...) hoje a gente tá “elitizado”. A Augusta é gourmetizada hoje em dia. (...) Se você der uma olhada, a gente tá praticamente a Vila Madalena (...) e a gente teve de acompanhar a movimentação, que a gente também não podia ficar pra trás (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 09/11/2022).

Vê-se que a interlocutora relaciona intimamente o termo “Baixo Augusta” com a ideia de “degradação”. Apesar de cronologicamente confusa sua ideia, pois que, em geral, fala-se de Baixo Augusta para designar um momento de ressignificação da área, o sentido dado à região de fato dialogava com essa ideia. Com efeito, a visibilidade do Baixo Augusta como local do *underground* hoje não é tão forte como antes, apesar da região de ainda contar com a presença de baladas como *Alok* e o *Club Outs*, que mantêm a ideia em suas filosofias.

Não obstante, vale notar que pequenos bares e botecos *underground* não se extinguíram da rua. Inclusive, uma porção deles surgiu em meados da década de 2010 e hoje lá permanecem, especialmente no “pedaço” composto pelas ruas Frei Caneca e Peixoto Gomide. Estes estabelecimentos dão conta do “esquenta” (prática de beber algo com os(as) amigos(as) antes de ir a uma balada), porém não servem apenas bebidas baratas: muitos deles contam até com pista de dança improvisada.

Em 2015, o ex-dono da balada *A Lôca* comenta em entrevista (ASSEF, 2015) sobre a proliferação de tais baladas informais:

As casas noturnas sofreram uma invasão. Em volta das casas sempre têm barzinhos com DJs, pode observar. Ou seja, são boates informais. Isso é péssimo, porque eles não sofrem o controle que nós sofremos. E eles se aproveitam, porque podem vender bebida mais barata. A vizinhança fica imunda. A Lôca não deixa nenhuma bituca na calçada. Já os bares, no final da madrugada, parece um fim de feira.

Estas casas foram especialmente frequentadas por mim em meu trabalho de campo *in loco*, pois o “pedaço” ao qual me referi é apinhado de gente e chamaria a atenção de qualquer pesquisador(a). Elas são locais pequenos, com algumas mesas, sem decoração ou design específicos, e são administradas por pequenos empresários. Em entrevista com um deles, ficou claro que seu negócio não era “formal” e que não estava habilitado a operar a pista de dança que existia na parte superior do bar. De qualquer maneira, tais estabelecimentos são bastante populares entre jovens, e lembram muito “o tom de improvisado” do início da formação do Baixo Augusta.

Assim, apesar de ter se modificado e se expandido, a mancha de lazer do Baixo Augusta continua sendo intensamente frequentada por jovens e acabou por manter uma parcela relevante de sua configuração original. Até pelo menos 2022, ainda existem na via estabelecimentos muito antigos. Segundo o mapeamento realizado, das casas noturnas, bares, lanchonetes e restaurantes (além das lojas colaborativas e salões mencionados) inauguradas até 2015, são 55 estabelecimentos que permaneceram na rua até pelo menos 2022.

Outras casas icônicas, como o *Bar do Netão* e o *Studio SP* inclusive reabriram na via. Alê Youssef comentou em matéria sobre a reabertura do clube (ALÊ, 2022) que a especulação imobiliária foi um dos motivos para seu fechamento e que sua reabertura seria uma “arma para incentivo à cultura” em face desse processo:

“Tenho esperança de que a presença do Studio SP na região possa funcionar como um indutor de novos negócios relacionados à cultura da noite, mantendo viva a tradição da rua Augusta como espaço de convívio, experimentação e criatividade” (depoimento de Alê Youssef concedido na entrevista disponível em ALÊ, 2022).

Ademais, em termos de estabelecimentos gastronômicos, temos a manutenção de casas importantes, como o restaurante *Athenas*, que também abriu a filial *Athenas to Go*; o restaurante *Frevo*; o *Pedaço da Pizza*; a padaria *Bologna*; o *BH Lanches*; o bar *Violeta*, o bar *Ibotirama*, já referido, e tantos outros.

3.5 Conclusões preliminares

Decerto, a atual configuração do Baixo Augusta é de uma paisagem de poder, sendo possível notar em suas dinâmicas e incessantes transformações, relações de embate entre capital e cultura, tanto no nível da materialidade (lutas pelo espaço) como no nível do discurso (dos sentidos atribuídos à região), como procurarei evidenciar no panorama seguinte. Porém, afirmar que houve ou mesmo que ainda acontece na região um processo de *gentrification* é um argumento mais delicado e controverso.

Sem dúvida, por meio do resgate da história do Baixo Augusta, nota-se que as transformações da região de fato manifestam características importantes de tal dinâmica urbana. Em primeiro lugar, devemos lembrar que Zukin relaciona o processo de *gentrification* à expansão da área física do centro da cidade, numa espécie de “difusão do poder cultural do centro (...) para fora do centro geográfico” (ZUKIN, 1993, p. 187, tradução livre). Com efeito, geograficamente, o Baixo Augusta encontra-se em território liminar com o centro histórico de São Paulo, o que corrobora o argumento da autora.

Em segundo lugar, houve sem dúvida uma tremenda transformação estética da paisagem original da região, impactada pelas inúmeras novas construções de torres comerciais e residenciais, processo que, como argumenta Leite (2015), hoje também caracteriza a *gentrification*.

Em terceiro lugar, a porção baixa da Augusta era uma região degradada em termos de infraestrutura. Ademais, era estigmatizada e, como “rua das putas”, considerada insegura e voltada apenas para o público masculino. O investimento que lá ocorre, por parte de médios e grandes empresários e seus estabelecimentos de lazer, levam à revalorização do preço do solo, e o processo cumpre a fórmula clássica de Neil Smith do *rent-gap*.

Em quarto lugar, é muito interessante notar a presença destes empresários na região, que poderiam vir a ser caracterizados como os “pioneiros” da *gentrification*. De acordo com perspectivas bourdieianas, tais pioneiros destacar-se-iam pelo seu alto capital cultural e suas trajetórias distintivas em determinados campos. Como fiz questão de ressaltar, os principais empresários da noite do Baixo Augusta possuem de fato alto capital cultural e trajetórias distintivas em campos específicos, como o intelectual e o da música.

Em quinto lugar, há a questão da “higienização” da região, principalmente no que diz respeito ao fechamento de várias casas de prostituição, por ação mais ou menos sistemática do poder público.

Em sexto lugar, podemos nos remeter ao aspecto mercadológico da *gentrification*, argumentado por Leite (2015). Mesmo não se tratando de um local com patrimônio histórico, há um forte aspecto mercadológico e de *city marketing* no que tange ao Baixo Augusta. Como veremos no panorama 2, a região se destaca no site oficial de turismo da Cidade de São Paulo, pela sua mancha de lazer e por suas características de local LGBTQIAPN+ *friendly*.

Não obstante, certas peculiaridades da história do Baixo Augusta fazem com que este caso de estudo resista ao completo enquadramento nos modelos *mainstream* dos processos de *gentrification*.

Perspectivas mais economicistas, como a de Neil Smith, não conseguiriam explicar, por exemplo, o forte poder de agência dos(as) jovens frequentadores(as), amplamente responsáveis pela criação e manutenção do Baixo Augusta. Este argumento será mais explorado no último panorama do livro.

Outro ponto intrincado é aquele da vinda dos(as) novos(as) *moradores(as)*. Como procurei argumentar pela fala de alguns(mas) interlocutores(as), este grupo não representa o “povo da Augusta”. Os(as) frequentadores(as) da região têm a percepção – acertada – de que estes(as) novos agentes são de estratos superiores da classe média e, por seu maior poder aquisitivo, possuem outros interesses e práticas⁹³. Conquanto os(as) novos(as) moradores aparentemente não frequentem de forma assídua os estabelecimentos de lazer da região, ao menos lá fazem suas compras, passeiam, e se utilizam de outros equipamentos – há alguma *vivência*. No entanto, argumento que seria muito precoce afirmar que eles(as) *enobrecerão* a região, e esse é um ponto central: teria a *percepção* sobre o Baixo Augusta se transformado?

Há com certeza um novo *status* de um ambiente antes degradado. Todavia, o Baixo Augusta não passou a ser revestido de “charme e *distinção*”, como propõe Rubino (2009). A “gourmetização”⁹⁴ dos estabelecimentos do Baixo Augusta poderia ser um indicativo da vinda

⁹³ Como explico no panorama seguinte, o valor de aluguel de um *studio* na região do Baixo Augusta é 20% mais alto do que em outras regiões de São Paulo, e seus moradores pertencem a estratos mais altos da classe média brasileira, com renda média de R\$ 7,3 mil (MENGUE, 2021).

⁹⁴ A gourmetização pode ser entendida como “alterações que um produto sofre para parecer mais refinado, aumentar seu valor, e se diferenciar dos demais produtos oferecidos” (ZANELLA, 2021). Trata-se de um neologismo, proveniente da expansão e popularização do uso do termo “gourmet” que se tornou um “adjetivo a

de estratos superiores da classe média e, assim, do enobrecimento da região. Mas devemos levar em consideração também as tendências do mercado de lazer e sua globalização. Atualmente, mesmo em bairros periféricos da cidade, é possível encontrar bares veganos, petiscos e drinks da moda e decorações diferenciadas. Além disso, nota-se, desde a consolidação do Baixo Augusta, uma tendência da região ao cosmopolitismo – a Funhouse e sua decoração inspirada em bares de Nova York; A Lôca e a acentuada influência das tendências musicais da noite europeia; a presença de culinária internacional; etc.

Se ocorreu algum enobrecimento, no sentido de Rubino (2009), isso se deu quando do surgimento do Baixo Augusta e da presença marcante de jovens de todos os tipos, ou das diferentes “tribos”⁹⁵ – como coloca Danilo –, que possuíam as mais diversas preferências e práticas culturais. Esses(as) jovens, como veremos no próximo panorama, coexistiram com prostitutas, moradores de rua, vendedores ambulantes e, além disso, se apropriaram do imaginário de “degradação” da rua, como que citando-o em suas práticas e estéticas “alternativas”.

Nesse sentido, a tentativa de enquadrar o Baixo Augusta nos modelos *mainstream* das teorias de *gentrification* leva a uma espécie de “esquizofrenia temporal”: não foi o advento das novas torres que ressignificou a região antes degradada, foi a ação dos empresários da noite, a inauguração de seus novos estabelecimentos e a presença dos(as) jovens “alternativos(as)”. Estes podem ser vistos como “os pioneiros” que, mesmo em face do *boom* imobiliário, se mantêm até hoje na via, afirmando sua presença como “resistência” contra a transformação completa da região, contra seu enobrecimento.

É interessante invocar aqui o fato de que a especulação imobiliária continua a ser combatida por alguns agentes da produção da paisagem da Augusta, principalmente pelos médios e grandes empresários do lazer noturno (vide a fala de Alê Youssef, mencionada anteriormente), e pelo caso do Parque Augusta, já mencionado. O fato traz maior densidade à perspectiva de Zukin, de uma paisagem de poder, que, *por vezes*, neste caso de estudo, coloca em embate o capital e a cultura. O que vale então enfatizar é a *relação* entre ambos: a *produção* da cidade por um *rol* de agentes, e não apenas sua *reprodução*.

fim de classificar produtos que trouxessem qualidade, apresentação e ingredientes sofisticados e um diferencial criativo. E o que surgiu como uma proposta de sofisticação a fim de diferenciar e destacar produtos em meio ao grande número de opções existentes no mercado acabou se tornando um modismo exagerado” (FERREIRA; VALDUGA; BAHL, 2016, p. 215).

⁹⁵ Mantenho o termo “tribo” entre aspas por ser um termo nativo. O uso deste termo para designar grupos de jovens urbanos nas Ciências Sociais é amplamente criticado por Magnani (1992).

Ao analisar as dinâmicas urbanas do Baixo Augusta e a produção de sua paisagem tendo em vista o conceito de *gentrification* ou de *enobrecimento*, procurei justamente tensionar este aparato teórico, e evidenciar tanto sua plasticidade como sua fragilidade. Isso porque, por um lado, as teorias da *gentrification* parecem capazes de explicar transformações urbanas em todos os cantos do globo. Ao mesmo tempo, para isso, exigem muitas e diferentes adaptações em relação à sua “fórmula clássica”.

Mais ainda, trata-se de um modelo teórico gestado por meio da investigação científica de realidades urbanas de países dominantes e, posteriormente, exportado para o restante do mundo. Nesse sentido, argumento que não seria cabível articulá-lo de forma acrítica para análise de realidades tão distantes como de metrópoles brasileiras ou latino-americanas. Mesmo que o Baixo Augusta apresente algumas características deste processo, revela também suas peculiaridades, que incitam uma série de questionamentos: O *rent-gap* é suficiente para caracterizar a *gentrification*? A longo prazo, os condomínios e torres muradas alterarão as práticas culturais da via, substituindo a mancha de lazer, marcada pela diversidade, por um cenário “enobrecido”? Ou ainda persistirá a mancha e seus frequentadores, numa espécie de “contra-uso” da região (LEITE, 2007)?

No limite, buscar enquadrar o caso do Baixo Augusta nos modelos de *gentrification* pode configurar uma espécie de “violência epistêmica” (SPIVAK, 2010), no sentido desenvolvido pela crítica pós-colonial e seu desdobramento, autodenominado decolonialismo. Como comentei alhures com Castro:

Um conjunto de autores latino-americanos vêm desenvolvendo uma nova perspectiva crítica, como desdobramento do pós-colonialismo. Trata-se da proposta decolonial, representada por autores como o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2000) e o semiólogo argentino Walter D. Mignolo (2017). O ponto nevrálgico da perspectiva decolonial refere-se à *necessidade de buscar uma crítica ao eurocentrismo que parta da especificidade latino-americana, apontando que as teorias pós-coloniais têm seu contexto de enunciação situado no legado colonialista do imperialismo inglês* (OLIVEIRA; CASTRO, 2020, p. 272, grifos meus).

Nessa perspectiva, a utilização de um conceito elaborado a partir de experiências de cidades europeias em nosso caso de estudo, pode vir a desclassificar “os conhecimentos e as formas de apreensão do mundo do colonizado” (OLIVEIRA; CASTRO, 2020, p. 271-273):

A noção de *gentrification* é tributária das teorias da modernização, carregando em seu bojo o ideário do progresso, do desenvolvimento, do planejamento e ascetismo. A sua transposição direta para aplicação no contexto da rua Augusta implicaria na reprodução de uma postura intelectual que reproduz

abordagens eurocêntricas, apoiadas em um arsenal teórico-conceitual produzido pelas autorreferidas ciências humanas, em contexto europeu.

A elaboração desta análise a partir da ideia de “paisagem” permite a construção de propostas teóricas que partam da realidade estudada, e não da importação conceitual. Considero que este deva ser o vetor que indica a direção da produção do conhecimento, cujos caminhos são determinados pelo próprio objeto de estudo. No próximo panorama, os argumentos aqui defendidos tendem a ganhar maior clareza. A paisagem urbana não é apenas matéria – “cimento, ferro e vidro”. A ela são denotados *sentidos* e, alguns deles, ganham proeminência no léxico urbano de seus agentes. Persistirei, assim, debatendo os sentidos denotados ao Baixo Augusta e suas relações com o que denominados aqui de *enobrecimento*.

4. PANORAMA 2 – OS SENTIDOS DO BAIXO AUGUSTA EM DISPUTA: O DISCURSO DA DIVERSIDADE

Como espero ter ficado patente no panorama anterior, houve mudanças importantes no que tange à materialidade do Baixo Augusta. Contudo, sendo o objetivo central desta pesquisa compreender os processos de produção de uma *paisagem*, que é também *sentido* e *experiência* (CAUQUELIN, 2003; SIMMEL, 2009), as transformações urbanas que lá ocorreram e que ainda se desenrolam não podem ser analisadas exclusivamente em termos de números de prédios que subiram, de casas noturnas que fecharam, e assim por diante.

Do mesmo modo, apesar de identificar esta paisagem como uma paisagem de poder, não anseio analisar tais processos urbanos exclusivamente em termos de um *embate* entre a “cultura” e o “capital”, localizando o *boom* imobiliário em oposição às dinâmicas e efervescência culturais do Baixo Augusta, representadas por sua vida noturna e seus estabelecimentos de lazer – pois, neste caso, ambos se imiscuem e se relacionam intimamente. Ademais, colocar tais práticas no eixo da “cultura” do modelo de Zukin seria uma operação que exige maior aprofundamento, e espero dar conta dele ao final do livro.

Neste panorama, mergulharei num debate já tangenciado de alguma forma no anterior, porém não aprofundado, e que se desdobra no âmbito dos *sentidos* atribuídos ao Baixo Augusta e às suas transformações. Como procurei trazer à tona no início do livro, a “paisagem” é um conceito polissêmico, trabalhado por vertentes do saber que, apesar de suas diferenças, mantêm um aspecto em comum – a noção de “paisagem” como invenção humana, como forma simbólica ou envelope de *sentidos*.

Tomando como importantes agentes da produção da paisagem do Baixo Augusta seus(suas) frequentadores(as), o capital, e a mídia, procurei maneiras de identificar tal “envelope de sentidos” em suas narrativas, através da condução de entrevistas e do levantamento de material promocional e midiático sobre a região. A análise desse *corpus*, realizada no software de pesquisa qualitativa NVivo por meio de sua codificação, evidenciou uma constante entre todas as narrativas: a persistente referência à “diversidade”.

Por muitas vezes, para descrever o Baixo Augusta, o próprio termo “diversidade” foi utilizado. Em outras ocasiões, foram utilizados termos correlatos, como “alternativo”, “underground”, “descolado”, “misturado”, “democrático”. Há também a forte presença de frases que elencam as “diversas tribos” que compõem a “cena noturna” da região, ou ainda, que listam a grande variedade de estabelecimentos de lazer a elas voltados. Mais ainda, como

analisarei adiante, as próprias mercadorias e estabelecimentos da região formam uma espécie de iconografia da diversidade, promovendo-a por meio de cores, frases e imagens, em especial com referência à cultura LGBTQIAPN+ e ao feminismo.

Tendo em vista o conceito de paisagem como “envelope de sentidos” (CAUQUELIN, 2003), assumo que a diversidade é o sentido que dá coerência e coesão à paisagem do Baixo Augusta. Como manifestação local de um *discurso global da diferença*, ela está tão incrustada na região, que hoje certamente é a amálgama de seus elementos paisagísticos.

Do que se trata, então, tal “diversidade”? A fim de permanecer fiel à minha proposta inicial, e me esforçar, inspirada em Strathern (2006), a não descontextualizar os construtos locais e simplesmente trabalhar com construtos contextualizados analiticamente, procurarei justapor as narrativas coletadas ao longo da pesquisa aos enunciados de um discurso maior – a diversidade como léxico da modernidade-mundo.

Dessa maneira, não é objetivo aqui recontar a história da “diversidade” – seja dentro ou fora do âmbito das Ciências Sociais. Uma variedade de autores(as) já se debruçou sobre essa tarefa (APPADURAI, 2004; BHABHA, 2007; NICOLAUNETTO, 2014; ORTIZ, 2015, dentre tantos outros). Procurarei, por meio do material que recolhi, desenhar, ou “dar contornos” aos diferentes usos, articulações, operações, funções, interdições da diversidade *no* Baixo Augusta, tendo como pano de fundo a existência de um discurso global.

Saliente-se que, com este intento, e dividindo os panoramas 1 e 2 do livro em diferentes capítulos, não procuro fragmentar a paisagem, separando elementos materiais e simbólicos, mas justamente demonstrar como se coadunam. Afinal, como traz a noção simmeliana de *Stimmung*, na paisagem fundem-se sujeito e objeto (SIMMEL, 2009) – o sentido só pode vir à tona tendo-se em vista uma totalidade.

4.1 Discursos

Apesar de não propor a realização de uma análise de discurso nos termos foucaultianos – explicarei o porquê mais à frente – me servirei dessa potente ideia de Michel Foucault para construir o pano de fundo de minha investigação, que propõe a existência de um discurso global da diversidade e de suas manifestações locais no Baixo Augusta. Desse modo, retomo aqui, em um texto de caráter bastante teórico, importantes noções deste autor. Destarte, vale notar que a ideia de discurso permeia toda a obra deste autor e é objeto de seu inovador e central método de investigação – o método arqueológico. Já em seus primeiros escritos Foucault atenta-se de

alguma maneira ao discurso⁹⁶ que, no desenrolar de sua trajetória intelectual, ocupará papel fundamental.

4.1.1 Noções primordiais sobre o “discurso” na obra de Foucault

O intento aqui é passar, de maneira cronológica, por algumas das obras de Foucault, a fim de demonstrar como o tema do discurso vai aos poucos ganhando centralidade em suas investigações.

Em primeiro lugar, procurarei demonstrar que o discurso não deve ser contemplado como signo e que seu alcance é muito mais amplo. Em segundo lugar, sublinho as diferenças entre as noções foucaultianas e dos linguistas em relação ao discurso, visto que o autor não se preocupa com atos discursivos do cotidiano, calcados em suas situações locais de asserção, mas se debruça em atos discursivos que formam um campo relativamente autônomo, cujas regras são determinadas pelas relações entre os diferentes atos discursivos. Em terceiro lugar, coloca-se em maior evidência a centralidade do discurso na obra do autor, sendo ele o objeto de análise de seu inovador método arqueológico, que busca desvendar os próprios discursos, não por meio de uma análise de suas condições internas, mas enquanto práticas que obedecem a certas regras.

É n’*O Nascimento da clínica* (FOUCAULT, 1977 [1963]), obra posterior à sua tese de doutoramento, que Foucault começa a se aproximar de uma análise dos discursos. Pode-se dizer que a principal ideia introduzida nesta obra é a de que o discurso não é um signo, e sua análise não é de cunho semântico, mas sintático, ou seja, nada tem a ver com o intento hermenêutico de “reavivar o significado perdido, preenchendo seu horizonte de inteligibilidade” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 15). Aliás, o *significado*, aqui, é de importância secundária, senão terciária. Isso fica patente quando Foucault se utiliza de uma estratégia, também presente em

⁹⁶ N’*A História da Loucura* (FOUCAULT, 2019 [1961]), tese de doutoramento de Foucault, o discurso ainda não constitui seu objeto central e o autor dá maior enfoque em sua análise ao papel das instituições. Apesar das relações e mecanismos específicos que regulam o poder e o discurso não serem bem definidos na tese, Foucault observará que as descontinuidades culturais que caracterizam as dinâmicas aparentemente inconstantes dos leprosários europeus poderiam ser “justapostas à descrição de uma história muito mais contínua do internato e da exclusão” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 4): o crepúsculo de uma percepção da possibilidade de níveis de análise mais profundos, que repousariam nas noções de discurso. Será em suas obras posteriores que o autor “(...) abandonará o estudo específico das instituições para isolar e identificar um nível de análise mais profunda. Ele mostrará que os próprios conceitos de sociedade, de cultura como visão de mundo, e de indivíduo (e não somente os de loucura, razão, ciência) são produzidos por uma transformação mais ampla ao nível do poder e do discurso, que vinha se preparando há muito tempo” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 10).

outras de suas obras⁹⁷, que consiste incitar nossa surpresa (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 14) em face a excertos de conteúdo inquietante à nossa própria *episteme*.

Em *O Nascimento da clínica*, Foucault traz ao(à) leitor(a) uma citação do então médico Pomme, que “tratou e curou uma histérica fazendo-a tomar banhos de dez a doze horas por dia, durante dez meses inteiros”:

Ao final deste tratamento contra a dessecação do sistema nervoso e o calor que o mantinha, Pomme observou “porções membranosas, semelhantes a pedaços de pergaminho rasgado (...) se desmancharem, com leves dores, e saírem diretamente pela urina; o ureter do lado direito, por sua vez, se desprender e sair inteiro pela mesma via” (...) (FOUCAULT, 1977, p. VII).

Ao ler esse relato, a nossa surpresa é a “de sabermos que este texto, que no passado poderia ter sido considerado seriamente como um relato objetivo, poderia não ter significado algum para nós” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 14). Trata-se, então, não de uma chacota às técnicas de Pomme e do saber médico da Época Clássica, mas sim de uma crítica profunda à própria ciência moderna – não poderiam, nossas próprias ciências atuais, ocupar a mesma posição um dia?⁹⁸

Foucault não se furtou a essa análise. Mais tarde, sob a influência da onda estruturalista que varreu Paris (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 18), publica *As Palavras e as Coisas* (2007 [1966]), colocando em maior evidência e prática seu método arqueológico – vale ressaltar, a obra tem como subtítulo “uma arqueologia das ciências humanas”. Nesse momento, ele optou por descobrir e se focar nas “regras estruturais⁹⁹ que dirigem o discurso”, sua “autonomia e suas transformações descontínuas”, deixando mais à margem as instituições sociais, como ocorreu nas obras anteriores (DREYFUS & RABINOW, 1995, pp. 18- 19).

As Palavras e as Coisas “apura e depura o método desenvolvido para a análise arqueológica do olhar médico” d’*A História da Loucura* e d’*O Nascimento da Clínica*, para um domínio mais amplo de investigação, que pretende dar conta das ciências do homem (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 19). Assim, Foucault “[t]enta estudar a estrutura do

⁹⁷ Refiro-me à obra *As Palavras e as Coisas*, cujo prefácio é aberto pelo autor com citação de um texto de Borges, aquele de uma certa enciclopédia chinesa, que “perturba todas as familiaridades do pensamento – do nosso” (FOUCAULT, 2007, p. IX).

⁹⁸ Afinal, como colocam Dreyfus e Rabinow (1995, p. 14), “[m]édicos como Pomme, que faziam suas estranhas descrições, eram dirigidos por “códigos de saber”. E uma vez que vemos que a organização do saber médico da Época Clássica tinha uma estrutura formal compreensível, podemos ver que as afirmações da medicina moderna consideradas verdadeiras podem ser igualmente dirigidas por estruturas arbitrárias semelhantes”.

⁹⁹ Aqui, o autor está influenciado pela onda estruturalista. Porém, como ficará mais evidente em *A Arqueologia do Saber* (1997), seu método arqueológico difere tanto do estruturalismo atomista quanto do estruturalismo holístico. Para análise, ver DREYFUS; RABINOW, 1995.

discurso das várias disciplinas que enunciam teorias da sociedade, do indivíduo e da linguagem” (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 19). Nas palavras do autor, seu intento é mostrar

De que maneira, refazendo, como que contra a corrente, o percurso da linguagem tal como foi falada, dos seres naturais, tais como foram percebidos e reunidos, das trocas, tais como foram praticadas, nossa cultura manifestou que havia ordem e que às modalidades dessa ordem deviam as permutas suas leis, os seres vivos sua regularidade, as palavras seu encadeamento e seu valor representativo (FOUCAULT, 2007, p. XVIII, grifos meus).

Este empreendimento ecoará em uma análise que “não compete à história das ideias ou das ciências”, mas sim em um

(...) estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis conhecimentos e teorias; segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual a priori histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer ideias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticulem e logo desvanecerem (FOUCAULT, 2007, p. XVIII, grifos meus).

Essa poderosa ideia de uma “arqueologia do saber” encarnar-se-á em toda obra de Foucault, e circunscreverá toda e qualquer análise de discurso, como coloca o próprio autor:

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial (...) (FOUCAULT, 1997, p. 159, grifos meus).

A intenção de Foucault é assim atravessar tal opacidade dos discursos, procurando a “sintaxe” do pensamento de uma época, e não somente aquela sintaxe que “constrói as frases – [mas] aquela menos manifesta, *que autoriza “manter juntos”* (ao lado e em frente umas das outras) *as palavras e as coisas*” (FOUCAULT, 2007, p. XIII, grifos meus).

Assim, foi via o método arqueológico que Foucault pôde identificar, n’*O Nascimento da Clínica*, “quando a estrutura clássica da medicina abriu subitamente espaço para a estrutura moderna do conhecimento clínico” e compreender que, neste momento, “*o que mudou essencialmente não foi o conteúdo semântico mas a forma sintática*” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 16, grifos meus).

É evidente que os discursos são feitos de signos, mas insisto na ideia de sintaxe, pois, como coloca Foucault, “o que fazem [os discursos] é mais que utilizar esses signos para

designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever" (FOUCAULT, 1997, p. 55).

Para utilizar o exemplo do saber médico, o que interessa não é o conteúdo das técnicas de Pomme – Foucault não se debruça sobre ele para entender como se tratava uma histérica na Idade Clássica, ou para inventariar os métodos do saber médico em determinado período histórico –, tampouco interessa entender os significados desse discurso médico, como que procurando reavivar sua inteligibilidade. Foucault anseia justamente fazer aparecer, por meio da descrição, esse “mais”, qual seja, o que possibilitou que esta forma discursiva aparecesse em detrimento de outra e, em outro nível, como esse discurso era operado, quais seus limites, interdições, exclusões e regularidades.

4.1.2 O discurso como objeto do método arqueológico

Em *A Arqueologia do Saber* (1997 [1969]), Foucault apresenta o método arqueológico muito detalhadamente, além de engendrar de maneira mais definitiva sua teoria do discurso (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 49). O tema central dessa obra é o *enunciado* – uma *função linguística*, que poderíamos, preliminarmente, entender como a redução última do discurso¹⁰⁰, afinal, nesta obra, Foucault afirma ser o discurso um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 1997, p. 122). Dito de outro modo, só se pode identificar um enunciado quando este está inserido num sistema no qual faz sentido: é o sistema que oferece ao enunciado sua “sintaxe”. Mais ainda, como veremos à frente, enunciados são raros, e só existem quando são passíveis de repetibilidade.

Nessa perspectiva, o enunciado não é o mesmo que uma enunciação, proposição, acontecimento, entidade ou forma ideal¹⁰¹. Isso porque sua identidade é relativa e oscilante, segundo o campo no qual se insere e segundo seu uso. Dessa maneira, o discurso, como conjunto de enunciados, é uma prática também oscilante:

A constância do enunciado, a manutenção de sua identidade através dos acontecimentos singulares das enunciações, seus desdobramentos através da identidade das formas, tudo isso é *função do campo de utilização no qual ele se encontra inserido* (FOUCAULT, 1997, p. 118, grifos meus).

¹⁰⁰ Redução, porém, não *unidade* de uma estrutura.

¹⁰¹ Foucault também não trata aqui da ideia de *polissemia*, que autoriza a análise hermenêutica. A polissemia “diz respeito à frase e aos campos semânticos que ela utiliza: um único e mesmo conjunto de palavras pode dar lugar a vários sentidos e a várias construções possíveis”, isso, porém, acontece “sobre uma base enunciativa que permanece idêntica” (FOUCAULT, 1997, p. 125).

É essencial notar que Foucault se interessa por um conjunto atípico de enunciados¹⁰², que estão “separados da situação local de asserção e do fundamento do dia a dia” e que constroem “*um campo relativamente autônomo*”. Nesse sentido, Dreyfus e Rabinow sugerem o termo de “atos discursivos sérios” para designa-los (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 53, grifo meu).

Porém, se o enunciado não é um ato discursivo cotidiano, se não é a enunciação, uma forma ideal, ou ainda uma unidade de uma estrutura, como identificá-lo? De fato, Foucault adentrava um terreno ainda não explorado pelas ciências, e teve de construir suas próprias ferramentas de escavação.

Propõe o autor que enunciados podem ser identificados por suas *regularidades*, que se apresentam “através de suas relações com outros atos discursivos do mesmo ou de outros tipos – que ele [Foucault] denomina de formações discursivas” (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 54). Assim, o método desenvolvido pelo autor nessa obra não diz respeito à análise das condições “internas” dos atos discursivos, mas permite “enfocar apenas o que foi dito ou escrito, e como isto se enquadra na formação discursiva” (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 55).

Para voltarmos ao exemplo do saber médico da Época Clássica, o excerto de Pomme, o objetivo central de Foucault não é decifrar a lógica interna desse tipo de pensamento. A pergunta não seria “como se diagnosticar e se tratar uma histérica?”; ou ainda, “como se tratar da dessecação e do calor do sistema nervoso?”; ou ainda, “por que a água e o banho de imersão são bons para se tratar da dessecação e do calor do sistema nervoso?”. O alcance de sua investigação é mais amplo, e trata de mergulhar este enunciado, ou este “ato discursivo sério”, no universo de outros enunciados, médicos ou não, a fim de compreender, ou melhor, descrever, suas relações. Uma pergunta mais adequada seria: “Como e por que se pensava por meio de semelhanças e como e por que paramos de pensar dessa forma?”. No limite, pode-se dizer então que a *sintaxe* procurada pelo autor é justamente este grande caldo, ou, em suas palavras, este “campo”, no qual se relacionam os enunciados.

Logo, a identificação de atos discursivos sérios está submetida a certos limites e condições “que lhe são *impostos pelo [próprio] conjunto dos outros enunciados* no meio dos quais figura” (FOUCAULT, 1997, p. 116). Foucault nos explica mais detalhadamente:

¹⁰² Há uma certa confusão entre a noção de “enunciado” do autor e a noção de “ato discursivo” da linguística. Este último é *cotidiano*, e não pode ser separado de sua situação local.

A afirmação de que a terra é redonda ou de que as espécies evoluem não constitui o mesmo enunciado antes e depois de Copérnico, antes e depois de Darwin; *não é que*, para formulações tão simples, o sentido das palavras tenha mudado; o que se modificou foi a relação dessas afirmações com outras proposições, suas condições de utilização e de reinvestimento, o campo da experiência, de verificações possíveis, de problemas a ser resolvidos, ao qual podemos remetê-las (FOUCAULT, 1997, p. 116, grifos meus).

É o que querem dizer Dreyfus e Rabinow quando afirmam que os enunciados “só podem ser identificados como elementos, apenas num sistema específico em que fazem sentido” (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 61).

Conquanto a identidade de um enunciado dependa dessa sintaxe, deste campo associado de outros enunciados, ela também depende do *uso* que dele se faz, do “domínio no qual podemos utilizá-lo ou aplicá-lo; pelo papel ou função que deve desempenhar” (FOUCAULT, 1997, p. 116). Sua identidade é então relativa e oscila com “os acontecimentos singulares das enunciações” (FOUCAULT, 1997, p. 118).

Com essa afirmação, Foucault deixa clara a distinção entre seu método, arqueológico, e o estruturalismo. A individualização do enunciado se faz não apenas em relação à sintaxe – se pensarmos pela lógica estruturalista, esta seria a “estrutura” – mas também em relação à sua utilização, no tempo e no espaço. Dessa maneira, Foucault afirma que o enunciado não faz parte de uma estrutura e, tampouco, conseguiríamos identificar os critérios de sua unidade. Ele, na verdade, é uma *função*, “que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, como conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 1997, p. 103).

Poderíamos dizer que, enquanto um estruturalista estudaria as *possibilidades* de aparição de atos discursivos sérios, num terreno de regras transcendentais – a “estrutura” –, o arqueólogo estuda as *condições de existência* de tais enunciados, pois, tendo sua identidade variável tanto em relação à sintaxe quanto em relação ao uso, esta seria sua única possibilidade de estudo (DREYFUS; RABINOW, 1995, pp. 63-64).

Foucault torna a distinção ainda mais tangível quando, em sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1970, afirma estarem os discursos mergulhados na história:

A história, como praticada hoje, não se desvia dos acontecimentos; ao contrário, alarga sem cessar o campo dos mesmos; neles descobre, sem cessar, novas camadas, mais superficiais ou mais profundas (...) das variações cotidianas de preço chega-se às inflações seculares. *Mas o importante é que a história não considera um elemento sem definir a série da qual ele faz parte, sem especificar o modo de análise da qual esta depende, sem procurar*

conhecer a regularidade dos fenômenos e os limites de probabilidade de sua emergência (FOUCAULT, 1999, p. 55, grifos meus).

Assim, nesta escavação – o método arqueológico – procura-se menos os fenômenos, e mais suas *regularidades*. Conseqüentemente, os discursos podem ser tratados como conjuntos de acontecimentos discursivos que, por sua vez, são acontecimentos históricos. Como propõem Giacomoni e Vargas (2010, p. 122), trata-se de “uma forma de fazer história que eleva tudo aquilo que as pessoas disseram e dizem ao estatuto de acontecimento”. Devemos lembrar, mais uma vez, que enunciados são diferentes de enunciações. Enunciados não são um conjunto de palavras, não se manifestam como retórica, ou seja, sua origem não está no indivíduo. O autor clarifica essa noção logo na abertura de *A Ordem do Discurso*:

Gostaria de perceber que no momento de falar *uma voz sem nome me precedia há muito tempo (...)*. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível (FOUCAULT, 1999, p. 5, grifos meus).

Nesse sentido, “existe uma diferença entre enunciado e enunciação, só existindo enunciado quando o mesmo possui possibilidade de repetibilidade, diferente de uma frase proferida (uma enunciação), que não poderá ser repetida” (GIACOMONI; VARGAS, 2010, p. 123). Com efeito, para um cientista social, a ideia do discurso, como tal voz, sem nome, sem começo, que nos precede, pode parecer “sociologicamente absurda”. Porém, ao mesmo tempo, como comenta Nicolau Netto (2017), a ideia de que “um falante fala o que quer também não é sociológica”:

Existem falantes, assim como condições de fala, que são exteriores a eles. Essas condições são produzidas socialmente, mas sob perspectivas diversas. Imagine-se que todos os discursos estão ao mesmo tempo disponíveis, como princípio, a todos os falantes de uma sociedade, mas que suas disposições condicionam não apenas suas possibilidades, mas também seus interesses de articulação de um discurso ao invés de outro (NICOLAU NETTO, 2017, p. 44, grifos meus).

Assim, as disposições dos agentes, as diferentes relações e redes de relações que se formam entre eles, “estão no limiar do discurso, determinando o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de determinado objeto” (GIACOMONI; VARGAS, 2010, p. 125):

Os discursos (...) possuem um suporte histórico e institucional, que permite ou proíbe sua realização. Um sujeito, quando ocupa um lugar institucional, faz uso dos enunciados de determinado campo discursivo segundo os interesses de cada trama momentânea. Por exemplo, o enunciado de um psiquiatra visando diagnosticar a doença mental, ou do pedagogo para aferir a aprendizagem de uma criança. Além destes elementos, há outro central: a compreensão de que o discurso é uma prática, que constrói seu sentido nas

relações e nos enunciados em pleno funcionamento (GIACOMONI; VARGAS, 2010, p. 122).

Os autores ressaltam bem que, apesar de Foucault notar a importância do suporte histórico e institucional de um discurso, seu elemento central de análise são as relações que se dão na prática discursiva – a formação discursiva¹⁰³. Isso se relaciona com a ideia de regimes e processos de enunciação. Nesse sentido, Foucault assume que

(...) em nossas sociedades (e em muitas outras, sem dúvida), a propriedade do discurso – entendida ao mesmo tempo como direito de falar, competência para compreender, acesso lícito e imediato ao corpus dos enunciados já formulados, capacidade, enfim, de investir esse discurso em decisões, instituições ou práticas – está reservada de fato (às vezes mesmo, de modo regulamentar) a um grupo determinado de indivíduos (FOUCAULT, 1997, p. 75).

Assim, a autoridade de um médico que receita um tratamento a um doente é muito diferente da autoridade de um cidadão comum que pode vir a aconselhar o mesmo tratamento para um conhecido. Da mesma forma que são diferentes as enunciações, por exemplo, de um sociólogo e de um empresário, em face de uma questão social. Tais regimes de enunciação, assim, compreendem estratégias enunciativas. Estas não existem *a priori* do discurso, como se fossem as práticas que o geram. Elas não “se enraízam, aquém do discurso, na profundidade muda de uma escolha ao mesmo tempo preliminar e fundamental” (FOUCAULT, 1997, p. 76), antes, tais estratégias

(...) devem ser descritas como *maneiras sistematicamente diferentes de tratar objetos de discurso* (de delimitá-los, reagrupá-los ou separá-los, encadeá-los e fazê-los derivar uns dos outros), *de dispor formas de enunciações* (de escolhê-las, organizá-las, constituir séries, compô-las em grandes unidades retóricas), *de manipular conceitos* (de lhes dar regras de utilização, fazê-los entrar em coerências regionais e constituir, assim, arquiteturas conceituais). Essas opções *não são germes de discursos* (onde estes seriam determinados com antecedência e prefigurados sob uma forma quase microscópica); *são maneiras reguladas* (e descritíveis como tais) *de utilizar possibilidades de discursos* (FOUCAULT, 1997, p. 77, grifos meus).

Alguns são os pontos relevantes desse intento de revisão teórica. Em suas primeiras noções, o autor deixará evidente que o discurso não é signo de algo, e sua análise não é de cunho semântico, mas sintático. Mais tarde, em *A Arqueologia do saber*, o autor traz a importante noção de *enunciado*, uma *função linguística*, espécie de redução máxima do discurso, desta prática oscilante que, ao mesmo tempo, obedece a certas regras. Aqui ressalte-

¹⁰³ Sobre isso, comentam Dreyfus e Rabinow: “(...) apesar de estar perfeitamente consciente de que as práticas não-discursivas desempenham um papel na “formação” dos objetos, Foucault insiste em que o papel principal é desempenhado por aquilo que ele chama *relações discursivas*” (1995, p. 70)

se que o interesse de Foucault repousa em atos discursivos que constroem “um campo relativamente autônomo” – os *atos discursivos sérios*, como propõem Dreyfus e Rabinow, e não os atos discursivos cotidianos dos linguistas. Finalmente, e mais importante, apesar de assumir que “as instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos [tenham] uma incidência sobre a seriedade de um discurso” (DREYFUS; RABINOW, 1995, pp. 70-71), as análises centrais de Foucault não giram em torno de tais processos, mas sim se focam no campo das formações discursivas e das relações entre enunciados – que são relações de poder.

Para Foucault, há duas possibilidades de análise deste campo, separadas para fins elucidativos, mas que, na verdade, constituem-se tarefas quase sempre inseparáveis em uma análise do discurso. A primeira debruça-se no que Foucault chama de *conjunto crítico*, no qual se coloca em prática o princípio da *inversão*: onde reconhecemos a origem do discurso, segundo a tradição, como nas figuras do autor, da disciplina etc., é preciso reconhecer o “jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso” (FOUCAULT, 1999, p. 52). Nesse sentido, a proposta de Foucault é “procurar cercar as formas da exclusão, da limitação, da apropriação (...) mostrar como se formaram, para responder a que necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força exerceram efetivamente, em que medida foram contornadas” (FOUCAULT, 1999, p. 60). Poderíamos pensar em questões, apontadas por comentadores, para a análise crítica:

(...) 1) quem fala?; quem, entre todos os sujeitos falantes possui legitimidade para enunciar; 2) de quais lugares institucionais ele obtém o seu discurso?; de qual lugar advém tanto os objetos e enunciados quanto sua legitimidade (no caso da medicina em nossa sociedade, estes lugares são o hospital, o laboratório, a biblioteca, dentre outros.); 3) que posições o sujeito ocupa em relação aos domínios ou grupos de objetos?; como estes percebem, observam, descrevem, ensinam, etc. (GIACOMONI; VARGAS, 2010, p. 125).

Os exemplos podem, e devem, ser retirados das próprias obras do autor. Se pensarmos n’*A História da Sexualidade* (FOUCAULT, 2010), é possível dizer que Foucault se debruça sobre um sistema de *interdição da linguagem*, que “(...) se deslocou e se rearticulou a partir de uma prática da confissão em que as condutas proibidas eram nomeadas, classificadas, hierarquizadas (...) até a aparição, inicialmente bem tímida, bem retardada, da temática sexual na medicina e na psiquiatria do século XIX” (FOUCAULT, 1999, p. 61).

N’*As Palavras e as Coisas*, o autor dedica-se às limitações dos discursos, pensando as próprias disciplinas como princípios limitadores, que constroem o conhecimento, “mas conforme um jogo restrito” (FOUCAULT, 1999, p. 30). Numa espécie de sistema autônomo, a

disciplina se define por um domínio de objetos, conjunto de métodos e proposições: um jogo de regras e definições. Assim, existem verdades não disciplinadas, como também erros disciplinados.

O segundo conjunto de análise do discurso é o genealógico. Nessa direção, analisamos como se formaram séries de discursos, através, apesar, ou com o apoio destes sistemas de coerção – quais as condições de aparição, de variação e de crescimentos dos discursos? (FOUCAULT, 1999, p. 61). Voltando ao exemplo da *História da Sexualidade*. Se no estudo crítico o “ponto de ataque” é a interdição e a limitação, no estudo genealógico, seria “analisar (...) os conjuntos dos discursos, literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata da sexualidade, nos quais esta se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada” (FOUCAULT, 1999, p. 61), e procurar identificar, em meio às interdições, limitações, em meio à pluralidade de materiais, *regularidades*. Visto que em uma mesma formação discursiva “podem coexistir várias teorias, e mesmo teorias conflitantes” esta análise “deve definir qual é o sistema de relações que, em meio a diversas estratégias, é capaz de efetuar a *unidade do discurso*” (GIACOMONI; VARGAS, 2010, p. 126).

Por último, é interessante destacar a única possibilidade de realização destas duas análises: a *descrição*. Justamente porque no método arqueológico o “contexto verbal total é mais fundamental do que seus elementos e, portanto, mais do que a soma de suas partes” e, mais ainda, exatamente por não podermos individualizar estas partes, por não podermos “estabelecer um quadro abstrato de todas as permutações possíveis dos enunciados”, é que nos resta apenas a possibilidade de “*descrever* regras específicas de transformação” – descrever as condições de existência. Assim, “o arqueólogo limita-se a encontrar as regras locais de transformação que num dado período, numa formação discursiva particular, definem a identidade e o sentido de um enunciado” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 62).

Concluo com a cautela de afirmar que, apesar de me apropriar da noção de discurso de Foucault, não é meu objetivo central realizar uma análise de discurso em seus termos – seja crítica ou genealógica. Isso porque o intento de uma arqueologia holística, como propõem Dreyfus e Rabinow (1995), certamente daria origem a um novo livro, ou mesmo ultrapassaria seus limites.

Assumo então a existência de um discurso da diversidade como um *a priori*, encarando-o como um campo relativamente autônomo, e me debruço sobre as manifestações deste discurso global no Baixo Augusta – realizando uma pequena parte deste tipo de análise, e me focando

nos regimes e processos de enunciação: quem fala da diversidade no Baixo Augusta? Quais sujeitos possuem a legitimidade para enunciá-la? Como os sujeitos “percebem, observam, descrevem” (GIACOMONI; VARGAS, 2010, p. 125) a diversidade?

Para esta investigação, proponho partir de uma descrição do léxico da diversidade para cada agente, como expressões/manifestações locais, e temporalmente circunscritas, de uma ordem maior. Isso porque me interessa, neste caso de estudo, compreender a diversidade como um discurso, global, que condiciona os agentes em questão, mas que também é articulado, e de maneira interessada e local, por tais agentes. Afinal, a diversidade que dá o sentido à paisagem do Baixo Augusta, que forma a sua gramática, também é diversa. Resta-nos entender do que ela trata.

4.2 A dominância do discurso da diversidade na produção da diferença

Como já apontado, os discursos, enquanto práticas, obedecem a certas regras. A fim de desvendá-las, o método arqueológico propõe alguns princípios. Dentre eles, está o de *regularidade* do discurso (FOUCAULT, 1999, p. 50).

O sentido da “regularidade” em Foucault, porém, não está contido na significação vernacular do termo. Como coloca Nicolau Netto, a regularidade se refere a “uma repetição de certas características, típicas de certas formações discursivas”, que “ultrapassam o interesse e as condições de seus agentes, muito embora não os iguale”. Em outras palavras, “[t]rata-se da condição de se tratar de certos temas, em certos tempos” (NICOLAU NETTO, 2017, p. 44-45). Para elucidar, podemos recuperar um excerto já citado de Foucault: “A afirmação de que a terra é redonda ou de que as espécies evoluem não constitui o mesmo enunciado antes e depois de Copérnico, antes e depois de Darwin” (FOUCAULT, 1997, p. 116).

Para Nicolau Netto, se “identificar a regularidade é aquilo que permite que discursos diferentes sejam percebidos nas mesmas formações discursivas”, o que caracterizará o discurso da diversidade é a produção de uma *diferença* que carrega um sinal positivo, que se torna um valor, algo a ser protegido e promovido¹⁰⁴:

Pensar a diversidade como discurso significa compreender a diferença como *algo que produz sentido pela forma discursiva*. Sabemos que todas as diferenças são formas de classificação das coisas sociais em um determinado meio. Em outras palavras, que a diferença não está entre as coisas, mas nos

¹⁰⁴ Vale ressaltar, em outro artigo, Michel Nicolau Netto (2015) analisa o discurso do exotismo do século XIX, como também produtor de uma diferença positiva, evidenciando suas diferenças em relação ao discurso da diversidade.

sentidos que damos às coisas de forma a classificá-las, e, assim, diferenciá-las (NICOLAU NETTO, 2017, p. 45, grifo meu).

Nicolau Netto trabalha a noção de diferença do antropólogo Fredrick Barth (1969), e argumenta que o autor inova na medida em que “mostra que a diferença não é encontrada nas culturas isoladas, mas na *interação* entre culturas” (NICOLAU NETTO, 2015, p. 11, tradução livre, grifo meu). Com efeito, ao analisar a relação entre grupos étnicos e suas culturas, Barth aponta que:

É importante reconhecer que, embora as categorias étnicas levem em consideração as diferenças culturais, não podemos assumir uma relação simples de “um para um” entre unidades étnicas e semelhanças e diferenças culturais. *As características que são levadas em conta não são a “soma” das diferenças objetivas, mas apenas aquelas que os próprios atores consideram como diferenças (...)* algumas características culturais são usadas pelos atores como signos e emblemas de diferenças, outras são ignoradas e, em algumas relações, diferenças radicais podem ser minimizadas e negadas (BARTH, 1969, p. 14, tradução livre, grifos meus)¹⁰⁵.

Não obstante, Lévi-Strauss, em seu ensaio *Race et histoire* (1970), encomendado e publicado pela Unesco em 1952, já apontava que a diversidade das culturas não pode ser vista de maneira estática – como em anteriores intentos antropológicos de inventariar as diferentes culturas –, afinal, as sociedades humanas nunca (com raras exceções) estão sozinhas. *Há interação* entre as sociedades distantes, mas também entre as próximas, *donde surge o desejo de opor-se, de distinguir-se*. Assim, conclui o autor que, para a compreensão da diversidade, a *interação* torna-se questão fundamental: “Conseqüentemente, a diversidade das culturas humanas não nos deve convidar a uma observação fragmentadora ou fragmentada. *Ela é menos uma função do isolamento dos grupos que das relações que as unem*” (LÉVI-STRAUSS, 1970, pp. 235-236, grifos meus).

Aceitando esta noção de diferença, e analisando as interações sociais como *locus* privilegiado de sua produção, entendemos que, evidentemente, na história, os sentidos dados ao que é diferente variam imensamente, e mais, nem sempre foram positivos ou valorados. Como nos lembra Renato Ortiz, a própria Babel, como história e alegoria da diferença, “significa uma queda, e a passagem do uno para o diverso é um retrocesso, uma decadência” (ORTIZ, 2015, pp. 25-26). Lévi-Strauss ainda aponta que:

¹⁰⁵ No original, para benefício do(a) leitor(a): “It is important to recognize that although ethnic categories take cultural differences into account, we can assume no simple one-to-one relationship between ethnic units and cultural similarities and differences. The features that are taken into account are not the “sum” of objective differences, but only those which the actors themselves regard as differences (...) some cultural features are used by the actors as signals and emblems of differences, other are ignored and in some relationships radical differences are played down and denied” (BARTH, 1969, p. 14).

(...) parece que a diversidade das culturas raramente se apresentou aos homens tal como ela é: um fenômeno natural, resultante das relações diretas ou indiretas entre as sociedades; *eles viram nela antes uma espécie de monstruosidade ou escândalo* (...). *A atitude mais antiga* e que se assenta em fundamentos psicológicos sólidos, pois tende a reaparecer em cada um de nós quando se nos depara em uma situação inesperada, *consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais – morais, religiosas, sociais, estéticas – mais afastadas daquelas com que nos identificamos* (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 236, grifos meus).

Assim, na Antiguidade, tudo o que não dizia respeito à cultura grega era “bárbaro” e, mais tarde, a civilização Ocidental, no mesmo sentido, se utiliza do termo “selvagem” (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 236). Mais ainda, como nos alerta Lévi-Strauss, por meio de um célebre exemplo, “[a] humanidade cessa nas fronteiras da tribo, do grupo linguístico, às vezes mesmo da aldeia” (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 237):

Assim surgem curiosas situações onde dois interlocutores combinam cruelmente a réplica. Nas Grandes Antilhas, alguns anos pós o descobrimento da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de investigação para estudar se os índios possuíam ou não uma alma, esses últimos empenhavam-se em afogar prisioneiros brancos a fim de verificar, por uma observação prolongada, se seu cadáver estava ou não sujeito à putrefação (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 237).

Se ainda os valores do Iluminismo também não repousavam no diverso, mas no Universal, como qualidade da própria natureza humana (ORTIZ, 2015, p. 14), mesmo avançando consideravelmente na história, a diversidade ainda era um tema bastante restrito (NICOLAU NETTO, 2015, 2017). Por um lado, à área do saber antropológico. Por outro, restrito a uma função, como fica evidente na Constituição fundadora da Unesco, de 1948: a “diversidade das culturas’ surge como *um meio de* limitar o poder da entidade em prol da autonomia dos Estados-Nação” (NICOLAU NETTO, 2017, p. 40, grifo meu). Hoje, porém, o tema desfruta de maior liberdade. A diversidade não é mais restrita à Antropologia – aliás, “parece não haver limite às áreas que com ela lidam” (NICOLAU NETTO, 2017, p. 41) –, e tampouco a uma função específica.

Em estudo anterior, Nicolau Netto (2014), por meio da análise de bases de dados acadêmicas, identificou o crescente uso da expressão “*cultural diversity*” em títulos de artigos acadêmicos, e notou que “90% das ocorrências da expressão (...) se dão nas décadas de 1990 e 2000” (NICOLAU NETTO, 2017, p. 41). Por sua vez, Ortiz (2015) nos fornece os mais variados exemplos tanto do interesse como da valoração da diversidade em nossos tempos (a partir do século XXI), nos mais diferentes contextos e situações – a diversidade atravessa relações locais, nacionais, internacionais, transnacionais, civilizacionais; ela se expressa na

cultura e também no mercado, e não mais os separa, como se fosse apenas valorizada naquilo que é considerado “cultural”.

São muitos(as) os(as) estudiosos(as) que se debruçam sobre o tema, com os mais variados enfoques. Nesse sentido, não podemos esquecer do importante processo de desmantelamento dos impérios coloniais, nas décadas que se seguiram à 1950, que causou profundo impacto nas Ciências Sociais, particularmente visível a partir dos anos 1980. Em linhas gerais, poder-se-ia dizer que o interesse antropológico pelo “Outro” é extrapolado para variados campos das humanidades. Como evidencia Ângela Prysthon, “As teorias culturais do final do século XX estão indissolivelmente impregnadas por esse novo interesse pelo Outro” (PHRYSTON, 2004, p. 33).

No entanto, o discurso da diversidade é apenas uma das formas de ordenação da produção da diferença. Por que então *diversidade* e não, por exemplo, *multiculturalismo* ou *exceção cultural*? (NICOLAU NETTO, 2017). Para Nicolau Netto o discurso da diversidade forma “o léxico da modernidade-mundo, forma sua gramática”. Consagrado e reconhecido como legítimo em diferentes esferas, o discurso da diversidade opera de maneira diversa de outros discursos da diferença. Por exemplo, ele

(...) se diferencia dos discursos da exceção cultural e do multiculturalismo, que se fundam na produção de uma diferença determinada pelos limites dos próprios discursos: diferença como atribuição étnica/religiosa (multiculturalismo); dicotomia entre economia e cultura (exceção cultural) (NICOLAU NETTO, 2017, pp. 57-58).

Em um mundo contemporâneo no qual “a produção da diferença nunca se estabiliza” e no qual “[p]ara cada signo produzido como diferente, agentes sociais tendem a se empenhar na fragmentação desse signo e na produção de novos” (NICOLAU NETTO, 2017, p. 55), o discurso da diversidade “reina” sobre os outros, justamente por abarcar “produções da diferença que não são [apenas] étnicas ou religiosas” e que não negam o aspecto econômico da cultura (NICOLAU NETTO, 2017, p. 58).

Tal expansão e predominância desta espécie de ordenamento da diferença pode ser arbitrária, por abarcar tantas diferenças diferentes entre si, porém, não é aleatória. Como procurei demonstrar por meio da retomada de certas noções foucaultianas, existem estratégias enunciativas: maneiras diferentes de tratar o objeto do discurso (no caso, a diferença):

O discurso da diversidade é um discurso que se funda, então, na arbitrariedade da produção da diferença, *mas não na aleatoriedade*. Isso significa que diferentes diferenças podem ser produzidas nesses discursos e que *a produção*

de certas diferenças e não outras dependem dos agentes envolvidos em cada comunicação (NICOLAU NETTO, 2017, p. 42, grifos meus).

Mais ainda, vale ressaltar, se antes a diversidade era *função*, hoje é operada como *valor*: “algo pelo qual lutamos mesmo sem ter clareza sobre o que isso significa” (NICOLAU NETTO, 2017, p. 42). Nesse sentido, Ortiz aponta a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural* que, logo em seu artigo primeiro, propõe ser a diversidade cultural “patrimônio comum da humanidade” (UNESCO, 2002), assim tornando o “diverso” em “bem comum” (ORTIZ, 2015, p. 34).

De fato, o discurso da diversidade dá conta de pautas bastante contemporâneas, como aquelas relacionadas às comunidades LGBTQIAPN+ e às mulheres, como deixa evidente o próprio caso de estudo do Baixo Augusta. Destas pautas, por exemplo, não dariam conta os discursos do multiculturalismo ou da exceção cultural. Mais ainda, em oposição a este último, o discurso da diversidade desfaz a oposição entre cultura e mercado, ponto importante dos trabalhos de Nicolau Netto aqui referenciados (2014, 2017), e muito relevante para o presente caso de análise, no qual a diversidade é operada tanto por agentes da cultura como por agentes do mercado.

4.2.1 Abordagens do discurso da diversidade

Conquanto o discurso da diversidade ordene a produção da diferença, ampliando grandemente suas possibilidades, ele permanece sendo discurso – com limitações, interdições, regimes e estratégias de enunciação que, certamente, encobrem jogos de poder e desigualdades:

As interações entre as diversidades (...) exprimem os conflitos manifestos nas situações históricas concretas (países fortes *versus* países fracos; transnacionais *versus* governos nacionais; civilização “ocidental” *versus* mundo islâmico; Estado Nacional *versus* grupos indígenas). Como corolário deste argumento, pode-se dizer que as diferenças também escondem relações de poder (ORTIZ, 2015, p. 33).

Esse é um ponto essencial, por exemplo, para os estudos pós-coloniais e decoloniais, para os quais a diferença é conceito teórico central. Apesar de não possuírem uma matriz teórica única, estas linhagens do pensamento social preocupam-se, em geral, com a “desconstrução dos essencialismos” e de “concepções dominantes de modernidade” (COSTA, 2006)¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Nessa perspectiva, por exemplo, Arjun Appadurai (2004) aponta que o legado clássico das reflexões sobre a Modernidade foi responsável pela formação dos binômios constitutivos das análises das Ciências Sociais, como o “rural e urbano”; a “tradição e modernidade”; o “Ocidente e Oriente”.

Podemos tomar como exemplo a desconstrução que tais estudos realizam das teorias da modernização e sua clássica oposição entre países do “Primeiro Mundo” e do “Terceiro Mundo”. Segundo Prysthon, “o que se evidencia a partir dos anos 80 é que não só *o Terceiro Mundo não é um bloco homogêneo* (algo que sempre esteve implícito) (...) como também (...) não pode e não quer se identificar consigo mesmo enquanto bloco” (PHRYSTON, 2004, pp. 31-32, grifos meus). De fato, a própria ideia de *um* sujeito subalterno que representaria a todos é contestada nos estudos pós-coloniais (COSTA, 2006). Assim, não se trata de dar *voz* ao Terceiro Mundo, mas *vozes* – a homogeneização do *resto* é vista como uma violência epistêmica – há de se reconhecer sua heterogeneidade, inserir nas análises a poderosa noção de *diferença*.

Em vista à agudização de certos processos no contexto contemporâneo, como os processos migratórios e o advento da comunicação eletrônica de massa, autores(as) assumem que o legado clássico das reflexões sobre a modernidade não poderia mais dar conta das problemáticas do contexto contemporâneo (APPADURAI, 2004), e estes são os gérmenes de novas propostas teóricas.

Arjun Appadurai, teórico do pós-colonialismo, propõe nesse sentido uma *teoria da ruptura*. Argumentando a existência de uma crise contemporânea da hegemonia do Estado-Nação, o autor salienta que a própria noção de sujeito é afetada neste contexto – a identidade de um indivíduo não pode mais ser resumida em sua nacionalidade, tampouco sua cultura é essencialmente aquela de sua nação.

É nessa perspectiva que coloca a *imaginação* no centro da formação das subjetividades modernas. Por um lado, aponta como fator decisivo deste novo cenário a emergência dos meios de comunicação eletrônicos, que são vistos como ferramentas “para que cada indivíduo se imagine como um projeto social em curso” (APPADURAI, 2004, p. 15). Por outro lado, ressalta a influência do fenômeno migratórios. Vê-se que ambos os fenômenos desterritorializam a produção de subjetividades, que extrapola claramente os domínios do Estado-Nação. Nas palavras de Appadurai, “Nem as imagens nem os espectadores cabem em circuitos ou audiências que facilmente se confinem a espaços locais, nacionais ou regionais” (APPADURAI, 2004, p. 15) – este será um ponto interessante de discussão, afinal, meu intento é demonstrar como o discurso da diversidade está *enraizado* no Baixo Augusta e talvez opere de modo a construir subjetividades locais.

Ao relacionar imaginação, comunicação eletrônica de massas e fenômenos migratórios com a formação de subjetividades, Appadurai argumenta que o processo de modernização é criador de agudas diferenciações. Dito de outro modo, a comunicação de massa não é vista aqui como alienadora, ao contrário, o autor evidencia que no seu consumo há também impulso de ação, “todo o mundo de resistência, ironia, seletividade”¹⁰⁷.

As diferenças culturais construídas neste cenário são pensadas pelo autor por meio da ideia de *deslocamentos*, ou seja, de forma menos substantiva e mais *contextual e/ou relacional*: as subjetividades não são nunca definitivas, e constantemente se deslocam, a depender dos posicionamentos e situações nas quais se encontram os sujeitos. Realça-se, então, menos a diferença em si e mais o processo pelo qual ela é gerada, pelas tensões entre diferentes e dinâmicos universos simbólicos, que se justapõem. É tal diferença que será mobilizada em identidade.

Assim como Appadurai, Homi Bhabha (BHABHA, 2007) é outro autor desta linhagem de pensamento que se preocupa em colocar em evidência processos de diferenciação, e não de homogeneização, na formação do sujeito. Em seu argumento, duas ideias ganham centralidade, aquela de *fronteira* e aquela de *entrelugar*. Apesar de, academicamente, Bhabha ser considerado um autor do chamado “pós-colonialismo”, critica ele mesmo o uso deste prefixo como lugar comum de denominação nas Ciências Sociais. O autor argumenta que esta fronteira gerada pela noção que o “pós” traz consigo, localiza os estudos ou os contextos de estudos em um “além” que “não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado”, mas “um momento de *trânsito* que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade” (BHABHA, 2007, p. 19).

Esta crítica de Bhabha relaciona-se intimamente com o anseio de desconstrução dos binarismos até então vigentes nas Ciências Sociais, anseio que se faz presente também na obra de Appadurai. Este “além” ou este “pós” não nos remete a uma localização acurada destes estudos e de seus contextos que, para Bhabha, localizam-se nas próprias *fronteiras*, ou *entrelugares (in-between)*. Nota-se aqui a influência de Michel Foucault – Bhabha procura localizar a enunciação chamada “pós-colonial”, realizando um elogio ao *híbrido*. Como ressalta Phryston, essa crítica formada nos processos de enunciação vai ocupar “um *espaço que não*

¹⁰⁷ Appadurai aponta que: “Cada vez há mais provas de que o consumo de comunicação de massas origina em todo o mundo resistência, ironia, seletividade e, em geral, impulso para ação (...). As T-shirts, os cartazes publicitários, os grafites, bem como a música rap, a dança de rua e os bairros de lata, tudo isso demonstra que as imagens dos meios de comunicação entram rapidamente para os repertórios locais de ironia, ira, humor e resistência” (APPADURAI, 2004, p. 19).

está nem dentro nem fora da história do domínio ocidental, mas numa relação tangencial com ele” (PRAKASH apud PHRYSTON, 2004, p. 37, grifos meus).

A subjetivação, assim, é vista como processo de “articulação de diferenças culturais” que se dá, justamente, nestes entrelugares, que entrecruzam tempos e espaços complexos, e geram terrenos propícios para uma série de elaborações de estratégias de subjetivação (BHABHA, 2007, p. 20).

A teoria da ruptura de Appadurai e a noção de entrelugar de Bhabha evidenciam como os contextos contemporâneos, marcados pelos fenômenos da mundialização, da comunicação de massa e migratórios, impactam os processos de subjetivação. As perspectivas de tais autores explicam, assim, a predominância do discurso da diversidade em detrimento de outros discursos da diferença, visto que encaram a formação de subjetividades em termos contextuais ou relacionais, por meio da articulação de diferentes diferenças culturais, do tensionamento entre variados universos simbólicos. De tais processos se origina um mundo de possibilidades de subjetivação, que não se reduzem à nacionalidade, à etnia, à religiosidade e tampouco se fundam na dicotomia entre mercado e cultura.

Por meio da apresentação dessas diferentes abordagens da diversidade, procurei construir um pano de fundo para pensarmos o discurso da diferença no Baixo Augusta. Se a diversidade, como discurso positivo da diferença, é hoje léxico da modernidade-mundo, isso também se deve a processos históricos – como o desmantelamento dos impérios coloniais e o advento das migrações e dos meios de comunicação eletrônicos –, à sua consagração – principalmente pela *Declaração universal sobre a diversidade cultural*, da UNESCO –, e à sua presença nas diferentes áreas do saber, dentre outros fatores. É todo esse processo que vai repercutir nas noções de diversidade e em suas apropriações pelos agentes da construção da paisagem do Baixo Augusta. Assim, não é possível, nem prudente, descolar as narrativas dos agentes formadores da paisagem do Baixo Augusta deste quadro mais amplo. Utilizando-o assim como pano de fundo, inicio meu intento descritivo-analítico com a análise das narrativas dos(as) frequentadores(as) da região, considerando que nelas é possível identificar um certo conjunto de enunciados da diversidade.

4.3 Frequentadores(as) do Baixo Augusta e o léxico da diversidade

Nesta seção, trabalharei com as narrativas de um grupo de agentes específico: os(as) frequentadores(as) do Baixo Augusta entrevistados(as) por mim ao longo da pesquisa e que aqui denomino como “interlocutores(as)”. Utilizo-me do termo “narrativa” porque,

evidentemente, nem tudo o que é dito pelos(as) agentes pode ser considerado como “enunciado” – afinal, como nos alerta Foucault, os enunciados são raros, não se tratam de qualquer coisa que alguém tenha dito, eles devem fazer sentido dentro de um conjunto de relações discursivas e devem ser passíveis de repetibilidade. Por essa razão, preferi o termo “narrativas” – estas então podem ser consideradas meu terreno de escavação.¹⁰⁸

Apesar do próprio termo “diversidade” ter sido uma constante nas entrevistas conduzidas, a produção da diferença no Baixo Augusta por seus frequentadores tem um léxico próprio. Como pretendo deixar patente ao longo deste panorama, o discurso da diversidade manifesta-se diferentemente entre os agentes com os quais trabalho e, mais ainda, é articulado com objetivos por vezes opostos, em uma disputa pelo sentido atribuído ao Baixo Augusta – uma disputa pela formação de sua paisagem.

As narrativas dos(as) frequentadores(as) do Baixo Augusta dizem respeito à produção da diferença pois têm em comum construir oposições entre o que consideram “*padrão*” e as características do público, dos estabelecimentos de lazer e do próprio comércio da região – que, por sua vez, são vistos como “*alternativos*”. Pode-se dizer que o “alternativo” é o termo principal, que encabeça essa espécie de listagem que realizo do léxico da diversidade entre tais agentes.

É muito importante notar que a maior parte dos(as) interlocutores(as) entrevistados(as) frequentou mais assiduamente a Augusta em seu momento de ressignificação, nas décadas de 2000 e primeira metade de 2010. Ademais, este grupo principal é homogêneo em termos de classe (pertencem a frações das classes médias brasileiras) e como mostra o quadro a seguir, também se trata de um grupo coeso em termos de escolaridade (a maioria cursou Ensino Superior), e de idade (a maioria de 30 a 39 anos). Isso se dá, evidentemente, pela técnica de bola de neve, utilizada para angariar interlocutores(as).

#	Nome fictício	Identidade de gênero	Orientação Sexual	Idade	Escolaridade
1	Beatriz	Mulher cis	Bissexual	25-29	Ensino Médio Completo
2	Bernardo	Homem cis	Homossexual	25-29	Sem informação
3	Bianca	Mulher cis	Homossexual	40-44	Ensino Médio Completo
4	Carina	Mulher cis	Homossexual	35-39	Pós-Graduação
5	Danilo	Homem cis	Heterossexual	30-34	Pós-Graduação
6	Davi	Homem cis	Heterossexual	30-34	Ensino Superior Completo

¹⁰⁸ Aqui prefiro também o termo “narrativa” por se tratar de uma “forma comunicativa construída a partir da experiência individual e coletiva” (OLIVEIRA, 2017).

7	Douglas	Homem cis	Heterossexual	50-54	Ensino Médio Completo
8	Fernando	Homem cis	Heterossexual	25-29	Pós-Graduação
9	Flávio	Homem cis	Heterossexual	40-44	Ensino Superior Completo
10	Gabriel	Homem cis	Homossexual	25-29	Ensino Superior Completo
11	Gustavo	Homem cis	Homossexual	30-34	Ensino Superior Completo
12	Jean	Homem cis	Heterossexual	40-44	Ensino Médio Completo
13	Jéferson	Homem cis	Homossexual	50-54	Ensino Médio Completo
14	Leandro	Homem cis	Homossexual	20-24	Ensino Médio Completo
15	Leonardo	Homem cis	Heterossexual	40-44	Ensino Superior Completo
16	Leopoldo	Homem cis	Não atribuído	25-29	Ensino Superior Completo
17	Liz	Mulher cis	Heterossexual	40-44	Ensino Superior Completo
18	Lúcia	Mulher cis	Heterossexual	40-44	Sem informação
19	Maiara	Mulher cis	Heterossexual	35-39	Ensino Superior Completo
20	Maite	Mulher cis	Bissexual	35-39	Ensino Superior Completo
21	Marcela	Mulher cis	Bissexual	30-34	Ensino Superior Completo
22	Marcelo	Homem cis	Homossexual	40-44	Ensino Superior Completo
23	Mariana	Mulher cis	Heterossexual	30-34	Ensino Superior Completo
24	Pietro	Homem cis	Homossexual	35-39	Pós-Graduação
25	Rodolfo	Homem cis	Heterossexual	30-34	Ensino Superior Completo
26	Roger	Homem cis	Homossexual	30-34	Ensino Médio Completo
27	Thomas	Homem cis	Heterossexual	30-34	Ensino Médio Completo
28	Vinícius	Homem cis	Heterossexual	35-39	Sem informação
29	Vitor	Homem cis	Homossexual	30-34	Ensino Superior Completo

Tabela 4 - Lista de interlocutores(as) entrevistados(as).

Do vocabulário da diversidade, enunciado pelos(as) interlocutores(as), em primeiro lugar, aponto a ideia da “mistura” – de público, da convivência de “pessoas diferentes” em um mesmo local, por exemplo, como fica claro na fala de Jéferson¹⁰⁹, já referenciado:

Existe um *convívio ameno*, onde as pessoas, até porque assim, é... Não existe tanto, hoje tá meio em voga, o racismo, homofobia, eu acho que aqui você tem mais liberdade pra transitar e ser mais um. Não existe aquela divisão, de classes sociais também... *Eu acho que é uma coisa mais misturada né (...)* (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 07/02/2021).

Danilo¹¹⁰, frequentador assíduo do Baixo Augusta nas décadas de 2000 e 2010, também comenta:

(...) aí foi assim tipo, andar na rua e aquela atmosfera à noite, *um monte de gente, de tribos assim*, aquilo, eu achava animal assim. E aí, me sentia mais em casa, sei lá, me divertia muito mais. Então, sei lá, cê vê uma tribo do pessoal do rock, os góticos lá, que iam pra um lugar tipo o OUTS, aí você vê a galera mais... as minas tramando lá na rua, uns caras mais hippies e tal, e *todo mundo*

¹⁰⁹ Jéferson se identifica como homem homossexual. Possui em torno de 50 anos. É vendedor e estilista – expõe seus produtos na Feirinha do shopping Center 3, na avenida Paulista. Tem ensino médio completo.

¹¹⁰ Danilo se identifica como homem heterossexual. Na data da entrevista tinha 32 anos. É assessor de imprensa. Formou-se em Relações Públicas e tem pós-graduação.

convivendo em harmonia, isso eu achava muito legal (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 14/07/2020).

Aponto igualmente a fala de Marcela¹¹¹, ex-moradora e frequentadora do Baixo Augusta:

O que eu acho curioso é que sempre, *como tudo convivia de uma forma harmônica assim*, porque cê tinha trechos da Augusta que você via assim, “ah era onde a galera andava de skate”, aí tinha o outro onde ficavam as putas, e o outro que era onde tinham as gay poc, depois onde eram as gays glamourosas, e sei lá, no meio da Augusta tem um Gopala [restaurante indiano], sabe, que não é exatamente na Augusta, mas fica ali numa travessinha que é praticamente a Augusta (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/01/2021).

Finalmente, quando indaguei Maiara¹¹², moradora e frequentadora do Baixo Augusta, sobre o sentido que ela denotava à região, ela me respondeu: “*Acho que é mistura. Acho que é a mistura, não vou nem falar bagunça, porque não é bagunça, é mistura, tem tudo aqui. Cê encontra o que você quiser aqui. De pessoa, de mercadoria, de serviço. De tudo*” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 29/12/2021, grifos meus).

Em vista disso, nota-se que a “mistura” da Augusta é de diversas naturezas, e não traça uma única oposição em um único campo – por exemplo, não se trata apenas de diferenças de classe social – estariam juntos indivíduos de várias classes –, ou ainda, não se trata apenas de um convívio ameno entre heterossexuais e a comunidade LGBTQIAPN+. Principalmente, como fica patente na fala de Maiara, tal mistura não é “bagunça”, ela *imprime uma lógica que ordena* a região.

Na “mistura”, tanto convivem indivíduos de diferentes profissões e atividades – como “as mina tramando lá na rua” e os “hippies” – como também convivem pretos(as) e brancos(as); héteros e homossexuais; ricos e pobres, como na fala citada de Jéferson – “hoje tá meio em voga, o racismo, homofobia, eu acho que aqui você tem mais liberdade pra transitar e ser mais um. Não existe aquela divisão, de classes sociais também...” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 07/02/2021).

Outro tipo de “mistura” é aquele de gostos e preferências, em especial, no que tange à música e à aparência pessoal. Com efeito, as baladas do Baixo Augusta, até hoje, oferecem uma ampla variedade de festas, cada uma voltada a determinado tipo de música que, muitas vezes,

¹¹¹ Marcela se identifica como mulher bissexual. Na data da entrevista tinha 31 anos e era assessora de imprensa. Formou-se em Relações Públicas.

¹¹² Maiara se identifica como mulher heterossexual. Na data da entrevista tinha 36 anos e trabalhava como *nail artist*. Formou-se em Turismo.

corresponde a uma certa estética. A fala de Marcelo¹¹³, DJ de uma famosa festa, a Grind, que acontece aos domingos no Aloka Club (Rua Frei Caneca, 916), explica muito bem ambas misturas:

Sim, por exemplo, a Tereza [festa que acontecia na casa noturna Desmanche e hoje acontece no Kat Klub, ambos na rua Augusta], é de música nacional. Tem... apesar de ter umas músicas que são muito antigas, de coisa nacional, lá, que o povo conhece, mas o que bomba mesmo é o nacional que não é um nacional clássico, é tipo funk, Pablo Vittar, que é um inferno isso – eu sou meio bipolar [rindo]. E visualmente, eles têm um visual muito... sabe, Tropicália? [rindo]. Acho que, o povo do Grind cê vê uma coisa mais prum, prum britânico, prum gótico. O visual deles já é mais aqueles cabelão *black power*, brinco de pena, camisa florida... (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 23/07/2020).

As imagens abaixo mostram os flyers promocionais de ambas as festas. No da Grind, o cantor americano Axl Rose, da banda de rock Guns N’Roses, figura ao fundo. Já no flyer da festa Tereza, quem entra em cena é a cantora brasileira Daniela Mercury.

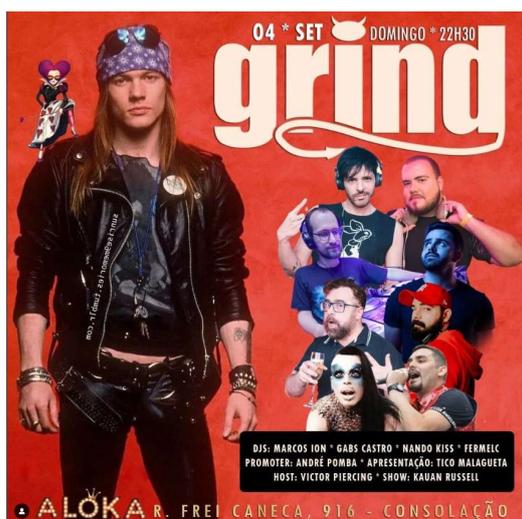


Figura 33 - Flyer promocional da festa Grind que acontecia aos domingos na casa noturna Aloka. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ch_Lttt5ds/. Imagem capturada do perfil de Instagram da festa em 14/02/2023.

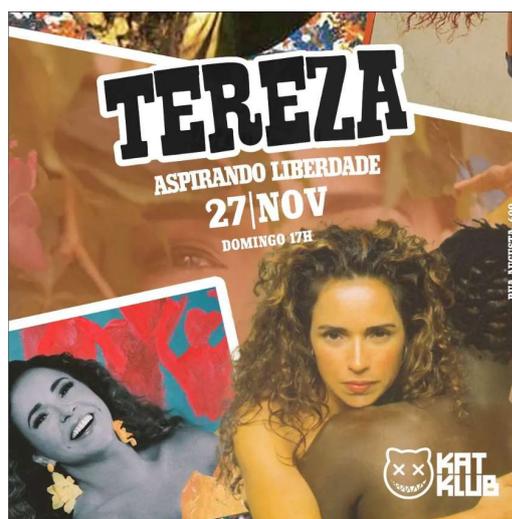


Figura 34 - Flyer promocional da Festa Tereza, que agora acontece no Kat Klub (Rua Augusta, 609). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CITBWfMu3_8/. Imagem capturada do perfil de Instagram da festa em 14/02/2023.

Marcelo, inclusive, agrupa espontaneamente os frequentadores da festa Tereza: “Tem gente que vai me odiar, nem falo essas coisas assim, só por baixo dos panos [rindo], mas eu falo que o povo da Tereza são os empoderados” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 23/07/2020). Os “empoderados”, de camisa florida, brinco de pena, e cabelo *black*

¹¹³ Marcelo se identifica como homem gay. Na data da entrevista possuía 44 anos. Além de trabalhar como DJ, é administrador. Formou-se em Administração.

power então se opõem à estética dos frequentadores da Grind, inspirada no “gótico britânico” – até porque, as músicas que tocam na Grind têm mais influência *rock’n’roll* e são mais antigas do que as tocadas na festa Tereza.

Ainda comentando sobre a música das festas e baladas do Baixo Augusta, Marcelo refere-se à região como uma “maionese” – ou seja, uma “mistura”:

Aí que nem, as outras baladinhas, na frente do Desmanche tem uma que fechou, que era a 1007... *é que a Augusta é uma maionese né...* A 1007 que que era, era uma baladinha do Sul que deu certo e abriu aqui em São Paulo, mas assim, apesar de ser quase o Desmanche, era o público hétero, que gostava de sertanejo, assim, não tem nada a ver com a Augusta, mas deu certo, funcionou lá, bombou lá, *imagina de um lado da rua tá tocando Pablo Vittar do outro lado tá tocando ... sei lá, ai como é que chama, essas bandas de sofrência. É, sertanejo.* (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 23/07/2020).

Com efeito, a música é um elemento importante e aglutinador no Baixo Augusta, segundo os(as) interlocutores(as) entrevistados(as), e determina muito do que é essa “mistura” – que, de certa maneira, é limitada. Isso porque, por exemplo, no contexto musical, a mistura não comporta gêneros como samba, forró, pagode, sertanejo (com exceção da 1007, comentada por Marcelo), dentre outros gêneros populares e que caracterizam outras regiões de lazer de São Paulo, como a Vila Madalena. Nesse sentido, Marcela me conta:

Querendo ou não, a Vila Olímpia sempre foi uma coisa, tipo, a balada mais top, sabe, mais de patricinha, música eletrônica, ou mais de sertanejo, e querendo ou não, na Augusta, dava pra curtir uma coisa que era mais democrática assim, cê ia... É que também não vou falar democrática, porque também não tinha muito dessas coisas de ah...tinha lugar que tocava eletrônico, mas eu não lembro de nenhum lugar que tocava sertanejo. Mas tinha música pop, rock alternativo, mas eram coisas que eu gostava e que eu ouvia muito na época, e que fazia parte do desejo um pouco, e do momento (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/01/2021).

Nesta fala, Marcela realiza uma oposição que muitos(as) dos(as) interlocutores(as) da pesquisa também realizaram: entre o Baixo Augusta e outras regiões de lazer jovem da cidade – neste caso, a Vila Olímpia, que tinha baladas mais “top”. Mais adiante, trabalharei essas oposições, porém, vale ressaltar que, quando a entrevistada me diz que a Augusta era “mais democrática” do que a Vila Olímpia, logo se corrige – “É que também não vou falar democrática, porque também não tinha muito dessas coisas de ah...tinha lugar que tocava eletrônico, mas eu não lembro de nenhum lugar que tocava sertanejo”. De fato, em termos de estilo musical, a Augusta era mais variada do que a Vila Olímpia, mas ao mesmo tempo tinha

poucos estabelecimentos – e, a depender do estilo musical, nenhum – que tocavam músicas de gêneros considerados *mainstream* ou massivos pelos(as) entrevistados(as).

Muitos(as) interlocutores(as) me relataram a importância do fator “música” em seus rolês. Por exemplo, Danilo gostava muito de rock e, à época, existiam importantes clubes de rock na região, como o Outs (Rua Augusta, 486), ainda hoje em funcionamento. Assim, ele escolhia a Augusta como principal local de lazer. É o mesmo caso de Leonardo, publicitário já mencionado, que era participante ativo da cultura punk; de Maiara, que na sua adolescência frequentava a região também por gostar de *hardcore*; de Pietro¹¹⁴, que frequentou muito a Augusta também por gostar de rock; e de Gustavo¹¹⁵, músico e produtor musical, que me relatou:

A Lôca atraía gente por causa da música que eles tocavam. Eu não esqueço uma vez que a gente tava, era bem fim de balada, altas horas, 5 da manhã assim, a gente tava lá, meio morto, na pista tinha tipo 3 pessoas, e o DJ começou a tocar Radiohead [banda de rock alternativo]. Eu e o Rodolfo [amigo de Gustavo] a gente levantou, “ahhhhh”, a gente saiu correndo, direto pra pista (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 21/07/2020).

A mistura de gêneros musicais não *mainstream*, ou seja, não tão populares ou não massivos à época, também repercutia em uma miscelânea estética entre os(as) frequentadores(as). Em relação a isso, Marcelo ainda me disse que a mistura da Augusta diz respeito à

(...) [m]istura de pessoas, mistura de visual, por exemplo assim, antigamente cê queria ver gente de cabelo colorido, era na Augusta, quando começava tudo isso, entendeu. E lá você... Na Augusta acho que era um dos primeiros lugares que você via casais gays andando, casais lésbicos, gente de cabelo roxo, hippie, dava de tudo lá, gente com piercing, body art, as lojas alternativas, de roupas diferentes, as grifes mais fora do mercado também começaram na Augusta. (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 23/07/2020, grifos meus).

Bernardo¹¹⁶, dançarino que trabalhou em baladas da Augusta na década de 2010, me contou que a questão da estética era muito importante para sua frequência do Baixo Augusta. Ao contrário do que acontecia em outras regiões de São Paulo, como Pinheiros, na Augusta ele afirmou poder usar o que quer, sem se preocupar com julgamentos:

¹¹⁴ Pietro se identifica como homem homossexual. Na data da entrevista, possuía 44 anos. É psicólogo, formou-se em Psicologia e possui pós-graduação.

¹¹⁵ Gustavo se identifica como homem homossexual. Na data da entrevista, possuía em torno de 33 anos. Formou-se em Letras, e trabalha como músico e produtor musical.

¹¹⁶ Bernardo se identifica como homem homossexual. Na data da entrevista, possuía 29 anos. Trabalha como dançarino e professor de dança. Não concedeu informações sobre sua escolaridade.

Eu acho que as pessoas... *eu acho que as pessoas elas procuram esse ambiente porque elas se sentem mais confortável no ambiente que ele seja mais receptivo*. Que elas vão poder se vestir de uma forma que elas se sentirem mais à vontade. E muitas vezes, eu chego na balada e olho “meu Deus, cê saiu assim de casa?”. E eu tenho certeza que as pessoas pensam assim de mim, porque eu vou só de cueca. Mas, as pessoas pensam assim, eles podem pensar, *mas elas não me tratam de forma diferente, elas não me olham torto, elas não falam....* Se elas forem conversar comigo, elas conversam igualmente, elas não vão... a opinião que elas forem formar sobre mim, não vai ser sobre o que eu tô vestindo (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 07/07/2020, grifos meus).

Bernardo ainda me contou sobre um final de semana no qual foi em duas festas de *Halloween*, uma no bairro de Pinheiros, e outra no Baixo Augusta. Em sua narrativa, fica muito claro o contraste de percepção entre as duas regiões de lazer:

(...) A galera de Pinheiros é um pouquinho mais metida, um pouquinho menos receptiva. Então eu fui com uma fantasia de *Halloween* em Pinheiros e no final de semana seguinte eu fui com a mesma fantasia... essa fantasia eu fui na Treta, na *open bar* [na região de Pinheiros], depois eu fui no Desmanche, na semana seguinte, na Augusta. Na Augusta, as pessoas me tratam normalmente. Em Pinheiros, assim que eu cheguei, as pessoas olhavam pra mim assim [imita cara de alguém *metido*].

(...) Porque quando você vai numa festa de, de rico, entre aspas, você teria que vestir a mesma camisa que todo mundo, cê tem que se comportar do mesmo jeito que todo mundo, usar a mesma droga de todo mundo, beber o mesmo que todo mundo, usar o mesmo que todo mundo (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 07/07/2020).

Jéferson, por ser estilista, diz prestar muita atenção ao que as pessoas vestem, e acredita que o Baixo Augusta é “uma coisa mais misturada” também pela estética e estilo dos(as) frequentadores(as):

(...) *E na Vila Olímpia, nesses lugares, que eu também vou, também, cê vê um estilo de roupa diferente. As pessoas tão preparadas pra ir pruma balada, mas com outro tipo de roupa... Então já é uma coisa proposital. Aqui é inusitado.* Às vezes as pessoas tão com roupa mais esportiva, no caso, e têm acesso aí a uma balada e não vai ser barrado, *cê num vai tá desfocando*. Quando cê vai pra Vila Olímpia, pra Cidade Jardim, pra esses lugares, você já se sente... *cê tem que tá dentro mais ou menos do padrão*. Calçado diferenciado, uma roupa mais elaborada, um look né? (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 07/02/2021, grifos meus).

Como já apontei, essa oposição traçada entre o Baixo Augusta e a Vila Olímpia – ou outra região de lazer paulistana – foi bastante comum entre os(as) interlocutores(as). Por exemplo, quando Danilo começou a me contar sua experiência na Rua Augusta, iniciou sua narrativa já traçando uma oposição entre ela e a Vila Olímpia:

(...) eu acho que a Augusta pra mim, quando sei lá, eu completei 18 anos, era o período em que a Augusta era aquela região de São Paulo que *era a área mais alternativa assim*. Então tinha áreas de... - basicamente pensando em rolê de

jovem balada mesmo, né? - *tinha, por exemplo, a Vila Olímpia, que era um lugar das baladas de eletrônico e a galera mais mainstream, digamos assim, e tinha a Augusta, que era um lugar mais alternativo* e tal (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 14/07/2020, grifos meus)

As falas, em geral, articulam a ideia do que é padrão e do que não é – ou seja, produzem diferenças. Entende-se pelas narrativas que o *alternativo* é alternativo ao padrão, ao homogêneo, ao *mainstream*, ao massivo. Porém, é possível perceber que, apesar do alternativo ser “misturado”, os elementos desta mistura não são demasiadamente variados e podem mesmo serem elencados: em termos de estilos musicais, podemos falar do *rock’n’roll* e de suas vertentes, como o punk, o *hard core*, o *indie*. Em termos de visual, o alternativo tem como imagem mais marcante corpos tatuados, cabelos coloridos, *body piercing*, roupas “inusitadas”, e assim por diante. Mais ainda, o “alternativo” e a “mistura” constroem fronteiras simbólicas, excluindo outros elementos. Por exemplo, no caso da música, o gênero sertanejo é claramente excluído da mistura, como fica patente nas falas de Marcela e de Marcelo.

O *alternativo* igualmente marca identidades de gênero, orientação sexual e diferenças de classe. Ao indagar Maiara se ela frequentava outras regiões de São Paulo para lazer, ela afirma que sim, porém que não frequentava regiões como Vila Madalena, por exemplo, pois lá é “uma coisa muito de playboyzinho” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 29/12/2021).

Na mesma linha, Gustavo afirmou que há uma diferença de público não apenas no que tange ao gosto musical, mas também em relação à classe social: “(...) eu acho que tem muito a ver com o (...) público base desses lugares, sabe? A Vila Madalena, até hoje, né, tem um pouco esse peso sabe, ah, é uma galera mais... que tem mais grana, que ouve (...) estilos de música que a gente não gosta” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 21/07/2020).

Esses aspectos do padrão e do alternativo também ficaram patentes nas falas de Bianca¹¹⁷, e de sua companheira à época, a também cabeleireira e frequentadora do Baixo Augusta, Beatriz¹¹⁸. Conforme apontado na entrevista, pelo fato de serem um casal gay, afirmam que se sentem “muito melhor na Augusta”. Perguntei se frequentavam outras regiões de São Paulo, como Pinheiros, Vila Madalena, ou Vila Olímpia. Elas falaram que sim, Pinheiros e Santa Cecília, e Vila Madalena menos. Em relação à Vila Olímpia, afirmaram categoricamente que *não* frequentam – “lá é muito padrãozinho”, porque existem “[a]queles carros de rico na rua...”. Por outro lado, Beatriz afirma que “[n]a Augusta não tenho de me

¹¹⁷ Bianca se identifica como mulher homossexual, e é cabeleireira do salão Retrô Hair, tradicional do Baixo Augusta. Na data da entrevista possuía em torno de 40 anos. Não tem Ensino Superior.

¹¹⁸ Beatriz se identifica como mulher bissexual, e é cabeleireira. Chegou a trabalhar também no salão Retrô Hair. Na data da entrevista possuía 26 anos. Não tem Ensino Superior.

preocupar com o que estou vestindo” e Bianca afirmou que lá “eu posso beijar a minha namorada, sem ninguém ficar me olhando (...). Pros meninos é muito importante também” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021).

A presença, no Baixo Augusta, de um ponto icônico de São Paulo do circuito de lazer LGBTQIAPN+ – a região das ruas Frei Caneca e Peixoto Gomide – é, assim, um aspecto extremamente importante dessa “mistura”. Mesmo fora desse “pedaço”, no sentido definido por Magnani (2002), o Baixo Augusta comporta uma série de casas noturnas voltadas, por vezes exclusivamente, para este público. É o caso da Eagle (Rua Augusta, 620), balada na qual é permitida somente a entrada de homens gays. A imagem abaixo mostra o flyer promocional da festa *Cruise*, que acontece na casa.



Figura 35 - Flyer promocional da festa "Sunday Cruise" da casa noturna Eagle São Paulo. Disponível em: <https://www.facebook.com/eaglesaopaulo>. Imagem capturada da página do Facebook em 06/12/2022.

Utilizo-me da expressão “pedaço” talvez por falta de melhor termo. De fato, se o pedaço “supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002), é possível, de alguma maneira, enquadrar nessa categoria a região da Frei Caneca e Peixoto Gomide como um pedaço dentro do Baixo Augusta, pois essa porção espacial é frequentada majoritariamente pela comunidade LGBTQIAPN+, e conta com bares e baladas voltados para esse público – como por exemplo as casas noturnas Aloka (R. Frei Caneca, 916), Bofetada (Rua Peixoto Gomide, 131), e o Bar

da Lôca (Rua Peixoto Gomide, 106). Nesse sentido, Carina¹¹⁹, que tanto frequentou como morou no Baixo Augusta, afirmou:

Existe uma delimitação física. Existe fisicamente muito claro ali, e é... o epicentro é o Bar da Lôca. *É tudo LGBT friendly, mas existe um epicentro ali bem claro.* Inclusive, as ruas ficam fechadas no auge do... dum sábado normal. É... ali a... aonde você desce a Augusta, Peixoto Gomide, Frei Caneca, fica tudo fechado de gente mesmo. É... e a maioria é LGBT (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/03/2020, grifos meus).

Conquanto exista tal pedaço, todos(as) os(as) interlocutores(as) que se identificaram como gays, lésbicas ou bissexuais¹²⁰, me afirmaram que sua frequência da região é mais impulsionada pela presença da “mistura” e pelo “convívio ameno”, ou ainda, pela presença dos “simpatizantes”.

Gabriel¹²¹, que se identifica como homem gay, atual morador do Baixo Augusta, e assíduo frequentador da região antes mesmo de mudar para lá, relatou que preferia frequentar o Baixo Augusta para lazer principalmente devido aos “simpatizantes”:

Beatriz: E por que você escolhe tipo essa região, e não outras?

Gabriel: É... Deixa eu tentar falar de uma forma mais...

Beatriz: Não, você pode falar do jeito que você quiser.

Gabriel: Por causa dos viados. Na verdade, nem por causa das bichas, porque as bichas são muito chata. Pensa num grupo chato, é viado. Mas, por conta do S, do LBGTBS, dos simpatizantes, as pessoas são muito legais, então você pode ser quem você é, aquela coisa mais descolada, mais divertida, cê não precisa se preocupar com nada, porque todo mundo é simpatizante, entendeu? Por isso eu costumo frequentar essa região, por causa do S, do LBGTBS. Não por causa dos gays em si, mas por causa dos simpatizantes (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/12/2020).

A menção de Gabriel ao “S” que não está presente na sigla LGBTQIAPN+, provavelmente advém de uma confusão com um antigo termo, muito popular na década de 2000 e início de 2010 no Baixo Augusta – o GLS, que era usado para designar baladas voltadas para “Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Tanto Maiara como Fernando¹²², que se identificam como heterossexuais, relataram que, quando mais jovens, frequentavam também o Baixo Augusta pelas baladas GLS. Fernando frequentava com duas amigas, também heterossexuais, pois

¹¹⁹ Carina se identifica como mulher homossexual. Foi frequentadora e moradora do Baixo Augusta e hoje mora em Portugal. Trabalha como engenheira. É formada em arquitetura e Engenharia e possui pós-graduação. Na data da entrevista, possuía 35 anos.

¹²⁰ Não inclui outras identificações simplesmente pelo fato dos(as) interlocutores(as) entrevistados(as) se identificarem apenas como gays, lésbicas ou bissexuais.

¹²¹ Gabriel se identifica como homem homossexual. É frequentador e atual morador do Baixo Augusta. Na data da entrevista possuía 28 anos. Trabalha como arquiteto e formou-se em Arquitetura.

¹²² Fernando se identifica como homem heterossexual. Foi frequentador assíduo do Baixo Augusta na primeira metade da década de 2010. Na data da entrevista possuía 29 anos. Trabalha como consultor em um instituto de pesquisa. Formou-se em Relações Internacionais e possui pós-graduação.

curtiam a música das baladas e o clima “divertido”. Maiara tinha alguns amigos gays neste período, porém me conta que a característica “GLS” não era uma determinante, no sentido de frequentarem lá porque seus amigos gays desejariam ir exclusivamente àquela região:

Maiara: Nessa época eu tinha alguns [amigos gays], mas assim, a gente vinha todo mundo junto na verdade. Não era uma determinante.

Beatriz: Não é que ele vinha aqui porque ele era gay?

Maiara: Não. A gente vinha porque era uma balada legal, uma coisa divertida. Acho que eu nunca vivi isso, tipo “ai, eu vou lá porque eu tenho amigo gay, e ele só vai lá”, ou “vamos lá, porque é uma balada GL... LGBT”

Beatriz: Era GLS na época né...

Maiara: É! Não era tudo isso! E é engraçado que eu acho que hoje em dia, se eu fosse escolher uma balada hoje em dia, eu iria numa balada LGBT só pra fugir dos macho, assim, sabe? Porque é um lugar que a gente possa se divertir à vontade. Né? (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 29/12/2021).

A fala final de Maiara reflete a de outras mulheres, como Marcela, Beatriz e Bianca, que também dizem se divertir mais e com mais liberdade nesse tipo de balada. Também nesse sentido, resalto a narrativa de Flávio¹²³, frequentador da região e dono da marca Wonderwall, já referenciada:

E... e as pessoas acho que se sentem mais livre na Augusta né. Eu acho que esse é o ponto da Rua Augusta. Primeiro, eu já, tipo, por exemplo, dificilmente você vê mulher sem sutiã, por uma questão do patriarcado né, porque todo homem olha, num sei quê, etc e tal. E... e nenhuma mulher quer ficar sendo vista, né, dessa maneira, na rua. Mas, na Augusta, você vê muitas mulheres sem sutiã. Porque eu acho que elas se sentem mais livres de, de... Andar por ali. Talvez pela quantidade de público LGBT, pela quantidade de público feminino e, se por acaso tiver um hétero, ele não vai ser o cara que vai ficar olhando pra caramba pra essa mulher só porque ela tá sem sutiã (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 04/06/2021).

Tanto na mídia, como em trabalhos acadêmicos (PISSARDO, 2013), comenta-se que a abertura do Clube Vegas, do empresário Facundo Guerra, foi o grande marco da fase da Augusta “descolada”, “revitalizada”. Porém, para alguns dos(as) interlocutores(as) da comunidade LGBTQIAPN+, o primeiro marco foi a abertura da casa noturna A Lôca, que hoje funciona no mesmo lugar, porém como “Aloka” e com novo proprietário. Pietro, já mencionado, me relatou: “Eu acho que o que mudou mesmo ali aquela região foi a A Lôca, quando a A Lôca foi para lá, acho que foi em [19]95 que ela abriu” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/07/2021). Já Marcelo, após me narrar um precioso histórico do circuito de lazer noturno LGBTQIAPN+ na cidade de São Paulo, conta:

(...) e aí comecei a frequentar Alôca que era na Frei Caneca, que é muito, muito

¹²³ Flávio se identifica como homem heterossexual. Na época da entrevista possuía aproximadamente 40 anos. Formou-se em Administração de Empresas. Trabalha tanto como comerciante como administrador.

muito antigo lá né. Porque, na Augusta, a coisa começou na Frei Caneca. E aí, depois que Alôca começou a bombar na Frei Caneca, que começou a aparecer outras baladinhas na Augusta. Acho que a primeira, se não me engano, foi...Gente, deu branco. E eu fui, eu ia... Gente, como é que chamava? O Vegas! (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 23/07/2020).

É claro, a história será contada de maneiras diferentes por agentes diferentes. De qualquer forma, versões à parte, pode-se tranquilamente afirmar que, após sua resignificação, principalmente no final da década de 1990 e início da de 2000, a região do Baixo Augusta *também* é bastante conhecida por e tem seu discurso da diversidade marcado pela presença do público LGBTQIAPN+. Como veremos, essa presença é fortemente articulada no comércio – do pequeno empreendedor, que expõe seus produtos nas colmeias da loja colaborativa Endossa, a lojas de grandes redes, como C&A e Carrefour. Além disso, o pedaço LGBTQIAPN+ da Frei Caneca e Peixoto Gomide é destaque também em guias oficiais de turismo da cidade de São Paulo. Mesmo interlocutores(as) que não são da comunidade, identificam esse elemento na “diversidade” do Baixo Augusta, como por exemplo comenta Maiara:

(...) Sim, é tinha, por uma balada específica, que era A Lôca, acho que era a LGBT mais famosa que tinha por aqui, ainda tem, e aí ficava tudo concentrado ali, que era A Lôca e ali o bar do cara das Medalhas, das pulseiras né, na esquina da Peixoto. E aí, eu não sei dizer se essa informação é certa ou não, acho que começou muito essa fama da Frei Caneca de LGBT, é... por conta da balada, por conta d’A Lôca, e depois quando construíram o shopping, né, *que era o reduto, era o ponto de encontro das gay ali. Então, né, virou essa Frei Boneca*, porque aqui mesmo, não tinha muita balada, que eu conheço, que eu conhecia, era só A Lôca mesmo (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 29/12/2021, grifos meus).

O segundo termo que forma o léxico da diversidade para esse grupo de agentes é o da “liberdade” – de “ser quem se é”, de ter seus próprios gostos, ter seu “próprio estilo”, sem precisar de encaixar “nos padrões”, “sem julgamentos”. As entrevistas foram conduzidas de acordo com um roteiro e a última pergunta era: “Em uma palavra ou em uma frase, o que significa o Baixo Augusta para você?”. Grande parte dos(as) interlocutores(as) referiram-se à “liberdade” de alguma forma. Liz¹²⁴ respondeu, “Eu acho que a, a liberdade, eu acho que... de ser. Eu acho que é uma palavra” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 04/11/2022). Já Beatriz respondeu “liberdade de expressão” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021). Danilo, também fez referência ao termo: “Tá... É... significou liberdade, é... Juventude, música, é... Diversão, alegria... Só coisa boa né? Diversidade, é... Mulheres... ressaca” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em

¹²⁴ Liz se identifica como mulher heterossexual. Ela é estilista, comerciante e frequentadora da região. Na data da entrevista possuía 43 anos. Formou-se em Moda.

14/07/2020). Leandro¹²⁵, também ressaltou o lugar da liberdade no sentido que confere ao Baixo Augusta: “Para mim sempre foi um lugar de liberdade também” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 15/01/2021).

Claramente, os termos mantêm uma forte relação entre si, e a “liberdade” é intricada com a “mistura”. Isso fica patente na fala de Gustavo. Ele me conta que à época que frequentava assiduamente a Augusta, no início da década de 2010, ele sentia uma sensação bastante específica na região:

Mas, por aquela época, eu gostava muito do ambiente da Augusta saca, porque tinha uma coisa muito *free* assim, muito hum... sei lá, todo tipo de gente, *uma sensação de que você podia se expressar*, é muito louco assim (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 21/07/2020, grifos meus).

Rodolfo¹²⁶, que frequentou assiduamente a Augusta, em especial em meados da década de 2000, também se refere à liberdade, inclusive, como uma determinante para sua frequência da região:

Eu sempre estava tentando buscar um lugar que eu pudesse me sentir confortável justamente por ser anônimo, ninguém dá a mínima pra quem é você e pelas pessoas terem interesses distintos. Assim... seguirem interesses que não são tão comuns (...) (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 26/03/2021).

Ele ainda complementa:

E era o que eu encontrei na Augusta. (...) Eu podia passar uma noite inteira fazendo coisas inimagináveis e incabíveis para muitas pessoas e na manhã seguinte pegar um ônibus com gente que estava indo trabalhar e voltar para casa e ninguém quer saber o que estava acontecendo com você (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 26/03/2021).

Note-se que a ideia da “liberdade”, na fala de Rodolfo, relaciona-se à liberdade de ser “fora do padrão”, de ser estranho em relação ao que se considera como padrão. Isso é patente também em uma expressão utilizada por Gustavo, quando me conta que a Augusta sempre teve “essa coisa *underground*, essa coisa... fora dos padrões, tipo, pros *outcasts* assim” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 21/07/2020, grifos meus).

A ideia de *outcast* – “exilado”, “pária”, na tradução para o português – relaciona-se perfeitamente com o último termo do léxico que aqui pretendo abordar: o *underground*. Como procurei trazer à tona no panorama anterior, a ideia de *underground* fez-se amplamente presente

¹²⁵ Leandro se identifica como homem homossexual. Na data da entrevista possuía aproximadamente 20 anos e não tinha atividade profissional. Tem ensino médio completo.

¹²⁶ Rodolfo se identifica como homem heterossexual. Na data da entrevista tinha 34 anos e trabalhava como professor de língua inglesa. Formou-se em Relações Internacionais.

quando da ressignificação do Baixo Augusta, e relaciona-se intimamente com o imaginário da degradação. As próprias casas noturnas deste momento propunham-se *underground*, como é o caso d'A Lôca, do Bar do Netão e do Outs, e essa espécie de “aura” da rua certamente foi criada e incorporada por seus(suas) jovens frequentadores(as).

Por um lado, o termo *underground* é utilizado pelos(as) interlocutores(as) para qualificar estabelecimentos de lazer da região que, à época de sua ressignificação, a década de 2000, tocavam *rock'n'roll* e suas vertentes. Nesse sentido, Maiara narra:

É... eu ia muito no OUTS, que tinha shows das bandas que eu gostava, hardcore; *os bares aqui, que era coisa mais underground*, vamos dizer assim, é... o Inferno, que era muito legal, também era uma balada, *então aqui era o reduto do povo do rock, do punk, né... Rock assim, dos jovens do rock, hardcore*, então por isso que eu ficava aqui (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 29/12/2021, grifos meus).

Com efeito, o termo *underground* é presença marcante em culturas jovens, e é especialmente articulado para referir-se ao gênero musical *rock'n'roll* e seu espaço discursivo e performativo. Como coloca García:

Desde a década de 1960, o rock se estabelece como um espaço discursivo e performativo que se supõe estar intimamente relacionado a determinadas formações culturais de "sujeitos jovens", ao mesmo tempo em que configura tipos característicos de consumo cultural. São bens simbólicos a partir dos quais as identidades são construídas e configuradas segundo a lógica da diferença, da distinção; de onde emerge a necessidade de se reconhecer em determinados gêneros musicais cuja proposta estética e discursiva reivindica o *underground* e o "autêntico", que costuma ser entendido como sinônimo de "o não comercial" ou "o não massivo" (GARCÍA, 2008, p. 188, tradução livre)¹²⁷.

De maneira mais geral, pode-se falar de uma *cultura underground*, que engloba não somente a música, mas também o cinema, as artes plásticas, a literatura, e assim por diante – além das práticas relacionadas a cada uma destas esferas ou campos. Nesse sentido, o *underground* seria a característica primordial de um espaço discursivo e performativo onde se posicionam tais “formações culturais de sujeitos jovens”, caracterizadas, como propõe a dialética da juventude, pela tendência do sujeito jovem à experimentação, mencionada anteriormente (GROPPO, 2016, 2017).

¹²⁷ No original, para benefício do(a) leitor(a): “Desde la década de 1960, el rock se ha constituido como un espacio discursivo y performativo que se supone en estrecha relación con ciertas formaciones culturales de “sujetos jóvenes”, al tiempo que ha configurado tipos característicos de consumo cultural. Se trata de bienes simbólicos a partir de los cuales se construyen y configuran identidades atendiendo a la lógica de la diferencia, de la distinción; de donde se desprende la necesidad de reconocerse en ciertos géneros musicales cuya propuesta estética y discursiva reivindica lo underground y “lo auténtico”, lo cual suele ser entendido como sinónimo de “lo no-comercial” o “lo-no masivo”” (GARCÍA, 2008, p. 188).

O que chama a atenção é a oposição entre tal espaço *underground* e aquilo que é considerado padrão, qual seja, a cultura comercial e massiva, como no excerto citado. O *underground* está assim em perfeita harmonia com a ideia do “alternativo”, enunciada pelos(as) interlocutores(as), e também com a ideia de processos de subjetivação advindos de tensões entre diferentes universos simbólicos, como propõem tanto Bhabha (2007) como Appadurai (2004).

Conquanto haja uma forte relação entre as artes e a ideia de *underground*, nas falas dos(as) interlocutores(as) desta pesquisa, ela foi articulada de maneira mais abrangente, referindo-se inclusive à estética e *design* de alguns bares da região. Isso vem à tona na narrativa de Maiara, que classifica como *underground* um bar que sequer era voltado ao rock, ou mesmo à música:

Acho que tinha essa cara meio underground – a gente, tipo, ficava em lugares que às vezes não era muito apropriado pros jovens, até tinha um lugar muito específico, que era meu ponto de encontro com os amigos, que era uma casa que tinha sinuca, jukebox, depois eu fui descobrir que era uma biqueira – era aqui na Fernando de Albuquerque, em cima do Ibotirama. Chamava Dida. E até, um dia a gente tava lá, meus amigos falaram: “vam’ bora, vam’ bora”, de repente estourou a polícia, e acabou com o Dida, assim, porque, era pra tá todo mundo preso, todo mundo menor de idade, uma beleza [fala ironicamente]. E acho que por isso... Aqui tinha lugar que a gente ia com 10 reais e voltava com 9 e chapado. Maravilhoso. Então acho que era muito democrático assim. Tinha espaço pra todo mundo. (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 29/12/2021, grifos meus).

Há, porém, locais importantes que, para os(as) interlocutores(as), marcam a “aura” *underground* da Augusta e que, de fato, mantêm relação com a música. Um deles foi o Espaço Impróprio, citado por Leonardo como sua “segunda casa” à época que morava e frequentava a Augusta como espaço de lazer. No website “Bares SP”, há uma menção a este local, atualizada pela última vez em 18 de outubro de 2012:

O Espaço Impróprio é um centro (anti)cultural autônomo que se propõe a ser um espaço aberto para toda proposta de atividade autônoma, anti-hierárquica e anti/contra-cultural. Há uma lanchonete vegana, um bar com muitos tipos de bebidas e drinks, espaço para shows, palestras, oficinas, debates, filme, estúdio de ensaio e gravação (ESPAÇO IMPRÓPRIO, 2012, grifos meus).

Uma matéria do website VICE traz também uma narrativa interessante sobre este local:

O Espaço Impróprio foi por muitos anos, um dos principais (esticando o chicle até dá para dizer que foi O PRINCIPAL) espaço para shows dos rolês punk/hardcore/metal paulistano e underground. Tipo, realmente underground. Se entre 2005 e 2011 você teve banda, curtiu a cena alternativa de São Paulo e/ou colava na região do centro da cidade você certamente sabia o que era o Espaço Impróprio.

O itinerário era repetido à exaustão. Descer a Augusta, ficar no boteco imundo da esquina da Rua Antônia de Queiros pra beber cerveja de garrafa a sete mangos até chegar perto do horário dos shows começarem. Depois era descer a Antônia em direção à Frei Caneca, passar na porta do Caribe Night Club, ser convidado a levar "bucetada na cara", dar umas risadas dos seguranças e colar pro rock (RABELO, 2014, grifos meus).

Nessas narrativas, o *underground* é ligado à música – punk/hardcore/metal –, mas também a toda uma cultura que, na Augusta, no momento de sua ressignificação, englobava certas práticas como, por exemplo, descer a rua, tomar uma cerveja em um “boteco imundo”, depois passar em frente a um dos *american bars* e, finalmente, “colar pro rock”. Com efeito, era que Leonardo me contou que fazia com seus colegas.

Outro importante estabelecimento representativo de tal cultura *underground* foi o Sarajevo, citado por muitos(as) interlocutores(as). Sobre este clube noturno, Marcela me contou:

*(...) o Sarajevo também dava muito tom do que era o cenário do Baixo Augusta naquela época, e, por ali, na galera da minha geração que era essa coisa meio, esse climinha meio *underground*, e simples, tudo era meio improvisado, mas que passava esse ar do descolado, por conta desse improvisado. Na verdade, o lugar, olhando hoje assim, o lugar eu acho que eu entrando, e a sensação que eu tive também quando eu entrei, foi “meu Deus do céu, o que eu tô fazendo aqui. Vou entrar em algum desses quatinhos e eu vou morrer sabe?” [risos]. Mas eu acho que é a sensação desse flerte com perigo, que não tinha perigo nenhum, e que era super seguro, mas que dava esse ar de... de improvisado, era o que dava a graça ali pra galera (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/01/2021, grifos meus).*

Enquanto Marcela destacou que o que dava o “climinha *underground*” era o “ar de improvisado” do estabelecimento – de fato o clube noturno funcionava num sobrado adaptado onde, anteriormente, existia uma *lan house* – Danilo, por sua vez, destaca o impacto que o Sarajevo teve em sua formação musical:

*(...) descendo talvez umas três quadras, do lado direito, era um portinha que era a porta de balada mais improvável de todas, da época né, num tinha essa coisa alternativa, ela realmente era *roots*, era um porta preta. (...) Puta era muito legal. E aí também tem essa coisa que ali não era exatamente um bar de rock, então, é, o meu horizonte musical ali, ampliou, porque eu comecei a ter contato com *soul music*, um pouquinho de *jazz*, então isso foi muito legal, assim um tipo de música que eu não ouvia então – ouvia assim o básico né, Michael Jackson – mas aí comecei a conhecer mais (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 14/07/2020, grifos meus).*

O bar então não era só de rock, e oferecia ao público uma variedade de estilos musicais – *jazz*, *soul music*, *funk* etc – que, à época de seu funcionamento, entre 1999 e 2013, não eram gêneros massivos.

De certo, no Baixo Augusta, a ideia de *underground* possui um vínculo estreito não apenas com a música, mas com o período que estudiosos definiram como a fase da “degradação”, marcada pela prostituição e pela abertura de *american bars*, saunas e pequenos hotéis, e sua posterior ressignificação. Como vimos, as casas noturnas se apropriaram dessa atmosfera por seus design e decorações, pelas temáticas das festas, e pelos estilos musicais.

Mais tarde, após o *boom* imobiliário e o fechamento de muitos *american bars* e saunas, a atmosfera da Augusta é percebida por alguns(mas) interlocutores como mais “cool”, mais “hype”, e menos *underground*, como fica claro na fala já referida de Carina: “ficou menos *underground*, virou mais *cool* assim” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 31/03/2020), ou ainda na fala de Bianca: “Hoje é mais tranquilo, mais descolado, mais *hype*” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021).

Também Marcelo aponta que, em termos de quantidade, a mancha de lazer não se modificou muito, mesmo com a expansão imobiliária, porém, mudou de natureza: ela deixou de ser “alternativa” e passou a ser mais padrão. Por um lado, pelo público, que teria maior poder aquisitivo e, por outro, pela música, que agora seria “da moda”:

Fechou muita balada. Mas assim, não é que fecharam, *algumas sofisticaram demais, deixou de ser aquelas baladinhas alternativas pra virarem baladas consumíveis pelo alto padrão*, tanto que você tem o Zé Carniceria, baladas temáticas e tal, mas é outro perfil completamente diferente dessas alternativas. A Augusta, antigamente, era alternativa, hoje em dia ainda tem muitas baladas lá, mas não são mais alternativas. As baladas pra um público classe A e B, com as músicas da moda, entendeu, não é um povo que vai lá procurando novidade, diferença... (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 23/07/2020, grifos meus).

As transformações na Augusta foram um tema importante, senão central, das entrevistas conduzidas para esta pesquisa. Na maior parte das vezes, sequer tive de indagar os(as) interlocutores(as) sobre o *boom* imobiliário e suas consequências na paisagem da região, pois o assunto surgiu espontaneamente: todos(as) notaram transformações na Augusta. Porém, suas percepções e projeções foram bastante diversas.

Se há aqueles(as) que afirmam esta mudança no caráter *underground* e alternativo da região, existem outros(as) que, em face do *boom* imobiliário, acreditam que não houve – e que não haverá – mudança na mancha de lazer, mesmo reconhecendo a transformação causada pelos novos empreendimentos. Por exemplo, Bernardo afirmou que apesar de várias casas noturnas terem fechado, outras muito parecidas abriram no mesmo local:

(...) eu não acho que elas tenham mudado muito, mas elas foram rodando junto com o dinheiro, né? Porque o Vegas fechou e abriram a Playground no lugar. Mas aí a Playground fechou e abriram o Desmanche no lugar. Então o que manda é quem está com dinheiro. O Click que é o dono do Desmanche alguma hora vai falir também¹²⁸. E aí vai entrar uma pessoa no lugar. E a casa vai ser muito diferente? Não, não vai. Eu acho que o Vegas era muito parecido com a Playground, a Playground era muito parecida com o Desmanche, e a próxima casa vai ser parecida também. A estrutura das baladas eu acho que vai se manter a mesma (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 07/07/2020).

Esta é também a percepção de Danilo, que afirmou: “Eu ainda acho que se eu for hoje ainda na rua e quiser ficar um dia, à noite, bebendo e entrar num lugar, curtir uma música ao vivo, ou sei lá, ou dançar em qualquer lugar, eu vou ter essas opções lá, ainda elas existem. Mudou, as casas mudam, enfim, mas acho que ainda tem esse caráter” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 14/07/2020).

A quantidade de entrevistas com pessoas mais jovens, que não vivenciaram a Augusta em seu momento de ressignificação, é muito pequena para costurarmos sentidos comuns. Não obstante, as visitas a campo certamente mostraram que a Augusta ainda é majoritariamente frequentada por jovens, que compõem uma cena estética ainda particular: cabelos coloridos, tatuagens, *dread locks*, e vestuários “fora do padrão”. Tais frequentadores(as) continuam a “descer” a Augusta e a ocupar a rua, segurando bebidas nas mãos, fumando, conversando com amigos(as), esperando na fila de baladas ou simplesmente parando na porta de um bar.

Como já analisei, de fato houve uma mudança no que diz respeito à qualidade dos estabelecimentos, especialmente no que tange aos bares e restaurantes. Antes, de decoração e cardápio mais simples, hoje um pouco mais sofisticados. Porém, há a persistência na região tanto do público jovem de diversas classes, como a coexistência destes estabelecimentos com antigos bares e botecos que não se sofisticaram. Com este cenário, ainda seria duvidoso falar em “gentrificação” ou “enobrecimento” – afinal, as tendências do mercado de lazer também se modificam ao longo dos tempos, e os jovens das décadas de 2000 e 2010 que procuravam bebidas baratas e cerveja simples, hoje desejam os drinks e os petiscos “da moda”.

Nesse sentido, algo muito interessante começou a ser mencionado de maneira mais ou menos espontânea ao longo das entrevistas, e diz respeito à “descida” desse “povo alternativo”, com o qual os(as) interlocutores(as) se identificaram, para o Centro de São Paulo. Bianca tem certeza de que o “fervo” da Augusta “alternativa” “começou a descer” (depoimento concedido

¹²⁸ De fato, depois da pandemia, a Desmanche fechou as portas.

à autora para esta pesquisa em 03/05/2021). Liz, estilista já mencionada, também comenta que, a partir de 2009, começou a frequentar mais o Centro para fins de lazer, à procura de “bares com menos televisões de plasma e mais mesas” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 04/11/2022). Pietro, psicólogo já referenciado, e Marcela, comentaram que, atualmente, frequentam mais a região central.

É interessante notar que muitos(as) dos(as) interlocutores(as) frequentaram a Augusta especialmente na década de 2000 e início da década de 2010, em sua juventude, quando eram universitários(as). Esse é um ponto importante – não apenas a rua mudou, mas eles(as) mudaram. Alguns, após analisarem as transformações da região, notaram que também seus gostos e preferências são outros hoje e que a “Augusta de antes” não poderia mais existir, pois é uma Augusta das *suas* juventudes:

(...) [é], acho que é uma conjunção, acho que é um pouco dos dois. Sim, hoje eu diria que os lugares que eu frequentava naquela época, eu não taria frequentando hoje muito provavelmente, porque eu acho que são nichados em questão de faixa etária. Então, acho que ainda serve pra isso né (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 11/06/2020).

A narrativa acima, de Fernando, resume bem a percepção que outros(as) tantos(as) interlocutores(as) tiveram. Por exemplo, Gustavo comenta que notou o fechamento de importantes casas noturnas, como foi o caso do Studio SP, porém, também notou: “[s]ó que tem isso também, eu fui envelhecendo” – e continua – “[h]oje eu bebo muito menos do que eu bebia na época, eu tenho muito menos paciência pra aglomeração, sei lá, hoje é difícil eu ir numa balada, sabe? Eu tenho que tá muito inspirado. É raríssimo” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 21/07/2020). Nessa perspectiva, o Centro histórico e suas proximidades oferecem hoje outras opções de lazer que, entende-se, dão maior conta dos interesses atuais desses(as) interlocutores(as).

A análise do conjunto das entrevistas nos aponta achados muito importantes. O primeiro deles é que a produção da diferença pelo léxico da diversidade tem a função de traçar fronteiras simbólicas – tudo *deve* “junto e misturado”, porém dentro de certos limites, dentro de uma lógica que distingue um grupo de jovens, o “povo da augusta”, de outros jovens de outras regiões de lazer de São Paulo, aqueles que são “padrão”.

Não basta estar na Augusta para ser parte do “povo da Augusta”. Isso fica muito claro na fala de Bianca. Quando a indaguei se os(as) novos(as) moradores(as) dos recém-inaugurados empreendimentos da Augusta frequentavam o salão onde trabalha, Bianca falou que sim e, mesmo com um ar de pesar, falou que acabava sendo bom, para os(as) moradores(as), que têm

os serviços e produtos perto deles(as), e para o salão. Porém, ressaltou que eles não são o “povo da Augusta”, que o pessoal da Augusta é “diferente” desses(as) moradores(as).

Se os(as) novos(as) moradores(as) não são considerados parte desta “mistura” da diversidade, tampouco nela foram contemplados, por exemplo, os(as) trabalhadores(as) assalariados(as) – garçons e garçonetes, vendedores e vendedoras da agitada vida comercial da região; *bar tenders*; seguranças das casas noturnas; manobristas; etc. Este é um ponto interessante, pois os(as) frequentadores(as) tem contato direto com este grupo, mas incluem na “mistura” apenas vendedores(as) ambulantes, garotas de programa, e *hippies*.

Ficou patente também que a “mistura” articula as mais diferentes subjetividades, podendo dizer respeito à orientação sexual, identidade de gênero, raça, classe social, ou mesmo à diversidade de gostos e preferências, especialmente no que diz respeito à estética e à música. Todavia, vale ressaltar a forte representatividade do público LGBTQIAPN+ em tal “mistura”. Na próxima seção, a importância do “pedaço” marcado pela Peixoto Gomide e pela Frei Caneca ficará mais evidente, e marcará uma função clara da diversidade.

Em segundo lugar, a ideia de “liberdade” – de ser quem se é, de ter os próprios gostos, preferências e estilos – que para os(as) interlocutores tem muito a ver com a “mistura” e com o “*underground*”, será também articulada pelas incorporadoras, porém de maneira diferente, ou melhor, com uma outra função.

Em terceiro lugar, a referência ao termo *underground* pode também ser estendida para além da música e da estética, e caracterizar uma certa *cultura* e *resistência* jovens, que se relacionam com a ideia de experimentação, ligada à juventude. Como vimos nesta e na seção anterior, o lazer noturno do Baixo Augusta é caracterizado pela intensa frequência de jovens, que usufruem não só dos estabelecimentos, mas da rua em si, como ponto de encontro e de sociabilidade.

Finalmente, e mais importante, devemos notar o *valor* atribuído à diversidade – além de ter a função de traçar fronteiras simbólicas entre os grupos de jovens do Baixo Augusta e de outras regiões de lazer da cidade, a diversidade é algo buscado, algo a ser protegido, algo que é tido como valor. A fala de Bianca deixa isso muito evidente:

É, eu lembro que eu ia com a... eu tenho uma afilhada que hoje ela tem 16 anos, mas a gente levava ela lá, ela pequenininha assim, sei lá, com 7 anos, e ela olhava tudo aquilo na Augusta, ela via, aquele monte de gente diferente, e ela ficava encantada. E eu tenho certeza que isso fez diferença, sabe. Ela viver com aquela diversidade, a galera trans, os clubs, que tinha muita galera que

ficava dançando na rua, e tal (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021).

Essa fala reflete muito bem o que Nicolau Netto (2017) coloca sobre o discurso da diversidade, e o que Foucault diz sobre estratégias enunciativas, ou seja, as maneiras de tratar o discurso. Dentre as narrativas dos diferentes agentes, a valorização da diversidade certamente é mais proeminente entre os(as) frequentadores(as) do Baixo Augusta, não obstante a mídia por vezes a valorize, a função de seu discurso da diferença é outra, como veremos, e tem maior relação com a promoção de uma cidade cosmopolita com opções de lazer para todos os tipos de pessoas.

4.4 O Baixo Augusta na mídia e o léxico da diversidade

[Se você é *hipster* ou *punk*, roqueiro ou pagodeiro, vegetariano, *gourmet*, aprecia boa cerveja, gosta de andar de *skate*, comer hambúrguer ou estar a fim de sambar... Seu lugar é a Augusta].

Para a análise de narrativas midiáticas sobre o Baixo Augusta, três levantamentos foram realizados. O primeiro foi conduzido de maneira sistemática, na base de dados *online* do jornal Folha de São Paulo, por meio da busca do termo “baixo augusta”, no período de 01/01/2010 a 01/01/2020. Foram gerados cerca de 900 resultados, entre matérias e notícias, cujos títulos foram lidos e analisados, a fim de selecionar material que fizesse referência ou às transformações da via ou à mancha de lazer noturno. Desse *corpus*, foram selecionados quase 200 itens, para leitura e codificação no software de pesquisa qualitativa NVivo¹²⁹.

O segundo levantamento foi realizado no Site Oficial de Turismo da Cidade de São Paulo, pelos termos “Augusta” e “Baixo Augusta”. A busca gerou três resultados que serão aqui amplamente referenciados.

O terceiro levantamento foi assistemático, e realizado ao longo da pesquisa das transformações da mancha de lazer, apresentada no primeiro panorama. Como não era sempre possível identificar pelo *Google Street View* as datas de abertura e/ou encerramento dos estabelecimentos de lazer da região, buscas específicas por nome foram feitas ao longo do mapeamento. Na maior parte das vezes, interessantes narrativas sobre a região, suas casas noturnas e bares, estavam disponíveis em guias da cidade, como Guia da Semana, Bares SP,

¹²⁹ Para a lista de códigos, ver item 1.3, “Técnicas de pesquisa”.

Guia 24h, e Veja São Paulo. Este material, então, foi incorporado àquele do levantamento sistemático e igualmente codificado¹³⁰.

O material recolhido da mídia sobre o Baixo Augusta também indica forte enraizamento do discurso da diversidade na região e revela um léxico que não se diferencia tanto daquele dos(as) frequentadores(a). Em geral, também se fala da “mistura” e do “*underground*”, e até mesmo a ideia de “liberdade” encontrou eco em matérias jornalísticas.

A fim de trabalhar o léxico da diversidade enunciado pela mídia, parto de uma descrição do site da São Paulo Turismo S/A, a empresa oficial de turismo e eventos da Cidade de São Paulo. Em um artigo dedicado exclusivamente ao Baixo Augusta, o site informa:

De acordo com a rede americana CNN e o National Geographic, a noite paulistana é a quarta melhor entre as capitais do planeta. E parte disso se deve a uma região, próxima à Avenida Paulista, chamada de Baixo Augusta – que engloba parte da Rua Augusta e arredores. *Repleta de restaurantes, cinemas, teatros, lojas, bares, baladas e foodtrucks, a vida por lá, principalmente à noite, é bastante agitada.*

Reduto das mais diversas tribos, o local tem opções para todos os perfis. Se você é *hipster* ou *punk*, roqueiro ou pagodeiro, vegetariano, *gourmet*, aprecia boa cerveja, gosta de andar de *skate*, comer hambúrguer ou está a fim de sambar... Seu lugar é a Augusta.

Com tantos atrativos, fica difícil escolher o que fazer. Por isso, confira uma lista com alguns dos lugares mais bacanas para curtir, do boteco ao bar arrumadinho, da balada *underground* às mais populares (BAIXO AUGUSTA, s/d., grifos meus).

Já neste trecho há dois meios principais de referência à diversidade da Augusta encontrados nos materiais que categorizei como “mídia”. O primeiro deles é a frase que elenca a “mistura” de tipos de estabelecimentos de lazer: “[r]epleta de restaurantes, cinemas, teatros, lojas, bares, baladas e *foodtrucks*”. Este tipo de frase é bastante presente no material analisado, como fica claro também no título de uma matéria do portal Catacrá Livre: “Por que o Baixo Augusta é tão amado pelos paulistanos? Porque lá tem de tudo o tempo todo! Festas, gastronomia, bares, lojinhas, moda...”. Na matéria, ainda se lê:

Que o Baixo Augusta é um dos lugares mais amados pelos paulistas não é nenhuma novidade. Mas por quê? Mesmo que você vá várias vezes, sempre tem algo de novo para fazer. *Tem todo tipo de rolê, a qualquer hora do dia: gastronomia, festas, bares, cafezinhos, lojas criativas, cabeleireiros, teatros alternativos, arte, Carnaval (sim, o ano todo) e muito mais!* (POR QUE O, 2019, grifos meus).

¹³⁰ Existe também uma variedade de materiais audiovisuais sobre a região do Baixo Augusta, dentre curtas, minissérie, um filme e documentários. O volume de informações, porém, seria demasiado grande para análise, assim preferi me ater a matérias e guias turísticos.

Em face da diversidade de estabelecimentos de lazer, a Folha de São Paulo, em mais de uma ocasião no período do levantamento, publicou no Guia Folha roteiros com sugestões de restaurantes, bares, baladas e lojas para visitar na região, como na matéria “Descendo a Augusta”:

O que há de novo e de melhor na rua mais badalada da cidade

Há dez anos, a região da Augusta que vai da Paulista ao centro começava a ser chamada carinhosamente de Baixo Augusta, conforme acumulava botecos, baladas, lanchonetes e gente, muita gente. Virou a via mais democrática de São Paulo e também uma das mais badaladas. O “Guia” explorou a rua para mostrar que o dinamismo e a efervescência locais estão longe de acabar: *novos estabelecimentos, tão ecléticos quanto seu público, seguem a abrir portas por lá* (DESCENDO, s/d., grifos meus).

Tal mistura de estabelecimentos de lazer é relacionada, por sua vez, à frequência da Augusta por pessoas de diferentes gostos e práticas ou, nas palavras utilizadas pelo site de Turismo, “pelas mais diversas tribos”. Assim, a ideia de diferentes grupos urbanos convivendo em um mesmo espaço, algo muito análogo à “mistura” referenciada pelos(as) frequentadores(as), é mais uma que remete à diversidade. O ex-jornalista da Folha de São Paulo, Gilberto Dimenstein, escreveu em matéria: “Não conheço em nenhum lugar do mundo uma única região que reúna em tão pouco espaço tantas tribos diferentes como Baixo Augusta” (DIMENSTEIN, 2011) e, em outra ocasião, também notou:

Abriram-se casas noturnas, bares e restaurantes para atender as mais diferentes clientelas: *patricinhas, mauricinhos, gays, lésbicas, punks, vegans, descolados, cinéfilos, intelectuais. As novas tribos se misturam com as prostitutas e travestis*. Num trecho da rua Augusta, surgiram restaurantes para quem gosta de culinária grega, árabe e indiana. Novos talentos musicais de todo o país se apresentam, muitas vezes de graça, no Studio SP (DIMENSTEIN, 2010).

A mesma perspectiva é adotada em uma resenha sobre o Baixo Augusta, disponível na Veja São Paulo:

A rua reafirmou sua vocação boêmia, passou a atrair jovens frequentadores e virou ponto de encontro de várias turmas. Em uma sexta-feira de calor, por volta das 21h30, a esquina das ruas Augusta e Fernando de Albuquerque, na Consolação, está apinhada *de jovens universitários, moderninhos e neo-hippies. Lá perto, uma calçada é ponto de encontro da tribo emo. Alguns metros para baixo e algumas horas depois, uma fila de playboys forma-se na porta da casa noturna Vegas. No meio do caminho, um boteco pé-sujo, o Bar do Netão, reúne a turma da moda e das artes no esquenta pré-balada* (ROMANI; BATISTA JR., 2016, grifos meus).

A mistura aqui é então articulada por diversos termos: “várias turmas”, “tribos”, “público eclético”. É interessante notar, mais uma vez, que essa diversidade então não se

resume a apenas um elemento, como classe, raça, idade, ou ainda identidade de gênero e orientação sexual. Ela engloba tudo isso e, mais importante, engloba principalmente a diversidade de preferências e gostos culturais: “cinéfilos” e intelectuais” convivem com “punks”, com “vegetarianos”, “skatistas”, “moderninhos” e “playboys”, “hippies” e “neo-hippies”, ou ainda, como na matéria a seguir, “travestis” convivem com “crianças”, com “gays”, com “jovens”, e assim por diante:

A via abrange inúmeras lojas que atendem diversos estilos e gostos. Daniel Zero, 35, é um dos sócios da Máscompanhias, um espaço para a venda de camisetas customizadas em um estúdio de tatuagem. Para ele, a diversidade do público é uma vantagem: “Aqui tem todo o tipo de gente. *Tem punk, careca, skinhead, travesti, gay, criança, jovem e o pessoal de fora de São Paulo.* Aqui, virou um local de encontro para o pessoal mais alternativo (A NOVA, 2014).

Todavia, a “mistura” presente na narrativa dos(as) interlocutores(as) possui uma função diferente desta da mídia – apesar de ambas serem valorizadas. Enquanto a primeira estabelece fronteiras simbólicas entre o “povo da Augusta” e os(as) jovens frequentadores(as) de outras manchas de lazer de São Paulo, como a Vila Olímpia e a Vila Madalena, a segunda promove a ideia de uma São Paulo cosmopolita e diversa, representada, não apenas, mas também pelo Baixo Augusta, por sua variedade e mistura de estabelecimentos de lazer de todos os tipos, frequentados por um público também “misturado”.

O argumento é corroborado pelo fato de haver uma matéria exclusiva intitulada “Baixo Augusta” no site oficial de turismo da cidade. Ademais, além desta matéria, o Baixo Augusta também figura como importante região a ser visitada nos roteiros de turismo desenvolvidos pela empresa, disponíveis para download no mesmo site. Nos guias turísticos “por região”, o Baixo Augusta é destaque no roteiro “Paulista e Ibirapuera” e está entre os destinos “imperdíveis” da cidade:

Famosa rua da cidade, a Rua Augusta abrigou nos anos 50 e 60 algumas das lojas mais sofisticadas de São Paulo. Três décadas depois, a construção do complexo de cinema Espaço Unibanco, trouxe novos frequentadores para suas calçadas. Atualmente ela divide-se em duas partes. Uma compreende o trecho que liga o bairro Jardins até a Avenida Paulista e possui várias opções de lojas, restaurantes e cafés. *Já a outra, conhecida como Baixo Augusta, é um verdadeiro recanto de bares e baladas ecléticas que atraem um público variado, desde aqueles que curtem um funk carioca até os amantes do rock* (PAULISTA & IBIRAPUERA, s/d, grifos meus).

Dentre os outros roteiros disponíveis que englobam regiões de lazer noturno da cidade, apenas o roteiro “Vila Madalena e Pinheiros” ganha maior destaque do que o Baixo Augusta. No entanto, a região ainda é a mais referenciada e destacada no roteiro temático “São Paulo

LGBTQIA+”. Nele, lê-se: “*Uma cidade que respira diversidade e acolhe a todos, todas, todes, indistintamente*, não poderia deixar de ser um dos destinos turísticos nacionais mais populares entre a comunidade LGBTQIA+” (ROTEIRO, s/d, p. 8). Neste texto, a região da Augusta é classificada como “símbolo de diversidade da cidade” (ROTEIRO, s/d, p. 42), como veremos adiante.

A “diversidade” é claramente representada aqui pela diversidade de gênero e de orientação sexual. Pelo fato de o Baixo Augusta ser conhecido por comportar estabelecimentos de lazer voltados ao público LGBTQIAPN+, especialmente no “pedaço” marcado pelas ruas Frei Caneca e Peixoto Gomide, ele é ponto central do roteiro. Dos 5 estabelecimentos de lazer indicados para visitação nesse guia temático, 3 estão localizados na região do Baixo Augusta: a Casa Fluída (Rua Bela Cintra, 569); o Parque Augusta – Prefeito Bruno Covas (Rua Augusta, 200); e o Espaço Itaú de Cinema (Rua Augusta, 1470 e 1475).

O Baixo Augusta figura ainda entre as 7 “regiões” indicadas para visitação, juntamente com suas proximidades: Avenida Paulista; Praça Roosevelt¹³¹; e Rua Frei Caneca¹³². Segundo o guia, as regiões foram selecionadas por concentrarem a comunidade LGBTQIAPN+ paulistana:

Diversidade, respeito e representatividade estão presentes em todos as regiões onde turistas e paulistanos são bem-vindos, livres e respeitados independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Apesar da natureza acolhedora da capital, é claro que *existem determinadas regiões em que há concentração da comunidade LGBT, muitas vezes atribuída à proximidade de bares, restaurantes e baladas muito frequentados pelo público* (ROTEIRO, s/d, p. 20, grifos meus).

No documento, o “famoso Baixo Augusta” é classificado como “um dos points da comunidade LGBT” e o que o torna “tão especial” é justamente a variedade de estabelecimentos de comércio e lazer, pois l  haveria uma

(...) notável alternância de serviços ao caminhar pelo local em diferentes horários. Durante o dia, salas de cinema cult, brechós estilosos, salões de cabeleireiros e est dios de tatuagem;   noite, vida noturna efervescente com as diversas casas noturnas, bares e baladas (ROTEIRO, s/d, p. 24).

Mais ainda, a ideia de que a Rua Frei Caneca compõe o “pedaço” do Baixo Augusta voltado à comunidade LGBTQIAPN+ também é corroborada pelo guia, que a caracteriza da seguinte forma:

¹³¹ Note-se que a escolha da Paulista e da Praça Roosevelt se dão, principalmente, por serem espaço da Parada Gay de São Paulo.

¹³² Nessa pesquisa, a Frei Caneca faz parte do Baixo Augusta, porém que figura separadamente no roteiro.

A notoriedade desta rua como território LGBT se deu em 2003, quando, em protesto a um caso de homofobia contra um casal de homens que se beijavam, foi organizado um beijaço gay com dois mil participantes na praça de alimentação do Shopping Frei Caneca. A partir de então, o centro comercial foi adotado pela comunidade LGBT e vários estabelecimentos inclusivos foram abertos na rua Frei Caneca e adjacentes (ROTEIRO, s/d, p. 26).

Por fim, no guia também são ressaltados os salões de cabeleireiro “Circus Hair” e “Retrô Hair”, após a frase que consagra o Baixo Augusta como “símbolo da diversidade” de São Paulo:

Na região da rua Augusta, símbolo de diversidade da cidade, estão localizados dois salões de beleza “diferentões”. São espaços conceituais, famosos por seus cabeleireiros que agradam diferentes públicos, com cortes inovadores e pela estética diferente de suas decorações, criando cenário para fotos incríveis (ROTEIRO, s/d, p. 42).

Dessa maneira, temos, por um lado, um conjunto de matérias jornalísticas e resenhas *online* que evidenciam a diversidade como aquilo que dá sentido e traz ordem ao Baixo Augusta, uma região da cidade de grande “mistura” de público e de estabelecimentos de lazer. Por outro lado, o Baixo Augusta é visto como “símbolo da diversidade” no site oficial de Turismo da Cidade de São Paulo quase exclusivamente por seus estabelecimentos voltados ao público LGBTQIAPN+. Em ambos os casos, porém, a diversidade tem a *função* de refletir uma imagem da cidade de São Paulo como diversa, cosmopolita e turística.

Nesse sentido, é essencial fazer referência a dois eventos que enraízam ainda mais o discurso da diversidade no Baixo Augusta e imprimem a ele um tom político. O primeiro, é a Parada do Orgulho LGBT+, que ocorre na Avenida Paulista, território liminar do Baixo Augusta. O segundo, é o carnaval de rua de São Paulo, que tem como um de seus maiores blocos o “Acadêmicos do Baixo Augusta”.

A Parada do Orgulho LGBT+ teve sua primeira edição em 1997. Seu público inicial era de 2 mil participantes. Hoje, a Parada é a maior do mundo, tendo conquistado um público de 4 milhões de pessoas (PARADASP, s/d.). O evento anual conta, atualmente, com trios elétricos e shows de artistas populares entre a comunidade LGBTQIAPN+, como Pabllo Vittar, Luiza Sonza e Liniker.



Figura 36 - Público na 26ª edição da Parada do Orgulho LGBTQ+ em São Paulo — Foto: Celso Tavares/g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/19/parada-do-orgulho-lgbt-volta-a-paulista-apos-dois-anos-online.ghtml>. Acesso em 14/02/2023.

Na sua última edição, em junho de 2022, devido às eleições, o evento ganhou um tom político, e seu tema foi o “Voto Consciente”. As críticas ao então Presidente da República Jair Bolsonaro foram populares:

As manifestações do público vinham com cartazes, como um com os dizeres “Impeachment, já! Bolsonaro na cadeia” e bandeiras com as cores do movimento e a frase “Fora, Bolsonaro”. Outros manifestantes vestiram vermelho, fotos e toalhas do ex-presidente Lula e declarações de apoio ao petista (STABILE; TAVARES, 2022).

A “diversidade” enunciada na Parada adquiriu um tom de “resistência e luta”, como na fala da deputada estadual Erica Malunguinho (PSOL), que falou ao público: “Diversidade é a lei absoluta da humanidade, estamos aqui para libertar de todo preconceito, estigma” (STABILE; TAVARES, 2022).

Não é apenas este evento que se destaca por sua magnitude e por seu tom de resistência. O carnaval no Baixo Augusta se assemelha muito à Parada nesses termos. O “Acadêmicos do Baixo Augusta”, que desfila desde 2009 e é tido como o maior bloco de carnaval da cidade, é presença marcante no material midiático coletado. O coordenador do bloco Alê Youssef, empresário de casas noturnas da região já mencionado, e autor do livro *Baixo Augusta: a cidade é nossa*, comentou ao jornalista de uma reportagem de 2017: “Sempre achamos que o centro

era uma expressão artística importante do Carnaval de rua, *pois ele representa a diversidade*" (MACHADO; MARQUES; ALVES, 2017, grifo meu).

Com efeito, o bloco do Baixo Augusta pode ser visto como uma alegoria da diversidade. Ele perfaz os diferentes enunciados aqui apresentados, por meio de suas músicas, da presença de certos artistas e de sua estética. Mais importante, ele traz este forte componente político, de “luta” e de “resistência”, que até então, nos enunciados dos(as) interlocutores(as), permaneceu mais tímido. Em 2018, lê-se em uma matéria: “Baixo Augusta reúne multidão e grita contra racismo e homofobia” (CONSIGLIO, 2018). O tema do Bloco deste ano era “É Proibido Proibir”, e o desfile foi bastante politizado:

No chão, um boneco de Olinda do bloco estava com uma camiseta com a frase "Fervo também é luta". Em cima do trio, a cantora Leci Brandão intercalava versos de músicas com palavras contra o racismo e a homofobia. Em cima do bloco, o puxador, Wilson Simoninha, instigava o público a gritar "fora, Temer" (CONSIGLIO, 2018).

Não foi diferente em outros anos. Em 2020, com o tema “Resistência” – “resistência pela democracia, cultura e liberdade de expressão”, como colocou o então presidente do Bloco Alê Natacci (CARNAVAL, 2020) –, a festa do Acadêmicos foi marcada por manifestações contra o então presidente Jair Bolsonaro:

Do alto do trio, um dos integrantes puxou: "ei, Bolsonaro, vai tomar no c.". O chamado foi acompanhado pela multidão que lotava a rua da Consolação. "Vamos fazer ele ouvir", gritou o integrante do grupo, do alto do trio. O desfile do Baixo Augusta adota um tom de forte combatividade. Pouco tempo depois, a cantora Fafá de Belém abriu seu show cantando "Meu Coração é Vermelho". "A Amazônia é de quem?", questionou (ALESSANDRA, 2020).

Neste mesmo evento, em 2020, a atriz Alessandra Negrini, por anos consecutivos rainha do festejo e declaradamente posicionada à esquerda política, desfilou caracterizada de índia, fazendo referência a ataques de Jair Bolsonaro contra os indígenas. Outra presença no bloco era Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores.

No final de 2021, o Acadêmicos postou uma imagem em seu perfil do Instagram com a mensagem “Vai Passar”, protestando mais uma vez contra o governo do ex-presidente Bolsonaro. A imagem foi acompanhada da seguinte mensagem:

@academicosdobaixoaugusta: Vai Passar a estupidez. Vai Passar a ignorância. Vai Passar a barbárie. Vai Passar a censura. Vai Passar o caos social. Vai Passar é protesto e é esperança. É luta, é samba, é antropofagia. É Periferia no Centro. É Novo Modernismo. É Cultura como resposta (ACADEMICOS, 2021).

Também em setembro de 2022, juntamente com outros blocos de Carnaval, o Acadêmicos do Baixo Augusta realizou cortejo na Avenida Paulista em apoio ao então ex-presidente Lula (BERGAMO, 2022). Como veremos a seguir, a resistência e luta política também estão presentes nos produtos comercializados na região e na decoração de seus estabelecimentos. O mercado, nesse sentido, também manifesta a diversidade e abraça certas pautas políticas.

4.5 Diversidade à venda

O mercado, de certo, enuncia a diversidade e, a fim de abordar seu léxico, partirei de dois conjuntos de materiais. O primeiro compreende um conjunto de imagens coletadas ao longo das incursões que pude fazer em campo. São imagens de produtos e de estabelecimentos comerciais e de serviços da via. Nestes, o discurso da diversidade é propagado e comercializado de diferentes formas, em escritos, cartazes, canecas, quadros, ou no design de produtos e decoração de estabelecimentos, como lojas e salões de cabeleireiro.

O segundo, diz respeito a um levantamento do material de *marketing* dos empreendimentos lançados na via. A coleta destes textos e vídeos propagandísticos foi realizada para cada empreendimento mapeado, principalmente no site das construtoras e incorporadoras, como Esser, Vitacon, YOU Inc., dentre outras¹³³. Em ocasiões nas quais a descrição do empreendimento não foi localizada nos websites destas empresas, foram acessados websites de imobiliárias ou plataformas de busca de imóveis. O objetivo era compreender como a região do Baixo Augusta era caracterizada por estes agentes do Capital – teria o discurso da diversidade eco em tais narrativas propagandísticas?

4.5.1 O comércio da diferença

Os estabelecimentos comerciais e de serviços do Baixo Augusta também possuem seu próprio léxico da diversidade. Dos pequenos aos grandes comércios e serviços, é possível notar a valorização da diferença das mais variadas formas. Por exemplo, lojas de grandes marcas, como a C&A e o Carrefour, há tempos têm suas fachadas decoradas com as cores da bandeira LGBTQIAPN+. Salões de cabeleireiros possuem *designs* inovadores e até mesmo nomes que

¹³³ A análise das construtoras e incorporadoras responsáveis pelos empreendimentos lançados na região, revelou a proeminência de 5 empresas. A Esser e a Even, cada uma, atuaram em 4 empreendimentos, e a AAM, Vitacon e YOU, cada uma, em 3. Juntas, são responsáveis por 37% dos empreendimentos lançados ou ainda em construção na região do Baixo Augusta no período de 2010 a 2022. Assim, grande parte do material foi coletado de seus websites.

fazem direta referência a enunciados da diversidade, como é o caso do salão “SubCult.” (Rua Fernando de Albuquerque, 138), da imagem abaixo.



Figura 37 -Salão SubCult. Fotografia da autora, de 09/11/2022.



Figura 38 - Detalhe da fachada do supermercado Carrefour Express no Baixo Augusta. Imagem capturada da plataforma Foursquare em 12/01/2023. Disponível em: <https://pt.foursquare.com/v/carrefour-express/5a3aa46dcad1b64c06a54eee>.



Figura 39 - Imagem da fachada da loja C&A. Capturada do Google Street View em 12/03/2023.

Pode-se citar também o “Retrô Hair”, salão de cabeleireiro inaugurado em 2009 e certamente o mais icônico da Rua Augusta. O Retrô tem, atualmente, como espécie de subtítulo

de seu nome, a mensagem “seja quem você quiser” e, em sua página oficial na internet, consta a seguinte descrição:

Rogério Santos escolheu a Rua Augusta para instalar o Retrô Hair, em 2009 com a ideia de criar um novo conceito em salão de beleza que oferecesse uma experiência única aos clientes e ainda trouxesse de volta o glamour dos anos 50 e 60, *o endereço é um ícone da diversidade paulistana* e já foi uma das ruas mais elegantes da cidade - onde Roberto Carlos dirigia seu conversível “à 120 por hora” (RETRO, s/d).



Figura 40 - Imagem capturada do website do salão de beleza Retro Hair (RETRO, s/d).

A decoração do salão – uma ode à Augusta – faz referência à “rua das putas”, à especulação imobiliária e ao *underground*. No website do estabelecimento, lê-se:

Em contraposição, a bancada da recepção é forrada *com espelhos de antigo prostíbulo da Rua Augusta* que foi demolido para dar lugar a um *condomínio*. “Os espelhos, a logo de neon em forma de pixação, os tijolos pretos aparentes como os dos salões de *bairros undergrounds londrinos* têm a intenção de trazer um pouco da rua para dentro do salão” explica Rogério, que desenvolveu todo o conceito e decoração do Retrô Hair (RETRO, s/d, grifos meus).

O salão “Subcult”, cujo nome faz referência direta às ideias de contracultura e *underground*, possui também neons em sua decoração, um com as cores da bandeira LGBTQIAPN+, e outro com a mensagem “Seja diferente baby”, como nas imagens abaixo:



Figura 41 -- Imagem disponibilizada no Google pelo salão de Beleza Subcult. Acesso em 16/01/2023.



Figura 42 - Imagem disponibilizada no Google pelo salão de Beleza Subcult. Acesso em 16/01/2023.

Já a Galeria Recorte (Rua Augusta, 829), local de proposta híbrida, que reúne galeria de arte, salão de cabeleireiro e café, além de sua decoração descolada, moderna e cosmopolita, inspirada “nas grandes galerias e lugares híbridos de Barcelona, Londres, Milão, Nova York e Tóquio” (GALERIA, s/d), tem suas exposições muitas vezes focadas em pautas políticas, especialmente feministas:

A Galeria Recorte também se firmou como um espaço de valorização às artistas e às causas feministas - foram 9 exposições individuais e 3 coletivas de mulheres, sendo que, a maioria delas, foram abordados temas como objetificação e violência contra a mulher, racismo e machismo (GALERIA, s/d).

Com efeito, a análise desse material aponta como os principais eixos desse léxico da diversidade a valorização da cultura LGBTQIAPN+ e do feminismo, como luta política. Ao longo de minhas primeiras incursões em campo, no período diurno, chamaram minha atenção principalmente os produtos vendidos nas lojas colaborativas do Baixo Augusta – espécies de pequenas galerias, nas quais mercadorias de diferentes fornecedores e artesãos são vendidas em “colmeias”. Todas as lojas colaborativas são muito semelhantes entre si e, em geral, tiveram como inspiração a primeira do tipo, a “Endossa” (Rua Augusta, 1372)¹³⁴, aberta em 2008. Em 2022, além dela, destacam-se na rua as duas unidades da Galeria De Tudo um Pouco e a unidade da galeria Fábrica Augusta.

¹³⁴ A Endossa surgiu na Augusta e hoje conta com outras unidades não apenas em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Florianópolis e Brasília.



Figura 43 - Imagem capturada da matéria da Veja São Paulo "Endossa Augusta". Mostra as colmeias nas quais os produtos da loja são expostos. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/endossa-augusta/>. Acesso em 16/03/2021.

Os itens vendidos nestes estabelecimentos claramente enunciam a diversidade por meio da estética dos produtos, que contam com frases feministas e constante referência à cultura LGBTQIAPN+. As imagens a seguir trazem exemplos.



Figura 44 - Imagens capturadas pela pesquisadora na galeria Endossa no dia 05/11/2020. Mostram as frases impressas em produtos, como a sacola que tem os dizeres "Lute como uma garota" e as meias "Girl Power".



Figura 45 - Imagens capturadas pela pesquisadora na galeria Endossa no dia 05/11/2020. Mostra produtos da marca Wonderwall, com dizeres como “Dias Mulheres Virão” e “Respeito, justiça, liberdade e rola”.

A marca “Wonderwall” possui produtos com mensagens diversas de cunho feminista e de defesa à liberdade de gênero e expressão, como “Lute como uma Garota”, “Dias Mulheres Virão”, “Girl Power”, ou ainda, “Respeito, Justiça, Liberdade e Rola”. Em seu *website*, é possível observar com maior detalhe o discurso comercializado. Na imagem abaixo, a sacola “Girl Power” é promovida com a frase “Mostre quem você é!”, que pode ser ligada diretamente à ideia de liberdade, igualmente presente nas narrativas dos(as) interlocutores(as). Outros produtos mostram mensagens também contra o racismo e homofobia, como “Fogo nos racistas” e “Amor é Amor”.



Figura 46 - Imagem capturada do website da loja Wonderwall em 10/05/2021 (WONDERWALL, 2021).



Figura 47 - Imagens capturadas do website da Wonderwall em 10/05/2021 (WONDERWALL, 2021).

O dono da marca Wonderwall¹³⁵ acredita que os produtos da Augusta são “diferentes” justamente pelo público da região e sua cultura LGBTQIAPN+. Em entrevista, ele explica:

Elas [as marcas comercializadas na Augusta] são diferentes, pelo mesmo público que anda na Augusta, né? Acho que realmente sempre foi um público muito mais... é... vanguardista, digamos, né. Uma palavra meio antiga, mas enfim... Sempre foi assim. E muito por causa da Frei Caneca, né? Que é Frei Caneca que sempre foi a rua LGBT da região, né. Há o quê? Tipo, há uns vinte anos atrás assim, a Frei Caneca era essa rua né? E depois a Augusta meios que tomou conta né? Recentemente a Augusta tomou conta desse, desse... Desse título né, de ser uma rua LGBT e tal, que num sei quê. E acho que, por conta de ter esse público, esse público LGBT, e um público que aceita, um público que acolhe, um público que não tem nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo de amarra, enfim, não tem preconceito nenhum, então acho que, automaticamente as lojas foram voltadas pra esse público. Então por isso que lá os produtos são mais diferenciados, eles têm uma pegada mais artesanal também, né? E acho que é isso (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 04/06/2021, grifos meus).

Apesar de colocar em evidência o público LGBTQIAPN+ nessa narrativa, ele também ressaltou, mais à frente em nossa conversa, o papel das mulheres e do empoderamento no desenvolvimento de seus produtos, cujas concepções, muitas vezes, surgiram da própria interação com os(as) frequentadores(as) da Augusta:

Como são quadros muito coloridos, então acho que quem batia o olho, mais colorido e florais, quem batia o olho mais, era as mulheres e o público LGBT. E aí começaram a dar várias sugestões de frases. Aí que surgiu, tipo, “sejam bem viados”, assim. Tanto que, na época, eu já expunha na Paulista, óbvio, fazia várias coisas, várias frases assim, tipo, “eu não sou obrigada”, que nem, aí com “eu não sou obrigada”, a gente viu que a galera gostava muito disso, justamente pra se libertar de algumas coisas, as mulheres né. E a gente foi percebendo que também vinha um público muito empoderado, e que a gente poderia usar a marca pra empoderar algumas pessoas, enfim... E isso foi bem legal. Mas aí com o “sejam bem viados”, que foi uma... Foi um pedido de uma

¹³⁵ Flávio, pseudônimo do dono da marca Wonderwall, possuía aproximadamente 40 anos na data da entrevista. Se identifica como homem heterossexual e possui Ensino Superior.

cliente assim, eu até fiquei com medo de colocar na Paulista, no dia, mas eu lembro que eu coloquei, no que eu coloquei, vendeu assim... Alguém falou “Meu deus, sejam bem viados!!!”. Eu falei, putz! Daí veio esse público, que hoje é o público que abraça a gente, é o público LGBT, o público feminino (...) (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 04/06/2021).

Ademais, a marca possui um claro posicionamento político, como fica manifesto na descrição em seu website:

(...) Apoiamos todos os grupos LGBTQI+, mulheres e qualquer grupo socialmente discriminado. Somos assim, nascemos assim e jamais deixaríamos de ser (...). Chegou o ano de 2018 e não pudemos deixar de nos posicionar. BOLSONARO É O CARALHO!!!! Hoje, somos o que somos: Atitude, cotidiano, ousadia, liberdade, fofura e RESISTÊNCIA! (WONDERWALL, 2021).

Outra marca expositora da Endossa é a ZAPA STORE. Criada por um “casal lésbico, feminista e umbandista” que “decidiu criar uma marca de roupas e acessórios que carregue um pouco essa identidade” (ZAPASTORE, 2021). Na foto abaixo, é possível ver os produtos da marca expostos na galeria Endossa:



Figura 48 - - Imagem capturada pela pesquisadora na galeria Endossa no dia 07/02/2021.

Nas imagens a seguir, capturadas do website da ZAPA STORE, observa-se com mais detalhe as mensagens inscritas nos produtos, como “Lesbian Pride” (orgulho lésbico), “Love is Love” (amor é amor), além dos modelos de camisetas, como “Camiseta PPK”, ou camiseta “Lady Truck” (que poderíamos traduzir como “caminhoneira”):



Figura 49 - Imagens capturadas do website da ZAPASTORE em 10/05/2021 (ZAPASTORE, 2021).

A marca “baoé”, que expõe igualmente na loja Endossa, também comercializa produtos com frases feministas – o subtítulo da marca é “doses feministas”. Criada por duas mulheres, a marca se caracteriza pela negação da produção massificada de vestuário:

(...) nos agrada o orgânico, o imperfeito, o singular. priorizamos o manual. cortamos o nosso próprio stencil. estampamos cada camiseta à mão. fotografamos. pintamos. desenhamos. escrevemos. editamos. nós mesmas, nós duas. uma a uma, peça a peça, um olhar de cada vez. tornamos cada produto único. original. fugimos da produção em série e, para nós, uma gota a mais de tinta, uma falha, um risco, uma sombra, um efeito inusitado ou um erro traçoeiro pode ser o detalhe que ainda estava faltando na .oé.! (OÉ, 2021)

As imagens abaixo mostram diversas outras marcas com o mesmo tipo de proposta, comercializadas tanto na Endossa como em outras galerias:



Figura 50 - Fotografia da pesquisadora de 07/02/2021, mostra a colmeia da marca "Dramas de Sapatão" na galeria Endossa.



Figura 51 - Fotografia da pesquisadora de 07/02/2021, mostra a colmeia da marca "Santo Luxo Man", voltada para o público LGBTQIAPN+, na galeria Endossa.



Figura 52 - Imagem capturada pela autora em 15/11/2020, às 15h59, na galeria "Mais de tudo um pouco". Mostra a colmeia da marca "Você Como Sou", cujo logo mostra um coração com as cores do arco-íris, referência do universo LGBTQ+.



Figura 53 - Imagem capturada pela autora em 15/11/2020, às 15h59, na galeria "Mais de tudo um pouco". Mostra a colmeia da marca "Devassos" que, segundo seu perfil no Instagram (@devassos.demais), vende "Cuecas sexy e divertidas!".



Figura 54 - Imagem capturada pela autora em 15/11/2020, às 16h00, na galeria "Mais de tudo um pouco". Mostra a colmeia da marca "Kimi Art", que vende bijuterias. Alguns dos brincos levam dizeres feministas como "Lute como uma garota" ou "Girl Power". Outros produtos levam a bandeira arco-íris do orgulho LGBTQ+.

4.5.2 O mercado imobiliário: os privilégios da mobilidade e da não-mobilidade

Finalmente, descrevo aqui alguns dos enunciados da diversidade articulados por agentes maiores do capital, as grandes incorporadoras e construtoras atuantes na região e amplamente responsáveis pela transformação da paisagem do Baixo Augusta. Após a coleta e codificação do material de marketing de cada um dos empreendimentos mapeados, foi possível identificar que a diversidade é também enunciada por este grupo de agentes, porém, de maneira um tanto diversa e, certamente, com funções diferentes.

Num primeiro momento da análise, o que ficou mais evidente nesse material foi a constante referência à ideia de "acesso". Tal acesso refere-se tanto à mobilidade – a região é retratada como um dos centros da cidade, o que facilita o deslocamento – quanto à não mobilidade – não há necessidade de deslocamento, visto que o Baixo Augusta oferece tudo o que alguém possa necessitar: uma *diversidade* de estabelecimentos comerciais, de serviços e equipamentos de lazer. Nessa perspectiva, por um lado, morar na região é estar localizado(a) de maneira privilegiada em termos de acesso a diferentes meios de transporte e, portanto, a

diversas partes da cidade. Por exemplo, sobre o edifício Olhar Augusta (Rua Augusta, 180), da empresa Tegra, fala-se:

O Olhar Augusta foi pensado para *ressignificar o seu conceito de mobilidade e para elevar a qualidade de vida* em uma das ruas mais famosas de São Paulo. Está localizado no centro histórico de São Paulo, com acesso fácil pela Av. de Julho, pela Rua da Consolação. Além de estar a uma curta caminhada das estações Anhangabaú e República do metrô (OLHAR, s/d).

Nas descrições do Chez VN Consolação (Rua da Consolação, 297), empreendimento da Vitacon ainda em construção, a ideia de mobilidade consta no título da propaganda:

POR QUE INVESTIR NA BELA VISTA *UM BAIRRO COM MOBILIDADE?*

O bairro localizado na região central se destaca por sua *facilidade de acesso a todas as zonas da cidade*. A Bela Vista é servida por várias linhas de ônibus, estações de metrô que comportam as linhas Amarela, Vermelha e Verde (...) (VITACON, 2021b, grifos meus).

No caso do empreendimento MOBI One (Rua Frei Caneca, 95), a mobilidade consta em seu próprio nome: “A mobilidade perfeita para você (...). O conceito de morar bem do MOBI One vai além do empreendimento físico. Perto do metrô, com estrutura completa e na melhor localização da Frei Caneca” (MOBI, s/d). Também o empreendimento To be Free (Rua Álvaro de Carvalho, 169), localizado na “fronteira” entre o Baixo Augusta e o Centro Histórico da cidade de São Paulo, tem como em sua propaganda as seguintes informações:

MORE A 250 METROS DA ESTAÇÃO ANHANGABAÚ E A 15MIN DA ESTAÇÃO HIGIENÓPOLIS – MACKENZIE.

Faça a maioria dos seus trajetos a pé, de metrô ou de bicicleta.

To Be Free tem como ideal proporcionar *o máximo de ganho de tempo possível, para gastá-lo de forma produtiva*, passeando, trabalhando, estudando ou se divertindo.

(TO BE FREE, s/d).

Note-se que a “mobilidade”, nesse sentido, é articulada à ideia de “liberdade”, pois, “reduzindo o tempo entre a casa e o trabalho”, aumenta-se o tempo livre e a possibilidade de “curtir mais seu dia”. Isso fica patente também nas propagandas do empreendimento “Bem Viver” (Rua Frei Caneca, 351), da Magik JC:

REDUZA O TEMPO ENTRE A CASA E O TRABALHO: Chega de viajar grandes distâncias e ficar um tempão parado no trânsito. Aproveite o seu tempo para fazer tudo o que mais gosta com a sua família e os amigos.

(...)

CURTA MAIS OS SEUS DIAS: Onde você quer ir? Museus, galerias, teatros, cinemas, centros culturais, casas de shows, SESCs e parques. Tudo muito acessível ou até de graça, sempre à sua volta.

VIVA A TOTAL MOBILIDADE: A região central é a mais bem servida por transportes públicos, sendo atendida por quase todas as linhas de Metrô, além de estações de trem e terminais de ônibus. Tem também ciclovias e ciclofaixas por toda parte (BEM VIVER, s/d).

Estes são apenas alguns exemplos, pois em todas as narrativas propagandísticas coletadas, a mobilidade e a “liberdade” que ela traz são privilegiadas: de certo, um tipo de liberdade diferente daquela enunciada pelos(as) interlocutores(as).

Há também outra noção de acesso, relacionada à “não mobilidade” ou, melhor, à “falta de necessidade de mobilidade”. Todos os empreendimentos residenciais mapeados oferecem o que se chama de “lazer completo”: salão de festas, churrasqueira externa ou em “espaço gourmet”, espaço pet, bicicletário, brinquedoteca, piscina, sala de ginástica ou “espaço fitness”, e até lavanderia compartilhada e *coworking*. Evidentemente, os itens disponíveis nesse pacote de “lazer completo” variam de edifício para edifício, mas, em geral, todos contam com uma boa variedade deles. Visto que 26 dos 36 empreendimentos residenciais lançados na região oferecem imóveis no estilo *studio*¹³⁶ (72%), o “lazer completo” é parcialmente justificado: a impossibilidade de desfrutar de espaço interior é compensada por espaços de lazer comuns.

No entanto, ao mesmo tempo em que se oferece uma ampla gama de serviços e espaços no interior dos edifícios, a “não mobilidade” é também justificada pela valorização da rua em si, seus equipamentos de cultura, lazer e comércio, todos enaltecidos como ótimas razões para se mudar para a região. Em sua revista, a empresa Esser, construtora dos edifícios residenciais Capital Augusta, já mencionado, e VIP Augusta (Rua Augusta, 100), nota:

Tendo como vizinhança os bairros dos Jardins, Centro, Higienópolis e Pinheiros, *a Consolação é certamente um dos lugares mais descolados para se viver e trabalhar em São Paulo*. Uma prova disso é que a rua dá o nome ao bairro, com seus *restaurantes, bares, salas de cinema e teatro*. Além de outras vias tão movimentadas quanto importantes da região: a Avenida Paulista e a Rua Augusta (GRUPO ESSER, 2014, p. 22, grifos meus).

A propaganda do empreendimento Atrium Augusta (Rua Augusta, 1188) também afirma:

Na realidade o prédio fica próximo de tudo, dos melhores bares, restaurantes, bancos, escolas, faculdades e tudo o que você precisa para sua comodidade em especial a Padaria Bella Paulista. (...) A poucos metros do Shopping Frei Caneca e ao Parque Augusta, o Atrium Augusta é um dos flats mais “cool” do mercado (ATRIUM, 2021, grifos meus).

¹³⁶ Desses 26 empreendimentos, 14 oferecem tanto *studios* como apartamentos, e 12 deles oferecem apenas *studios*.

Se nestes excertos a região é simplesmente adjetivada como “descolada” ou “cool”, outras narrativas constroem de maneira mais específica a paisagem da Augusta. O texto que se segue, relativo ao edifício Olhar Augusta, já mencionado, deixa mais clara esta produção:

O valor de morar na Rua Augusta. Localizada em uma região democrática, mas essencialmente cultural, além de extremamente efervescente. Aqui as opções comerciais, casas noturnas, restaurantes, teatros, cinemas e centros educacionais de referência borbulham. A região é vizinha da Rua Cerqueira César, Consolação e da Av. Nove de Julho. A Rua Augusta também é paralela e transversal, às ruas Bela Cintra, Frei Caneca e Peixoto Gomide. Ruas que traduzem o espírito da cidade. Quem mora no Baixo Augusta já escolheu o lugar estratégico para ter acesso à gastronomia de qualidade. Aqui você encontra o que comer em um local diferente a cada dia, tamanha a variedade de bares, lanchonetes e restaurantes. A Rua Avanhandava é um dos locais mais charmosos da região, com restaurantes famosos, como o Família Mancini, conhecido pelos pratos generosos. (...) O Olhar Augusta foi pensado para ressignificar o seu conceito de mobilidade e para elevar a qualidade de vida em uma das ruas mais famosas de São Paulo. (OLHAR, s/d, grifos meus).

Morar na rua Augusta, neste sentido, não é apenas ter acesso a bons restaurantes e equipamentos de lazer, mas é também morar em uma região *democrática, cultural e efervescente*, que *traduziria o espírito da cidade* de São Paulo. A propaganda do edifício Augusta Hype Living corrobora essas ideias:

Um dos bairros mais alternativos de São Paulo, com diversos bares, baladas, teatros, cinemas, livrarias, centros culturais e restaurantes. Pela proximidade com a Avenida Paulista, o bairro atrai pessoas de todos os cantos (HYPE, s/d, grifos meus).

4.5.3 O mercado imobiliário e a articulação de enunciados da diversidade

Já é possível notar pelo último excerto que a ideia de mobilidade vai aos poucos incorporando enunciados da diversidade. Nas descrições do empreendimento Oy Frei Caneca (Rua Frei Caneca, 677), das empresas YOU e ONE, isso é mais evidente, quando o Baixo Augusta é mais uma vez caracterizado como região democrática e alternativa, por meio do uso de outros termos, como “liberdade”, “abraço entre tribos”, “diferente”, “diversidade”, “reunião de culturas e identidades”:

Onde sua vida acontece. Paulista é liberdade e, mais do que uma avenida, já virou um movimento. Um abraço entre tribos, ruas, lojas, empresas. É a reunião de culturas, identidades e digitais. Uma região onde o diferente combina, todo mundo junto, na mesma vibe. Um fazer acontecer despreocupado com o que os outros vão pensar. (...) O eixo da avenida Paulista, a rua Augusta e a rua Frei Caneca são a perfeita tradução do conceito de liberdade e diversidade. Um encontro de culturas e identidades, onde há programação para todas as tribos que fazem acontecer (OY, 2020, grifos meus).

Se a ideia de mobilidade é remetida, nos enunciados anteriores, à “liberdade” de desfrutar (“curtir”) mais a vida, ter mais tempo livre, aqui a liberdade aparece como a possibilidade de abraçar “seu próprio estilo”, viver com pessoas de “todos os cantos”, “todo mundo junto, na mesma *vibe*”, “despreocupado com o que os outros vão pensar”, significado mais próximo daquele dos(as) interlocutores(as).

Vale apontar como enunciados da diversidade também alguns aspectos que dizem respeito à estética dos novos empreendimentos. Desde sua construção, as incorporadoras e construtoras procuram fazer referências à cultura estética da região, caracterizada por *grafitti*, pixações, lambe-lambes, etc. Nas imagens abaixo, essa “arte urbana” inspira os tapumes das obras:

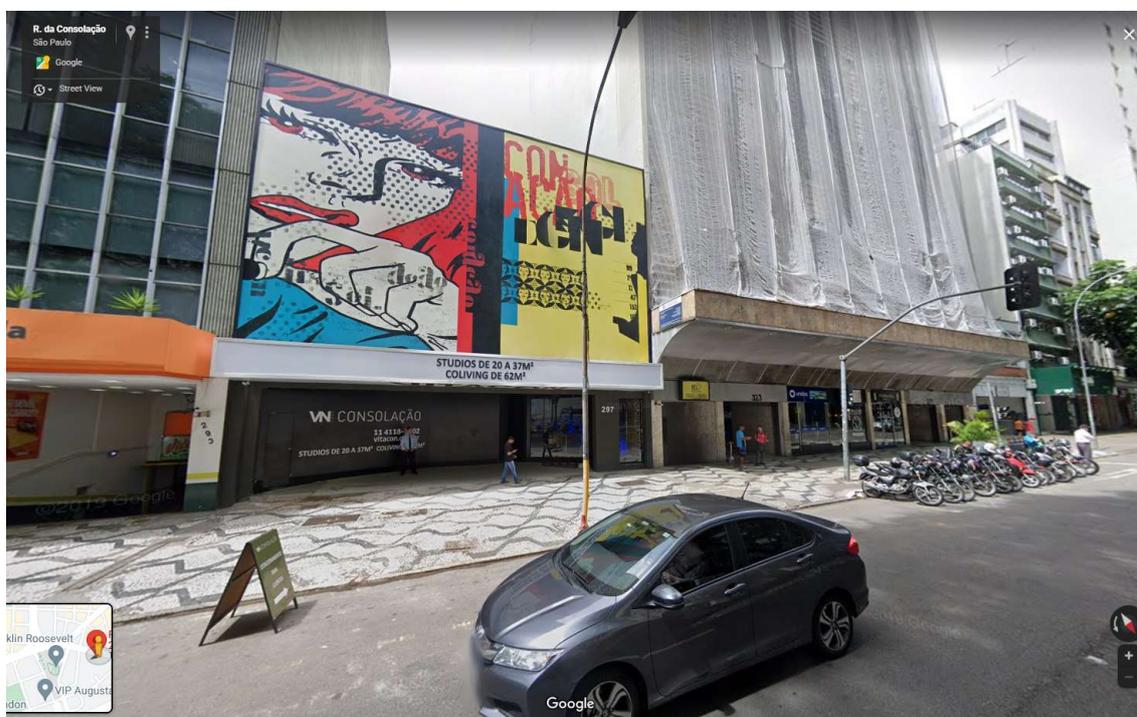


Figura 55 - Imagem do estande promocional do edifício VN Consolação. Imagem de dezembro de 2018. Capturada do Google Street View em 28/0/2021.



Figura 56 - Imagem março de 2021, capturada do Google Street View em 25/06/2021. Mostra o Chez VN em construção.

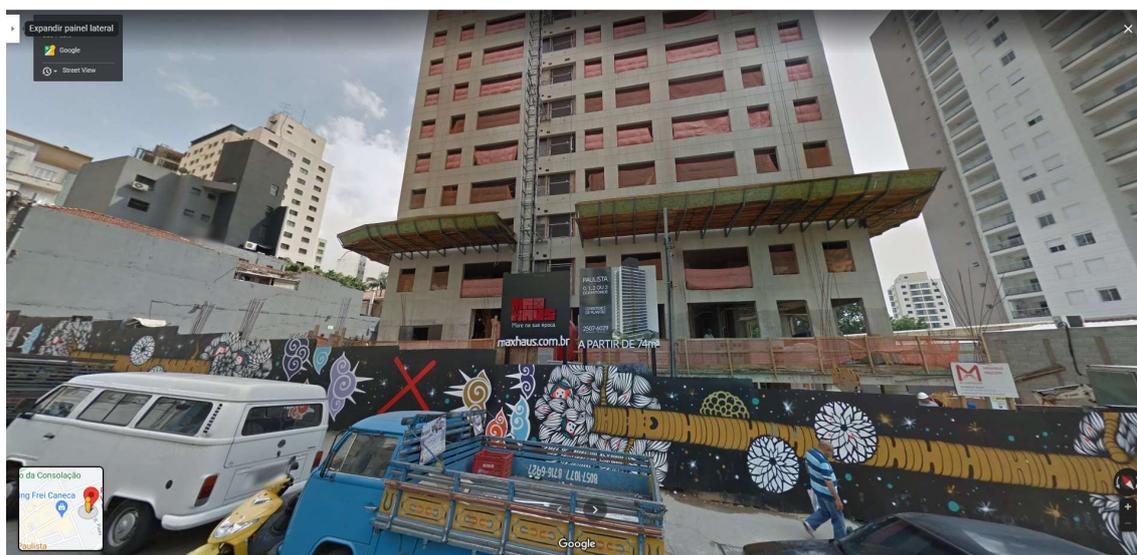


Figura 57 - Imagem de novembro de 2014 capturada do Google Street View em 28/06/2021. Mostra o Max Haus Paulista ainda em construção. Mais uma vez, os tapumes da obra são ornamentados com grafitti.

Nesse sentido, outro caso interessante é o do edifício Vision Paulista – “repleto de diferenciais e opções de lazer que o deixam *com a cara da Rua Augusta*” (VISION, s/d, grifo meu). Em seu vídeo promocional, o destaque vai para as portas dos apartamentos, cujos diferentes designs, concebidos por artistas urbanos, podem ser escolhidos pelos(as) moradores(as), como na imagem a seguir:



Figura 58 - Captura do vídeo de divulgação do empreendimento Vision Paulista da Gafisa, no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p5otmvy-s>. Acesso em 15/04/2021.

Em todas essas narrativas, nas quais a diversidade é enunciada por estes agentes do capital, o “diferente” e “democrático”, as “tribos”, a “reunião de culturas”, o “descolado”, porém, se apresentam como ideias um tanto vagas: quem é esse “todo mundo” que está junto? Quem são essas pessoas “de todos os cantos”? Que “culturas” estão reunidas na Augusta?

Um vídeo promocional do empreendimento Universo Augusta nos explica melhor a articulação destas ideias. Nele, a própria rua Augusta entra em cena como narradora: “Toda rua tem seu charme, sua beleza e, principalmente, sua história. E *comigo* não é diferente” (UNIVERSO, 2015). A narração, acompanhada de imagens antigas, como mulheres andando nas ruas e pessoas no bonde, continua: “Por aqui já passaram e ainda passam muito mais do que *pessoas modernas, estilosas e de personalidade*. Em cada esquina existe uma essência que só quem vive aqui consegue sentir – a minha verdadeira alma” (UNIVERSO, 2015, grifos meus).

Ao longo deste vídeo, processos de “revitalização” e “transformação da rua” são enaltecidos e positivados:

Sou adorada desde 1875, quando era apenas um caminho de terra batida. Mas o tempo passa e aqui estou, ainda mais bonita e cheia de vida. Me comparam até com os lugares mais modernos do mundo. Como o Meatpacking em Nova York ou o Shoreditch, no leste londrino, *que também foram revitalizados*. *Olha quanta coisa tá mudando em mim: mais de 20 novos empreendimentos serão entregues entre 2016 e 2017 nas minhas imediações. Todos já comercializados e com obras adiantadas* (UNIVERSO, 2015, grifos meus).

Enquanto tais mudanças são vistas com certa tristeza e até mesmo inconformismo pelos(as) frequentadores(as), aqui *valorizam* a região e os imóveis – a revitalização torna a

região ainda mais “cosmopolita”, como bairros de Nova York e Londres. Mais ainda, é possível notar que, nessa história da Augusta, o chamado “período de degradação” não se faz presente. Se a ideia da “diversidade” e do “alternativo” como vimos, estão intimamente ligados a ele, estes mesmos adjetivos contidos nas propagandas dos empreendimentos imobiliários obscurecem e mesmo rejeitam qualquer relação com a “rua das putas”. Tampouco, há menções a quais são as diferentes “tribos” e “culturas” que formam essa “essência” da rua: a diversidade, aqui, não é esmiuçada e não encontramos uma descrição dos “tipos urbanos”, como nas falas dos(as) interlocutores(as) e mesmo da mídia – não se fala de “vendedores ambulantes”, “punks”, “prostitutas”, “pessoal do rock”, “gays”, e assim por diante. É como se houvesse referência há uma diversidade esvaziada de referentes, mas não de sentido ou de função.

Esta “história dos vencedores”, para citar Walter Benjamin (2011), não só é vista com pesar pelos(as) frequentadores(as), mas é também ironizada por eles(as), como acontece na fala de Beatriz, que assumiu um tom de claro deboche: “É, os prédios tomaram conta mesmo. Tipo ‘ai, venha morar aqui no lugar mais diversificado de São Paulo. Na Rua Augusta, onde tem movimento, onde você é você’. É isso aí.” (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 03/05/2021). A apropriação do discurso da diversidade por grandes agentes do Capital é claramente criticada pela interlocutora, como se tais agentes não tivessem a *autoridade* para enunciá-lo.

Para as construtoras e incorporadoras, evidentemente, a diversidade possui uma outra função. Com efeito, Renato Ortiz aponta que os elementos que constituem a diversidade, na medida em que se tornam emblema da modernidade-mundo, serão apropriados no discurso empresarial, porém com um uso específico (ORTIZ, 2015, p. 133). Apesar do *corpus* de análise de Ortiz ser diferente do nosso¹³⁷, seu argumento central é pertinente para esta pesquisa. A diversidade interessa às construtoras e incorporadoras porque interessa ao seu público-alvo final, que também é jovem. Assim, o Baixo Augusta é vendido como região “cool”, “revitalizada”, e que abraça a diversidade – afinal, o diferente está “na moda”.

No ano de 2020, em conversa informal com corretor de imóveis que se encontrava em um dos estandes de lançamento de um novo edifício, esclareceu-se que os compradores destes imóveis são investidores que pretendem alugá-los para jovens (universitários ou recém-

¹³⁷ A análise de Ortiz recai nos escritos dos “intelectuais das empresas”, ou seja, a literatura acadêmica da Administração. O autor investiga como se pensa “a cultura organizacional” de grandes empresas, a partir do momento em que essa discussão se apropria e enuncia a diversidade.

formados), ou ainda rentabilizá-los por meio de aluguéis de diárias (principalmente por plataformas como a da empresa *Airbnb*). Porém, dados apontam que tais jovens moradores(as) são de estratos mais elevados das classes médias, como fica claro no seguinte texto promocional do empreendimento Olhar Augusta:

Morar no Centro é ter acesso a uma das mais amplas infraestruturas de transporte, trabalho e lazer da cidade, além de poder conviver com ruas cheias de charme histórico. *Não é à toa que a região se tornou a nova queridinha dos jovens descolados e famílias de classe média* (OLHAR, 2021).

É manifesto que o empreendimento visa atingir “jovens descolados e famílias de classe média”. Assim, se frequentar a região é para todos(as), o mesmo não acontece com o *morar*. Uma matéria do Estadão de dezembro de 2021, cujos dados foram encomendados para a empresa do mercado imobiliário *Quinto Andar*, indica que o valor de aluguel de um *studio* na região do Baixo Augusta é 20% mais alto do que em outras regiões de São Paulo, e que seus moradores pertencem a estratos mais altos da classe média brasileira, com renda média de R\$ 7,3 mil:

O preço do metro quadrado do aluguel é de R\$ 42,43, o que fica 20% acima da média da cidade, de R\$ 35,43. Com uma oferta majoritária de apartamentos de até um quarto (76%), o aluguel médio no entorno é de R\$ 1,9 mil (sem incluir condomínio e taxas), mas há opções até mesmo na casa dos R\$ 7 mil (MENGUE, 2021).

Com efeito, as narrativas dos(as) interlocutores(as) corroboram o argumento: os(a) novos(as) moradores(as) da Augusta, em geral, não são considerados(as) o “povo da Augusta”, principalmente por terem maior capital econômico.

Isto posto, conclui-se que a enunciação da diversidade por estas grandes empresas é bastante rasa de referentes, e possui uma função mercadológica bastante clara, que enaltece a revitalização e obscurece tanto a história de “degradação” da via como evita qualquer referência a pautas políticas. Por meio da alusão à diversidade e seus enunciados, as incorporadoras e construtoras vendem para os estratos altos das classes médias paulistanas um Baixo Augusta revitalizado, “cool” e cosmopolita, como certas regiões de “Londres” ou “Nova York”, e com opções de lazer para todos os públicos e gostos.

4.6 Conclusões preliminares

Um quadro final pode se estabelecer, no qual se nota que enunciados do discurso da diversidade são manifestos e articulados de diferentes formas e com diferentes interesses e funções, a depender do grupo de agentes.

Por um lado, os(as) interlocutores(as), frequentadores(as) ou ex-frequentadores(as) do Baixo Augusta, enunciam a diversidade pelo que é alternativo ao padrão: pela convivência de uma mistura de pessoas; pela possibilidade de se experienciar a liberdade de ser quem se é, por meio de práticas, gostos e preferências não massivas; e por fazerem parte de uma cultura de lazer *underground*, noção que remete a uma sub ou contracultura, e também a uma estética mais autêntica, menos calculada e mais improvisada. Argumenta-se que a função desse discurso, para este grupo de agentes, é traçar fronteiras simbólicas entre eles e outros grupos de jovens de outras regiões da capital paulista, como a Vila Olímpia e a Vila Madalena, que seriam frequentadas por jovens mais “padrão” e com maior capital econômico.

Por outro lado, a mídia apresenta o Baixo Augusta como um microcosmo da cidade de São Paulo, uma região frequentada pelas mais diversas “tribos” e que possui os mais diversos estabelecimentos de lazer, comércio e serviços. A diversidade também se expressa – ou melhor, se expressa *principalmente* – pela promoção de uma cidade cosmopolita, que abraça a diversidade de gênero e de orientação sexual, sendo a região colocada como principal referência do circuito de lazer LGBTQIAPN+ paulistano. Ademais, devemos notar que certas pautas e lutas políticas de minorias são relacionadas pela mídia ao Baixo Augusta, pelo fato de a região comportar eventos como o carnaval de rua do bloco Acadêmicos do Baixo Augusta e a Parada do Orgulho LGBTQIAPN+.

Finalmente, os próprios estabelecimentos comerciais e de serviços da rua expressam uma iconografia da diversidade, por vezes posicionada politicamente, por meio de suas decorações e produtos que, evidentemente, mantêm íntima relação com a “mistura” de frequentadores(as). Já as incorporadoras e construtoras enunciam uma diversidade pobre em referentes e muito bem selecionada, por sua função mercadológica, que enaltece e positiva o processo de *boom* imobiliário, e projeta a imagem de uma região que passou por uma transformação cosmopolita, como teria ocorrido com Nova York e Londres.

Este panorama caracteriza-se por ser mais descritivo e menos analítico, como comentei no início. A intenção foi, justamente, permanecer mais ou menos fiel à proposta foucaultiana e apresentar ao(à) leitor(a) o campo dos enunciados da diversidade articulados no Baixo Augusta. Não me furtei, porém, de apresentar potenciais discussões e questionamentos ao longo do texto. Estes serão desenvolvidos no panorama final, que se segue, e serão articulados com as discussões anteriores. Espera-se, assim, conseguir contemplar de maneira mais crítica a paisagem do Baixo Augusta e, quem sabe, atravessar a opacidade do discurso da diversidade.

5. PANORAMA 3 – A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E CAPITAL NA PRODUÇÃO DA PAISAGEM

Os panoramas apresentados neste livro mostram uma paisagem complexa e dinâmica, produzida por diversos grupos de agentes e densa de sentidos, expressos pelos variados enunciados da diversidade. O embate entre capital e cultura, que define a paisagem de poder de Zukin, é amplamente observável tanto na presença das numerosas novas torres – a luta pelo espaço físico –, como nas disputas pela apropriação do discurso da diversidade, ou seja, nas lutas pelos sentidos atribuídos ao Baixo Augusta. Nessa perspectiva, a diversidade, enraizada como está no Baixo Augusta, opera na construção de uma espécie fronteira simbólica entre esta e outras regiões de São Paulo.

Procurei notar que a função de cada enunciado da diversidade varia a depender do agente. De maneira geral, pode-se dizer que o primeiro discurso da diversidade, enunciado pelos médios e grandes empresários do lazer noturno e pelos(as) jovens frequentadores(as) do Baixo Augusta, que ressignificou a região “degradada” em *alternativa* e *underground*, tinha como principal função distinguir essa mancha de lazer de outras do circuito maior de lazer jovem de São Paulo. Mais tarde, a diversidade, consolidada também como um *valor* para esses agentes, será apropriada pelo mercado – o que era estratégia de distinção entre grupos pode então ser convertido em lucros não só simbólicos, mas também econômicos.

Poderíamos, assim, cumprir os termos de Zukin posicionando, no eixo do capital, as construtoras e incorporadoras – apoiadas, mesmo que indiretamente, pelo poder público – e, no eixo da cultura, os médios e grandes empresários e os grupos de jovens frequentadores(as) que ressignificaram a região e produziram o Baixo Augusta. Nessa perspectiva também teríamos dado conta do próprio conceito de paisagem, como articulado nesta pesquisa, que leva tanto o significado de “ambiente físico” como o de “conjunto de práticas materiais e sociais e sua representação simbólica” (ZUKIN, 1993, p. 16), ou ainda de “envelope de sentidos” (CAUQUELIN, 2003) e “experiência” (SIMMEL, 2009).

Devo lembrar também que o processo de mapeamento da paisagem nos termos de Zukin é necessariamente *estrutural*, ou seja, mapeia-se tanto a “inscrição do capital nas formas espaciais” como também se atenta para “a influência reduzida da lógica de produção” (ZUKIN, 2000, p. 83). No caso do Baixo Augusta, a resistência da mancha de lazer jovem frente às novas construções e, mais ainda, a persistência do sentido da diversidade, tributário do grupo de agentes que colocamos no eixo da “cultura”, são os maiores exemplos de tal “influência

reduzida da lógica de produção”. É a presença do discurso da diversidade que dá conta da manutenção da ideia de lugar, ou seja, da experiência de *pertencimento* à determinada paisagem. Sua apropriação legítima e sua valorização é que definem quem é o “povo da Augusta” ou não.

Por esta perspectiva, conseguimos examinar como “as regras de uma economia de mercado são [tanto] representadas [como] desafiadas pela cultura de mercado” (ZUKIN, 1993, p. 23). São muitas vezes os próprios empresários da cena noturna do Baixo Augusta que, via seus estabelecimentos, se posicionam contra a especulação imobiliária, como ficou claro na narrativa de Alê Youssef quando da reabertura do Studio SP: se a especulação imobiliária foi um dos motivos para o fechamento de sua casa noturna, sua reabertura seria uma “arma para incentivo à cultura”.

Assim, a relação entre capital e cultura é, *por vezes*, conflituosa, mas também pode vir a ser convergente, afinal, é impossível negar que a cultura internalizou a lógica de mercado. Com efeito, desde o início de sua produção, o *lugar* Baixo Augusta já internalizava a cultura de mercado, pois que marcado, simbólica e fisicamente, por certos estabelecimentos de lazer noturno com determinadas características em comum, e por um comércio da iconografia da diversidade, como exemplifiquei por meio dos produtos vendidos nas novas galerias, as lojas colaborativas.

Porém, como procurei trazer à tona ao longo do livro, o papel dos(as) jovens frequentadores(as) do Baixo Augusta também foi essencial. Suas práticas culturais, seus gostos, preferências e valores impactaram verdadeiramente o imaginário da região, transformando o lugar em ideia, o espaço em paisagem. Eles(as) formaram a “gramática” (CAUQUELIN, 2003) que permite a um(a) paulistano(a) “ler” o Baixo Augusta, abraçá-lo ou recusá-lo, identificar-se ou não com ele, gramática que é amplamente reproduzida pela mídia, como pudemos observar.

Ademais, argumento que a persistência de tais jovens na via é uma das principais explicações para a manutenção da mancha de lazer nos termos atuais, e para a resistência da região ao enobrecimento nos moldes da “fórmula clássica” da *gentrification* – uma região antes degradada que passa a ser revestida de “charme e distinção” (RUBINO, 2009). Como afirmou

uma das interlocutoras da pesquisa, o Baixo Augusta é lugar de “resistência jovem”¹³⁸ (depoimento concedido à autora para esta pesquisa em 26/10/2022).

Não obstante a análise realizada nesta pesquisa indique importantes achados e conclusões, ela também leva a uma questão intrincada. Conquanto o modelo teórico de Zukin de Paisagem de Poder constitua uma “carcaça” suficientemente ampla e flexível para a análise de diferentes realidades ao redor do globo, e leve em conta o poder de agência daqueles que denominei como “frequentadores(as)”, argumento que ele enaltece demasiadamente a assimetria entre o poder econômico e cultural, tendendo a enfatizar a proeminência do eixo do capital.

O material aqui coletado e analisado, porém, aponta que para além do embate entre capital e cultura, há também situações nas quais há confluência de interesses. Nesse sentido, a questão que levanto, e que acredito ser intrincada, diz respeito ao próprio *posicionamento* de agentes em um ou outro eixo. Na análise que tracei até aqui, a paisagem de poder do Baixo Augusta tem em seu eixo da “cultura” tanto os(as) frequentadores(as) como os médios e grandes empresários do lazer noturno e do comércio alternativo, em embate com o eixo do “capital”, representado pelas construtoras e incorporadoras. Mas por que então o eixo da “cultura” é representado também por agentes do mercado? O que há de “cultural” neles? O que há também de “cultural” em relação aos frequentadores?

A fim de trazer maior evidência ao aspecto cultural desse grupo de agentes, e não cair no “efeito teoria” (BOURDIEU, 1989) – resultado comum da “sobreevaloração das referências teóricas” (BRANDÃO, 2010) – acredito ser necessário recorrer a outra proposta teórica, que poderia funcionar complementarmente àquela de Zukin.

A fim de analisar como a apropriação de um espaço físico não depende apenas do poder econômico, na próxima seção, articularei alguns conceitos de Pierre Bourdieu, a fim de explicar como em dinâmicas urbanas um certo *habitus* de classe – e as práticas, preferências e valores que ele engloba – pode ser retraduzido no que o autor chama de espaço físico. Nessa perspectiva, como coloca esse autor, um indivíduo pode “ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo propriamente falando, se não dispõem dos meios tacitamente exigidos, *a começar por um certo hábito*” (BOURDIEU, 2008, p. 165).

¹³⁸ Mariana tem 30 anos e se identifica como mulher heterossexual. É formada em Jornalismo e atua como jornalista. Ao perguntar o que o Baixo Augusta significava para ela no final da entrevista ela respondeu prontamente: “resistência jovem”.

É a percepção sobre um *habitus* comum entre agentes que permitirá posicionar os(as) frequentadores(as) e também os empresários(as) do comércio e da vida noturna do Baixo Augusta no eixo que Zukin denomina como “cultura”.

5.1 Espaços bourdianos: o “Baixo” do Baixo Augusta

O “Baixo” do Baixo Augusta não denota apenas os contornos *geográficos* de uma região: a Augusta “para baixo” da Avenida Paulista, em direção ao centro da cidade. Denota um sentido e, também, uma oposição: a porção da Augusta que não é aquela dos Jardins, que por muito tempo comportou, e ainda comporta, um dos marcos do circuito de compras de luxo da capital paulistana, a região da rua Oscar Freire.

Na seção “Para além da degradação”, ficou patente a separação entre a Augusta “pobre”, “deteriorada”, “degradada”, e a “enobrecida” que, inclusive, recebeu mais investimentos pela mobilização da Associação dos Comerciantes da Rua Augusta (PISSARDO, 2013, p. 111), desejosos em se separar do outro lado da rua. O “baixo”, nesse sentido, pode ser visto como aquilo que estava oposto à sofisticação, ao luxo.

A visão do sociólogo Pierre Bourdieu sobre o espaço certamente contribui para entendermos melhor a oposição entre Jardins e Baixo Augusta. É ela que funcionaria de forma complementar à teoria da paisagem de Zukin, denotando-lhe maior potencial explicativo, e contribuindo para dar o devido peso à ação de determinados agentes, como os médios e grandes empresários e, principalmente, os(as) jovens frequentadores(as).

Parto de um exemplo trabalhado por este autor em *O Costureiro e sua Grife* (BOURDIEU; DELSAUT, 2001). Ao analisar o campo da moda, Bourdieu explica o contraste e a separação que existe entre duas regiões da cidade de Paris, às margens direita e esquerda do Sena:

É assim [à direita e à esquerda] que as instituições que ocupam posições polares neste campo [da alta costura], ou seja, de um lado as empresas dominantes em determinado momento – como, atualmente, Dior ou Balmain – e, de outro, as que mais recentemente entraram na concorrência – tais como, Paco Rabanne ou Ungaro -, se opõem em quase todas as relações designadas como pertinentes pela lógica específica do campo. Por um lado, os muros brancos e o tapete cinza, os monogramas, as vendedoras de uma certa idade, das velhas maisons de prestígio e de tradição, situadas nos santuários da *rive droite*, tais como a rue François I e a avenue *Montaigne*; por outro, o metal branco e ouro, as formas e os volumes implacavelmente modernos, além dos vendedores audaciosamente santropezianos das boutiques de vanguarda, implantadas na área *chique* da *rive gauche*, ou seja, rue Bonaparte e rue du Cherche-Midi (BOURDIEU; DELSAUT, 2001, p. 115, grifos dos autores).

Bourdieu argumenta, assim, que a dinâmica do campo da moda se inscreve no espaço físico de Paris, formando o que chama de “espaço físico apropriado”. Com efeito, em sua perspectiva, existem três formas de espaço: o espaço físico, o espaço social, e o espaço físico apropriado, que também recebe o nome de espaço social reificado (BOURDIEU, 2008, 2013).

O espaço físico é aquele em seu estado mais “cru”. É difícil pensá-lo sem um grande esforço de abstração: “(...) ignorando-se decididamente tudo o que ele deve ao fato de ser um espaço habitado e apropriado” (BOURDIEU, 2013, p. 136). O autor assume sua existência *conceitual*, necessária para a diferenciação posterior que engendra, entre espaço social e espaço social reificado.

Já o espaço social é um conceito amplamente referenciado na obra do autor. Como comentam Pereira e Catani (2002, p. 114), “a sociologia praticada por Bourdieu pode ser concebida como uma ciência das posições do mundo social”. É possível definir o espaço social como um “(...) espaço abstrato constituído pelo conjunto dos subespaços ou dos *campos* (campo econômico, campo intelectual, etc.), dos quais cada um deve sua estrutura à distribuição desigual de uma espécie particular de *capital*” (BOURDIEU, 2013, p. 136). Para compreender melhor esse “espaço abstrato”, pensa-se em sua representação como “um sistema de eixos coordenados, nos quais o eixo vertical representa o volume global de capital e o eixo horizontal o peso relativo dos capitais” (PEREIRA; CATANI, 2002, p. 114).

Dada esta definição, fica evidente a impossibilidade da compreensão do espaço social sem antes elucidar, mesmo que brevemente, outros conceitos-chave bourdianos, como o de capital e o de campo.

Começo pelo de capital. Na teoria da ação de Bourdieu, a noção de “capital” é derivada da economia. O capital, nesse sentido, é algo que se “acumula por operações de investimento, se transmite por herança e se reproduz de acordo com a habilidade do seu detentor em investir” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 38). Porém, não necessariamente o capital bourdiano diz respeito ao dinheiro, a bens, ações etc., e pode mostrar-se sob diferentes espécies. Assim, além do capital propriamente econômico, temos também o social, o cultural e o simbólico:

O conceito de capital — etimologicamente o mesmo que o cabedal ou conjunto de bens — é complexo. Além do econômico, que compreende a riqueza material, o dinheiro, as ações etc. (bens, patrimônios, trabalho), Bourdieu considera: o capital cultural, que compreende o conhecimento, as habilidades, as informações etc., correspondente ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares (...); o capital social, correspondente ao conjunto de acessos sociais, que compreende o relacionamento e a rede de contatos; [e] o capital simbólico,

correspondente ao conjunto de rituais de reconhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra etc. O capital simbólico é uma síntese dos demais (cultural, econômico e social) (THIRY-CHERQUES, 2006, pp. 38-39).

É importante notar a inovação do autor na construção do conceito de “capital cultural”. Conquanto ampla e diversamente articulada em sua obra, “a categoria capital cultural é poucas vezes definida explicitamente por Pierre Bourdieu” (NICOLAU NETTO, 2022), e seria difícil delimitar com exatidão o conceito. O capital cultural pode ser referido, por exemplo, a “diplomas, nível de conhecimento geral, boas maneiras” (VASCONCELOS, 2002), todavia diz mais respeito àquilo que é incorporado na trajetória de indivíduo, que é *inculcado*. Assim, a instituição familiar desempenha um grande papel na transmissão do capital cultural.

O conceito encontra seu ápice com a publicação d’*A Distinção* (BOURDIEU, 2007), obra na qual Bourdieu estuda o espaço social francês, com o audacioso plano de “investigar a importância da cultura nos processos de reprodução de classe na sociedade francesa” (BERTONCELO; NETTO; RIBEIRO, 2022, pp. 6-7). Nesta obra, o conceito de capital cultural é percebido através do gosto da classe dominante francesa, e relacionado à alta-cultura¹³⁹. A articulação e a análise do conceito encontraram eco em variadas pesquisas, e a categoria é hoje amplamente utilizada para se pensar os diferentes gostos, preferências e práticas entre e intra-classes sociais.

Um outro conceito importante para a compreensão do espaço social é aquele de campo. Pode-se definir o campo como um espaço delimitado no interior da sociedade, formado por um conjunto de relações sociais, expressadas e praticadas por atores sociais, que ocupam determinadas posições. Um campo tem sempre uma autonomia relativa, uma lógica de funcionamento, uma especificidade, assim como um jogo tem suas próprias regras. Ele também conta com suporte institucional e possui seus rituais – instâncias e práticas que definem e administram o que é legítimo dentro dele. Temos como exemplo o já citado campo da moda, mas são inúmeros os campos, como o político, científico, artístico etc. (BOURDIEU, 1996).

De modo geral, na concepção bourdiana, são as *práticas* dos(as) agentes e grupos de agentes nos diferentes campos que os(as) aproximam ou os(as) afastam no espaço social:

¹³⁹ Como explica Nicolau Netto (2022, p. 43), “O gosto da classe dominante tem sua representação mais decisiva naquilo que Bourdieu chama uma estética kantiana, a percepção de que o belo só existe quando não há uma função prática em sua existência. Bourdieu afirma que, entre todas as práticas, o gosto pela alta cultura, marcada por essa estética, é aquilo que representa melhor a posição de classe dominante com alto acúmulo de capital cultural, uma vez que sua condição de existência as afasta das necessidades imediatas de sobrevivência”.

Proximidade no espaço social significa o intercâmbio das mesmas práticas (escolha das mesmas escolas, gosto pelas mesmas bebidas, mesmos esportes) e afastamento significa práticas distintas (escola pública ou privada, aguardente ou whisky, truco ou bridge, entre outros). Ou seja, verifica-se uma rigorosa homologia entre o espaço social, conjunto de posições mutuamente exteriores, e o espaço simbólico, conjunto de práticas e preferências constituidoras dos “signos distintivos” por meio dos quais os agentes sociais se reconhecem (PEREIRA; CATANI, 2002, p. 114).

E qual a razão das diferentes práticas? O que afasta ou aproxima os agentes no espaço social, ou seja, o que os posiciona? Para Bourdieu, como já notei, é a “distribuição desigual de uma espécie particular de capital” (BOURDIEU, 2013, p. 136).¹⁴⁰

Se há diferenças de capital entre os diferentes agentes, de certo o espaço social é um espaço hierarquizado e de lutas, e certos agentes e grupos de agentes podem ocupar posições dominantes. Tal hierarquização será, na perspectiva de Bourdieu, claramente percebida no espaço físico apropriado (ou espaço social reificado). Assim, “[e]m uma sociedade hierarquizada, não existe espaço que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as diferenças sociais” (BOURDIEU, 2013, p. 134).

Nesse sentido, o espaço físico apropriado deve ser visto como uma retradução “mais ou menos rigorosa”, ou “metáfora espontânea”, do espaço social. Consequentemente, as dinâmicas do espaço físico apropriado são tecidas na urdidura de determinadas relações de *hierarquia e poder* que se realizam no espaço físico e que podem ser percebidas nos mais diversos graus. Por exemplo dentro de um campo específico, na estrutura do espaço escolar, que “tende sempre a marcar o local eminente do professor (a cátedra)” (BOURDIEU, 2013, p. 134), ou ainda, mais amplamente, pode-se pensar na estrutura do espaço urbano, como vimos no exemplo citado, que leva em consideração o campo da alta-costura.

Às margens direita e esquerda do Sena corresponde uma série de diferentes estabelecimentos, produtos, serviços, preferências e práticas. Pelos escritos de Bourdieu (BOURDIEU, 2013; BOURDIEU; DELSAUT, 2001), poderíamos inclusive desenvolver um esquema:

¹⁴⁰ Como coloca Brandão (2010, p. 231): “Os agentes só conseguem participar do “jogo” se dotados de um mínimo de capital específico do campo em que se situam (...). Em cada campo predomina um capital específico (artístico, científico, religioso...) que funciona como uma moeda própria daquele campo, cuja posse é a condição para que os agentes continuem no jogo (social) e nele possam, em virtude de suas jogadas, acumular mais desse capital específico”.

<i>RIVE DROIT</i>	<i>RIVE GAUCHE</i>
<i>Maisons</i> tradicionais: Empresas dominantes do campo da moda	Boutiques de vanguarda: Empresas que mais recentemente entraram na concorrência
Muros brancos, tapete cinza, monogramas	Metal branco e ouro, formas e os volumes implacavelmente modernos
Vendedoras “de uma certa idade”	Vendedores “audaciosamente santropezianos”
Teatro Boulevard	Teatro Vanguarda, de pesquisa
Público idoso, burguês	Público jovem
Salas exclusivas	Cinema de arte, experimental
Decoradores	Marceneiros
Hairdresses	Cabeleireiros
Calçadistas	Sapateiros

Tabela 5 - Diferenças entre *rive droit* e *rive gauche*. Tabela desenvolvida pela autora com base em BOURDIEU, 2013 e BOURDIEU; DELSAUT, 2011.

O quadro tem como finalidade apenas clarear a afirmação do autor de que:

O espaço social fisicamente realizado (ou objetivado) *se apresenta como distribuição, no espaço físico, de diferentes espécies de bens e serviços e também de agentes individuais e grupos fisicamente localizados* (enquanto corpos ligados a um lugar permanente: domicílio fixo ou residência principal) *e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e serviços mais ou menos importantes* (em função de seu capital, e também da distância física em relação a esses bens, a qual também depende de seu capital). É essa dupla distribuição no espaço dos agentes enquanto indivíduos biológicos, e dos bens, que define o valor diferencial das diversas regiões do espaço social realizado (BOURDIEU, 2013, p. 136, grifos meus).

O argumento de Bourdieu pode ser amplamente exemplificado. Se a posição no espaço social depende do capital possuído, o mesmo acontecerá com a posição no espaço físico apropriado:

A capacidade de dominar o espaço apropriado, notadamente apropriando-se (material ou simbolicamente) dos bens raros (públicos ou privados) que aí se encontram distribuídos, depende do capital possuído. O capital permite manter à distância pessoas e coisas indesejáveis e, ao mesmo tempo, aproximar-se das pessoas e coisas desejáveis (BOURDIEU, 2013, p. 137).

Nessa perspectiva, por exemplo – e *grosso modo* – agentes de alto capital econômico tendem a morar em bairros onde moram seus iguais, com estabelecimentos de comércio e serviços que lhes sejam desejáveis e, em geral, longe de pessoas indesejáveis, ou como comenta o autor: “de fato, nada é mais intolerável que a proximidade física (vivenciada como promiscuidade) de pessoas socialmente distantes” (BOURDIEU, 2008, p. 165).

Se pensarmos igualmente na expressão “sem eira nem beira”, que diz respeito a indivíduos sem domicílio fixo, como explica Bourdieu, estes “não têm – quase – existência social”. Ou ainda, a posição de um agente no espaço social também pode levá-lo a ocupar

posições de distinção temporárias no espaço físico apropriado – “por exemplo, os locais de honra, posicionamentos regrados pelo protocolo” (BOURDIEU, 2013, p. 133), como acontece com um(a) docente em sua cátedra, ou com um(a) juiz(a), que no tribunal sempre está localizado(a) no centro, de frente para testemunha, em posição superior.

Dessa maneira, “(...) o lugar e o local ocupados por um agente no espaço físico apropriado constituem excelentes indicadores de sua posição no espaço social” (BOURDIEU, 2013, p. 134). Em consequência, o sucesso nas lutas pela apropriação do espaço dependerá do capital acumulado “sob suas diferentes espécies” (BOURDIEU, 2008, p. 165).

Isto posto, torna-se evidente que a dominação do espaço não se dá apenas pelo acúmulo de capital econômico: não basta que um indivíduo tenha a renda suficiente para adquirir um imóvel em determinada região, e/ou para poder igualmente consumir os serviços e produtos das cercanias (ou seja, arcar com os custos de vida). A dominação depende, em diferentes graus, também da acumulação dos capitais cultural e social, como no argumento já citado de Bourdieu, no qual um indivíduo pode “ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo propriamente falando, se não se dispõe dos meios tacitamente exigidos, *a começar por um certo hábito*” (BOURDIEU, 2008, p. 165).

Como já comentei em “As disputas em torno do conceito de *gentrification*”, existem perspectivas de análise bourdieusianas sobre este tipo de transformação urbana. Apesar de argumentar que o caso do Baixo Augusta resista aos modelos *mainstream* das teorias da *gentrification*, esta linhagem de pensamento, que tem por base as noções de classe e capital cultural de Bourdieu, pode nos dar pistas de como operar com estes conceitos na problemática da produção da paisagem urbana e, quem sabe, aventar a possibilidade de acomodar o caso do Baixo Augusta nos moldes deste tipo de transformação urbana.

Retomo brevemente a discussão. Sobre o papel dos(as) “pioneiros(as)” – os primeiros gentrificadores – Zukin comentará:

O processo de apropriação cultural que chamamos de “enobrecimento” frequentemente começa nos bairros urbanos históricos com passeios a pé. Esses roteiros são elaborados por voluntários individualmente fascinados pela combinação de arcaísmo e beleza, ou autenticidade e design, que por anos permaneceu oculta por trás dos usos da “classe baixa”. Sua sensibilidade fica consternada ao ver que a paisagem histórica do poder mercantil ou industrial estava embutida no vernacular [paisagem só habitada] contemporâneo das lojas de vestuário, das residências para população de baixa renda e do comércio barato. *Novos consumidores primários, como os artistas que ocupam galpões ou os primeiros espíritos obstinados que restauraram casas em Boerum Hill ou Islington, reivindicaram um direito alternativo a esta área*

– *uma reivindicação baseada não na ocupação ou em títulos, mas na apreciação do espaço* (ou da forma construída) *como produto para consumo cultural* (ZUKIN, 2000, p. 89, grifos meus).

Nota-se, em primeiro lugar, que tais “pioneiros(as)” apresentados(as) por Zukin possuem, em geral, não um alto capital econômico, mas um alto *capital cultural* (muitas vezes são artistas ou intelectuais), expresso já em suas primeiras práticas: a valorização a urbe, da sua autenticidade e preservação ou, dito de outro modo, práticas que reivindicam o *consumo cultural* de uma região.

Com efeito, segundo esta abordagem bourdiesiana da *gentrification*, ocorre um processo no qual, aos poucos, essa nova fração da classe média passa a impor sua visão e seu estilo de vida ao local, apropriando-se dele não apenas economicamente, mas também *culturalmente*, o que trará profundos impactos no espaço físico – afinal, artistas constroem seus ateliês na região, intelectuais mudam-se para as casas restauradas; arquitetos e designers estabelecem ali seus escritórios, e os serviços e produtos oferecidos na região passam, evidentemente, a servir também, ou mesmo exclusivamente, a este novo público. Em termos bourdianos, esta seria a descrição de um processo de reificação do espaço, que ocorre pela luta simbólica, travada em diferentes campos.

Gary Bridge (2001), bourdiesiano que estuda a *gentrification*, propõe que este processo de transformação urbana é um exemplo da tradução, no espaço físico, de um certo *habitus* de classe. O *habitus*, um dos conceitos centrais de Bourdieu, refere-se a um sistema de “disposições duráveis” de uma determinada “classe de condições de existência” (BOURDIEU, 2009, p. 87). Agentes que fazem parte desta classe, próximos no espaço social, apesar de suas trajetórias individuais, têm suas ações condicionadas de maneiras mais ou menos semelhantes, o que levaria ao desenvolvimento de *habitus* mais ou menos homogêneos.

Ao longo de nossas trajetórias de vida, nascemos em uma certa família; moramos em determinada região; frequentamos determinada escola; e assim por diante. O *habitus* de cada um pode então variar de acordo com esta trajetória, porém, quando agentes estão próximos no espaço social e formam uma determinada “classe”, no sentido bourdiano, eles tendem a ser condicionados de forma mais ou menos parecida. Nesse sentido, note-se que o *habitus* não se refere apenas a determinados conteúdos que os indivíduos vão adquirindo ao longo de suas vidas, mas, principalmente, às *formas de percepção, de classificação, de categorização e de representação* que eles incorporam em suas trajetórias, desde cedo – pela família e pela escola, por exemplo –, e que se manifestam na forma de disposições. Dito de outra maneira, o *habitus*

refere-se ao “modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas” (WACQUANT, 2004, p. 36). Assim, é uma espécie de estrutura estruturada, mas que é capaz também de estruturar a ação, porque gera e organiza determinadas práticas e representações: o *habitus* funciona na ação e para a ação.

Dito isso, o *habitus* de um agente ou grupo de agentes será manifestado especialmente em suas preferências e práticas, as mais variadas, que exprimem sua posição de classe e um certo *estilo de vida*:

O fato de que essas disposições sejam sistemáticas – ou seja, operam nos mais diferentes domínios, desde a escolha de uma comida até à preferência por uma música – forma uma unidade de estilo de vida. Isso é dizer que *os sujeitos socializados sob condições – econômicas e simbólicas – similares têm todas as chances de terem estilos de vida similares* (NICOLAU NETTO, 2022, p. 43, grifos meus).

Ao utilizar esse conceito de Bourdieu para explicar a *gentrification*, Gary Bridge (2001) leva em conta neste processo de transformação urbana uma variedade de agentes, que se posicionam diferentemente no espaço social e, portanto, têm diferentes *habitus* e estilos de vida. Sua perspectiva é a de que, na *gentrification*, um embate se travaria especificamente entre os habitantes “nativos”, em geral, das classes baixas, e um novo estrato da classe média. Ao final, os bairros enobrecidos passam a serem vistos como “a manifestação espacial do *habitus*” dessa nova classe (BRIDGE, 2001, p. 206, tradução livre)¹⁴¹ e os(as) moradores(as) nativos(as) são expulsos tanto do espaço físico, por não poderem arcar mais com os custos de vida e do solo, *quanto do espaço simbólico*, por não compartilharem de um certo *habitus*, que implica a posse de um capital cultural possivelmente inacessível em suas trajetórias.

Segundo Bridge, o *habitus* desta nova fração da classe média gentrificadora tem características marcantes. O autor dá especial proeminência à análise de suas práticas estéticas, como sua capacidade de estabelecer tendências e seu “olho para moda”. Sua perspectiva infere uma estética do enobrecimento, marcada por uma forma reflexiva e autoconsciente de consumo como *performance social* (BRIDGE, 2001, p. 212)¹⁴², que se manifesta holisticamente – na preferência por certos restaurantes, certas bebidas, na decoração e design de suas moradias, etc.

¹⁴¹ No original, para benefício do(a) leitor(a): “(...) the spatial manifestation of the new middle-class *habitus*” (Bridge, 2001, p. 206).

¹⁴² Gary Bridge inclusive cita Zukin para referir-se ao *habitus* desta fração da classe media gentrificadora: “(...) such as eating in certain restaurants and the polished but informal social engagements in wine bars and *cafes*. The self consciousness of this movement is embedded by the ‘critical infrastructure’ of restaurateurs, interior designers, food and wine critics that support and promote the consumption habits of this fraction of the middle class. The *gentrification habitus* is the subject of self-conscious dinner party conversations, magazine columns, and movies” (Zukin apud Bridge, 2001, p. 212).

Finalmente, e aqui introduzo meus argumentos, visto que o novo *habitus* se instaura, ou melhor, se *enraíza* em uma região geográfica específica, um espaço físico determinado, este também passa a ser revestido de uma “nova aura” – “o centro da cidade, até então desvalorizado, torna-se símbolo de vitalidade, acessibilidade e passa a ser o coração das coisas” (BRIDGE, 2001, p. 212, tradução livre)¹⁴³.

Em termos das propostas bourdiana sobre espaço, o argumento de Bridge possui densidade. De fato, Bourdieu afirma que o espaço físico apropriado passa ele mesmo a funcionar como “princípio de visão e divisão, como categoria de percepção e de apreciação” (BOURDIEU, 2013, p. 134) – dito de outro modo, as estruturas do espaço social reificado não são apenas *resultados*, ou *produtos finais* das dinâmicas do espaço social, e podem ser analisadas como “uma das *mediações* através das quais as estruturas sociais se convertem em sistemas de preferências e em estruturas mentais” (BOURDIEU, 2013, p. 134).

É nesse processo que lugares se transformam em ideias – por exemplo, os *Jardins*, região nobre da cidade, ligada à sofisticação e ao luxo, e o *Baixo Augusta*, ligado à ideia da diversidade, originalmente tributária da “degradação” e do *underground*. Os agentes dessa classe média gentrificadora seriam chamados de “pioneiros” justamente por transformarem um lugar em ideia, o espaço em paisagem.

Mais importante nesta linha de raciocínio, a partir do momento em que o espaço social é reificado no espaço físico, ele tenderá a uma certa *inércia*¹⁴⁴, e será cada vez mais apropriado por outros agentes de posições sociais semelhantes a esta fração de classe, o que levará à uma homogeneidade espacial em termos de estilo de vida:

Uma parte da inércia das estruturas do espaço social resulta do fato de que elas estão inscritas no espaço físico e que não poderiam ser modificadas senão ao preço de um trabalho *de transplantação*, de uma mudança das coisas e de um desenraizamento ou de uma deportação de pessoas, as quais suportam transformações sociais extremamente difíceis e custosas (BOURDIEU, 2008, p. 161)

¹⁴³ No original, para benefício do(a) leitor(a): “The hitherto devalorized inner city, becomes the symbol of vitality, accessibility and being at the heart of things” (Bridge, 2001, p. 212).

¹⁴⁴ Por exemplo “bairros estigmatizados” degradam simbolicamente os que o habitam e vice-versa: “A reunião num mesmo lugar de uma população homogênea na despossessão tem também como efeito redobrar a despossessão, principalmente em matéria de cultura e prática cultural” (BOURDIEU, 2008, p. 166). O espaço reificado nesse sentido perde tanto em localização como em tempo, pois “as distâncias físicas podem ser medidas segunda uma métrica espacial, ou melhor, temporal, na medida em que os deslocamentos tomam um tempo mais ou menos longo segundo as possibilidades de acesso aos meios de transporte, públicos ou privados” (BOURDIEU, 2008, p. 163) – o seja o poder sobre o espaço é poder sobre o tempo.

Proponho agora uma breve análise da produção da paisagem do Baixo Augusta que leve em conta o que foi aqui dito sobre as perspectivas do espaço de Pierre Bourdieu. De fato, como já discuti conclusões preliminares do segundo panorama, há importantes diferenças e peculiaridades do caso do Baixo Augusta em relação aos modelos analíticos mais tradicionais do processo de *gentrification*. Não obstante, as perspectivas apresentadas nos abrem um espaço para discutirmos a ação dos grupos que aqui nos interessam.

Em primeiro lugar, é notável, em relação aos médios e grandes empresários do lazer noturno que agiram na ressignificação do Baixo Augusta (por exemplo, Facundo Guerra, Tibiriçá e Alê Youssef), sua proximidade no espaço social – além do alto capital econômico, têm alto capital cultural, marcado por extensas trajetórias educacionais, viagens ao exterior e posições importantes no campo específico da música. Tal proximidade é refletida nas propostas de seus estabelecimentos e nos gostos e preferências pelo “alternativo”, expressos nas decorações, cardápios e música de suas casas noturnas, ou, utilizando a expressão de Bridge (2001), poder-se-ia enaltecer seu “olho para moda”, sua capacidade de estabelecer tendências. Mas o que dizer, então, dos(as) frequentadores(as)?

Argumento que a mancha de lazer que começava a se formar no que viria a ser o Baixo Augusta passa a ser apropriada por um grupo de jovens que *reconheciam* tal capital cultural como um valor. São eles(as) que passam a ser os “ocupantes legítimos” da região – o “povo da Augusta”.

Se não conseguimos determinar com exatidão suas posições no espaço social (pelo alcance limitado desta pesquisa), por meio das características dos(as) interlocutores(as), do trabalho de campo realizado, e da própria proposta de Bourdieu, é possível ao menos inferir uma certa homogeneidade no *ethos* e na *hélix* deste grupo.¹⁴⁵ Trata-se de jovens universitários(as), em sua maioria de cursos das Ciências Humanas, que “curtem” – *valorizam, reconhecem como legítimo* – o “alternativo”, no que tange principalmente à música e à estética – tanto de si como dos estabelecimentos que frequentam. Como vimos, a essas posições também correspondem certos posicionamentos políticos e, mais importante, como procurei demonstrar via a ideia de discurso, uma rejeição ao “padrão” e uma aderência à diversidade – e suas diferentes pautas – como valor.

¹⁴⁵ O *ethos*, para Bourdieu, designa “o conjunto de princípios interiorizados que guiam nossa conduta de forma inconsciente; a *hélix* corporal refere-se a posturas, a relações com o corpo, igualmente interiorizadas” (AMOSSY, 2013).

Quando falamos então de um embate entre “cultura” e “capital”, entendemos por “cultura” não o patrimônio arquitetônico – como nos casos clássicos de enobrecimento – ou a “alta-cultura”, mas as práticas e preferências desses agentes, que são os(as) empresários da noite e os(as) jovens frequentadores(as), que possuem ou reconhecem como legítimo certa configuração de capital cultural. Visto que se observa alguma homogeneidade em tais práticas ou preferências, é possível ao menos inferir a existência de um *habitus* comum – muito mais claro entre os(as) empresários – e um *ethos* comum – expresso valorização da diversidade.

Assim, combinando as perspectivas bourdianas do espaço com a teoria da paisagem de poder de Zukin é possível denotar maior poder de agência não apenas aos empresários do lazer noturno, mas especialmente aos(às) jovens frequentadores(as) do Baixo Augusta, igualmente “pioneiros(as)”. Se o espaço físico apropriado passa ele mesmo a funcionar como “princípio de visão e divisão, como categoria de percepção e de apreciação” (BOURDIEU, 2013, p. 134), a grande probabilidade é que haja uma manutenção da ocupação física e simbólica do espaço por esse grupo de agentes. O espaço social reificado, ou espaço físico apropriado tende a organizar e a enraizar geograficamente a distribuição dos agentes que aqui chamo de “frequentadores(as)”, seu estilo de vida e práticas. Nesse sentido, as ideias de “paisagem” aqui apresentadas e articuladas explicam devidamente a importância dos *sentidos* dados a uma região, de uma certa *gramática* compartilhada pelo grupo que se acredita ocupante legítimo do espaço físico.

Em face disso, teço alguns argumentos finais. Com efeito, a paisagem do Baixo Augusta, após sua ressignificação de “rua das putas” em região “descolada”, “underground” e “alternativa”, é uma paisagem de poder. Sua configuração posterior ao *boom* imobiliário, tem os empresários do lazer noturno e os(as) frequentadores(as) no eixo “cultura”, e as construtoras e incorporadoras no eixo “capital”. Apesar das transformações ocorridas no Baixo Augusta apresentarem muitas das características da *gentrification*, como argumentei, a região não foi, porém, revestida de “charme e distinção”, como no enobrecimento (RUBINO, 2009). Não obstante, de fato, a região foi revestida de uma nova aura, representada especialmente pelos enunciados da diversidade, seja ela “alternativa”, “underground”, “LGBTQIAPN+ *friendly*”, “libertária”, “misturada”, e assim por diante. Tal nova aura é impressa ao Baixo Augusta pela configuração de capital dos(as) “pioneiros(as)” da transformação urbana, empresários e jovens frequentadores(as). Seu *habitus* particular – e a cultura que consideram legítima, pois “alternativa”, e não massiva – não apenas é enunciado de forma a diferenciá-los como grupo de outros(as) jovens, como aqueles(as) que frequentam a Vila Olímpia e a Vila Madalena, que

aderem ao que consideram “padrão” e que possuem maior capital econômico, mas também funciona para delimitar um espaço físico ao qual pertencem, e transformá-lo em paisagem.

Quem sabe, então, seja possível flexibilizar mais uma vez o conceito de *gentrification* ou de enobrecimento, argumentando que os “novos nobres” podem ser agentes diferentes daqueles das frações de classe média tradicionalmente referenciados nessas teorias. Tais “novos nobres” se distinguiriam tanto dos moradores originais da região como de outras frações de classe média pelo seu alto capital cultural, ou pela legitimidade que conferem a certas configurações de capital. Nessa perspectiva, afirmariamos a existência de *enobrecimentos*, no plural, tanto para designar os diferentes processos de transformação urbana ao redor do globo, quanto para designar as diferentes abordagens teóricas em relação a essas transformações.

6. CONCLUSÕES FINAIS: BAIXO AUGUSTA, UM PENTIMENTO DE CIMENTO E DE SENTIDOS

Se foi simplesmente o impacto estético das transformações do Baixo Augusta a inspiração para um estudo de sua paisagem, esta proposta teórica acabou por provar-se ainda mais pertinente ao longo desta pesquisa. De certo, o estudo de uma paisagem urbana vai muito além da observação e análise de seu caráter material. Se Zukin nos lembra que “as chaminés de tijolo vermelho” evocam uma “paisagem industrial”, ela igualmente nos adverte que tais construções também evocam “um modo de vida – seus ritmos (...) seus controles sociais mais abstratos” (ZUKIN, 1993, p. 17).

A relação do indivíduo com a cidade, o vínculo que se forma entre carne e pedra (SENNETT, 2003), é amplamente observável numa paisagem. Basta, mais uma vez, nos remetermos à teoria da paisagem de Simmel, que leva à experiência de *Stimmung*: uma fusão entre sujeito e objeto. Ou ainda, vale lembrar da paisagem na acepção de Anne Cauquelin, como um envelope de sentidos: não apenas o que se vê, mas a gramática pela qual os indivíduos apreendem e constroem uma paisagem.

Iniciei esta pesquisa com a cautela de procurar construir e articular modelos teóricos que não fossem impostos ao meu objeto de estudo, mas que, pelo contrário, fossem como que gerados por suas necessidades particulares. Por essa razão que grande parte do Panorama 1, especialmente “As disputas em torno do conceito de *gentrification*”, se debruçou sobre as teorias desse processo de transformação urbana: a intenção era mesmo colocar em evidência a (in)adequação desta popular abordagem para o presente caso de estudo.

Dessa maneira, procurei analisar as transformações do Baixo Augusta em face das teorias da *gentrification*, dissecando-as ponto a ponto. Assim, por um lado, identifiquei que as transformações da região apresentam importantes características dessa dinâmica urbana: a) a localização do Baixo Augusta nas proximidades do centro da cidade; b) a presença das novas torres do *boom* imobiliário; c) o histórico de degradação da rua (ao menos em termos de infraestrutura) e a possibilidade de um *rent-gap*; d) a higienização urbana e o combate mais ou menos sistemático aos “territórios da prostituição”; e) a evidência de um aspecto mercadológico da transformação, enunciado tanto pelos empreendimentos como pela empresa oficial de turismo de São Paulo.

Não obstante, a presença de “novas torres espelhadas” e seu impacto estético não são fatores determinantes para a ocorrência de *gentrification*. Tampouco o é a força dos agentes do

capital e seu poder econômico. Conquanto haja tantas características compartilhadas entre o caso de estudo e o processo de *gentrification*, temos no Baixo Augusta pontos de “resistência”: a) a permanência dos(as) jovens frequentadores(as) na região e sua apropriação não apenas dos estabelecimentos da mancha de lazer mas da própria rua como lugar de sociabilidade e encontro; b) a questão dos(as) novos(as) moradores não serem considerados como “povo da Augusta”; c) as características da mancha de lazer que, apesar de modificada, não foi revestida de “charme e distinção” (RUBINO, 2009) e, na verdade, parece ter mais seguido as tendências gerais do mercado; d) o fato do histórico de transformação da via levar ao que chamei de “esquizofrenia temporal” da *gentrification*.

Por fim, procurei analisar a própria fragilidade das teorias da *gentrification*, argumentando que um conceito gestado em realidades tão diferentes daquela das cidades brasileiras exigiria muitas adaptações para explicar transformações urbanas fora de seu universo de origem, a não ser que falemos em “enobrecimentos”, no plural. O conceito de paisagem apresentava então um alcance muito mais amplo, que permitiria trazer à luz outros aspectos importantes das transformações do Baixo Augusta, abafados no molde apertado e inadequado das abordagens do enobrecimento.

Nesse sentido, o argumento principal apresentado no segundo panorama era o de que os *sentidos* atribuídos ao Baixo Augusta poderiam explicar melhor as dinâmicas urbanas que lá ocorriam: como a mancha de lazer jovem e os espólios dos territórios da prostituição resistiam no embate com poderosos agentes dos capitais, as construtoras e incorporadoras, que construíram mais de 40 novas torres na região?

Ao analisar as narrativas dos agentes da produção da paisagem do Baixo Augusta, tendo como arcabouço teórico a noção foucaultiana de *discurso*, a constância e a regularidade das formações discursivas tornaram-se evidentes. Nessa perspectiva, o trabalho de mapeamento das paisagens de poder nos termos de Zukin exigiu não apenas a catalogação de novas construções e das mudanças na mancha de lazer da via, mas também o mapeamento dos sentidos a ela denotados. São os enunciados da diversidade que dão sentido, que formam a gramática particular da paisagem do Baixo Augusta. Por enraizarem um discurso global em um espaço físico local, permitem a experiência de *lugar*: uma certa homogeneidade socioespacial, como coloca Zukin (1993, p. 16), ou uma possibilidade de “respiro” em face à “destruição criativa” de Schumpeter (1984). Vale recordar a definição de lugar de Zukin: “um artefato cultural de conflito e coesão social” que “expressa como um grupo de pessoas espacialmente conectado

media suas demandas de identidade cultural, poder estatal e acumulação de capital” (ZUKIN, 1993, p. 12, tradução livre).

Como procurei mostrar ao longo desta pesquisa, a diversidade do Baixo Augusta é um valor para um determinado grupo de agentes, que possui determinadas práticas e preferências, caracterizadas, em especial, pelo gosto “alternativo” e pela rejeição ao massivo e ao que consideram padrão. É sua proximidade no espaço social e o fato de entenderem como legítima essa cultura da diferença que os aproxima também no espaço físico. Por meio dessa análise, se não é possível afirmar com certeza que haja um *habitus* compartilhado entre esses agentes do eixo cultura, podemos ao menos inferir que compartilhem de um *ethos*, um conjunto de princípios interiorizados que guiam suas condutas de forma inconsciente (AMOSSY, 2013) e que tem em seu bojo a valorização da diversidade.

Mesmo que o discurso da diversidade seja enunciado com funções diversas a depender do agente, sua presença entremeada na geografia dessa região paulistana torna o suposto processo de enobrecimento, na fórmula apresentada, muito mais desafiador: como uma região que “abraça todas as tribos”, que possui estabelecimentos de lazer *underground* inspirados na degradação, que é midiaticizada e vendida como referência da cultura alternativa e LGBTQIAPN+, e cujas práticas e discursos se relacionam com pautas políticas e sociais de esquerda, poderá ser homogeneizada sob a égide do enobrecimento?

Apesar do esforço mercadológico das incorporadoras e construtoras em se apropriarem do discurso da diversidade, notei que o “povo da Augusta” não considera legítimo este discurso quando por elas enunciado.

Isto posto, procurei defender o argumento de que as transformações urbanas que ocorreram no Baixo Augusta culminaram na formação de uma paisagem de poder, no sentido de Zukin, mas não necessariamente caracterizam a dinâmica do enobrecimento, a não ser que falemos em enobrecimentos, no plural.

Para compreender a relação proposta por Zukin na paisagem de poder, entre “cultura” e “capital”, foi necessário entender como e onde se posicionam os diferentes agentes da produção desta paisagem. Por essa razão trouxe à tona, ao final da análise, as noções de espaço de Pierre Bourdieu e sua teoria da ação, como espécies de complementos à proposta de Zukin. O objetivo era dar o poder devido de agência a certos grupos que, de acordo com o trabalho empírico, mostraram-se muito relevantes. Assim, foi possível concluir que, se o “capital” vem ganhando dominância nas lutas pelo espaço *físico* do Baixo Augusta, outros agentes do eixo da cultura

ainda dominam seu espaço simbólico. Investigar paisagens é então dar conta não só da matéria, do cimento, mas também da cultura. Uma cidade sem seus agentes nunca seria uma paisagem, visto que não há espaços esvaziados de sentido – e, quiçá, não existam sentidos sem uma base espacial.

Ao partir destes conceitos, emaranhados em uma verdadeira bricolagem teórica, posso concluir que a pesquisa urbana é certamente desafiadora e instiga seus atores a atravessarem as inúmeras camadas da urbe. É nessa perspectiva que trago a ideia de “pentimento”, que intitula essas conclusões. O termo “pentimento” é utilizado na História da Arte para fazer referência a modificações feitas em uma pintura durante seu processo de confecção. A palavra é derivada do italiano *pentirsi* e significa “arrependimento” ou “mudança de ideia” (GLOSSARY, S/D).

Geralmente, tais mudanças estão escondidas sob camadas de tinta, mas podem se tornar evidentes com o passar dos anos, com a perda de pigmentação. Mais atualmente, a tecnologia permitiu a detecção do pentimento em obras de renomados artistas, por meio de máquinas de raio-x e reflectogramas infravermelhos (GLOSSARY, S/D). O pentimento é uma analogia interessante – ele revela que o que contemplamos é muito mais do que nos é oferecido ao olho nu. Assim como um arqueólogo olha para um terreno de escavação ainda não tocado, podemos olhar para pinturas como compostos de camadas, de histórias, de ação.

Neste livro, os esforços empíricos e teóricos podem ser considerados como as máquinas de raio-x e os reflectogramas dos pesquisadores da arte. No intento de atravessar as camadas de cimento e de sentidos do Baixo Augusta, construí meu próprio maquinário.

Por um lado, este maquinário investigou o estoque arquitetônico e os estabelecimentos de lazer da via, mostrando a coexistência, no presente, de estabelecimentos de diferentes “fases” da rua Augusta. Assim, mesmo que em quantidade muito reduzida, os *american bars* da suposta fase de degradação compõem a paisagem do Baixo Augusta que nos é coetânea. Em frente às novas torres espelhadas e de arquitetura moderna do *boom* imobiliário, lá estão eles e seus(suas) frequentadores(as). Estabelecimentos antigos, como os restaurantes Frevo, Violeta, e Piollin, os bares Ibotirama, BH Lanches, Bar do Vital, a padaria Bologna – todos coexistem com as novas casas noturnas e bares descolados da região, sendo ainda intensamente frequentados.

Nessa perspectiva, também foi possível notar que as novas construções não interferiram tão intensamente no espaço físico da Augusta como era da percepção de seus(suas) frequentadores(as). A mancha de lazer, que se supunha amplamente prejudicada pelas novas construções, inclusive expandiu em quantidade após o *boom* imobiliário, e os prédios, na

verdade, foram construídos, em sua maioria, em terrenos de antigos estacionamentos e de pequenos comércios locais, não relacionados ao lazer.

Por outro lado, este maquinário teórico também permitiu atravessar a “opacidade dos discursos”, para utilizar o termo de Foucault (1999), trazendo à tona a predominância de um discurso da diversidade na região.

As transformações de paisagem do Baixo Augusta, nesse sentido, não devem existir como fases herméticas e lineares da rua, mas como camadas em uma pintura. É possível dizer que na rua Augusta existe uma espécie de “conjugação de cronologias espaciais” (FERNANDES, 2009, p. 196), ou seja, novas inscrições nas paisagens da via coexistem ou mesmo se justapõem a elementos do passado.

Os agentes destas inscrições são os mais diversos, e sua organização nos eixos “capital e cultura” é interessante na medida em que evidencia as *relações* entre poder econômico e cultural, e não necessariamente os *embates*. Seria raso, nesse sentido, falar apenas da dominância do capital, ou simplesmente afirmar que a cultura foi internalizada pela lógica do mercado. O estudo da paisagem permite mostrar que tais relações são de fato de poder, mas são muito mais dinâmicas do que aparentam.

REFERÊNCIAS

- A LUTA de 40 anos pela implantação do Parque Augusta. **Carta Capital**, [s.l.], 27 jan. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-luta-de-40-anos-pela-implantacao-do-parque-augusta-1521/>. Acesso em: 05 maio 2019.
- A NOVA cara da Augusta. **Matéria do Blog Profissão Foca**, [s.l.], 03 jun. 2014. Disponível em: <http://profissaofoca.com.br/a-nova-cara-da-augusta/>. Acesso em: 04 jan. 2020.
- ABREU, C. F. Para Dulcinéia, que nunca foi del Toboso. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 175, 6 fev. 1994.
- ACADEMICOS do Baixo Augusta. **Postagem de Instagram**, [s.l.], 30 dez. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYHQwL6LoRP/>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- ALBUQUERQUE, M. A Paris de Haussmann. **Blog Arte e Culturas**, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://arteculturas.com/2018/11/01/a-paris-de-haussmann/>. Acesso em: 01º mar. 2023.
- ALÊ Youssef: ‘Studio SP reabre como local de resistência cultural contra a especulação imobiliária’ (Entrevista). **Gama Revista**, [s.l.], 04 mar. 2022. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/parcerias/ale-youssef-studio-sp-reabre-como-local-de-resistencia-cultural-contra-a-especulacao-imobiliaria/>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- ALESSANDRA Negrini desfila de índia no Acadêmicos do Baixo Augusta. **Jornal O Tempo**, [s.l.], 01 fev. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/carnaval/alessandra-negrini-desfila-de-india-no-academicos-do-baixo-augusta-1.2298580>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Ed.). **Imagens de si no Discurso**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9–28.
- ANGIOLILLO, F. Na cabeça de Alê Youssef, SP é da turma bacana da noite do centro. **Folha/UOL**, São Paulo, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/03/na-cabeca-de-ale-youssef-sp-e-da-turma-bacana-da-noite-do-centro.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2020.
- APPADURAI, A. **Dimensões Culturais da Globalização**. A modernidade sem peias, trad. Telma Costa com revisão científica de Conceição Moreira, Lisboa: [s. n.], 2004.
- ARRUDA, M. A. F. **A Memória no Resgate do Passado** – a Rua Augusta em São Paulo. 2016. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- ASSEF, C. “Não sabia o que era boate antes de SP”, diz proprietário da casa A Lôca. Entrevista com Anibal Aguirre. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 jul. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/07/1656176-nao-sabia-o-que-era-boate-antes-de-sp-diz-proprietario-da-casa-a-loca.shtml>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- ATRIUM Augusta. **Website do empreendimento imobiliário**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: https://atrium-augusta.negocio.site/?utm_source=gmb&utm_medium=referral#gallery. Acesso em: 15 abr. 2021.

AUGUSTO DE OLIVEIRA, F. Schumpeter: a destruição criativa e a economia em movimento. **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**, [s. l.], v. 10, n. 16, p. 99–122, 2014.

BAIXO AUGUSTA. **São Paulo Turismo S/A**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://cidadedesaopaulo.com/novidades/baixo-augusta/?lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2022.

BALADA Astronete anuncia fim das atividades. **Veja SP**, São Paulo, 01º jun. 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/astronete-fechou-balada/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

BARTH, F. **Ethnic Groups and Boundaries: the social organization of culture difference**. Boston: Little, Brown and Company, 1969.

BAUDINET, M.-J. La relation iconique à Byzance au IXe siècle d'après Nicéphore le patriarche: un destin de l'aristotélisme. **Les Études philosophiques**, [s. l.], v. 1, p. 85–106, 1978. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/20847456?read-now=1&seq=10#page_scan_tab_contents. Acesso em: 6 mar. 2021.

BEM VIVER Frei Caneca. **Website Construtora MAGIK JC**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://magikjc.com.br/empreendimento/bem-viver-frei-caneca/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I**. Magia, Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BERGAMO, M. Blocos de Carnaval de todo o Brasil vão às ruas por Lula a uma semana da eleição. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/09/blocos-de-carnaval-de-todo-o-brasil-va-o-as-ruas-por-lula-a-uma-semana-da-eleicao.shtml>. Acesso em: 18 out. 2022.

BERTONCELO, E.; NETTO, M. N.; RIBEIRO, F. Distinção e capital cultural hoje. **Tempo Social**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5–29, 2022. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ts/a/THwQ4f3pN3JRQVYDmrPcXK/?lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2023.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BOURDIEU, P. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. São Paulo / Porto Alegre: Edusp / Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 73, p. 133–144, 2013.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **O Senso Prático**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BOURDIEU, P.; DELSAUT, Y. O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia. In: BOURDIEU, P. **A Produção da Crença: Contribuição para uma Economia dos Bens Simbólicos**. 3ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2001. p. 113–190.

BRANCATELLI, R.; BRANDALISE, V. H. Balada traz jovens de volta a Augusta. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 31 maio. 2008. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080531-41864-spo-68-cid-c8-not/tela/fullscreen>. Acesso em: 26 maio 2021.

BRANCATELLI, R.; BRANDALISE, V. H. Balada traz jovens de volta a Augusta. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 31 maio 2008. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080531-41864-spo-68-cid-c8-not/tela/fullscreen>. Acesso em: 26 maio 2021.

BRANDÃO, Z. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 227–241, 2010.

BRIDGE, G. Bourdieu, rational action and the time-space strategy of gentrification. **Transactions of the Institute of British Geographers**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 205–216, 2001.

CALDEIRA, T. P. do R. A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 21, p. 133–157, 1988.

CAPITAL Augusta. **Website Incorporadora AVT**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.avt.com.br/apartamento/capital-augusta/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CARNAVAL: blocos de rua e escolas de samba promovem ensaios e shows; veja a programação. **ABC do ABC**, [s.l.], 11 jan. 2020. Disponível em: <https://www.abcdoabc.com.br/abc/noticia/carnaval-blocos-rua-escolas-samba-promovem-ensaios-shows-veja-programacao-95318>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CAUQUELIN, A. Paisagem. Retórica e Patrimônio. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, [s. l.], v. 6, 2003. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3227/2345>. Acesso em: 26 maio 2021.

CHAPOLA, Ricardo. Rua Paim, na Bela Vista, passa por renovação imobiliária. **Revista Veja**, 19 abr. 2019. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/rua-paim-contrastes-capa>. Acesso em: 07 jun. 2023.

CIMINO, J. Prédios expulsam clubes masculinos e mudam Augusta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 fev. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2002201112.htm>. Acesso em: 02 fev. 2023.

CLIFFORD, J. Sobre a Autoridade Etnográfica. In: CLIFFORD, J. **Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. p. 17–57.

CONSIGLIO, M. Baixo Augusta reúne multidão e grita contra racismo e homofobia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/02/baixo-augusta-reune-multidao-e-gritacontra-racismo-e-homofobia.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2022.

COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 117–134, 2006.

CURY, R. Os 20 anos da Alôca: De reduto techno à pista da diversidade. **VICE**, [s.l.], 10 ago. 2015. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/bm4jzw/os-20-anos-da-aloca-de-reduto-techno-pista-da-diversidade>. Acesso em: 06 fev. 2023.

DEEZER. Música indie: o que é, quais os artistas e maiores sucessos. **Blog Deezer**, [s.l.], 22 nov. 2021. Disponível em: <https://www.deezer-blog.com/br/musica-indie/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

DESCENDO a Augusta (Guia). **Folha de São Paulo**, São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/guia/descendo-augusta/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

DIMENSTEIN, G. A rua mais interessante do Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 nov. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1411201018.htm>. Acesso em: 26 dez. 2022.

DIMENSTEIN, G. Augusta, a rua do futuro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/2011/07/942853-augusta-arua-do-futuro.shtml>. Acesso em: 25 dez. 2022.

DINES, Y. S. Rua Augusta - Imaginários Urbanos em Diálogo. **Ponto Urbe**, [s. l.], n. 9, 2011.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ECO, U. **A História da Beleza**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

EMBRAESP. Número de Unidades Residenciais Verticais Lançadas. **Website Prefeitura de São Paulo**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/info_cidade/mercado_imobiliario/. Acesso em: 20 maio 2021.

ESPAÇO IMPRÓPRIO (Resenha). **Website Bares SP**, São Paulo, 18 out. 2012. Disponível em: <https://www.baressp.com.br/casas-de-show/espaco-improprio->. Acesso em: 24 mar. 2021.

FABIAN, Johannes. **O Tempo e o Outro**: como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERREIRA, M. R.; VALDUGA, V.; BAHL, M. Baixa Gastronomia: caracterização e aproximações teórico-conceituais. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 27, n. 1, 2016.

FIORI, V. Achados da Augusta. **Estadão Online**, São Paulo, 13 out. 2007. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/achados-da-augusta/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A Vontade de Saber. 1ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FRANCO, F. de M. Para viver juntos, **Prefeitura de São Paulo**, 2016.

FREIRE, V. T. O perfil socioeconômico da área central de São Paulo está em transformação? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2019/06/1988021-o-perfil-socioeconomico-da-area-central-de-sao-paulo-esta-em-transformacao.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2020.

FRÚGOLI JÚNIOR, H. **São Paulo**: Espaços Públicos e Interação Social. São Paulo: Editora Marco Zero, 1995.

FRÚGOLI, H.; SKLAIR, J. O bairro da Luz em São Paulo: Questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrificação. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, v. 30, p. 119–136, 2009.

FUNHOUSE 5 anos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 nov. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2611200708.htm>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FUNHOUSE. **Website Bares SP**, São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.baressp.com.br/baladas/funhouse>. Acesso em: 30 jun. 2021.

FURTADO, I. Entrevista! Tibira, uma personalidade singular da noite paulistana. **Website Projeto São Paulo City**, São Paulo, 09 fev. 2017. Disponível em: <https://spcity.com.br/entrevista-tibira-uma-personalidade-singular-da-noite-paulistana/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

GALERIA Recorte. **Website Galeria Recorte**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.galeriarecorte.com.br/sobre>. Acesso em: 16 jan. 2023.

GARCÍA, D. El lugar de la autenticidad y de lo underground en el rock. **Nómadas**, [s. l.], v. 29, p. 187–199, 2008.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIACOMONI, M. P.; VARGAS, A. Z. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 119–129, 2010.

GIOVANELLI, C. Baixo Augusta ganha novas baladas. **Veja São Paulo**, São Paulo, 21 maio 2011. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/novas-baladas-baixo-augusta/>. Acesso em: 04 jan. 2020.

GLASS, R. **London: Aspects of Change**. Londres: MacGibbon & Kee, 1964.

GLOSSARY. “Pentimento”. **Glossário da National Gallery**. [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/glossary/pentimento>. Acesso em: 27 fev. 2023.

GROPPO, Luis Antonio. “Parte I – Sociologia da Juventude”. In: _____. **Juventudes: sociologia, cultura e movimentos**. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2016.

_____. “Introdução”. In: _____. **Introdução à sociologia da juventude**. São Paulo: Paco Editorial, 2017.

GRUPO ESSER. **Revista da construtora ESSER**, [s.l.], 2014. Disponível em: https://issuu.com/studiolemon/docs/revista_esser_2. Acesso em: 13 abr. 2021.

GUGA Stroeter. **Wikipedia**, [s.l.], 05 out. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guga_Stroeter. Acesso em: 09 fev. 2023.

GUIA SP 24H. Baixo Augusta é opção para todas as tribos em São Paulo. **Guia SP 24h**, São Paulo, 28 jan. 2019. Disponível em: <https://www.guiasp24h.com.br/baixo-augusta-e-opcao-para-todas-as-tribos-em-sao-paulo/>. Acesso em: 24 ago. 2022

HÁ 50 anos. 1969: Grupo Prepara o 1ª Plano Urbanístico Básico para Organizar São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2019/03/1969-grupo-prepara-1o-plano-urbanistico-basico-para-organizar-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 08 set. 2021.

HAMNETT, Chris. The Blind Men and the Elephant: The Explanation of Gentrification. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 16, n. 2, pp. 173-189, 1991.

HIERNAUX-NICOLAS, D. A reapropriação de bairro da Cidade do México pelas classes médias: em direção a uma gentrificação? In: CATHERINE BIDOUD-ZACHARIASEN (Ed.). **De volta à cidade**. Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. p. 229–264.

HYPE Living. **Website Construtora Arquiplan**, [s.l.], [s. d.] Disponível em: <https://arquiplan.com.br/empreendimento/augusta-hype-living-apartamento-1-dormitorio-suite-augusta-consolacao-sao-paulo-sp>. Acesso em: 15 abr. 2021.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

INGOLD, T. That’s enogh about ethnography. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 383–395, 2014.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2ª ed. Campinas / Aracaju: Editora Unicamp / Editora UFS, 2007.

LEITE, R. P. Espaço e Poder: Os processos de Gentrification. **Cescontexto**, Coimbra, n. 12, 2015.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História. In: GUINSBURG, J. (Ed.). **Raça e Ciência I**. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 231–269.

LIBIDO em baixa (augusta). Capa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09 jun. 2013.

MACHADO, L.; MARQUES, J.; ALVES, M. Centro de SP desbanca Vila Madalena e se consolida como point da folia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 fev. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1862457-menos-residencial-centro-de-sp-se-consolida-como-o-point-da-foia.shtml>. Acesso em: 05 mar. 2019.

MAGNANI, J. G. C. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? **Cadernos de Campo**, v. 2, n. 2, p. 48-51, 1992.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 7, p. 11–29, 2002.

MAGNANI, J. G. C. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 15, p. 1–14, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2041>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org). **Karl Mannheim: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

MARCON, L. 5 artistas do underground capazes de romper a barreira do mainstream. **Site Alataj**, [s.l.], 11 mar. 2020. Disponível em: <https://alataj.com.br/top-5-alataj/artistas-do-underground-capazes-de-romper-a-barreira-do-mainstream>. Acesso em: 03 mar. 2023.

MARTINS, J. P. Crise econômica e novos hábitos levam baladas de SP a fecharem suas portas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/crise-economica-e-novos-habitos-levam-baladas-de-sp-a-fecharem-suas-portas.shtml>. Acesso em: 03 fev. 2023.

MATIAS, A. Funhouse (2002-2017), por Rick Levy. **Portal Trabalho Sujo**, [s.l.], 09 jul. 2017. Disponível em: <https://trabalhosujo.com.br/funhouse-2002-2017-por-rick-levy/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

MEDEIROS, A. Os 30 anos de pista do DJ Mau Mau. **Website Alataj**. Disponível em: <https://alataj.com.br/troally/dj-mau-mau-30-anos>. Acesso em: 06 fev. 2023.

MENDES, A. C. F. **Transformações Recentes na Paisagem Construída da Cidade de São Paulo**: o Eixo da Rua Augusta, do Centro à Marginal Pinheiros. 2014. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

MENGUE, P. Morador que aluga no Baixo Augusta tem renda média de R\$ 7,3 mil, diz plataforma. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 06 dez. 2021. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,morador-que-aluga-no-baixo-augusta-tem-renda-media-de-r-7-3-mil-diz-plataforma,70003917698>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MOBI One. **Website Mobi One**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://one-di.com.br/imoveis/apartamento-mobi-one-frei-caneca-sao-paulo-sp>. Acesso em: 28 jun. 2021.

MONTEIRO, L.; CASTRO, L. G. R. De. Baixo Augusta em transformação: As novas tipologias residenciais e seus impactos. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, [s. l.], v. 08, n. 63, p. 105–119, 2020.

MUSIC Non Stop. “Um dos points mais loucos de SP, Bar do Netão está de volta na mesma rua Augusta”. Coluna Music Non Stop. **Portal UOL**, [s.l.], 07 out. 2016. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/o-bar-netao-de-volta-a-ativa-depois-de-ler-este-texto-e-ver-estas-fotos-voce-vai-entender-por-que-esse-foi-um-dos-points-mais-loucos-de-sp/>. Acesso em: 18 out. 2022.

NICOLAU NETTO, M. A Diferença do Discurso da Diversidade. **Contemporânea** - Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 39–61, 2017.

NICOLAU NETTO, M. Capital cosmopolita revisitado: reconfigurações do capital cultural na globalização. **Configurações**, [s. l.], n. 29, p. 39–64, 2022.

NICOLAU NETTO, M. From exoticism to diversity: the production of difference in a globalized and fragmented world. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 9–36, 2015.

NICOLAU NETTO, M. **O Discurso da Diversidade e a World Music**. 1ª ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2014.

OÉ. **Website da marca OÉ**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.lojinhaoe.com.br/baoefeminista>. Acesso em: 15 abr. 2022.

OLHAR Augusta. **Website IMÓVEL K**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.imovelk.com.br/apartamento/sao-paulo/sao-paulo/consolacao/olhar-augusta/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

OLIVEIRA, B. S. C. De; CASTRO, A. L. De. Miscelânea Descolada ou *Gentrification?* Baixo Augusta – São Paulo. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, [s. l.], v. jun./dez., n. 53, p. 258–276, 2020.

OLIVEIRA, B. S. C. De. **Walter Benjamin, leitor das cidades**: linhagens da antropologia urbana. 2016. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

ORTIZ, R. **Universalismo e Diversidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.

OUTS. **Website da Casa Noturna Outs**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.clubeouts.com.br/#Casa>. Acesso em: 03 fev. 2023.

OY Frei Caneca. **Revista digital do empreendimento Oy Frei Caneca**, [s.l.], ago. 2020. Disponível em: www.oyfreicaneca.com.br. Acesso em: 29 jun. 2021.

PARADASP. **Website oficial da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://paradasp.org.br/#a-parada>. Acesso em: 14 fev. 2023.

PASQUINI, P. Mortes: Pioneiro, aqueceu a noite do centro de SP com sofisticação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/mortes-pioneiro-aqueceu-a-noite-do-centro-de-sp-com-sofisticacao.shtml#:~:text=Empres%C3%A1rio%20da%20noite%20paulistana%2C%20Maurizio,tradicional%20e%20do%20samba%2Drock&text=Os%20quase%2030%20anos%20no,d%20entretenimento%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>. Acesso em: 09 fev. 2023.

PAULISTA & IBIRAPUERA. Roteiro. **Website oficial do Turismo da Cidade de São Paulo**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://cidadedesapaulo.com/roteirosporregiao/paulista-e-ibirapuera/?lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PAULO, S. **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras Quadro Analítico**: Sé, Prefeitura de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/QA-SE.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PAULO, S. **Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo**. Lei no 13.430 de 13 de setembro de 2002, Prefeitura de São Paulo, 2002.

PAULO, S. **Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo**. Lei no 16.050, de 31 de julho de 2014, Prefeitura de São Paulo, 2014.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.

PEREIRA, G. R. de M.; CATANI, A. M. **Espaço social e espaço simbólico**: introdução a uma topologia social. *Perspectiva*, [s. l.], v. 20, n. especial, p. 107–120, 2002.

PHRYSTON, Â. Interseções da Teoria Crítica Contemporânea: Estudos Culturais, Pós-Colonialismo e Comunicação. **ECO-PÓS**, [s. l.], v. 7, p. 31–44, 2004.

PISSARDO, F. M. **A rua apropriada**: um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891-2012). 2013. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

POR QUE O Baixo Augusta é tão amado pelos paulistanos? **Portal Catraca Livre**, [s.l.], 22 abr. 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/agenda/baixo-augusta-sp/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Plano Diretor Estratégico**: 5 anos da Lei 16.050/2014. São Paulo.

PUCCINELLI, B. **“Perfeito para você, no centro de São Paulo”**: mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. 2017. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

RABELO, M. Cinco Bandas Falecidas que Até Dão um Pouco de Saudade do Espaço Impróprio. **VICE**, [s.l.], 20 fev. 2014. Disponível em:

<https://www.vice.com/pt/article/rm4gp6/cinco-bandas-falecidas-que-ate-dao-um-pouco-de-saudade-do-espaco-improprio>. Acesso em: 24 mar. 2021.

RAGAZZO, C. **Rua Augusta (1950/60/70):** a calçada da glória. São Paulo: Digerati Books, 2005.

REIS, V. Ciclovía da Avenida Paulista é inaugurada neste domingo. **G1**, São Paulo, 28 jun. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/ciclovía-da-avenida-paulista-e-inaugurada-neste-domingo.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

RETRÔ Hair. **Website oficial do salão de beleza Retrô Hair**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.retrohair.com.br/sobre>. Acesso em: 16 jan. 2023.

RIBEIRO, L. Um adeus à Funhouse, a balada que ajudou os indies a sair de casa e transar. **UOL**, [s.l.], 07 jul. 2017. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2017/07/07/um-adeus-a-funhouse-a-balada-que-ajudou-os-indies-a-sair-de-casa-e-transar.htm>. Acesso em: 06 fev. 2023.

ROBERTO, P. F. A harmoniosa pregnância vital da paisagem natural em Georg Simmel. **Philosophica**, [s. l.], n. 29, p. 65–86, 2007.

ROCHA, C. Dicionário prático para não se perder quando o assunto é a vida nas cidades. **Jornal Nexo**, 31 dez. 2015. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2015/12/31/Dicion%C3%A1rio-pr%C3%A1tico-para-n%C3%A3o-se-perder-quando-o-assunto-%C3%A9-a-vida-nas-cidades>. Acesso em: 25 jan. 2020.

ROGER, A. La Naissance du Paysage en Occident. In: SALGUEIRO, H. A. (Ed.). **Paisagem e Arte**. São Paulo: CBHA / CNPq / FAPESP, 2000. p. 33–39.

ROMANI, G.; BATISTA JR., J. Rua Augusta: movimentada por bares, baladas, restaurantes e lojas. **Veja SP**, São Paulo, 06 dez. 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/rua-augusta-movimentada-por-bares-baladas-restaurantes-lojas/>. Acesso em: 26 dez. 2022.

ROTEIRO São Paulo LGBTQIA+. Roteiro. **Website oficial de Turismo da Cidade de São Paulo**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://cidadedesaopaulo.com/roteirosportema/sao-paulo-lgbtqia/?lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2022.

RUA AUGUSTA, em São Paulo, valoriza e atrai lançamentos imobiliários. **Portal VGV**, São Paulo, 20 jul. 2011. Disponível em: <https://www.portalvgv.com.br/site/rua-augusta-em-sao-paulo-valoriza-e-atraí-lancamentos-imobiliarios/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

RUBINO, S. Enobrecimento Urbano. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (Eds.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. 1ª ed. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 319–336.

SAAD, P. Haddad oficializa fechamento da avenida Paulista aos domingos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 jun. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1785858-haddad-oficializa-fechamento-da-avenida-paulista-aos-domingos.shtml>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SAKAI, R. Rua Augusta: a visão de quem frequenta a via mais heterogênea de São Paulo. **O Globo**, [s.l.], 15 nov. 2007. Disponível em: <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL318442-9798,00-RUA+AUGUSTA+A+VISA0+DE+QUEM+FREQUENTA+A+VIA+MAIS+HETEROGENEA+DE+SAO+PA>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SALEM, A. Facundo Guerra, o rei da noite Paulistana, está “preparado para o apocalipse”. **Blog NeoFeed do Portal Terra**, [s.l.], 05 jun. 2021. Disponível em: <https://neofeed.com.br/blog/home/facundo-guerra-o-rei-da-noite-paulistana-esta-preparado-para-o-apocalipse/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

SANDRONI, P. A Dinâmica Imobiliária da Cidade de São Paulo: Esvaziamento, Descalorização e Recuperação da Região Central. *In*: COMIN, A.; SOMEKH, N. **Caminhos para o centro**: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo. São Paulo: EMURB/Prefeitura de São Paulo, 2004. p. 364–380.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. v. 1

SARAJEVO. Resenha. **Website Bares SP**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.baressp.com.br/baladas/club-sarajevo>. Acesso em: 06 fev. 2023.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SENNETT, R. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SILVANO, F. À procura de olhares cúmplices: a produção social da paisagem na vila de Vizela. *In*: CASTRO, P.; SEIXAS; PÉREZ, X. P.; SANTOS, P. M. (Eds.). **Cultura e arquitetura**. Santiago: Edicións Lea, 1995. p. 135–147.

SIMMEL, G. **A Filosofia da Paisagem**. Covilhã: LusoSofia Press, 2009.

SMITH, N. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. *In*: BIDOU-ZACHARIASEN, C. (Ed.). **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.

SMITH, N. Gentrification and The Rent Gap. **Annals of the Association of American Geographers**, [s. l.], v. 77, n. 3, p. 462–465, 1987.

SRAMEK, P. **Piercing Time**: Paris after Marville and Atget. 1865-2012. Bristol: Gomer Press, 2013.

STABILE, A.; TAVARES, C. 6ª edição da Parada do Orgulho LGBT+ em São Paulo tem tom político e show de Pabllo Vittar. **G1**, São Paulo, 19 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/19/parada-do-orgulho-lgbt-volta-a-paulista-apos-dois-anos-online.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2023.

STRATHERN, M. O Efeito Etnográfico. *In*: STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014b. p. 345–406.

STRATHERN, M. **O Gênero da Dádiva**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

STRATHERN, M. Os limites da autoantropologia. *In*: FERRARI, F. (Ed.). **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014a. p. 133–157.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 27–53, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rap/a/3bmWVYMZbNqDzTR4fQDtGRs/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 17 fev. 2023.

TO BE FREE. **Website do empreendimento To Be Free**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.tobefree.com.br/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

TRINDADE, E. No caminho da Augusta. Famosa por seus bares e restaurantes, a região do entorno da rua vive expansão imobiliária. **Estadão Online**, São Paulo, 01º jul. 2011. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,no-caminho-da-augusta,74131e>. Acesso em: 09 maio 2017.

UNIVERSO Augusta. [s.l.: s.n.], 16 dez. 2015. 1 vídeo (2min 42s). **Canal da Incorporadora Sincó** (Youtube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iyTgo98HDkc&t=162s>. Acesso em: 16 abr. 2021.

VEGA, A. P. **Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano**: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo. 2008. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

VICENTE, J. P. Como o Vegas Transformou a Noite e a Música Eletrônica de São Paulo. **VICE**, [s.l.], 26 jun. 2015. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/3deq49/como-o-vegas-transformou-a-noite-e-a-musica-de-sao-paulo>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VISION Paulista. Página descritiva do empreendimento. **Website da empresa Gafisa**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <http://www.administradorapatrimonial.com.br/visionpaulista.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

VITACON. VN Consolação. **Website da construtores Vitacon**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://vitacon.com.br/invista/empreendimento/vn-consolacao/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O Nativo Relativo. **Mana**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 113–148, 2002.

WACQUANT, L. Esclarecer o Habitus. **Sociologia Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Porto**, Porto, v. 14, 2004.

WONDERWALL. **Website da marca Wonderwall Store**, [s.l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.wonderwallstore.com.br/>. Acesso em: 16 maio 2022.

WRIGHT, F. Sócios do Exquisito! inauguram bar cheio de referências. **Veja SP**, São Paulo, 05 dez. 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/socios-do-exquisito-inauguram-bar-cheio-de-referencias/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

YOUSSEF, A. **Baixo Augusta: a cidade é nossa**. São Paulo: Letramento, 2019.

YURI, D. Reocupação da região por jovens gera onda de aumento de preços. Folha de São Paulo, São Paulo, 01º maio 2016. Disponível em: <http://especial.folha.uol.com.br/2016/morar/paulista-centro/2016/05/1766342-reocupacao-da-regiao-por-jovens-gera-onda-de-aumento-de-precos.shtml>. Acesso em: 09 maio 2017.

Z CARNICERIA. **Website Bares SP**, [s.l.], 29 jan. 2013. Disponível em: <https://www.botecoecerveja.com.br/2013/01/z-carniceria/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ZANELLA, T. C. **Discussão sobre gourmetização como parte do processo de gentrificação**: suas relações e associações. 2021. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021.

ZAPASTORE. **Website Zapastore**, [s.l.], 2021. Disponível em: www.zapastore.com.br. Acesso em: 10 maio 2021.

ZIMMERMANN, M. Rua Augusta: juventude e sociabilidade no espaço urbano (1968 - 1973). In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História 2011**, São Paulo. Anais... São Paulo Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856587_78d0cd6d5434c4ded50f242f0606b7f6.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

ZUKIN, S. **Landscapes of Power**. 1ª ed. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1993.

ZUKIN, S. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, A. A. (Ed.). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Editora Papirus, 2000. p. 80–103.

APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DE BIBLIOGRAFIA SOBRE A RUA AUGUSTA

Levantamento de bibliografia sobre a Rua Augusta - 2000-2021					
TÍTULO	AUTOR	TIPO	ANO	ÁREA DE CONHECIMENTO	UNIVERSIDADE / REVISTA / EDITORA
Corpos em evidencia, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo	Elisiani Pasini	Dissertação de mestrado	2000	Antropologia	UNICAMP
O sticker e seu papel na arte de rua na cidade de São Paulo: stickers da rua Augusta, avenida Paulista, Vila Madalena e Centro	Thiago Hara Dias	Dissertação de mestrado	2007	Educação, Arte e História	Universidade Presbiteriana Mackenzie
Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução das diferenças entre jovens em São Paulo	Alexandre Paulino Veja	Dissertação de mestrado	2008	Antropologia	USP
Rua Augusta: juventude e sociabilidade no espaço urbano (1968 - 1973)	Maíra Zimmermann	Artigo de anais	2011	História	Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH
Rua Augusta - Imaginários Urbanos em diálogo	Yara Schreiber Dines	Artigo em periódico acadêmico	2011	Antropologia	Ponto Urbe 9
Augusta: rua de mão dupla	Laís Montagnana	Trabalho de conclusão de curso	2011	Comunicação Social	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Santa Augusta	Beatriz D. Teixeira; Aline C. Zavatti; David Isidoro; Débora F. N. Santos; Gustavo de M. Ipolito; Helkis P. Lopes; Eliana da Silva	Artigo de anais	2011	Comunicação	Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Prêmio Expocom 2011 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação
A rua apropriada: um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891 - 2012)	Felipe Melo Pissardo	Dissertação de mestrado	2013	Arquitetura e Urbanismo	USP
"Se essa rua fosse minha": sexualidade e apropriação do espaço na "rua gay" de São Paulo	Bruno Puccinelli	Dissertação de mestrado	2013	Ciências Sociais	Universidade Federal de São Paulo

Levantamento de bibliografia sobre a Rua Augusta - 2000-2021					
TÍTULO	AUTOR	TIPO	ANO	ÁREA DE CONHECIMENTO	UNIVERSIDADE / REVISTA / EDITORA
Flanar pela Rua Augusta: Ensaio Fotográfico	Prince Daniele Cipriano Rocha	Trabalho de conclusão de curso	2013	Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos	USP
A formação do comércio diversificado na Rua Augusta	Vinícius Franzolozo Pavin	INICIAÇÃO CIENTÍFICA	2014	Arquitetura e Urbanismo	USP
Transformações recentes na paisagem construída da cidade de São Paulo: o eixo da Rua Augusta, do Centro à Marginal Pinheiros	Ana Carolina Ferreira Mendes	Dissertação de mestrado	2014	Arquitetura e Urbanismo	Universidade Presbiteriana Mackenzie
Desejo de cidade: subversão do espaço público	Kátia Azevedo Teixeira	Artigo de anais	2014	Arquitetura e Urbanismo	III ENANPARQ
Exploring São Paulo's Visual Culture: Encounters with Art and Street Culture along Augusta Street	Alexander Lamazares	Artigo em periódico acadêmico	2014	Comunicação	Visual Resources an international journal on images and their uses Volume 30, 2014 - Issue 4
Dialética do Parque Augusta	Sérgio Júnior; Ana Paula Momose Guimarães	Artigo em periódico acadêmico	2015	Arquitetura e Urbanismo	Periódico Técnico e Científico: Cidades Verdes. V. 03, n. 5
Lambe-Lambe: resistência à verticalização do Baixo Augusta	Diogo Oliveira	Trabalho de conclusão de curso	2015	Comunicação	USP
A memória no resgate do passado – a Rua Augusta em São Paulo	Marina Almeida Ferraz de Arruda	Dissertação de mestrado	2016	Cultura e Comunicação	Univerisdade de Lisboa
Construindo identidades, espaços e sentidos: o consumo cotidiano na cidade de São Paulo, um olhar sobre a Rua Augusta	Bruna Freire Bastos	Dissertação de mestrado	2016	Comunicação e Práticas de Consumo	ESPM
A cidade do entretenimento: um estudo sobre a identidade cultural da cidade de São Paulo	Alexandre Leonarde; Ricardo Ricci Uvinha	Artigo em periódico acadêmico	2016	Turismo	Caderno Virtual de Turismo, v. 16, n. 1
Rua declinada no masculino: sexualidades, mercado imobiliário e masculinidades no Centro de São Paulo (Brasil)	Bruno Puccinelli	Artigo em periódico acadêmico	2016	Antropologia	Revista Punto Género, n. 6
A fragmentação imagética do homem cosmopolita: diálogos sobre moda e subversão na Rua Augusta - SP	Márcio de Paula José	Dissertação de mestrado	2017	Comunicação	Universidade Estadual de Londrina

Levantamento de bibliografia sobre a Rua Augusta - 2000-2021

TÍTULO	AUTOR	TIPO	ANO	ÁREA DE CONHECIMENTO	UNIVERSIDADE / REVISTA / EDITORA
"Perfeito para você, no centro de São Paulo": mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade	Bruno Puccinelli	Tese de doutorado	2017	Ciências Sociais	UNICAMP
Culturas juvenis, identidades e estilo de vida: sentidos do "alternativo" no Baixo Augusta/São Paulo	Simoni Luci Pereira	Artigo em periódico acadêmico	2017	Comunicação	Comunicação, Mídia, Consumo, v. 14, n. 40
Das subculturas ao alternativo: um estudo etnográfico do Baixo Augusta	Everton Vitor Pontes da Silva	Dissertação de mestrado	2017	Comunicação	UNIP
Práticas sócio-espaciais no espaço urbano: reflexões cruzadas entre o Baixo Augusta - São Paulos, Brasil, e a Alameda de Hércules-Sevilha, Espanha	Marília Reis Sé	Dissertação de mestrado	2018	Arquitetura e Urbanismo	USP
A prevenção não sobe a Augusta": homossexualidade, HIV, "risco" e produção de fronteiras na região central da cidade de São Paulo	Regina Facchini; Gabriela J. Calazans; Isadora L. França; Ricardo F. Gambôa; Bruno Puccinelli; Bruna Redoschi; Manoel Ribeiro; Maria Amélia de S. M. Veras	Artigo em periódico acadêmico	2018	várias	Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 29
Recualificación del paisaje urbano del Bajo Augusta, São Paulo, Brasil. Conexiones vivas y movilidad sostenible	Deize S. S. Ximenes; Denise G. L. Malheiros; Fábio Cesar M. Manente	Artigo de anais	2019	Arquitetura e Urbanismo	III ISUF-H Congreso Internacional 18-20 Septiembre 2019 GUADALAJARA (MÉXICO)
Baixo Augusta: a cidade é nossa	Alê Youssef	Livro	2019	s/t	São Paulo: Letramento
Baixo Augusta em transformação: As novas tipologias residenciais e seus impactos	Laralys Monteiro; Luiz Guilherme R. de Castro	Artigo em periódico acadêmico	2020	Arquitetura e Urbanismo	Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades
A representação da cidade na canção Rua Augusta do rapper Emicida, segundo enfoque estilístico	Matheus B. Branco	Artigo de anais	s/d	Letras	15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA	
Apresentação	<p>Essa entrevista tem por objetivo recolher informações para minha pesquisa de doutorado, que desenvolvo desde 2019 na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara.</p> <p>Depois da entrevista, se quiser, posso contar mais sobre meu projeto. Agora, gostaria que tivéssemos apenas uma conversa, sem muitas formalidades, sobre sua experiência no Baixo Augusta.</p> <p>A entrevista será gravada apenas com o seu aval. A gravação é bastante importante para mim, pois posso transcrever nossa conversa para revisar o material depois. Além disso, é possível que sua narrativa seja citada ao longo de meu trabalho, porém seu nome não será divulgado.</p>
Pergunta 1	<p>Poderia me dizer seu nome, idade, cidade e bairro em que mora e Profissão?</p>
Pergunta 2	<p>Você poderia me contar um pouco da sua experiência no Baixo Augusta? Por exemplo:</p> <p>Quais lugares frequenta ou frequentava para lazer no Baixo Augusta?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Por que escolhia estes lugares? <p>Se deixou de frequentar →</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual a idade na qual mais frequentava • Por que deixou de frequentar? • Quais lugares você frequenta hoje para lazer?
Pergunta 3	<p>Além do lazer, você consome na região? (por exemplo, peças de vestuário, objetos de decoração, ou ainda restaurantes, etc.)</p>
Pergunta 3	<p>Você percebeu alguma mudança no Baixo Augusta nos últimos tempos?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se sim → isso fez sua relação com o Baixo Augusta mudar?
Pergunta 4	<p>O que significa o Baixo Augusta para você?</p>
Pergunta 5	<p>Você poderia me contar um pouco sobre seus gostos e sobre outras que realiza em seu cotidiano? Por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você realiza atividade física? Qual? • Você curte música? Qual é seu gosto musical?

	<ul style="list-style-type: none">• Você gosta de cinema? Quais você frequenta e quais os tipos de filme que gosta de ver?• Você assiste à televisão? O que assiste geralmente?
PERGUNTAS ESPECÍFICAS PARA MORADORES DA REGIÃO	
Pergunta 1	Como é sua experiência como morador da região?
Pergunta 2	Por que escolheu a região para morar?
Pergunta 3	Você trabalha ou trabalhou na região?
Pergunta 4	Você frequenta ou frequentava os estabelecimentos de lazer da região?
Pergunta 5	Morou em outros lugares de São Paulo?